TOKIKO ISHIHARA

DISCURSOS RELATADOS E ALTERIDADES LINGÜÍSTICAS
DESCRIÇÕES EM PORTUGUÊS E FRANCÊS

Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Modernas, Área de Língua e Literatura Francesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Patrick Dahlet.

SÃO PAULO

1996

Agradeço ao Orientador Patrick Dahlet, aos colegas e amigos cuja generosa disponibilidade permitiu que este trabalho se concluísse.

Indice 3

Prefácio 6

Introdução 8

1. A problemática 9

2. Conceptualizações de referência 10

3. Corpus 11

4. Plano do trabalho 14

PARTE I. Evolução das Representações Linguísticas 16

1. O discurso relatado clássico: críticas de uma derivação 18

1.1. O discurso direto 18

1.2. O discurso indireto 19

1.3. O discurso indireto livre 20

1.4. Um caso à parte: o discurso narrativizado 22

2. A proposta enunciativa 24

2.1. Em torno da estilística 24

2.2. Os sujeitos e suas vozes na concepção enunciativa em Charles Bally 34

2.3. A concepção enunciativa de Emile Benveniste 41

2.4. Mikhail Bakhtin e o discurso alheio: uma relação dialógica 44

2.4.1. O discurso indireto 46

2.4.2. O discurso indireto 50

2.4.3. O discurso indireto livre 52

3. A enunciação e suas heterogeneidades 54

3.1. Um modelo operatório: a teoria enunciativa de Antoine Culioli 54

3.2. Jacqueline Authier e as não-coincidências do dizer 62

4. Dialogismo, polifonia, intertextualidade, interdiscurso 73

Parte II: Discurso relatado e mediações textuais 83

1. Outros discursos relatados: análise das variações dos modos de discurso relatado 84

1.1. Os modos de relato jornalístico: um modelo híbrido 84

1.2. O estatuto do sujeito enunciador de discurso relatado 85

1.3. O discurso direto e a representação autonímica 88

1.4. O discurso indireto jornalístico 106

1.5. O discurso indireto livre 115

1.6. A modalização de um discurso num outro discurso 119

1.7. Verbos operadores 123

Parte III. Perspectivas didáticas: o outro na língua do outro 125

1. Objetivo global 126

2. Objetivos específicos 127

3. Propostas de exercícios 128

4. Discurso relatado e textos literários 130

5. Discurso relatado e gramática 131

6. Português língua estrangeira: um exemplo 133

Conclusão 151

Bibliografia 156

Anexo 165

Prefácio

"*Je est un autre*"

Arthur Rimbaud[1]

Encontrar uma epígrafe que refletisse e, ao mesmo tempo, sintetizasse o objeto de nosso trabalho, sobretudo que não estivesse desgastada pelo uso repetido, revelou-se uma tarefa árdua. A impressão de que tudo já havia sido dito e redito por alguém, em algum tempo e em algum lugar, causou certo desconforto pela banalização, pelo uso exaustivo, e até mesmo abusivo, de palavras alheias.

Refletindo sobre essa prática de reprodução de discursos, surpreendemo-nos, nessa busca, em pleno processo metalinguístico de *apropriação e reprodução de discursos alheios*, justamente o objeto de pesquisa deste trabalho. Certamente não foi por acaso, mas não cabe aqui discorrer sobre o assunto.

---

[1] A citação foi extraída de uma carta de Rimbaud, em 15 de maio de 1871, a Paul Demeny. Alguns críticos literários, segundo nota da p. 250 das *Oeuvres Complètes* (La Pléiade), consideram o parágrafo anterior importante para apreender o seu significado: "*On n'a jamais bien jugé le romantisme. Qui l'aurait jugé? Les critiques!! Les Romantiques, qui prouvent si bien que la chanson est si peu souvent l'oeuvre, c'est-à-dire la pensée chantée et comprise du chanteur?* Car Je est un autre. *Si le cuivre s'éveille clairon, il n'y a rien de sa faute. Cela m'est évident: j'assiste à l'éclosion de ma pensée:* [...]"

A epígrafe escolhida é a já tão conhecida citação de Rimbaud, apresentada na sua forma incompleta, pois este foi o tratamento histórico que recebeu. A mutilação constitui, de certo modo, o testemunho de uma reconstrução do sentido que se opera na fala do outro quando se fragmenta para reproduzi-la. Essa incompletude funciona como completa para o leitor, pois reproduzir discursos significa recortar, reformular, redizer produzindo um novo sentido.

Assim, por caminhos oblíquos, meio sem querer, ficou mais uma vez confirmado que *"Nous ne faisons que nous entregloser"*[2], como disse Montaigne, que *"Je est un autre"* e deve ser compreendido, segundo o próprio Rimbaud em resposta àqueles que lhe perguntavam o sentido, *"littéralement et dans tous les sens"*[3], enfim, que todo discurso é habitado pelo já-dito, pelas palavras e pela presença do outro. Repetir discursos ou referir-se a enunciados anteriores é uma atividade própria da linguagem, o discurso relatado é uma das diversas modalidades de repetição do já-dito.

---

2. A citação completa é: "Il y a plus à faire à interpréter les interprétations qu'à interpréter les choses; et plus de livres sur les livres que sur tout autre sujet; nous ne faisons que nous entregloser." Essais, livro III, cap.XII. Montaigne é também citado por M. Foucault em Les mots et les choses, p.55, por J. Authier, por A. Compagnon que dedica um capítulo de seu livro La seconde main, sobre o trabalho da citação, às reflexões de Montaigne, p.233 a 256, por Bice Mortara Garavelli, linguista italiana, em La parola d'altri, p.13, só para citar alguns exemplos.

3. Ao tratar da questão do sentido em "Le sens en question" in La quadrature du sens, p.10, C. Normand cita Rimbaud para ilustrar as dificuldades que a polissemia da palavra sentido e a sinonímia entre sentido e significação colocam para a linguística: "On se rappelle la réponse de Rimbaud à qui lui demandait comment comprendre "Je est un autre": "littéralement et dans tous les sens".

INTRODUÇÃO

Tendo definido como área de pesquisa a problemática do discurso e da enunciação, o trabalho inscreve-se no quadro de um estudo comparativo francês - português, acerca do funcionamento do discurso relatado no discurso da imprensa.

Partindo do princípio de que todo discurso pode ser compreeendido como heterogêneo, isto é, que todo discurso é permeado pela fala alheia, o objeto de estudo deste trabalho são as manifestações do outro no discurso como um conjunto de fenômenos heterogêneos: o já-dito, as referências mais ou menos explícitas a enunciados anteriores são integradas ao discurso sob diversas modalidades lingüísticamente apreensíveis.

O discurso relatado é uma dessas modalidades de reprodução de discursos alheios (modalidade no sentido de formas por meios das quais o sujeito da enunciação manifesta sua atitude em relação ao enunciado). A observação apurada da natureza da alteridade manifesta nos modos de relato, a exemplo dos estudos de J. Authier, permite ampliar os limites estabelecidos pela categorização clássica, definida pela trilogia discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

1. A problemática

1.1. As questões enunciativas que nortearam este trabalho concentram-se em torno da univocidade do sujeito falante: como e em que condições um ato de enunciação pode ser representado na cadeia verbal de um enunciado que pertence a um outro ato enunciativo? Quais são as marcas explícitas e implícitas desse processo? Existem outras maneiras de relatar um discurso apagando as marcas do discurso relatado? Quais são os

critérios de reformulação de um dizer, há formas híbridas? Como esses mecanismos se manifestam e se articulam para produzir sentido: haveria uma gestão do sentido por hibridação?

1.2. Paralelamente ao estudo das marcas de heterogeneidade enunciativa, interessa saber como alteridade e sentido se articulam. Se é verdade que se pode reproduzir qualquer coisa, uma palavra, uma expressão, um enunciado completo, é verdade também que cada reprodução é na realidade uma outra (e nova) construção enunciativa de forma e sentido: reproduz-se mas não sem alteração de sentido tanto do discurso citante como do discurso citado, pois não se trata da reprodução de um simples enunciado mas de uma enunciação inserida em outra enunciação.

Os discursos relatados são modos de relato que reproduzem e reformulam falas alheias para produzir um outro sentido, uma metaenunciação que M. Bakhtin assim definiu: *"Le discours rapporté, c'est le discours dans le discours, l'énonciation dans l'énonciation, mais c'est , en même temps, un discours sur le discours, une énonciation sur l'énonciation"*(Bakhtin, trad. francesa, 1977). Em geral, considera-se que o discurso citante é que exerce uma função metalingüística; mas a citação de Bakhtin mostra que a relação é recíproca. O discurso citante mantém também um discurso sobre o discurso citado por ele incorporado, um tipo de reversibilidade linguística.

2. Conceptualizações de referência

Tendo como referências teóricas a teoria da enunciação elaborada por E. Benveniste, o conceito de dialogismo de M. Bakhtin e o conceito de

heterogeneidade elaborado por M. Pêcheux e A. Culioli na prática desenvolvida por J. Authier, o estudo propõe ampliar a visão do discurso relatado a partir do modelo operatório culioliano que considera a enunciação uma atividade de representação e construção do sentido operado pelo sujeito. Tais operações deixam indícios na construção do enunciado: é preciso localizar e interpretar essas marcas linguísticas e observar seu comportamento na gestão do sentido para tentar apreender o funcionamento das línguas.

Por outro lado, para estudar e classificar as variações dos modos de discurso relatado, apoiamo-nos nos trabalhos de J. Authier sobre as formas explícitas de heterogeneidades, concebidas como formas que manifestam diversos tipos de *negociação* do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva da fala.

3. Corpus

1. A atividade jornalística consiste em reconstruir um evento de natureza diversa, cujos dados o jornalista recolhe, por definição, após a ocorrência do fato, em seguida deve relatá-lo e apresentá-lo de maneira sucinta ao público.

Se admitimos a citação de Bakhtin sobre a reversibilidade metalinguística entre discurso citante e discurso citado, é preciso reconhecer também que o contato que se estabelece entre o discurso do sujeito e o discurso do outro cria um universo que é totalmente do discurso, uma vez que, simultaneamente, cada discurso, citante e citado, toma o outro por objeto. Ora, o discurso jornalístico constrói um universo que também é

totalmente do discurso, pois é mais pela sua maneira de dizer, do que pelo que diz, que se reconhece um jornal.

Portanto, é preciso considerar que a presença do discurso relatado na imprensa não se explica somente pela necessidade de convocar testemunhas para atestar a autenticidade dos fatos, mas por uma exigência intrínseca do discurso da mídia de hoje. Para ser reconhecido, é necessário que o jornal funcione como mediador e mostre que está desempenhando seu papel, e a maneira de fazê-lo é trabalhar discursos reflexiva e permanentemente em nível textual.

Assim, e por necessidade genérica, o discurso jornalístico é um relato de falas (pronunciamentos, discursos, entrevistas, depoimentos, conversas telefônicas...) e de textos escritos (despachos, notas, comunicados, cartas, fax...) E também, o discurso relatado possui no discurso da imprensa características específicas: existem outras formas de alteridades além da trilogia clássica composta pelos discursos direto, indireto e indireto livre como as formas ou variantes híbridas (uma fusão de discurso indireto e direto do tipo "*X disse que "P"*"), combinadas com formas de modalização de um discurso em outro discurso (construções do tipo *para X*, *segundo X*) e formas de conotação autonímica que consite em "*fazer uso e menção*" de palavras colocando-as entre aspas ou itálico, para citar alguns exemplos.

A partir do enfoque enunciativo, o texto jornalístico poderia ser definido como um tipo de resumo de citações, isto é, de um resumo de um outro ato de enunciação que integra alguns fragmentos dessa enunciação outra, marcados por formas de distanciamento, explícitas ou implícitas.

2. Os modos de relato característicos do discurso da imprensa constituem uma modalidade específica que não se encaixa nas categorizações clássicas que configuram o discurso relatado.

Um dos objetivos essenciais deste trabalho será de identificar, classificar, interpretar as formas de funcionamento específico do discurso relatado na imprensa.

Para construir o corpus, selecionamos artigos de jornais de grande tiragem, ou seja, aqueles que têm um número maior de leitores, de perfil diversificado, durante aproximadamente um período de cinco anos, de 1990 a 1994, e ocasionalmente alguns artigos de 1995.

Os jornais brasileiros são: *Folha de São Paulo* (Folha) e *O Estado de São Paulo* (OESP) publicados em São Paulo, *Jornal do Brasil* (JB) e *O Globo* (Globo) publicados no Rio de Janeiro; os jornais franceses são: *Le Monde* (Monde), *Libération* (Libé), *Le Figaro* (Figaro) e *France-Soir*, todos publicados em Paris.

No plano geral, para compor o corpus não tivemos a preocupação de determiná-lo por gênero específico de discurso do tipo "faits divers", correspondência, editorial, etc, ou rubricas como política, economia ou cultura. Os assuntos e os formatos dos artigos são variados. O corpus é constituído de artigos locais, nacionais e internacionais. Em geral, quando não são assinados pelo próprio jornalistas, os artigos indicam suas fontes, sejam elas "as reportagens locais", "as sucursais", "a equipe dos articulistas", "as agências internacionais".

No plano específico, estabelecemos alguns critérios para a seleção: foram excluídos do corpus textos de colaboradores ocasionais - políticos, escritores, acadêmicos, juristas, etc - , em geral especialistas chamados a opinar sobre um tema específico ou da moda, mas que não são

necessariamente jornalistas, assim como as traduções, uma vez que os textos foram originalmente escritos em língua estrangeira.

Por outro lado, incluímos um outro tipo de texto, que tem por fonte jornais estrangeiros como *The New York Times*, *The Washington Post* ou *El País*. São artigos que reproduzem ou comentam notícias veiculadas por um jornal estrangeiro, mas não são traduções. Trata-se de um tipo de discurso relatado, na verdade um "relato do relato", um tipo de relato de "segunda mão" no qual o texto do jornal estrangeiro constitui o primeiro relato, mas não a enunciação *originelle*, e o texto brasileiro, a leitura de segunda mão. Assim, a cada vez que há reconstrução da notícia, há uma nova enunciação que se superpõe às demais, e por conseguinte, um novo sentido.

4. Plano do trabalho

4.1. A primeira parte do trabalho consiste em considerações sobre as representações do discurso relatado, mais precisamente, críticas de uma derivação, desenvolvimento de um conceito e implicações linguísticas. Trata-se de um balanço do conjunto de estudos consagrados ao discurso relatado da tradição à teoria da enunciação, em particular das concepções enunciativas sobre a questão do sujeito.

4.2. Na segunda parte, dentro da perspectiva enunciativa, procedemos a uma descrição das variações dos modos de discurso relatado e à observação de como o sentido se constrói, a partir da análise dos recursos linguísticos que permite a inserção do discurso alheio em um outro discurso: como e em que condições o locutor dá lugar no seu discurso ao

discurso do outro. O levantamento de formas que, no discurso da imprensa, aproximam-se de um discurso relatado, porém não entram nas categorizações clássicas, visa a contribuir para uma reavaliação e ampliação do conceito.

4.3. A terceira parte propõe uma articulação entre o estudo teórico e a prática de ensino de línguas. No plano didático, o estudo comparativo apresenta propostas para a reformulação das atividades e exercícios de apropriação da fala do outro durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira, dado que a integração da fala do outro e a adaptação ao outro constituem um dos problemas mais delicados que o aluno de línguas tem a resolver.

PARTE I

EVOLUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES LINGÜÍSTICAS

O capítulo não pretende dar conta da concepção tradicional de discurso relatado, mas de percorrer o desenvolvimento linguístico de suas representações mais significativas orientadas numa perspectiva enunciativa. Já de início, uma apreciação crítica das formas tradicionais de discurso relatado tem por objetivo evidenciar a insuficiência dos parâmetros clássicos usados habitualmente para explicar o funcionamento do discurso relatado e que resultam em descrições incompletas das alteridades discursivas.

1. O discurso relatado clássico: críticas de uma derivação.

O discurso relatado (DR)[4] é um modo de relato descrito convencionalmente pelas três formas clássicas de reprodução de falas alheias em outros discursos: o discurso direto (DD), o discurso indireto (DI) e o discurso indireto livre (DIL). Em geral, a descrição se faz a partir de dois critérios: os parâmetros enunciativos (pessoa, tempo, espaço) e sua localização com relação à enunciação citante, e os mecanismos morfo-sintáticos (concordância de tempos verbais, escolhas lexicais) que operam a transposição do DD em DI e DIL.

1.1. O discurso direto

No DD, a ruptura entre discurso citante e discurso citado é marcada pela pontuação tipográfica (dois pontos, aspas, alínea), e pela entoação; o valor dos dêiticos pessoais e espaço-temporais é definido pelo discurso citado. Por ter, justamente, como propriedade formal o fato de ser sintaticamente autônomo, o DD é caracterizado como a forma que reproduz *textualmente* o dizer de alguém.

(a) Maria estava cansada. *Ela disse : "Vou embora".*

---

4. A partir de agora usaremos as seguintes abreviações, hoje praticamente convencionais : DR (discurso relatado), DD (discurso direto), DI (discurso indireto, DIL (discurso indireto livre), DN (discurso narrativizado) para a tipologia clássica. As novas categorizações, eventualmente, serão indicadas entre parênteses.

Como se explica, então, que enunciados fictícios ou não comprovados possam ser reproduzidos no modo direto, assim como enunciados que comentam o dizer alheio do tipo "disse *irritado*", "respondeu *com ironia* ", nos quais se reconhece a interpretação do enunciador-relator que reproduz características do modo de produção oral da enunciação citada, configurando uma enunciação mimetizada, ou ainda enunciados do tipo "il a dit *en substance* " que revelam plena liberdade de que dispõe o enunciador ao relatar outros enunciados?

O que os exemplos parecem demonstrar, é que o DR não reproduz necessariamente sem alteração a fala alheia. Remetendo à relação *forma e substância*, e à divisão elaborada por Hjelmslev entre o plano da forma e substância da *expressão* e o plano da forma e substância do *conteúdo*, a partir da oposição elaborada por Saussure, poderíamos dizer que o DR pode substancializar a forma da expressão como em "disse *irritado* " e "respondeu *com ironia* ", ou substancializar a substância do conteúdo como em "il a dit *en substance* ".

1.2. O discurso indireto

A característica formal do DI é a integração sintática do discurso citado pela presença de, normalmente, um verbo de dizer e uma subordinação: o discurso citado é incorporado ao discurso citante sem ruptura sintática e sem marcas tipográficas.

(b) Maria estava cansada. *Ela disse que ia embora.*

A "perfeita integração sintática", no entanto, apresenta várias "imperfeições", como por exemplo, num tipo de DI muito frequente no relato da imprensa, onde o discurso alheio pode vir citado entre aspas, forma de relato própria do DD, embora introduzido por um verbo de dizer + *que*, forma de relato indireto: "X disse que"...". Em função dessa hibridação dos modos indireto e direto, sobretudo quando as citações em DD são longas, as regras de transposição dos dêiticos pessoais, mais raramente os espaço-temporais, nem sempre são observadas, ora são regidas pelo discurso citante, ora pelo discurso citado.

Portanto, falar de integração sintática perfeita no DI parece impróprio e até mesmo inexato, não só porque não considera as falhas, as adaptações necessárias quando da integração das enunciações, como também não considera as alterações de sentido que resultam dessa operação.

1.3. O discurso indireto livre

O DIL é tradicionalmente caracterizado como uma fusão de DI e DD. O discurso citado não depende mais gramaticalmente de um verbo introdutor e de uma subordinada, mas é regido pelo discurso citante, estando, portanto, sujeito às regras de transposição do DI.

(c) Maria estava cansada. *Ela ia embora.*

Mas o DIL pode também ser dominado pelo DD, como bem demonstrou J. Authier que o chamou de DDL (discurso direto livre).

(d) Maria estava cansada. *Eu vou embora.*

Apagando-se, no discurso citado, as marcas de inscrição de uma voz, a do próprio enunciador ou a de um outro (é o verbo introdutor, justamente, que permite localizá-las) , a presença do outro deixa-se interpretar. A ambiguidade é uma característica própria do DR, em razão da pluralidade de sujeitos e discursos que o constitui, que não só dificulta a localização da fonte enunciadora como as embaralha. No DIL o equívoco é evidente.

De modo geral, o DIL é descrito como sendo próprio do texto literário, que por ser constitutivamente polifônico, em razão da mistura de vozes (o narrador, o personagem, o escritor, o homem...) que aí se manifestam, constitui o espaço ideal para a manifestação desse modo "privilegiado" (pode ser interpretado) de DR.

Historicamente, também sempre esteve associado aos estudos literários, sobretudo desde que seu uso passou a ser sistemático a partir de Flaubert, embora fosse conhecido desde o século XVII. C. Bally, M. Bakhtin, M. Lips, entre outros, lembram que La Fontaine já praticava o DIL em suas fábulas. Segundo Bakhtin, a primeira menção ao DIL como uma forma especial de citação do discurso deve-se a Tobler em 1887 (Id.ibid., p.195). O DIL, contudo, não é exclusivo do domínio literário, é uma modalidade utilizada na produção oral e no discurso da imprensa, mas não de maneira sistemática.

1.4. Um caso à parte: o discurso narrativizado

O discurso narrativizado (DN), descrito por G. Genette em *Figures III*, 1972, e desde então associado por alguns autores à trilogia clássica (cf. M.Perret, M.J. Reischler-Béguelin entre outros), é um tipo de relato no qual se faz menção a uma interlocução que toma a forma de um relato de ações, marcado pelo semantismo dos verbos de comunicação : "ele me *contou* seu problema", "ele *se queixou* do amigo", "il *a insulté* Pierre". O enunciador do discurso citante (única voz localizável) não reproduz as falas como em DD e DI, ele as resume, apresenta apenas seu teor, absorvendo completamente o discurso citado.

Na imprensa de modo geral, principalmente nos jornais e revistas chamados populares, é comum usar o DN para relatar principalmente os "faits divers". A notícia torna-se um relato ficcional, no qual o fato ocorrido é encenado e reconstruido, por assim dizer, com o rigor de uma estrutura narrativa clássica. Os protagonistas tomam forma, agem, se exprimem numa dramatização que mistura diálogos e narração, ou seja, um terreno propicio para a produção de um outro tipo de hibridação que envolve DI e DD, mas que ultrapassa os limites clássicos do DR.

O levantamento de alguns pontos críticos, como a questão da fidelidade e da textualidade em DD, a questão da perfeita integração sintática em DI e, por fim, a questão da ambigüidade que a interpretação do "quem fala" suscita no DIL, revela a dificuldade para explicar determinados fenômenos metaenunciativos em DR. Fica evidente, ao mesmo tempo, a insuficiência dos parâmetros convencionais utilizados para analisar e delimitar as formas de DR.

Como bem observou J. Authier em " *Repères dans le champ du discours rapporté* "(1992, p.11), a descrição reduzida à trilogia DD, DI, DIL é parcial e empobrecedora :

> *"partielle: parce que d'autres formes existent telles que le discours direct libre, d'une part, et d'autre part l'ensemble important de la modalisation du discours en discours second (selon untel; pour reprendre les mots de untel); appauvrissante: parce qu'elle ne situe pas l'inventaire des formes de la représentation, dans un discours, d'un autre discours - formes montrant, représentant de l'autre en soi, que l'on peut appeler formes "d'hétérogénéité montrée" - par rapport au fait capital de ce qu'on peut appeler "l'hétérogénéité constitutive" de tout discours, en désignant par là la présence permanente, foncière, de "l'ailleurs", du "déjà dit" des autres discours, conditionnant tous nos mots et résonnant en eux"*

Em resumo, um modelo descritivo mais completo deve, em primeiro lugar, considerar o DR não como mecanismo de reprodução de frases, mas modalidade de reformulação que reporta maneiras e modos de dizer integrando-as ao discurso e que existem outras formas de representação do outro além das formas clássicas. Em segundo lugar, essas formas devem ser situadas na sua relação com a heterogeneidade constitutiva do discurso e a construção do sentido. Em sendo o DR um fenômeno metaenunciativo supõe necessariamente níveis de enunciação e, como dissemos anteriormente, o DR é uma enunciação *sobre* e *na* enunciação, o que significa que, se há enunciação, já há um sentido construído pelo enunciador. Relatar essa enunciação original é efetuar uma operação de interpretação e de (re)construção de sentido. É preciso lembrar

que o sujeito enunciador do DR é um enunciador de outras enunciações e se há alteridade há diversificação de sentido.

2. A proposta enunciativa

2.1. Em torno da estilística

Ao tentar refazer o percurso dos trabalhos realizados em torno do DR, da tradição à teoria da enunciação, constatamos que a enunciação alheia, nas suas diversas formas e manifestações, constitui objeto de reflexão, por assim dizer, desde Platão.

No conjunto dos estudos que tratam da problemática da narração literária, Gérard Genette, em *Figures III* (1972) lembra que Platão, no III Livro da *República,* aborda pela primeira vez, ao que tudo indica, o problema da distância do narrador-poeta com relação ao seu próprio texto. O emprego do discurso direto ou do discurso indireto permitia marcar, por um lado, a distância entre o sujeito enunciador (o narrador) e seu texto, e por outro, entre a narração e o que esta narração relatava. Na *mimesis* (ou imitação, as falas diretas) o narrador manifesta-se por meio do personagem, na *diégesis* (que Platão chama de *narração pura*) o narrador assume a narração e fala em seu próprio nome.

> *"Ce problème a été abordé pour la première fois, semble-t-il, par Platon au IIIe Livre de la République. Comme on le sait, Platon y oppose deux modes narratifs, selon que le poète "parle en son nom sans chercher à nous faire croire que c'est un autre qui parle", (et c'est ce qu'il nomme récit pur), ou qu'au contraire "il s'efforce de donner l'illusion que ce n'est pas lui qui parle", mais*

tel personnage, s'il s'agit de paroles prononcées: et c'est ce que Platon nomme proprement l'imitation, ou mimésis. Et pour bien faire apparaitre la différence, il va jusqu'à récrire en diégesis la fin de la scène entre Chrysès et les Achéens, qu'Homère avait traitée en mimésis, c'est-à-dire en paroles directes, à la manière du drame. La scène dialoguée directe devient alors un récit médiatisé par le narrateur, et dans lequel les "répliques" des personnages se fondent et se condensent en discours indirect". (Id. ibid., p.184)

Percebe-se nessas preocupações retóricas, subjacente à questão das modalidades narrativas, o que poderíamos considerar, talvez, como as primeiras interrogações acerca da problemática da enunciação, e da enunciação do outro, já que não se tratava somente de citar a fala alheia mas de saber como e de que modo incorporá-la em um outro texto, visando a persuadir o interlocutor, tendo o enunciador-narrador como mediador.

A referência a Platão, por meio do texto de Genette, tem o objetivo de lembrar o quão remotas são as preocupações com a fala do outro e seu modo de reprodução em outro discurso. Evidentemente as preocupações na época de Platão eram de outra ordem e o que deve ser levado em conta, embora os métodos de descrição hoje sejam outros, são, por um lado, o fato de que suas elaborações constituem textos fundadores para os estudos sobre a linguagem de modo geral, e por outro, no que concerne ao discurso relatado em particular, o entrelaçamento da visão da crítica literária com a análise linguística com respeito ao fenômeno, encontro nem sempre muito tranquilo.

2.1.1. Com efeito, convencionou-se chamar o fenômeno de apropriação e reprodução da fala do outro de *estilo indireto* ou *direto*. Os chamados *estilos* tornaram-se não só instrumentos para a elaboração de conceitos descritivos (por exemplo, questões ligadas à narratologia como focalização, ponto de vista, vozes narrativas, entre outros) como também serviram, de forma direta ou indireta, de parâmetros para a crítica literária. A estilística, dentro da mais pura tradição e na condição de sucessora legal da retórica - " *à la fois un art de l'expression littéraire et une norme, un instrument critique dans l'appréciation des styles individuels, de l'art des grands écrivains*" (P.Guiraud, 1979, p.7) - afirmou sua posição como referência normativa e de crítica literária.

Assim, numa perspectiva histórica, a propriedade do uso dos estilos indireto e direto foi objeto de análise para discorrer acerca da clareza ou da pureza de estilo de determinado autor e até mesmo para avaliar a "fidelidade às fontes" por parte dos escritores, através dos tempos. Não raro, *estilo* funde-se com *gênero* narrativo ou *escola* narrativa, segundo a norma da época; as definições de dicionário, o verbete "style" no Petit Robert, por exemplo, ilustram bem essa atitude.

Associar *estilo* a conceitos de *"période, genre, type"* ou falar de *"style d'une oeuvre"* ou *"déviation par rapport à une norme"*, são, de fato, usos considerados inadequados pela grande maioria de literários e linguistas. No entanto, T. Todorov (1972, p.383 a 388), curiosamente, após rejeitar tais representações, no texto intitulado *"Style"*, no capítulo consagrado aos conceitos descritivos do *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, parece definir o DR por meio da noção de estilo, o que de certa forma contribui para a perpetuação do equívoco, pois evidencia a dificuldade em desvincular o DR dos estudos literários.

Para delimitar de maneira rigorosa as características estilísticas de um texto, Todorov propõe uma dupla abordagem: o *"plano do enunciado "* (ou seja, os aspectos verbal, sintático e semântico dos enunciados, das unidades mínimas às relations textuais) e o *"plano da enunciação"*, no qual inscreve o DR, definido em termos de transformações gramaticais que determinam os chamados *estilos indireto e direto* :

> *" Plan de l'énonciation*
>
> *1. Décrire le fait même de l'énonciation donne lieu au discours rapporté; suivant que certaines transformations grammaticales ont été effectuées ou non, on parle de style indirect ou de style direct"*. (Todorov, 1972, p.386. Grifo do autor).

Apesar das ressalvas iniciais e de uma aproximação conceitual enunciativa, o DR é definido, no texto em questão, dentro e "através" da noção do estilo, o que o situa, no conjunto dos estudos linguísticos, mais próximo da literatura do que da linguística: *"auteur"*, *"personnage"*, *"discours de l'auteur"* e *"discours du personnage"* (para discurso citante e discurso citado), estabelecem as relações discursivas do DR em outro nível, o das instâncias narrativas. Trata-se da atitude do autor com relação ao seu discurso e ao discurso do personagem e da articulação no plano textual. Reconhece-se, nessa posição, uma elaboração fundada no conceito tradicional de mímesis e diégesis de Platão ao qual já nos referimos:

> *"La stylistique s'est souvent préoccupée de certaines catégories syncrétiques, réunissant plus d'un style simple. Le cas le plus*

étudié est celui qu'on appelle en français style indirect libre ... C'est un discours qui se présente à première vue comme un style indirect (ce qui veut dire qu'il comporte les marques de temps et de personne correspondant à un discours de l'auteur) mais qui est pénétré, dans sa structure sémantique et syntaxique, par des propriétés de l'énonciation, donc du discours du personnage. Ces deux mêmes propriétés peuvent d'ailleurs se rencontrer dans une autre combinaison: par exemple un propos de personnage en style direct mais qui porte toutes les propriétés du discours de l'auteur; seulement cette combinaison n'a pas de nom particulier".(Id.ibid., p.387)

Todorov acrescenta aos "estilos simples" (o indireto e o direto), o que chama de "categorias sincréticas", ou seja, o estilo indireto livre, a forma sem nome de discurso direto contaminado pelo discurso do autor, (o monólogo e o diálogo são as outras duas). Surpreendente no texto, a ausência total de referência aos estudos de Charles Bally (remete uma única vez, em todo o capítulo, a uma só obra de Bally, o *Traité de stylistique*, na p.386), mesmo emprestando-lhe conceitos, inspirando-se nas suas elaborações.

De modo geral, essa visão do DR é bastante difundida, são representacões que não podem ser atribuidas a este ou àquele pensamento ou autor. Aliás, o próprio Todorov, em importante estudo sobre a noção de dialogismo de Bakhtin, *Mikhail Bakhtine. Le principe dialogique* (1981), propõe uma leitura de alguns conceitos fundamentais para o estudo do DR (a polifonia, o dialogismo, a voz, o enunciado), elaborados pelo semioticista russo.

Em resumo, as idéias mais difundidas acerca do DR que ainda circulam nos meios escolares, sem que uma reformulação significativa tenha ocorrido, são: em primeiro lugar, sua representação como "mecanismos gramaticais" que servem para distinguir as formas direta e indireta; em segundo, estas formas seriam modos "simples" de integração da palavra alheia ; em terceiro lugar, o estilo indireto livre, tal como é descrito, sugere uma forma exclusiva do discurso literário e não um modo praticado também em outros discursos, orais e escritos: textos da imprensa, ensaios, conversas podem fornecer exemplos que atestam seu uso não-literário. (Para os três casos, cf. análise critica na Parte III do trabalho)

Essas representações são bastante comuns e correspondem ao que J. Authier, analisando gramáticas e manuais didáticos, chama de "idées reçues" em torno do DR. Num artigo de 1993, intitulado "*De quelques idées reçues au sujet du discours rapporté*"[5] , J. Authier trata de seis idéias, entre as mais difundidas, a necessidade de se rever tais posições:

"I ... *que le discours rapporté direct est reproduction exacte et donc fidèle...*

II ... *que le discours rapporté direct est "simple".*

III ... *que le discours indirect est une forme subordonnée du DD.*

IV ... *que le discours indirect libre est une forme "littéraire".*

V ... *que la variété des modes de présence de "l'autre discours" se résume à cette trilogie: direct - indirect - indirect libre.*

---

5 . O artigo "De quelques idées reçues au sujet du discours rapporté", de 1993, constituído de 16 páginas não numeradas, não havia sido publicado quando o recebemos. Consta a seguinte observação escrita a mão pela autora: "A paraître in "Perspectives", 93, Lausanne".

VI ... *qu'il y a stricte séparation entre les mots de soi et ceux de l' autre, entre ce qu'on dit et ce qu'on reprend.*

2.1.2. Seria necessário um estudo de orientação epistemológica, sobretudo uma pesquisa minuciosa junto às gramáticas históricas, para situar exatamente as origens da concepção gramatical de discurso relatado e seu desenvolvimento lingüístico subseqüente. Tendo em vista que a investigação histórica do conceito de DR não é, em si mesma, nosso propósito, mas suas elaborações mais recentes, nossas considerações privilegiam algumas dimensões da constituição de uma teorização enunciativa do DR.

Paralelamente ao interesse literário, a gramática dedicou-se à descrição do DR, mas quase sempre do ponto de vista morfo-sintático. Para a gramática tradicional, o discurso relatado dispõe de três mecanismos - o discurso (ou estilo) direto, o indireto e o indireto livre - para relatar as falas ou o pensamento de alguém. Nesta perspectiva, percebe-se que só as referidas operações gramaticais são objeto de descrição; as operações enunciativas restringem-se às observações em torno da referência, dos tempos, modos e aspecto verbal, ou seja, como se realiza a concordância verbal, a subordinação, a transposição dos dêiticos no momento da passagem da forma direta para a indireta.

Por exemplo, no *Précis de grammaire française*, de M. Grevisse (1969) e na *Grammaire Larousse du français contemporain* (J.C.Chevalier et alii, 1988), para citar dois exemplos clássicos de gramática descritiva do francês, não há menção ao DR enquanto fenômeno linguístico. O discurso indireto ou estilo indireto (as duas formas aparentemente são equivalentes,

pois são usadas indistintamente) aparecem dispersos, em pequenas notas, em diferentes capítulos das gramáticas.

Na *Grammaire Larousse*, o discurso indireto e o indireto livre aparecem como itens do Capítulo VI, *La phrase complexe*, da primeira parte (parágrafos 183. *"Le discours indirect"* e 184. *"Le discours indirect libre"*, p.122), relativo à subordinação, e do Capítulo IV, *Le système verbal*, da segunda parte (parágrafo 487. *"L'Imparfait de style indirect"*, p. 342, parágrafo 491. *"Expression de l'accompli"*, p.344 e parágrafo 562. *"Style indirect et style indirect libre"*, p.390). No *Précis*, *"Le Discours indirect"* (p.269) constitui, ao lado da concordância verbal, uma das subdivisões do capítulo consagrado às *Propositions subordonnées*. É possível, então, deduzir o tratamento dado ao discurso indireto (ou estilo, como fazem questão de assinalar) pelas seções das quais é parte integrante: ambas as gramáticas preocupam-se com a descrição gramatical dos três tipos de discurso no nível da frase subordinada.

Em *Le bon usage* (M. Grevisse, 12e éd., 1986), sem dúvida a mais completa das gramáticas da língua francesa no seu gênero, Grevisse dedica um capítulo (*Chapitre VII. Le discours direct et le discours indirect*, parágrafos 406 a 414, p.675 a 685) à descrição minuciosa da trilogia clássica, com vários exemplos extraídos de obras literárias e também do discurso da imprensa (na edição consultada), o que representa uma contribuição importante na reformulação do conceito (embora a concepção de modo geral permaneça tradicional), uma vez que habitualmente os exemplos citados ou pertencem ao discurso literário ou são frases estereotipadas elaboradas com o objetivo de demonstrar os mecanismos de integração de discursos.

As gramáticas brasileiras privilegiam igualmente a representação clássica do DR. Entre as mais difundidas, destacamos a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, 2a ed.), que propõe no capítulo 20, intitulado *"Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. Estruturas de reprodução de enunciações"* (p.617 a 624), uma descrição formal do DR, sem dúvida mais detalhada que em outras gramáticas, a partir de parâmetros linguísticos a nosso ver mais adequados, ainda que "no plano formal" só as três formas sejam descritas e no "plano expressivo" o DR seja descrito como recurso estilístico.

Mostrando, por meio dos mecanismos das três formas de relato, a existência de planos enunciativos distintos na narração - as vozes do *escritor*, do *narrador* e do *personagem* devem ser percebidas como autônomas -, os autores colocam em evidência a atividade dos sujeitos na enunciação. Não há valorização excessiva do aspecto gramatical, contudo predomina a representação do DR enquanto recurso estilístico: *"para dar-nos a conhecer os pensamentos e as falas de personagens reais ou fictícios, dispõe o narrador de três moldes linguísticos"* (p.617), *"discurso (ou estilo)"* (p.617), *"reprodução textual das falas do personagem"* (618) etc. Os exemplos são todos literários.

As outras gramáticas consultadas foram a *Moderna gramática portuguesa* de Evanildo Bechara, na qual não há nenhuma referência ao DR; a *Gramática metódica da língua portuguesa* de Napoleão Mendes de Almeida, que dedica um parágrafo ao *estilo direto* e *indireto*, no capítulo conjunções.

Esta atitude reflete-se nos manuais de francês língua estrangeira[6] que ou privilegiam a visão literária do fenômeno (por exemplo, o reconhecimento de "quem fala", dos "estilos") a partir de extratos de romances célebres, ou propõem exercícios estruturais de passagem de um mecanismo para o outro, de forma simplificada, centrada nas transformações gramaticais de frases, via de regra, estereotipadas e que em geral oferecem pouca ou nenhuma dificuldade ao aluno.

Na maioria das vezes, propõe-se uma combinação das duas perspectivas: a partir de um texto literário, o aluno deve executar uma série de exercícios gramaticais. As consequências não poderiam ser mais danosas, pois não só o texto literário é esvaziado de sua literalidade, como também o DR torna-se pretexto para exercícios de transposição de dêiticos e de concordância nominal.

Estilo indireto, discurso indireto, modo narrativo, discurso relatado, o que está em jogo na oscilação das denominações manifesta a fragilidade que cerca certos estudos linguísticos de contornos indefinidos. O ponto de vista literário e a visão gramatical do DR, por permanecerem estanques, reforçam o quadro estereotipado no qual está inserido e do qual deve livrar-se. Não se trata de deslocar as conceptualizações tradicionais, mas de incorporar as novas elaborações que ampliaram o conceito de DR e que constituem contribuições importantes para a redefinição deste quadro[7] reorientando suas aplicações. Em razão da sua particularidade enquanto

---

6 . Manuais consultados: Sans Frontières, Nouveau Sans Frontières, Archipel, Espaces; Le français au présent

7 . Para sublinhar a necessidade de uma reorientação da visão do DR, J. Authier utilizou, em um dos seus seminários sobre as "Não-coincidências do dizer", em Paris III (1993) a expressão "faire sortir le DR du carcan littéraire".

fenômeno linguístico, o DR tem aproximado diversas áreas relacionadas ao estudo da linguagem, além da linguística e dos estudos literários, como a sociologia, a filosofia, a psicanálise, para citar as que mais têm se debruçado sobre a questão, por meio de interesses em comum, sobretudo as elaborações em torno do sujeito e sua heterogeneidade. Não há um campo de ação privilegiado do DR, há leituras diferentes e ser objeto de indagações mostra sua importância, pois o fato de apropriar-se de um discurso para construir seu próprio discurso é tomar conhecimento da reflexividade da linguagem, é ter conhecimento de sua realização.

2.2. Os sujeitos e suas vozes na concepção enunciativa de Charles Bally

Não seria possível conceber uma perspectiva enunciativa do DR sem evocar, nas suas grandes linhas, a teoria da enunciação desenvolvida por C. Bally em *Linguistique générale et linguistique française* (1969), sobretudo no que diz respeito à concepção de um sujeito plural.

Em termos gerais, Bally parte do princípio básico de que a enunciação é a comunicação de um pensamento e a frase, "a forma mais simples" para realizá-la. Pensar, no seu ponto de vista, significa processar uma representação por meio de operações cognitivas, *"c'est réagir à une représentation en la constatant, en l'appréciant ou en la désirant"* e esta atividade apreciativa é operada pelo sujeito. Por esta razão, o pensamento não pode ser reduzido *"à la représentation pure et simple, en absence de toute participation active d'un sujet pensant"* (p.35), deve-se distinguir a representação recebida pelo sentido e a operação psíquica que o sujeito opera sobre ela.

A partir dessa atividade do sujeito na enunciação, Bally concebe a existência de dois processos na realização da fala operados por sujeitos diferentes: o primeiro processo, o *dictum*, correlato ao processo de representação do pensamento, é operado pelo *sujeito falante*; o segundo processo, o *modus*, corresponde à expressão da modalidade, traduzida por um verbo modal como *croire, se réjouir, souhaiter,* e o seu sujeito, o *sujeito modal*. A modalidade, para Bally, é a peça mestra da frase sem a qual ela não existe:

> *"La modalité est l'âme de la phrase; de même que la pensée, elle est constituée essentiellement par l'opération active du sujet parlant. On ne peut donc pas attribuer la valeur de phrase à une énonciation tant qu'on n'y a pas découvert l'expression, quelle qu'elle soit de la modalité"* (Id.ibid., p.36).

O que nos parece fundamental na concepção de Bally e constitui, sem dúvida, sua originalidade, é o tratamento que dá à questão da alteridade do sujeito falante, a partir da distinção dos dois processos. Bally reconhece no sujeito em ação na enunciação o portador não só de duas vozes, mas de várias vozes, configurando um sujeito polifônico: em primeiro lugar, Bally postula que o sujeito pode ser duplo, acumulando os dois papéis num mesmo enunciado, o de sujeito falante e sujeito modal, mas reconhece também que o sujeito pode ser plural, ou seja, permite a manifestação concomitante de outros sujeitos, integrando, desse modo, a enunciação alheia na sua própria enunciação:

"Le sujet modal peut être et est le plus souvent en même temps le sujet parlant; c'est le cas dans les exemples cités jusqu'ici[8] *. Mais il peut englober d'autres sujets: "Nous ne croyons pas qu'il pleuvra", ou bien c'est un autre ou plusieurs autres sujets: "Galilée, les astronomes affirme(nt) que la terre tourne"; puis on reste dans le vague: "On croit que le roi est mort."*(id. ibid., p.37, grifo do autor)

Do ponto de vista da análise lógica da frase, os procedimentos que operam a enunciação são chamados de procedimentos declarativos, cujas formas de realização, por meio de verbos declarativos, podem ser indiretas ou implícitas. Por exemplo, "La terre tourne" significa "Je vous fais savoir (communication) que je suis convaincu (modalité) que la terre tourne" (Id. ibid., p.50).

Essa operação é, no entanto, supérflua quando no enunciado os sujeitos são idênticos, como no exemplo "Il pleut", no qual o alocutário ("l'entendeur") entende que se trata de uma constatação feita pelo locutor ("le parleur"), ou no caso de uma forma "mais explícita", como diz Bally, como uma contestação do tipo "*Je* vous *dis*, moi, qu'il pleut" (grifo do autor).

Por outro lado, quando o sujeito modal é diferente do sujeito falante, caso do *estilo direto* e *indireto*, Bally afirma que, assim como é "natural" que se diga *"Je suis malade"* quando se fala de si próprio, é natural o uso de um verbo declarativo em enunciados do tipo *"Paul dit: je*

---

8 . Os exemplos aos quais se refere Bally são: "la terre tourne, le soleil brille, le ciel est bleu"; "Socrate veut que l'homme ne fasse le mal que par ignorance", "Mon mari a décidé que je le trompe", "Le général a décidé que les prisonniers seraient tous mis à mort"(p.36 e 37).

suis malade" (ou: *Paul dit qu'il est malade*), razão da sintaxe particular dos modos direto e indireto de reprodução. Mesmo neste caso, pode ocorrer uma "economia de procedimentos declarativos", no qual o dizer e a modalidade são implícitos; Bally chamou esta forma de *estilo direto implícito ou livre:*

> *"Ainsi, de même qu'il y a un "style direct" explicite (L'administration déclare: "Il est défendu de fumer"), il y a un style direct implicite ou libre; si une servante annonce à sa maîtresse: "Un monsieur désire parler à Madame", elle reproduit les paroles du visiteur: "Je désire parler a Madame".* (Id. ibid.,p.51)

O que se depreende da elaboração de Bally é que o estilo direto livre ocorre numa situação de enunciação bem particular no qual o relator, em razão do apagamento do verbo declarativo (que permite distinguir as enunciações citante e citada), funciona como um tradutor simultâneo do dizer alheio. A diferença entre o modo direto explícito e o direto implícito é que neste último, com a supressão do verbo, há uma incorporação do dizer alheio pela fala e na fala do relator. Para Bally, aparentemente não há ambiguidade quanto à interpretação.

Já o estilo indireto livre escapa a uma análise lógica desse tipo e exige outros parâmetros linguísticos para observá-lo. Com o apagamento do verbo declarativo e a impossibilidade de determinar com certeza o sujeito da enunciação, só o uso do imperfeito permitiria distinguir o estilo indireto livre. Este conjunto de fatores revela toda a ambiguidade do modo indireto livre, cuja fala deve ser "reconhecida", "interpretada", não permitindo uma

formalização linguística. Compreende-se, pois, que Bally o tenha colocado no plano literário.

Assim, o estilo indireto livre é visto como um procedimento literário, uma variante do estilo indireto clássico resultante do apagamento da subordinação, cujo processo Bally esquematizou da seguinte maneira: a partir da forma indireta "Il disait qu'il était malade", obtém-se, com a supressão da conjunção *que*, a forma direta intermediária "Il disait: il était malade" que estaria, na origem, na forma indireta livre "Il était malade (disait-il)."

A explicação que Bally dá para esse raciocínio é que o estilo indireto livre seria uma imitação do oral no discurso literário, a ausência de marcas explícitas de subordinação daria a esse modo de representação do discurso alheio uma fluência que se atribui à língua falada. A este respeito, reproduzimos uma passagem de Bally, selecionada por M. Lips em *Le Discours indirect libre* (1926,), na qual Bally explica porque os exemplos de estilo indireto livre são sempre literários:

> *"...la conclusion qu'on peut tirer de ce fait est très intéressante: le style indirect libre dérive d'une tendance toujours plus accentuée de la langue littéraire à se rapprocher des procédés de la langue parlée; dans le cas particulier, cette tendance se manifeste par le besoin de supprimer autant que possible les signes extérieurs de la subordination et à rendre la pensée avec toute fidélité possible; mais, d'autre part, comme le style indirect libre donne l'impression très nette d'un procédé littéraire, c'est une preuve de plus de la différence qui existera toujours entre l'écrit et le parler,*

même (et surtout) dans le cas où le premier cherche à imiter le second. Car, encore une fois, le style indirect libre est bien littéraire; la langue parlée plonge dans le style direct ou adopte l'indirect pur... (Germ. roman. Monatschrift, 1912, p.604.)". (M.Lips, 1926, p.83)

A tendência do estilo indireto livre "à rendre la pensée avec toute la fidélité possible" (p.189) mostra que Bally, como explica Bakhtin em *Le marxisme et la philosophie du langage*, relaciona o estilo indireto livre, nas suas formas puras, a "figuras de pensamento" (em oposição a "formas linguísticas") que não podem ser reconhecidas como fenômenos linguísticos por serem ilógicas do ponto de vista da língua. Essa posição está bem clara quando Bally trata da questão dos sujeitos na teoria da enunciação:

> *"Mais même lorsque le sujet pensant est identique au sujet parlant, il faut prendre garde de confondre pensée personnelle et pensée communiquée. Cette distinction est de la plus haute importance, et s'explique par la nature et la fonction du signe linguistique lui-même. En effet, le sujet peut énoncer une pensée qu'il donne pour sienne bien qu'elle lui soit étrangère. Il s'agit alors d'un véritable dédoublement de la personnalité. Le mensonge en est la forme la plus caractéristique."* (Id. ibid., p.37)

Além de diferenciar *sujet parlant* et *sujet modal* e pluralizar este último, Bally introduz uma outra figura do sujeito, o sujeito do "pensamento comunicado", que poderíamos chamar de "sujet figurant", segundo P.Dahlet, ou sujeito enunciante: trata-se de um sujeito cuja enunciação cria um pensamento diferente do próprio pensamento do sujeito.

Para sintetizar a visão de Bally sobre o DR podemos dizer que o estudo que ele faz do fenômeno pretende ser objetivo e formal. Em primeiro lugar, a descrição implica necessariamente a dissociação dos dois processos da comunicação, o da representação do pensamento e a expressão da modalidade e respectivos sujeitos operadores. É esta dualidade, inclusive, que justificaria a impossibilidade em explicar objetivamente o funcionamento do estilo indireto livre uma vez que é uma "figura do pensamento" e deve ser interpretada. Em segundo lugar, a explicação do DR passa também pela análise lógica dos procedimentos linguísticos: Bally considera os discursos direto e indireto (p.166) como formas hipotáticas, ou seja, são formas sintáticas resultantes de uma mudança de categoria operada por verbos declarativos, cuja natureza têm a capacidade de transformar um dizer em complemento do objeto. Para Bally, são essas modificações que devem ser observadas: por exemplo, uma interrogação do tipo *"Serei capaz?"*, na passagem para o DD *"Ele se perguntou: serei capaz?"* não sofre nenhuma alteração quer na entoação, quer na sintaxe; no DI transforma-se em *"Ele se perguntou se seria capaz"* acarretando mudança de entoação, pessoa e tempo verbal; no DIL *"Hesitou alguns momentos: seria ele capaz?"* a entoação se conserva, há mudança na pessoa e no verbo.

Na verdade, Bally se preocupa com a alteração ou a manutenção de formas no plano sintático, mas parece esquecer que a alteração é de sentido, uma vez que se trata de uma outra enunciação. Enfim, a preocupação de Bally em fornecer explicações formais rendeu-lhe muitas críticas, e levou Bakhtin a dizer que sua perspectiva é marcada pelo "objetivismo abstrato".

2.3. A concepção enunciativa de Emile Benveniste.

Dentro da perspectiva de elaboração de uma linguística da enunciação, causa estranheza que E. Benveniste não tenha desenvolvido a problemática do discurso relatado, embora este seja percebido como um plano de enunciação autônomo.

Em *"Les relations de temps dans le verbe français"* (1966, p.237 a 250), Benveniste coloca a enunciação em dois planos: o plano histórico e o plano do discurso. A enunciação histórica "é o modo de enunciação que exclui toda forma linguística "autobiográfica"" (p.239), por causa da delimitação particular que impõe às categorias do tempo e da pessoa juntos. O plano do discurso, de forma ampla, compreende qualquer enunciação que suponha um locutor e um auditor possível de ser influenciado, a diversidade de discursos orais de qualquer tipo ou natureza, mas é também " a massa dos escritos que reproduzem discursos orais ou que lhe tomam emprestados a habilidade ou objetivos" (p.242).

Considerando que o discurso é tanto escrito como falado, e que na prática, a passagem de um modo a outro é instantânea, Benveniste diz que, quando na narração histórica (tempo do aoristo, do imperfeito e do mais-que-perfeito) o discurso surge sob a forma de reprodução, pelo historiador, de palavras de um personagem ou sob a forma de apreciações dos fatos relatados, realiza-se a passagem para um outro sistema temporal, o do discurso, porém não explica em que condições ocorre essa "transferência instantânea", característica própria da linguagem.

Benveniste faz alusão também a um terceiro plano da enunciação, o do discurso indireto, que ocorre quando a enunciação histórica e a enunciação discursiva se encontram:

"Indiquons par parenthèse que l'énonciation historique et celle de discours peuvent à l'occasion se conjoindre en un troisième type d'énonciation, où le discours est rapporté en termes d'événement et transposé sur le plan historique; c'est ce qui est communément appelé "discours indirect". Les règles de cette transposition impliquent des problèmes qui ne seront pas examinés ici."(Id. ibid.,p.242).

Esse "outro plano", cujas dificuldades de transposição são percebidas e anunciadas, permanecerá estranhamente um conceito não elaborado.

Já no artigo *"L'appareil formel de l'énonciation"* (1974, p.79 a 88), o objeto do artigo, como o próprio Benveniste afirma, consiste em definir a enunciação dentro do contexto formal de sua realização enquanto ato individual de utilização da língua. Enquanto realização individual com relação à língua, a enunciação poderia definir-se como um ato de apropriação: o locutor apropria-se do aparelho formal da língua, enuncia sua posição por meio de indícios e procedimentos acessórios.

Isto posto (a enunciação como ato individual), Benveniste não aborda o problema do discurso relatado propriamente dito (no sentido de apropriação e integração do discurso alheio no seu próprio discurso), embora afirme que *"Ce qui en général caractérise l'énonciation est* l'accentuation de la relation discursive au partenaire, *que celui-ci soit réel ou imaginé, individuel ou collectif "* (grifo do autor, 1974, p.85). Mais ainda, Benveniste apresenta o diálogo, especificamente, o monólogo *(dialogue intériorisé)* como exemplos de *estruturas* da enunciação, pois necessitam de duas *figuras*, uma fonte e outra meta da enunciação para se

realizarem, o que caracterizaria o contexto figurativo (*cadre figuratif)* da enunciação.

No entanto, Benveniste não só não desenvolve suas reflexões acerca destas "estruturas", mas também o modo como as "figuras" se inscrevem e interagem para constitui-las permanece impreciso. A título de esclarecimento, comenta práticas em certos povos onde não haveria nem diálogo , nem enunciação, e conclui com uma observação onde faz alusão à heterogeneidade do sujeito e dos discursos:

> *" Il faudrait aussi distinguer l'énonciation parlée de l'énonciation écrite. Celle-ci se meut sur deux plans: l'écrivain s'énonce en écrivant et, à l'intérieur de son écriture, il fait des individus s'énoncer"* (E. Benveniste, 1974, p.88).

Esta citação mostra que é a identidade do sujeito que parece ser constituída do discurso que relata uma vez que é escrevendo que indivíduos se enunciam e que o sujeito toma consciência do seu discurso. Refletindo bem, não haveria no quadro figurativo um principio de dialogização ou de construção de um quadro dialógico?

Assim, o discurso relatado é um plano autônomo da enunciação, mas como Benveniste o conceptualizaria e o articularia com outras noções? Na sua perspectiva, onde o sujeito do discurso parece ter dimensão individual, o que seria contraditório com o aspecto dialógico, como tratar o discurso relatado, ponto de encontro de vários discursos que se inscrevem na linearidade de um discurso?

2.4. Mikhail Bakhtin e o discurso alheio: uma relação dialógica

Numa outra pespectiva, complementar às anteriores, está a dimensão social da palavra, elaborada por Mikhail Bakhtin, para quem, justamente, todo discurso é permeado pelo já-dito, pelo discurso "do outro". A questão do discurso relatado é colocada num quadro muito mais amplo e genérico, numa perspectiva mais sociológica do que linguística propriamente dita.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* o autor distancia-se de Saussure, embora ambos considerem a língua um fato social, uma vez que Saussure, ao estabelecer a oposição *langue/parole*, relegou a *parole* ao domínio do individual. Em crítica a linguistas representantes do objetivismo abstrato (principalmente capítulos 4 e 5, p.71 a 119), do qual Saussure é "a mais brilhante expressão" (refere-se a Bally e Meillet também), Bakhtin argumenta que a língua é um processo contínuo de transformações linguísticas e não um "sistema de normas rígidas e imutáveis" externo à consciência individual, como quer o objetivismo abstrato segundo ele, justamente porque é só para a consciência individual, e do ponto de vista dela, que a língua se apresenta como um sistema de normas fixas, fora desse quadro ela é dinâmica:

> *"l'objectivisme abstrait, considérant que seul le système linguistique peut rendre compte des faits de langue, a repoussé l'énonciation, l'acte de parole, comme étant individuel. C'est là, nous l'avons dit, que se trouve le proton pseudos, le "premier mensonge", de l'objectivisme abstrait."* (Id., ibid., p.118)

Para Bakhtin, a relação *língua* e *fala* do ponto de vista do locutor coloca-se da seguinte forma: as formas normativas são percebidas pelo locutor como sinais estáveis de que se serve num determinado contexto, ajustando-as a cada vez, para produzir um sentido. É esse contexto, que configura uma *nova significação* às formas, que importa. Por contexto de enunciação, Bakhtin entende implicitamente um contexto ideológico:

> *"En réalité, l'acte de parole, ou, plus exactement son produit, l'énonciation, ne peut nullement être considéré comme individuel au sens étroit de ce terme; il ne peut être expliqué par référence aux conditions psychophysiologiques du sujet parlant.* L'énonciation est de nature sociale." (grifo do autor, id., ibid.,p.119).

Como está claro na citação, Bakhtin considera a enunciação um *produto* determinado socialmente e não um *processo* linguístico. Para ele, uma mesma palavra, em situação oral ou escrita, é portadora de várias "vozes". A situação e o meio sociais determinam a formação dos discursos pela existência de formas de dizer identificadas a gêneros de discurso. Assim, não há enunciação sem interação, sem diálogo, e sendo social a enunciação, necessita de um contexto para existir.

Nesta perspectiva, compreende-se o interesse de Bakhtin pelo discurso relatado, lugar ideal para se estudar as formas de apreensão do discurso alheio e sua reprodução: repetir um discurso, eliminar partes ou a sua totalidade, são práticas dessa dimensão social do discurso.

Em Bakhtin não é mais a enunciação "imediata" que importa, mas a atitude face a outra enunciação, é seu mecanismo reflexivo, próprio da atividade metaenunciativa que caracteriza o discurso relatado:

> *"Le discours rapporté, c'est* le discours dans le discours, *l'énonciation dans l'énonciation, mais c'est, en même temps, un discours sur le discours, une énonciation sur l'énonciation"* (grifo do autor, id.,ibid., p.161).

O DR é um problema de sintaxe discursiva, de estruturação da enunciação, um fenômeno "altamente produtivo", como diz para sublinhar sua importância, no que se refere à transmissão da fala alheia, pois permite observar como se realiza o predomínio de uma variante sobre outra, conforme a língua, a época ou os grupos sociais, o contexto. A apreensão do discurso de outrem dá-se no discurso interior, isto é, quando este se encontra com o discurso exterior e se efetiva a compreensão e apreciação da palavra.

2.4.1. Discurso indireto.

Quanto às formas de transposição do discurso alheio, Bakhtin apresenta os esquemas e suas variantes, sem esgotá-las contudo, pois no estudo, o aspecto metodológico da questão é mais importante. É nas variantes que se estabilizam os hábitos da nova orientação dos discursos alheios e se fixam como representações duráveis na estrutura da enunciação.

Para ele não há fronteiras entre a gramática e a estilística, ao contrário, é no processo de "gramaticalização" ou "desgramaticalização" de

certas formas que reside o interesse do linguista, dado que é nesse contexto que ele pode captar as tendências da língua.

O discurso indireto não é uma simples transposição verbal do discurso direto, é uma manifestação da interação dinâmica, pois cada esquema recria à sua maneira a enunciação, dando-lhe uma orientação particular :

> *"Les schémas expriment une tendance à l'appréhension active du discours d'autrui. Chaque schéma recrée à sa manière l'énonciation, lui donnant ainsi une orientation particulière, spécifique. Si la langue, à un stade donné de son développement, perçoit l'énonciation d'autrui comme un tout compact, inanalysable, immuable et impénétrable, elle ne comportera aucun schéma en dehors de celui, primitif et inerte, du discours direct (style monumental)".* (Id., ibid., p.176).

É em razão dessa nova direção, que se torna impossível, segundo Bakhtin, subscrever a afirmação dos gramáticos que vêem no DR uma passagem mecânica de uma modalidade para outra.

> *"La transposition mot pour mot, par des procédés purement grammaticaux, d'un schéma à un autre, sans opérer les modifications stylistiques correspondantes, n'est rien de plus qu'une méthode scolaire d'exercices grammaticaux, pédagogiquement mauvaise et inadmissible. Une telle application des schémas n'a rien à voir avec leur utilisation vivante dans la langue".* (Id.ibid., p.176)

Essa crítica permanece bastante atual, se considerarmos que as modificações introduzidas nos manuais no sentido de propor uma nova visão (ou seja, a língua enquanto elemento em permanente desenvolvimento e observável) e por conseguinte, uma melhor apreensão do fenômeno, na prática, permanecem ainda tímidas.

Para Bakhtin, o discurso indireto é um esquema de transposição *analítica* da fala alheia, pois não há reprodução sem uma análise simultânea ao ato de relatar. O DI é analítico porque, por exemplo, não reproduz literalmente elementos "emocionais e afetivos". Eis como ele exemplifica (Id.,ibid., p.177):

DD: "Comme c'est bien! Ça, c'est une réalisation!".

DI impossível: "Il a dit que comme c'est bien et que ça c'est une réalisation".

DI provável: "Il a dit que *c'était très bien* et que *c'était une grande réalisation*" ou "Il a dit d'un ton enthousiaste que c'était bien et que c'était une grande réalisation". (Grifo do autor).

Por uma questão de metodologia, Bakhtin propõe separar o discurso indireto em sub-categorias:

1.*Discurso indireto objeto-analítico (discurso indireto analisador do conteúdo*, segundo a tradução brasileira da Hucitec)[9] : variante na qual o discurso indireto é utilizado para relatar o conteúdo semântico, sem levar

---

9 . M.Bakhtin (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem, trad. de M. Lahud e Y.Frateschi Vieira, Hucitec, 1988.

em conta as formas da primeira enunciação. Se as formas não são reproduzidas "textualmente", as inserções explicativas (do tipo comentário, resumo, paráfrase, explicação) ao longo do relato permitem recuperar o que foi "apagado" do ponto de vista formal. A tendência nessa variante é de tematizar a enunciação alheia, preservando a integridade e autonomia semântica da nova enunciação.

Exemplo:

(30) Quand l'addition arrive, "elle comporte des plats qu'on ne nous a pas servis", disent en substance les clients. *(Libération)*

2. ***Discurso indireto verbo-analítico*** (*discurso indireto analisador da expressão*, na tradução brasileira da Hucitec): ao contrário do primeiro caso, no discurso indireto verbo-analítico o que interessa é a enunciação, o seu modo de representação verbal. Palavras e expressões do primeiro discurso (em discurso direto) são conservadas. No interior do próprio discurso indireto, pode-se reproduzir, entre aspas, a palavra do outro, orientando-o na direção que o enunciador deseja, dando-lhe uma "coloração" particular (ironia, humor). J. Authier chama os elementos de inserção do discurso alheio que caracterizam esta variante de "ilhotas de conotação autonímica" (DRLAV no 17).

Exemplo:

(64) Bem-humorado, o deputado considera que a "tática" de FHC de orientar a derrota dos "executivos" nada mais é do que desculpa: "Se eles mostrarem em campo a falta de entrosamento que têm na política, vai ser moleza", disse. (Folha).

Há uma terceira variante, em russo, que Bakhtin chama de "impressionista", visto que serve para transmitir o discurso interior, os pensamentos e sentimentos de um personagem. Em razão dessas especificidades, essa modalidade é própria do texto literário e o modo de reprodução, bastante livre.

Para Bakhtin, tanto num modelo como no outro, o que importa é que há uma apreensão do discurso alheio e que este é analisado antes de ser reapresentado na nova enunciação. Assim, os fatos linguísticos ligados à referência nominal e à concordância de tempos que ocorrem na passagem do discurso direto para o discurso indireto importam menos que o conjunto de fatos linguísticos (léxico, construções sintáticas, etc) mobilizados nessa transposição. É essa nova enunciação que interessa.

2.4.2. Discurso direto.

Os problemas que o discurso direto coloca estão também ligados ao modo de apropriação e integração do discurso do outro. Para Bakhtin, o discurso direto não é uma modalidade mais "simples", mais imediata, pois as fronteiras entre discurso, narração e discurso alheio nem sempre são definidas. Se o discurso indireto, apesar dos vários níveis de apreensão do discurso, é de certa maneira delimitado pelo verbo introdutor + oração subordinada, no discurso direto o mecanismo é outro: o contexto narrativo pode "contaminar" o discurso relatado, ou, ao contrário, o discurso ou o termo alheio pode "se espalhar" na narração. Dessa maneira, o problema não consiste mais em saber se é o conteúdo ou a forma da enunciação que foi conservada, mas em delimitar os vários níveis de polifonia.

Na imensa variedade de realizações de discurso direto, Bakhtin seleciona dois tipos, ou variantes, nos quais se observa um jogo de entoações ou um "contágio recíproco" entre o contexto narrativo e o discurso relatado.

*1. **Discurso direto preparado**:* É uma variante de DD que emerge do indireto. É uma orientação "imposta" pelo autor e a antecipação contamina o texto: *"L'auteur anticipe sur les thèmes de base du futur discours direct dans le récit et les colore de ses intonations propres. De cette façon, les frontières de l'énonciation d'autrui sont très affaiblies"*. (Id., ibid., p.185)

Exemplo:

(33) M.Gorbatchev avait échoué. Il lâcha une brève confidence révélant son amertume: *"Nous restons à la marge de l'économie mondiale, alors que nous cherchons à abandonner le système autarcique imposé depuis soixante-dix ans."*(Figaro)

*2. **Discurso direto esvaziado de sua substância:*** As falas do herói refletem as apreciações do autor: *"Le contexte narratif y est construit de telle façon que la caractérisation objective du héros par l'auteur jette des ombres épaisses sur son discours direct. Les appréciations et la valeur émotionnelle dont est chargée sa représentation objective se transmettent aux paroles du héros"* (Id., ibid., p.185).

Para Bakhtin, no caso do discurso relatado, no momento em que ocorre a apreensão e acomodação do discurso alheio, é o ato de enunciação

que importa, pois é o ponto de junção entre uma língua no momento exato em que se realizam e se estruturam as situações de comunicação.

2.4.3. Discurso indireto livre

Bakhtin recusa toda teorização sobre o "estilo indireto livre" fundada ou na explicação dos gramáticos que tentam configurar uma nova forma linguística, resultante de combinações elaboradas pelo sujeito falante, ou que recorra a fatores ou intenções subjetivas psíquicas. Tanto o "objetivismo individualista" dos vosslerianos (de K. Vossler, linguista alemão, um dos representantes da "filosofia existencial" ou "une vague nouvelle du psychologisme ", criticada por Bakhtin) quanto o "objetivismo abstrato" de Bally são inaceitáveis porque nem um nem outro existe, segundo o linguista, "fora de sua materialização objetiva na língua" (Id. ibid., p.210).

O DIL não é, em nenhuma circunstância, uma forma nova criada a partir de uma "tendência" nova na apreensão do discurso alheio, uma nova orientação particular da interação do discurso citante e citado. Sua especificidade está, para Bakhtin, no fato que "*le héros et l'auteur s'expriment conjointement, que, dans les limites d'une seule et même construction linguistique, on entend résonner les accents de deux voix différentes.*" (Id. ibid., p. 198).

Do ponto de vista histórico, o DIL, no francês antigo, segundo o autor (Id.ibid., p. 207), surgiu da dificuldade em separar, com rigor, as estruturas psicológicas das estruturas gramaticais. Acrescente-se à este problema, o equivoco provocado pelas combinações paratáticas (elipse,

ausência de subordinação) e hipotáticas (representação imaginada e não real, enunciada pelo sujeito; a mentira, por exemplo é um caso extremo), e por fim, por causa de uma pontuação ainda hesitante na época. Por estes motivos, não era possível estabelecer limites rígidos entre discurso direto e indireto; daí a confusão entre autor e herói, pela omissão do verbo operador num plano, entre o subjetivo e o objetivo num outro.

Ao contrário do que se pode pensar, o DIL não é um modo de transmissão passiva da palavra alheia, deve ser considerado na dinâmica da inter-relação discurso narrativo (ou citante) e discurso citado, uma vez que a enunciação citante introduz sua próprias entoações na enunciação citada: é uma combinação de entoações do personagem e de entoações do autor dentro de uma mesma e única construção linguística. O DIL deve ser estudado em estreita ligação com as outras variantes dos discursos indireto e direto.

Como dissemos anteriormente, dentro da perspectiva histórica da comunicação verbal na qual se inscreve a abordagem social de Bakhtin, e também a necessidade de uma teoria da enunciação para recategorizar o DR (notemos que Bakhtin faz do DR quase um exemplo de reequilíbrio do social e do linguístico), a língua deve ser observada, não pelas formas do sistema linguístico, mas na sua interação social, na sua evolução histórica. Se as relações sociais se modificam, as interações verbais refletem as mudanças, provocando tranformações nas formas da língua, o que nos permite dizer que os argumentos de Bakhtin, no que diz respeito ao discurso relatado, não são propriamente linguísticos, já que os fatos de língua seriam mais um resultado da interação social.

3. A enunciação e suas heterogeneidades.

3.1. Um modelo operatório: a teoria enunciativa de Antoine Culioli.

O estudo tem como pano de fundo a elaboração culioliana da significação enquanto estabilização de um conjunto de operações, ao mesmo tempo gerais e variáveis, cuja ativação deixa marcas no texto, tornando observável a plasticidade do sentido.

1. Para apreender o conceito de heterogeneidade, tal como concebe Culioli, e sua contribuição para a análise e desenvolvimento do quadro do DR, é preciso percorrer alguns pontos fundamentais da sua teoria enunciativa, organizada sobre um modelo operatório em que a enunciação é considerada como uma atividade de representação e construção do sentido operada pelo sujeito. Nossa reflexão articula-se em torno dessa atividade operatória do sujeito, particularmente de sua contribuição para o estudo das línguas.

Em primeiro lugar, considerando-se que Culioli recusa a oposição clássica língua/discurso, privilegiando uma problemática da linguagem e da língua, a língua é considerada como o espaço da atividade da linguagem dos sujeitos falantes, isto é, o ponto de encontro entre a língua e o discurso onde se realiza as operações construtoras da significação dos enunciados:

> *"Je dirai que la linguistique a pour objet l'activité de langage appréhendée à travers la diversité des langues naturelles (et à travers la diversité des textes, oraux ou écrits). J'insiste bien sur les deux points: d'un côté, je dis que l'objet de la linguistique est l'activité de langage (elle-même définie comme opérations de représentation, de référenciation et de régulation); d'un autre*

côté, je dis que cette activité nous ne pouvons l'appréhender, afin d'en étudier le fonctionnement, qu'à travers des configurations spécifiques, des agencements dans une langue donnée. L'activité de langage renvoie à une activité de production et de reconnaissance de formes, or, ces formes ne peuvent pas être étudiées indépendamment des textes, et les textes ne peuvent pas être indépendants des langues" (Culioli, 1990, p.14).

Assim, os textos são, ao mesmo tempo, o resultado e o lugar de organização dessas operações enunciativas, parecendo, desse modo, segundo o próprio Culioli, uma "disposição de marcadores" (*un agencement de marqueurs*), isto é, os vestígios deixados por essas operações. A língua não é mais um espaço neutro e homogêneo, mas um espaço permeado pela oposição entre o estável e o instável.

Culioli afirma, mais adiante, que, se podemos aprender várias línguas, passar de uma para outra, por exemplo, é porque há certo número de propriedades comuns que nos permitem adquirir sistemas linguísticos equivalentes. São as operações que permitem destacar os "invariantes", como chama, que se encontram subjacentes à atividade de linguagem. Culioli lembra que essas operações, que em determinadas línguas podem parecer estabelecidas e claras (como no caso da voz passiva em francês), podem tornar-se complexas e dispersas numa multiplicidade de fenômenos específicos e, à primeira vista, irredutíveis. O cerne da questão, para Culioli está em saber como gerir as informações levantadas, como reunir as observações e compará-las, no caso de duas ou mais línguas, como operá-las e a partir de que critérios, para validá-las, uma vez que se trata de fenômenos heterogêneos:

"comment traiter par un discours homogène des phénomènes hétérogènes? On voit que c'est la diversité et l'hétérogénéité des phénomènes, en relation avec l'activité de langage que l'on trouve chez tous les humains (il n'y a pas d'humain qui n'appartienne à une communauté linguistique), qui nous conduit à tenir un discours théorique. Seule, une construction théorique nous permet d'homogénéiser afin de rendre comparable, de raisonner, ou d'articuler des domaines hétérogènes."(Id.ibid., p.16)

Só uma teorização, inserida dentro de um quadro empírico, permitirá proceder a um levantamento das eventuais regularidades e dará meios para reconstruir um sistema de representações explícito e estável.

É o que ele chama de "théorie des observables", que constrói a partir de um certo número de manipulações reguladas, de uma dada sequência textual, com o objetivo de extrair julgamentos de "aceitabilidade estáveis". Eis um exemplo:

- *"l'argent est utile"* (valeur générique): aceito por todos,

- *"De l'argent est utile"* (o determinante *le* é substituído por *de le*): rejeitado

- *"de l'argent, c'est utile"* (acréscimo do determinante *ce*) : aceito

- *"De l'argent, c'est toujours utile"* (acréscimo de *toujours*) : perfeito

- *"De l'argent serait utile"* (transformação do presente em condicional): aceitável, mas muito bom se for acrescido de *bien*,

- *"De l'argent serait bien utile"* (+ *bien*) : muito bom

- *"Un peu d'argent serait bien utile"* (+ *un peu*): perfeito" (Id.ibid. p.17 e 18).

Como se pode observar, as sequências giram em torno da categoria da determinação e da categoria da modalidade. Entre as sequências, algumas serão julgadas "inaceitáveis" e são importantes, pois é a partir desse procedimento ou desse sistema de representação metalinguística não consciente (que conduziu à "inaceitabilidade" de algumas sequências, já que para serem julgadas "inaceitáveis" foram comparadas às sequências aceitáveis) e da disposição em grupos de enunciados que se estabelece o raciocínio que permite construir uma representação generalizável.

Como não se pode tratar das propriedades formais sem uma construção metalinguística , o sistema de representação adequado que suporta a generalização, conclui Culioli, é *"un système de représentation qui porte sur ce système de représentation qu'est une langue"* (Id. ibid., p.21).

A complexidade da construção deste sistema é de três níveis:

1) o nível I é o nível da representação mental (da cognição no sentido amplo do termo), das operações cognitivas de que resulta texto;

> *"Il s'agit donc, à ce niveau, de représentations qui organisent des expériences que nous avons élaborées depuis notre plus jeune enfance, que nous construisons à partir de nos relations au monde, aux objets, à autrui, de notre apparteneance à une culture, de l'interdiscours dans lequel nous baignons. A ce niveau aussi s'effectuent des opérations de mise en relation, d'enchaînement, de construction de propriétés composées"*(Id.ibid. p.21).

2) o nível II é o nível em que:

"nous avons des représentations que j'appellerai linguistiques, et qui sont la trace de l'activité de représentation de niveau I. On a donc des représentants au second degré et des agencements de représentants, mais il n'y a pas relation terme à terme entre les représentations de niveau I et les représentations de niveau II." (Id.ibid., p.22)

É no nível II que intervêm os problemas de sinonimia e de homonímia, de ambiguidade e de paráfrase, de valores diversos , como diz *"tout sauf un jeu fixe entre représentants et représentations"*. É essa "invariância" que assegura a estabilidade da produção-reconhecimento das formas sonoras ou gráficas.

3) O nível III é o nível:

"de la construction explicite de représentations métalinguistiques. Nous savons que nous avons à notre disposition plusieurs procédés, plusieurs pratiques: d'abord, la langue d'usage, la langue U, qui va être utilisée comme métalangue; nous avons aussi une terminologie héritée à laquelle vont s'ajouter des terminologies particulières; des symboles qui renvoient à des catégorisations, elles aussi, héritées: V pour verbe, N pour nom (...); des langages constitués avec un but autre que linguistique: le calcul des prédicats, par exemple (...); la traduction, comme cas particulier de paraphrase." (Id.ibid., p.22)

Mas a metalíngua de representação deve ser uma metalíngua de cálculo, e como diz Culioli *"calculer, c'est opérer en dehors de mes interventions subjectives et de mes courts-circuits intuitifs. Calculer, c'est aussi pouvoir s'engager dans ce passage du local au régional, voire au global"* (Id. ibid., p.23)

Culioli propõe construir um sistema de representação metalinguística como tal, ou seja, a partir de descrições teorizadas de fenômenos linguísticos, pelos procedimentos canônicos de abstração e de formalização. A relação entre os níveis, para validar as hipóteses, deve estabelecer-se por meio de uma relação de adequação (e não de univocidade):

> *"Les représentations de niveau III doivent être dans une relation d'extériorité par rapport au niveau II, mais une extériorité "engagée", de sorte que le formel soit l'empirique formalisée, et que l'empirique, au fur et à mesure des généralisations, vienne mettre en question le formel."* (Id. ibid., p.23).

2. As operações. Para produzir texto, os sujeitos operam sobre elementos da língua. Na concepção culioliana há dois tipos de operações: as operações predicativas e as operações enunciativas que estão em estreita ligação. O texto é o resultado, os vestígios destas operações. Segundo C.Fuchs (Id. ibid., p. 47),

> *"Les opérations prédicatives sont celles grâce auxquelles s'organise la relation prédicative; ce sont des règles de dérivation, responsables de la bonne formation des phrases", qui construisent*

le "sens", et sont stables du point de vue intersubjectif. Les opérations énonciatives quant à elles sont celles qui ancrent la relation prédicatives par rapport à la situation d'énonciation; elles sont responsables de la "constitution des énoncés", construisent la "signification" (par l'assignation de "valeurs référentielles"), et sont instables du point de vue intersubjectif, du fait qu'elles mettent en jeu des "modulations" variables selon les énonciateurs: "si le second énonciateur (= le récepteur) possède les mêmes règles de dérivation, il ne possède pas nécessairement les mêmes règles de modulation"(A.C., 1973, p.87)."

Estas operações são constitutivas do enunciado: um enunciado não existe sem enunciadores, e são os enunciadores que constroem os valores referenciais do enunciado. É pela composição de operações que o sujeito enunciador constrói um texto que é o conjunto de marcadores que lhe asseguram um sentido. Assim, para Culioli, a atividade de linguagem funciona em três etapas.

3. A co-enunciação. Na concepção enunciativa de Culioli, como o sujeito enunciador tem uma atividade operatória, o ato de comunicação poderia ser representado da seguinte forma:

$\mathcal{S}$ <----------> $\mathcal{S}'$

enunciador co-enunciador

em oposição à representação tradicional

locutor ----------> receptor

ou ou

destinador <---------- destinatário

O receptor ou destinatário passa a ser chamado de co-enunciador, ou S', porque o texto é percebido como resultado de um trabalho conjunto do enunciador e do co-enunciador, de dois sujeitos em relação intersubjetiva, sendo que o enunciador produz seu texto colocando o outro na função de interpretante do seu texto e vice-versa. Nessa perspectiva, o enunciador zero produz um texto, em outros termos, um percurso de operações que deixa marcas no texto. É a partir dessas marcas que o co-enunciador vai fazer o percurso em sentido inverso ao percurso do enunciador, para construir um sentido. O texto é, na verdade, um conjunto de instruções sobre o qual dois sujeitos operam simultâneamente sobre a linguagem.

Para Culioli, a atividade de linguagem não consiste em veicular um sentido, mas em produzir e em reconhecer formas enquanto marcas de operações. A significação é re-construida. A relação entre produção e reconhecimento supõe a capacidade de ajustamento entre os sujeitos, justamente porque há um jogo inter-sujeitos. O enunciador está, como Culioli mesmo afirma

> *"dans une relation d'altérité au co-énonciateur telle que l'on puisse avoir coalescence ou séparation. Au contraire, le locuteur et l'interlocuteur sont toujours séparés et l'on ne doit pas confondre le champ intersujets (où* sujet *renvoie à* énonciateur*) avec la mécanique interlocutoire"* (Id. ibid., p.130. Grifo do autor*)*.

A co-enunciação, como bem resumiu C. Fuchs (Id. ibid., p.48), "é um conjunto de relações complexas que os dois interlocutores tecem por

meio da linguagem. A referenciação não é nem neutra nem objetiva, é um processo, mediado pelos sujeitos, de construção e de reconstrução da significação; ela é indissociável dos dois protagonistas da comunicação verbal bem como das representações, imagens e objetivos de um pelo outro".

Observa-se nos fundamentos da teoria enunciativa proposta por Culioli e também na redefinição do objeto de estudo do linguista , que o sujeito aí está "fundamentalmente inscrito", como afirma C. Fuchs (1984, p.47) no seu artigo sobre o sujeito

na teoria de Culioli. Mas este insiste no fato de que a reconstrução não é simétrica, há uma espécie de desnivelamento justamente porque a atividade de linguagem não se faz sem uma margem de variação (há um ajustamento dos sujeitos). Por esta razão Culioli descarta uma reconstrução simétrica. No caso do discurso relatado, o locutor e o interlocutor são separados enquanto enunciador e co-enunciador não são separados mas podem ser separáveis.

3.2. Jacqueline Authier e as não-coincidências do dizer

Paralelamente ao modelo operatório de Culioli, o trabalho remete essencialmente aos desenvolvimentos atuais do quadro descritivo da heterogeneidade enquanto dialética "do mesmo e do outro" promovido por J. Authier.

Percebe-se no percurso de Authier, ao longo de quase duas décadas, um desdobramento no seu objeto de estudo: partindo da constatação da existência de discursos relatados e da insuficiência da linguística para explicá-los enquanto fenômenos meta-enunciativos, tendo

em vista o questionamento do estatuto do sujeito da enunciação, não mais um, mas plural, o trabalho ganha amplitude com a descrição das formas da heterogeneidade discursiva até chegar, finalmente, ao conceito de não-coincidências do dizer, deixando evidente um deslocamento progressivo da problemática e dos planos de organização teórica.

3.2.1. *"Les formes du discours rapporté"* (1978,p.1 a 87) é a finalização de um conjunto de estudos em torno do discurso relatado, no qual Authier analisa, por um lado, alguns modelos descritivos e aponta as deficiências e insuficiências desses tratamentos, e por outro lado, circunscreve suas formas a partir do funcionamento sintático e semântico, ressaltando a complexidade da operação de integração de um outro discurso uma vez que suas considerações situam o discurso relatado, enquanto modo de representação dos atos de enunciação, como uma "forma de análise linguística realizada pela língua".

Authier distingue, quanto ao ato de comunicação mencionado pelo verbo de dizer, duas formas linguísticas: o discurso direto e o discurso indireto, que não são variantes morfo-sintáticas, tampouco formas que opõem tratamentos diferentes da fala relatada, mas modos de relato profundamente distintos. Assim, o fragmento mencionado entre aspas, ou seja, em discurso direto, é a manifestação de uma *operação de citação* que configura o estatuto autonímico do discurso direto, e diz respeito, portanto, à forma. O fragmento introduzido pela subordinação (em geral pela conjunção *que*) assinala que se trata de uma *operação de paráfrase* ou *de tradução,* na qual não há repetição de palavras, como no discurso direto, mas uma reutilização.

Tratando-se de um ato de enunciação e não de um enunciado, Authier rejeita a relação com a "fidelidade", com a "neutralidade" ou com a

"objetividade" em discurso direto e estabelece campos distintos entre operação de paráfrase ou de tradução em discurso indireto afirmando que a relação com a paráfrase é de sentido que o locutor da nova enunciação atribui ao ato de fala e não de significado da frase pronunciada.

É importante observar que nesse artigo encontram-se as primeiras elaborações em torno da problemática da heterogeneidade explícita desenvolvida posteriormente por Authier. Por exemplo, o levantamento de outras formas de manifestações das palavras dos outros, enquanto atividade metalingüística, principalmente o caráter não unívoco dessas marcas e seu estatuto autonímico, os conceitos de "uso" e "menção" de palavras alheias.

Authier se inspira nas elaborações de J. Rey-Debove (1978) sobre a metalinguagem, sobretudo o conceito de "signo autônimo" (ou autonímico), para desenvolver suas próprias elaborações acerca das palavras em autonímia ou em conotação autonímica no discurso relatado.

A autonímia diz respeito à capacidade de um signo de autodesignar-se, como por exemplo *"Diplomata é uma palavra"* ou *"Diplomata rima com batata"* (todos os exemplos são de Rey-Debove). É um dos aspectos da metalinguagem, pois permite citar formas linguísticas possibilitando sua descrição. Para J. Rey-Debove, a autonímia é vista como a explicitação de uma dicotomia não-reflexivo/reflexivo. Na categoria da reflexividade, estão: 1) a citação entre aspas (em autonímia) do DD e os exemplos acima; e 2) as sequências que dizem respeito à conotação autonímica, como por exemplo *"C'est un marginal, comme disent aujourd'hui"*. J. Authier partiu da observação da categoria de conotação autonímica para estudar as inserções textuais em DI, do tipo *comme disent aujourd'hui*, e os modos de DIL.

No final do artigo mencionado, dedicado ao estatuto do DIL (p.76 a 87), vê-se que, para Authier ele é percebido "não como uma terceira forma gramatical do discurso relatado, mas como uma configuração discursiva particular" (p.80), cujo estatuto linguístico permanece inteiro. O discurso indireto livre é um modo complexo de reprodução: não se trata de uma forma intermediária entre o discurso direto e o indireto, uma vez que o discurso indireto livre não tem um lugar assentado no discurso relatado, não tem tampouco marcas definidas, é um discurso "com palavras de outro". Para resumir a questão do DIL, e a título de conclusão, Authier afirma:

> *"Le DIL (discours indirect libre) est une parole qui est "reconnue" comme parole rapportée: les mécanismes discursifs qui sont à l'oeuvre dans cette reconnaissance interdisent tout autant de ranger le DIL avec le DD et le DI dans les formes grammaticales du DR (discours rapporté), que de le rejeter dans le non-linguistique"*. (p.85. Os grifos são da autora)

3.2.2. Mas parece precisamente que é ao não linguístico que Authier recorre, já que ela coloca os estudos de M. Bakhtin e de Lacan no domínio do não-linguístico (1982, p.100), na etapa seguinte de seus estudos, para melhor delimitar a questão, depois de afirmar que a linguística sozinha não é capaz de responder de maneira satisfatória a todas as questões que a problemática do outro coloca em sua relação com o sujeito falante, questionando até mesmo a própria concepção do sujeito.

Os dois pontos de vista externos são, por um lado, o dialogismo de Bakhtin e a palavra social "carregada", "habitada", "ocupada" por outros discursos, que constitui o próprio discurso numa relação de dialogização

interna e de sua tessitura (Authier remete à problemática do discurso como produto do interdiscurso e à noção de pré-construído como marca localizável do interdiscurso no intradiscurso desenvolvido por Pêcheux), e por outro, a psicanálise, a partir da releitura de Freud por Lacan acerca do sujeito e sua relação com a linguagem, dando assim, por extensão, lugar para o inconsciente na linguagem.

Para dar conta da dialética do "mesmo e do outro" no discurso, Authier estabelece uma distinção conceptual entre "hétérogénéité montrée" e "hétérogénéité constitutive". A heterogeneidade mostrada ou explícita é um conjunto de formas constituído de marcas, linguísticamente apreensíveis no nível da frase ou do discurso, da inscrição do outro na linearidade do discurso. J. Authier propõe investigar, por meio dessa distinção, o próprio estatuto das noções enunciativas, como diz "*assez problématique en dépit ou en raison de leur caractère* "naturel", "intuitivement parlant" (1993, p.98).

Estas formas de heterogeneidade mostrada são concebidas como uma manifestação, na cadeia discursiva, de diversos tipos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso. O mecanismo que opera esta relação, segundo Authier, aproxima-se do mecanismo da "dénégation"[10], no sentido que a heterogeneização do discurso se realiza apesar da recusa do sujeito, legitimando-a dessa forma:

---

[10]. A (de)negação (grafia proposta para o português na tradução do *Vocabulaire de la psychanalyse*, de Laplanche e Pontalis, 1967) é segundo os autores "*o processo pelo qual o indivíduo, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos, até ai recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença*", p.373.

"Par une sorte de compromis précaire qui fait une place à l'hétérogène et donc le reconnaît, mais pour mieux dénier son omniprésence, elles (les formes marquées) en manifestent la réalité, aux lieux mêmes où elles travaillent à le recouvrir" (1984, p.107).

Para conceptualizar a heterogeneidade constitutiva (ou inata) do sujeito e de seu discurso, enquanto sentido em construção em cada ato de enunciação, e a sua relação com a heterogeneidade explicita, Authier convoca o dialogismo de Bakhtin e a leitura lacaniana da abordagem do sujeito, elaborada por Freud, na medida em que ambos, nos seus respectivos campos, questionam o sujeito "maître de son dire": para a psicanálise todo discurso é polissêmico e no dialogismo a interdiscursividade e a interlocução inscrevem internamente, no seu discurso, a presença de discursos alheios.

Se a heterogeneidade constitutiva remete a processos de constituição de um discurso, a heterogeneidade explícita diz respeito aos processos de representação de constituição de um discurso num discurso.

3.2.3. Das heterogeneidades às *Não-coincidências do dizer e sua representação metaenunciativa*, título de sua tese, Authier percorreu um longo trajeto desde suas primeiras elaborações em torno do discurso relatado até o que chama de não-coincidência do dizer. Apresentamos aqui, de maneira concisa, os pontos principais dessa nova conceptualização, a partir de sua tese sobre "as não-coincidências do dizer" e também do artigo *Hétérogénéités et ruptures* (1991, p.139 a 151) que retoma e condensa a problemática desenvolvida nos últimos anos.

A não-coincidência do dizer é um conceito próximo da heterogeneidade como marcas de interrupção no "fio do discurso" e na estrutura da enunciação. Trata-se de uma terceira dimensão da heterogeneidade, vista como ruptura no fio enunciativo e que Authier situa em dois planos: primeiro, como "fatos de heterogeneidade", portanto que podem ser isolados na cadeia enunciativa e, segundo, no plano da heterogeneidade teórica, não observável na cadeia e fora do campo linguístico(do domínio do imaginário, de uma teoria do sujeito).

Com relação à distinção conceptual entre heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, Authier coloca a "ruptura do fio" como uma dimensão superior à heterogeneidade mostrada: a heterogeneidade constitutiva diz respeito a um "heterogêneo constitutivo" da enunciação, presente, em realização permanente mas não observável; a ruptura diz respeito ao "heterogêneo manifesto" no fio e que produz rupturas observáveis ou do tipo *"brute, simplement manifeste"* ou *"sous les espèces de sa représentation par le sujet parlant lui-même, hétérogène montré"* (1991, p.143. Grifos da autora).

No entanto, essa ruptura produzida pelo jogo de duas construções mantém um tipo de ligação regular "entre o elemento X da frase de base e o elemento meta-enunciativo que o designa na glosa metaenunciativa" (p.145), que é assegurada ou por uma "relação de "pseudo-anáfora", na realidade deíctica" (relação de referência e não de co-referência), ou por superposição de construção. Configura-se assim, no plano formal, uma forma particular *"d'une rupture liée"* que distingue as formas do heterogêneo mostrado.

Não se trata aqui de enumerar todos os tipos de não-coincidências descritos e sua função na enunciação ou de aprofundar nas implicações

conceptuais exaustivamente esmiuçados por J. Authier em sua tese, mas de mostrar a passagem do conceito do "um" para o do "não-um" da enunciação, pelas representações reflexivas (a propriedade de se referir a um segmento dado na cadeia), ou pelos desdobramentos metaenunciativos (desdobramento, no quadro de um ato único de enunciação do dizer, de um elemento por comentário simultâneo deste dizer) da modalidade autonímica:

> *"Ainsi des positions énonciatives de sujet, de discours, de genre, apparaissent à travers les images (grifo da autora) de non-coïncidence qu'ils produisent réflexivement, témoins de leur mode spécifique de négociation avec le fait de la non-coïncidence énonciative."* (1991, p.151).

O que quisemos evidenciar com esta reconstrução crítica do percurso de J. Authier, que vai do discurso relatado como ponto de heterogeneidade no discurso e que resultou na oposição conceptual "heterogeneidade mostrada" e "heterogeneidade constitutiva", até um novo desdobramento do conceito, "rupturas e heterogeneidade mostrada, heterogeneidade constitutiva", é que um outro debate surge na esteira do heterogêneo: não se pode esquecer que toda a problemática da heterogeneidade concerne ao sujeito em construção no interior do seu próprio discurso, permeado pela questão de como o sentido se constrói, se rompe, escapa.

Fica claro também que esta reconstrução do percurso de J. Authier é a transição de uma tentativa de representação global das alteridades do sujeito para uma representação local das alterações da enunciação: parece, assim, que esta restrição linguística do conceito de heterogeneidade é que

condiciona o avanço da descrição, isto é, a possibilidade de remeter as irregularidades, cuja classificação constitui o objeto mesmo do estudo, a uma ordem de regularidades.

O que se percebe na substituição do conceito de heterogeneidade pelo conceito de não-coincidência do dizer é a procura de uma coerência e de um refinamento maior das descrições, mas à custa de uma restrição da extensão do próprio domínio conceitual da heterogeneidade, evitando desse modo a pulverização do sujeito em uma infinidade de vozes isoladas que lhe retiraria toda pertinência em discurso. De fato, basta olhar o título do artigo fundador de Authier (1978), a noção de heterogeneidade remete à noção de alteridade em geral, sem que essa alteridade seja relacionada com a própria materialidade da língua.

3.2.4. Discurso relatado e heterogeneidade enunciativa.

Considerando as novas orientações no campo da enunciação, e segundo o verbete *"Enonciation"* da *Grammaire d'aujourd'hui* (M. Arrivé et alii, 1986, p.257), é possível dizer que todo discurso pode ser compreendido como heterogêneo: ele é permeado pelo já-dito, por menções a enunciados anteriores, lingüisticamente localizáveis no discurso, de forma explícita ou alusiva. A partir da recategorização elaborada por Authier, são formas explícitas, isto é, a presença do outro é evidenciada por uma marca unívoca, os DRs, as diversas formas de distanciamento, como as aspas, o itálico, certos usos do condicional, o pronome *"on"*, as formas de modalização do discurso num segundo discurso (*selon X, X comme disent les spécialistes, pour X*), os comentários do dizer como as marcas de hesitação (*X, je ne sais pas si le mot est juste*), de reserva (*certains*

appelent ça X), de reformulação (*c'est-à-dire, je veux dire X*). São consideradas formas implícitas ou não-marcadas, pois o outro deve ser reconhecido sem marca unívoca, o DIL, a ironia, o pastiche, a imitação, a alusão, a reminiscência, os jogos de palavras que implicam duplo sentido, enfim formas que são mais sugeridas do que manifestas. É o espaço do *"semi- dévoilé"*, do *"jeu avec l'autre"*.

A partir da categorização definida por J. Authier, estabelecemos o seguinte quadro das heterogeneidades explícitas:

1. Formas explícitas: o outro é reconhecido por uma marca unívoca

1.1. A autonomia simples

Características:

- a heterogeneidade é acompanhada de uma ruptura sintática;

- o fragmento mencionado é mostrado como objeto.

Exemplo: "Villa" s'emploie plutôt pour les résidences d'agrément.

1.2. A conotação autonímica

Características:

- o fragmento é mencionado e utilizado ("usage et mention");

- o fragmento é integrado ao enunciado sem ruptura sintática.

Exemplo: o DD, o DI, os modos de modalização do outro ("selon X", "pour X", "comme disent X", "au sens de X" etc.)

2. Formas implícitas: o outro deve ser reconhecido sem marca unívoca

Características:

- É o espaço do não-explícito, do sugerido, do "jeu avec l'autre".

Exemplo: o DIL, a ironia, a alusão, o pastiche e outros.

Para estruturar o campo do DR, considerando o quadro geral das heterogeneidades, explícitas e constitutiva e também a categorização das não-coincidências, são três as oposições fundamentais:

1. DR no sentido estrito (a) X modalização em discurso outro (b)

Ex. (a) Marie dit que Jean a fait une longue promenade.

(b) Jean a, *selon Marie*, fait une longue promenade.

2. signo standard (a) X signo autonímico (b).

(a) La villa est en mauvais état.

(b) *"Villa"* s'emploie plutôt pour les résidences d'agrément.

3. explícito (a) X interpretativo (b)

(a) DD e DI

(b) DDL: J'ai vu Marie tout à l'heure. *J'en ai assez, je vais démissionner.*

(c) DIL: J'ai vu Marie tout à l'heure. *Elle en a assez, elle va démissionner.* A interpretação do DDL e do DIL é ambígua, depende do contexto (discursivo, situacional).

O quadro do DR é mais amplo e mais complexo do que se costuma representar. As noções de fidelidade (é a reprodução *exata* do discurso alheio), de neutralidade, de objetividade e também de perfeita integração sintática que sempre estiveram associadas ao DR, devem ser ajustadas e circunscritas a situações de enunciação bem precisas (tradução imediata, repetição, por exemplo). É possível reproduzir qualquer coisa, uma vez que a seleção do que é reproduzido, seja uma palavra, uma parte ou um enunciado completo, é feita pelo enunciador que pode acrescentar, resumir, interpretar, cortar, mutilar, ironizar os fragmentos mencionados, configurando que se trata bem de uma outra enunciação.

4. Dialogismo, polifonia, intertextualidade, interdiscurso

Depois de efetuar o percurso teórico, no qual tentamos ver como a atividade dos sujeitos em sua relação com o outro, tendo em vista o caso específico dos discursos relatados, é percebida na perspectiva enunciativa, surgiu-nos como uma necessidade conceitual tentar contribuir para o ajustamento das noções relativas à alteridade.

Dialogismo, polifonia, intertextualidade, interdiscurso, heterogeneidade... são tantas as facetas da pluralidade de vozes e tão diversas as abordagens do fenômeno, a linguística, a literatura, a filosofia, a psicanálise, para citar alguns exemplos de quadros teóricos específicos, que as indagações se impõem quase como um imperativo na tentativa de circunscrever as noções. No caso específico da linguística, particularmente no dos discursos relatados, trata-se de conceitos que estão em estreita ligação (são indissociáveis) ou, ao contrário, que se assemelham pela diferença?

Em primeiro lugar, tendo como ponto de partida o conceito de polifonia e de dialogismo conceptualizado por Bakhtin, e também as construções teóricas de M. Pêcheux e Culioli, propomos percorrer as aberturas e incidências que concorreram para a ampliação do campo.

O conceito de polifonia, tal qual foi elaborado por Bakhtin em *La Poétique de Dostoïevski* (tradução francesa, 1970), a partir de um estudo das vozes nos romances de Dostoiévski, refere-se, em oposição a visão monológica da concepção de mundo, modelo do romance europeu vigente na época, a uma nova "forma artística", à "criação de um pensamento artístico", o romance polifônico, inaugurado pelo romancista russo. A

polifonia é concebida, segundo Bakhtin, como a manifestação de várias vozes que se combinam artisticamente num determinado texto:

> "*on a l'impression d'avoir à faire, non pas à un* seul *auteur-artiste qui aurait écrit des romans et des nouvelles, mais à* toute une série *de philosophes, à plusieurs auteurs-penseurs*" (Id.ibid.,p.31. grifo do tradutor)

Por "vários autores e pensadores" Bakhtin quer significar que se trata de vozes autônomas ou de "consciências distintas", como diz, em processo de interação ao longo da construção do romance. O herói dostoievskiano é percebido como uma voz autônoma, não constituída pela voz do autor (não é seu porta-voz), com existência própria e simultânea à voz do autor. Estas vozes dialogam entre si ao estruturar-se o romance. Para Bakhtin, é na interação dos vários discursos que reside o novo modelo ou forma artística criado por Dostoiévski e não na inter-relação das idéias, dos pensamentos e das teses de "uma consciência".

Ao interpretar o herói como o sujeito de uma concepção filosófica própria e plena, que se estrutura ao mesmo tempo que se estrutura o discurso do autor, ou seja, o discurso do herói é, ao mesmo tempo, objeto do discurso do autor e seu próprio objeto, Bakhtin inscreve a polifonia no plano metalingüístico:

> "*Les héros principaux de Dostoievski sont, en effet, dans la conception même de l'artiste,* non seulement objets de discours de l'auteur, mais sujets de leur propre discours immédiatement signifiant *(...) La conscience du héros est présentée comme une*

conscience autre, étrangère, mais en même temps elle n'est pas réifiée, ni fermée sur elle-même, elle ne devient pas simple objet de la conscience de l'auteur". (Id.ibid.,p.33. Grifos do tradutor.)

Do ponto de vista da linguística, a polifonia, enquanto pluralização dos sujeitos, remete ao questionamento do sujeito "maître de son dire et de son savoir", princípio sobre o qual, também se inscreve a visão monológica do romance, criticada por Bakhtin. Do ponto de vista da metalingüística ou da *translingüistique*, como diz, deixando transparecer uma dificuldade conceptual, a polifonia diz respeito à reflexividade da enunciação, ao sujeito dividido que se reflete no seu próprio discurso, uma vez que a palavra *"est dialogique par nature".* (p.240).

Mas a polifonia não se refere unicamente à pluralização do sujeito no enunciado, a *palavra isolada* também é polifônica. A este respeito, o próprio termo *palavra*, utilizado por Bakhtin para explicar o conceito, pode ser considerado polissêmico, deixando evidente a necessidade, a cada vez, de uma acomodação do sentido ao contexto.

Assim, *palavra* ora significa **enunciação ou discurso:**

"il est impossible de les dissocier (les rapports dialogiques) du mot, c'est-à-dire de la langue en tant que phénomène concret et total. La langue ne vit que dans l'échange dialogique entre ses usagers. Le commerce dialogique est justement la sphère véritable dans laquelle évolue une langue." (Id. ibid. p.240. Grifo do tradutor. Na tradução brasileira, *mot* e *langue* foram traduzidos por *discurso, língua e linguagem*),

ora **enunciado**

"Les rapports logiques et sémantiques, pour devenir dialogiques, doivent s'incarner, autrement dit entrer dans une autre sphère d'existence: se transformer en mot (en énoncé) et recevoir un auteur, c'est-à-dire qu'un sujet de l'énoncé y exprime sa position." (Id. ibid., p.241. Grifo do tradutor.),

ora uma **palavra isolada**:

"Les rapports dialogiques ne sont pas seulement possibles entre énoncés complets *(relativement), mais peuvent s'établir à l'egard de* toute partie signifiante de l'énoncé, *même à* l'égard d'un mot isolé, *si celui-ci est perçu non en tant que mot impersonnel de la langue, mais en tant que signe de la position interprétative d'autrui, en tant que spécimen de son énoncé, c'est-à-dire si l'on y entend une voix autre."(Id.ibid, p. 242. Grifo nosso)*

Na passagem acima, Bakhtin reafirma o sentido amplo do termo, deve ser compreendido como *enunciação/discurso*, *enunciado completo* ou *um fragmento*, ou *uma palavra isolada*, deixando claro que toda unidade significante é constituída do outro e com relação ao outro para que, entre eles, se estabeleça uma relação dialógica.

Segundo, J. Kristeva em "*Une poétique ruinée* " (texto de apresentação da tradução francesa da obra de M. Bakhtin *La poétique de Dostoïevski*, 1970), o termo russo utilizado por Bakhtin é *"slovo"*, cujo primeiro sentido, usual, é *"palavra"*, podendo significar, com uma leve

conotação arcaica ou metafórica, *"discurso"*. Essa dificuldade em adequar o termo ao objeto descrito proveio do fato de que, ainda segundo Kristeva, faltavam, na época dos escritos de Bakhtin, conceitos teóricos no campo da linguistica, mais especificamente uma elaboração em torno do sujeito, que contribuissem para definir melhor sua perspectiva:

> *" Or, c'est justement un concept linguistique manquant à l'époque que ce terme vient pressentir, prévoir et déjà poser: le concept d'un langage porté par un sujet et/ou d'un sujet se faisant dans le langage. Les concepts de* discours, énoncé/énonciation, *etc. se dégagent aujourd'hui, en linguistique moderne, pour essayer d'atteindre ce champ et pour remplir, sous la poussée psychanalytique, ce vide que la science (lexicologie, sémantique, stylistique, poétique) de l'époque offrait à Bakhtine."*(Id., ibid., p.12. Grifo da autora).

Independentemente da questão semântica, o que é fundamental na concepção de Bakhtin é que a *"palavra/discurso"* (expressão utilizada por Kristeva) é constituida de duas faces, a do *um* e a do *outro*, isto é, num mesmo espaço, dois sujeitos se confrontam dialogicamente, configurando a palavra *"à deux voix (bivocal) qui naît immanquablement lors de l'échange dialogique, c'est-à-dire dans les conditions de la vie authentique du mot"* (Id.,ibid.,p.242). A este espaço, Kristeva chamou de *"intertextuel"*:

> *"Le* dialogisme *voit dans tout mot un mot sur le mot, adressé au mot: et c'est à condition d'appartenir à cette polyphonie - à cet espace "intertextuel"- que le mot est un mot plein (...) Le*

mot/discours se disperse "en mille facettes" dans une multiplicité de contextes - dans le contexte des discours, dans l'intertextualité où se pluralise et se pulvérise le sujet parlant mais aussi le sujet écoutant, donc nous."(Id.,ibid., p. 13 e 14. Grifo da autora.)

O espaço polifônico da palavra, onde os sujeitos se manifestam e constroem uma relação dialógica, torna-se para Kristeva, o espaço intertextual. No entanto, para construir a capacidade da palavra ou do discurso de se auto-referir, o procedimento de Bakhtin, pondera Kristeva, revela uma incoerência (p.13 e 14): ao mesmo tempo que ele tenta construir o dialogismo como um conceito formal, é à psicologia, ou ao "psicologismo", que ele tanto criticou, que recorre para postular um sujeito, um "eu", em construção no discurso, um sujeito dividido, pois é constituído de seu "outro" antes de se tornar ele próprio o outro, múltiplo, polifônico.

Assim, atribui-se o termo *intertextualidade* a Kristeva (J. Peytard, 1995, p.113), que elaborou, a partir do princípio dialógico, mais precisamente do sujeito dividido, sua própria concepção de intertexto, inspirada na teoria do sujeito, na leitura lacaniana de Freud, enriquecendo e ampliando, deste modo, o campo do dialogismo. Para ela, a noção de intertextualidade é mais operatória do que a de intersubjetividade nos textos poéticos onde a multiplicação de vozes é menos observável:

"(T)out texte se construit comme mosaïque de citations, tout texte est absorption et transformation d'un autre texte. À la place de la notion d'intersubjectivité s'installe celle d'intertextualité, et le langage poétique se lit, au moins, comme double" (Kristeva,

Recherches pour une sémanalyse, 1978, p.85. Texto selecionado por L. Somville, 1987, p.115)

Todorov (1981) prefere chamar de *intertextualidade*, em razão de seu sentido mais abrangente, a relação de cada enunciado com outros enunciados (é a própria noção de dialogismo para Bakhtin) e reservar *dialógico* para o que chama de "alguns casos particulares de intertextualidade", como as réplicas entre dois interlocutores, ou a concepção elaborada por Bakhtin da personalidade humana (1981, p.95).

Num outro plano se inscreve o conceito de *interdiscurso*, desenvolvido por M. Pêcheux e base de sua construção teórica, que tem por fundamento a noção de *"préconstruit"*, também evocado por Culioli em relação com sua teoria da *"lexis"*. É a noção de *"préconstruit"*(pressuposição, para Ducrot) em torno do *"déjà dit"* do discurso, que constitui o apoio linguístico do *interdiscurso*. D. Maldidier, no seu texto de introdução aos textos de Pêcheux, *"(Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui"* (1990), coloca a questão da seguinte maneira:

> *"Toute la réflexion menée avec Paul Henry sur le préconstruit montrait les traces dans les discours d'éléments discursifs antérieurs dont on a oublié l'énonciateur. Elle préparait l'idée que le discours se constitue à partir de discursif déjà là, le concept d'interdiscours dont <<l'objectivité matérielle [...] réside dans le fait que "ça parle" toujours "avant, ailleurs et indépendament>>". Mais l'interdiscours n'est ni la désignation banale des discours qui ont existé avant ni l'idée de quelque chose de commun à tous les discours (...) En d'autres termes, l'interdiscours désigne l'espace discursif et idéologique dans*

lequel se déploient les formations discursives en fonction de rapports de domination, subordination, contradiction."(Id., ibid., p.43).

Remetendo ao texto de M. Pêcheux, *"Les vérités de la palice"* (1990, p.177-244), D.Maldidier diz que, do ponto de vista do sujeito, o estabelecimento da noção de interdiscurso é decisiva:

> *"Le mécanisme décrit par Michel Pêcheux est celui qui régit l'évidence du sens pour le sujet du discours. <<Le propre de toute formation discursive est de dissimuler, dans la transparence du sens qui s'y forme, l'objectivité matérielle contradictoire de l'interdiscours>> (texte IV, p.227). L'interdiscours, dans son intrication avec le complexe des formations idéologiques, <<fournit "à chaque sujet" sa "réalité", en tant que système d'évidences et de significations perçues-acceptées-subies>> (texte IV, p.227). (...) <<L'interpellation de l'individu en sujet de son discours s'effectue par l'identification (du sujet) à la formation discursive qui le domine (c'est-à-dire dans laquelle il est constitué comme sujet): cette identification, fondatrice de l'unité (imaginaire) du sujet, repose sur le fait que les éléments de l'interdiscours (sous leur double forme, décrite plus haut en tant que "préconstruit" et "processus de soutien") qui constituent, dans le discours du sujet, les traces de ce qui le détermine, sont réinscrits dans le discours du sujet lui-même>>.* (texte IV, p.228)." (Id.,ibid., p.44 e 45).

Outro conceito fundamental, citado por D. Maldidier, o de "intradiscours", introduzido depois dos outros, é definido por M. Pêcheux (texte IV, p.230) como

> *<<le fonctionnement du discours par rapport à lui-même (ce que je dis maintenant, par rapport à ce que j'ai dit avant et à ce que je dirai après, donc l'ensemble des phénomènes de "co-référence" qui assurent ce qu'on peut appeler le "fil du discours", en tant que discours d'un sujet>>*. (Id., ibid., p.45).

Reconhecemos nas elaborações de M.Pêcheux e de Bakhtin, os pontos de vista "externos" à lingüística invocados por J. Authier no seu trabalho sobre a "heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva" do discurso, e também sobre as "não-coincidências do dizer".

Polifonia, dialogismo, intertextualidade, interdiscurso, não seria possivel articular os conceitos evocados sem cair na tentação de "didatizar", construindo uma articulação simples, do tipo generalizante. A primeira constatação é que as noções partem de um ponto em comum que é a dialética do "mesmo e do outro", isto é, da pluralização do sujeito no discurso. Outro princípio compartilhado é o "déjà dit" discursivo, configurando um quadro que podemos descrever como dialógico, e por último, a questão do sentido atravessa a questão: como ele se constrói, se rompe, escapa a partir da multiplicação das vozes.

É no tratamento da questão que as perspectivas divergem: assim, "espaço dialógico", "espaço intertextual", "espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas" são as expressões utilizadas na tentativa de circunscrever a atividade dos sujeitos na linguagem.

Semiótica, análise de discurso, conceitos psicanalíticos, linguística da enunciação... É justamente em razão da diversidade das abordagens e da impossibilidade da linguística sozinha de tentar responder às inúmeras indagações em torno do sujeito, que o campo se amplia produzindo um enriquecimento teórico.

É a partir deste entrelaçamento de perspectivas, interno e externo à linguística que se pode pensar a questão da alteridade do sujeito, do quem fala, e da produção do sentido.

A questão do sujeito e sua relação com o outro, como se pode verificar, não é simples, particularmente no caso dos DRs. Como conciliar perspectivas tão diversas num fenômeno linguístico em que o enunciador e o locutor não coincidem, isto é, são instâncias separadas?

No plano formal, como consideramos o DR é uma atividade metaenunciativa, estabelece-se entre o sujeito da enunciação relatante e o sujeito da relação relatada, uma relação de natureza dialógica: o discurso de um se apropria do discurso do outro ao mesmo tempo que é apropriado, revelando a reflexividade do discurso. Em outros termos, o dialogismo constrói a co-presença, no sentido culioliano. Na cadeia enunciativa, outras formas explícitas da presença de um outro sujeito também são percebidas como formas de negociação entre o sujeito falante e a enunciação, constitutivamente polifônica, para construir um sentido.

PARTE II

DISCURSO RELATADO E MEDIAÇÕES TEXTUAIS

1. Outros discursos relatados: análise das variações dos modos de DR.

O que se percebe na ampliação do quadro dos modos de representação do outro, no DR, é a existência não de *um discurso relatado*, isto é, de uma forma com três dimensões, mas de *discursos relatados*, constitutivamente heterogêneos, em razão da diversidade dessas formas de manifestação e representação do outro e da própria pluralização do sujeito no discurso.

1.1. Os modos de relato jornalístico: um modelo híbrido

Os modos de relato característicos do discurso da imprensa constituem uma modalidade diferente de DR que escapa um pouco das convenções estabelecidas pela tipologia clássica. Do ponto de vista formal e discursivo, o discurso relatado jornalístico (DRJ) utiliza as formas tradicionais - DD, DI e DIL - para reproduzir um outro discurso. O que se observa, no entanto, são variações nos modos de inserção do discurso alheio, particularmente no caso do discurso indireto jornalístico (DIJ), no qual pode ocorrer uma fusão de DI com DD do tipo "X disse que "P".

Essa combinação de duas formas sintáticas, [X dit que "p"], característico do DI e a citação entre aspas, próprio do DD, é chamada habitualmente de *forma híbrida*. Para J.Authier (1992), nos casos de uso de uma palavra no modo autonímico do tipo *"Il a dit que "la maison est blanche"*, essa variação não constitui uma *nova* forma, *específica* do DR, considerando que *estruturalmente* não ocorrem alterações, há um uso conjunto de duas formas: a do DI e a outra, da modalidade autonímica. O problema se coloca nas variantes, como a do exemplo abaixo, muito comum

no discurso da imprensa, quando a transposição dos dêiticos não se realiza (ou pode realizar-se parcialmente):

> (58) Ao deixar ontem o hospital Cochin, em Paris, **Mitterand disse que** "não há razão para **me** demitir. **Acho** que não **me** extirparam um pedaço do cérebro." (Folha).

Somente neste caso, ocorre uma hibridação de forma e de sentido. Authier coloca o problema da hibridação da seguinte forma:

> *"Si familière que soit la combinaison I dit que..."X" où "X" est renvoyé à I, il importe de ne pas en faire une forme linguistique, spécifique, de discours rapporté "hybride", associant de façon originale traduction et restitution textuelle; mais, au contraire, de maintenir que jouent ici conjointement, au niveau du discours, deux formes linguistiques, indépendantes, distinctes, l'une de DI, l'autre la modalité autonymique, la première entrant, en tant que contexte de la seconde comme élément dans la production, en discours, de l'interprétation de celle-ci (...) des cas effectivement "hybrides" de DI et de DD violant - involontairement ou délibérement - les règles de fonctionnement des déictiques"* (Tese, 1992, p.138 e 139).

1.2. O estatuto do sujeito enunciador de DR

Se o texto jornalístico pode ser definido como um tipo de resumo com citações, uma enunciação que relata enunciações anteriores, citando-as ou parafraseando-as, como conciliar este procedimento com o fato de que,

em princípio, o relator, ou seja, o jornalista, deva adotar ou presume-se que adote o ponto de vista da enunciação reportada, se a seleção dos enunciados ou palavras mencionadas é operada por ele, o contexto discursivo e situacional revelando sua opinião?

A questão é pertinente, embora pareça estar em contradição com o questionamento do "sujet maître de son dire", por conseguinte, da heterogeneização do sujeito, princípio sobre o qual repousa o presente trabalho. O que queremos dizer é que o papel do jornalista é o de mediador de enunciações alheias, e esse papel que lhe permitiria operar sobre seu objeto. Ele é o "metteur en scène" da nova cena enunciativa, aquele que seleciona, recorta e dispõe enunciações anteriores para integrá-las à sua enunciação.

J. Authier que no artigo "Hétérogénéité(s) énonciative(s)" (1984) invoca, entre outras, duas abordagens extra-linguísticas - a noção de dialogismo desenvolvida por Bakhtin e alguns conceitos oriundos da psicanálise com relação ao sujeito elaborados por Freud, a partir da releitura de Lacan que, como diz, colocaram " *irréversiblement à mal les évidences narcissiques du sujet source et maître de son dire*" (1984, p.98) - trata desse assunto delicado em termos de crítica à pretensa *objetividade* (*"L'impossible objectivité-neutralité du rapporteur..."* in "De quelques idées reçues...", 1993) das enunciações relatadas, à exatidão das reproduções como garantia da fidelidade às fontes.

Com efeito, só é possível afirmar que uma reprodução é textual em casos de tradução simultânea ou comprovada (discursos escritos ou gravados); nos outros casos é o próprio "significado da forma do DD" (1978, p.49) que autoriza o locutor a fazer uso impróprio ou enganador das enunciações alheias e o autentifica. As mentiras, as falsas citações, as

manipulações sobre os discursos alheios são problemas de ordem ideológica (ou psicanalítica, em casos extremos como o ato falho, a troca de uma palavra por outra de significado diferente, por exemplo) e escapam do domínio estritamente linguístico.

Do ponto de vista da linguística, a questão deve ser analisada levando-se em conta o estatuto singular do sujeito enunciador de discursos relatados, bastante complexo em razão da perspectiva "en abyme" dos planos enunciativos, isto é, da função reflexiva, própria da atividade metaenunciativa, que implica na incorporação de enunciados proferidos em momentos diferentes.

Quanto ao estatuto do sujeito DR, remetemos às elaborações de F. Atlani (1981). Para a autora, no caso do DR cabe fazer uma distinção entre locutor e enunciador. O sujeito enunciador de DR não é, de fato, o locutor dos enunciados que relata. Porém, na medida em que ele "re-apresenta" ou "re-produz" uma enunciação anteriormente produzida, ele é também o locutor dessa nova enunciação:

> *"Par ailleurs, le sujet énonciateur, à partir du moment où il présente un énoncé comme rapporté, se présente comme n'assertant pas cet énoncé au moment actuel de l'énonciation. En cela il se distingue du locuteur, c'est-à-dire de celui qui a effectivement "dit" dans la situation d'énonciation antérieure. Cependant, s'il est vrai que l'énonciateur n'est pas le locuteur de l'énoncé qu'il rapporte, il est quand même celui qui re-présente cet énoncé dans une nouvelle situation d'énonciation et dans un nouveau contexte discursif. Cette re-présentation implique non seulement un nouvel énonciateur, mais aussi (et cela va de pair) de nouveaux interlocuteurs: le statut intersubjectif du discours*

rapporté est donc obligatoirement différent. On peut donc dire que la visée de l'énonciateur est nécessairement différente de celle du premier énonciateur, lequel n'a plus dans le DR le même statut énonciatif" (1981, p.54 e 55).

Atlani lembra aqui a distinção que Culioli faz entre o "momento da enunciação" e o "momento da locução". Inscrevemos nosso trabalho nessa perpectiva. A análise linguística do DR que propomos deve contribuir para deslindar as relações que o enunciador entretêm com o discurso que relata.

1.3. O discurso direto e a representação autonímica

O DD é a modalidade que, presume-se, reproduz *textualmente* o dizer de alguém. No texto jornalístico, utiliza-se habitualmente este modo para reproduzir as declarações alheias quando se quer significar que se trata da *transcrição exata e fiel* daquilo que foi dito, sem dúvida, devido ao fato de que no DD a enunciação citante é sintaticamente independente da enunciação citada. Esse procedimento contribui para criar a ilusão da verdade, ideal a que pretende todo discurso jornalístico, e sobretudo tem a função de autentificar o DR por meio da convocação de supostas testemunhas que atestam que o enunciador lá esteve e relatou o que foi realmente dito. O jornalista-relator seria apenas o porta-voz das declarações alheias.

1.3.1. Do ponto de vista formal, os modos e as condições de inserção do discurso alheio em DD variam muito: o DDJ pode marcar a

ruptura entre as enunciações de modo convencional, isto é, por meio de um verbo operador e sinais tipográficos, como dois pontos e aspas:

(1) O locutor diz : "Aqui está uma descoberta inesperada. Foi encontrado no jardim da Chancelaria do Reich o corpo de Hitler". (Folha. Nos sublinhamos).

(2) Sobre ele, Carlos Drummond de Andrade escreveu: "Sete Quedas acabou, mas Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço". (Globo)

Menos comum, o DDJ pode vir introduzido por alínea, travessão[11]. No exemplo abaixo, com a inversão da posição do verbo operador, o que é topicalizado é o dizer, em outros termos, o objeto do discurso é o dizer.

(3) - Não tenho dúvida de que o voto de Fernando Collor levará em conta o que é melhor para Alagoas. E, se for assim, será em Geraldo Bulhões - disse ontem o próprio Bulhões. (Globo)

No DDJ com alínea e travessão, quando na enunciação relatada pelo jornalista, representado por locutor (L), o locutor da enunciação relatada (l) reproduz, por sua vez, sua própria fala ou a de um outro locutor (l'), esta vem representada entre aspas diferentemente da enunciação de (l), sem aspas, para distinguir formalmente os diversos planos da enunciação

---

11 . Entre os oito jornais brasileiros e franceses escolhidos para construir nosso corpus, somente O Globo utiliza alínea e travessão em DD. Entre os jornais franceses, Le Monde e Figaro.

"en abyme", isto é, que se encaixam reflexivamente, como no exemplo abaixo

(4) (L) - O chefe da turma, que era capitão-de-fragata e hoje é almirante, ligou e, brincando disse (I): "Se não vier, mando buscar" (I'). Eu respondi (I): "Pode deixar. Já tenho experiência disso. Vou sozinho". (Globo)

O plano enunciativo de (4) pode ser representado da seguinte forma :

[Sit Loc T de L [sit loc t de I *[sit' loc' t' de I'*]]].

1 2 3

1. [L]: a enunciação do jornalista-relator

2. [I]: o locutor de *"o chefe da turma disse"* e *"Eu respondi: pode deixar"*

3. [I']: *"Se não vier, mando buscar"*

Do ponto de vista formal, esse tipo de DD é normalmente anunciado por um verbo de dizer em DIJ ou DI clássico,

(5) O candidato insistiu que o Ibope "não é nenhum monstro sagrado":

- Trabalho de graça significa adesão. (Globo)

No exemplo (5) verifica-se um deslocamento do DD "-*Trabalho de graça...*" no interior do DI "*O candidato insistiu que...*", ele mesmo orientado para o DD "*...o Ibope "não é...*". É o que se poderia chamar de um tipo de discurso "indiretamente direto".

O contexto linguístico inscreve esse tipo de DD na continuidade do sentido, permitindo, por meio desse artifício, re-construir[12] a forma dialogal do modo como teria ocorrido o intercâmbio das falas:

> (6) Um pouco antes, Stephanes rebatera dados apresentados por Angerami sobre a Previdência, dizendo que eles tinham sido elaborados por economistas de plantão que tentavam fazer variações incorretas dos números apresentados pelo ministério. - Gostaria que o ministro não desqualificasse as posições dos parlamentares, ao dizer que Eduardo Jorge é sério porque concorda com a reforma. Não há monopólio da verdade e não podemos aceitar respostas emocionais - disse Tuga, irritado. - Se eu dei razão para esse entendimento, humildemente peço desculpas - respondeu Stephanes.(Globo)
>
> (7) No pedido, o partido sugeriu a permissão da divulgação de pesquisas eleitorais, e que a Justiça Eleitoral determinasse que fosse acompanhada da informação de que o instituto tem um acordo com o Democrata Trabalhista (PDT): O candidato afirmou: "É um verdadeiro escândalo que, no fim da campanha, o Ibope

---

12 Emprestamos a grafia utilizada por Atlani para significar que, ao mesmo tempo que a fala do outro é reconstruída presumidamente de forma textual, ela é re-apresentada pelo jornalista-relator que, pelo fato mesmo de re-apresentá-la, atribui-lhe outra significação, isto é, ele constrói um outro sentido que lhe pertence.

revele estar prestando serviços ao candidato do PDT, ainda mais gratuitamente".

- Fico me perguntando se o Ibope ficou encantado com os belos olhos de Brizola - ironizou o petista, que recordou que a lei eleitoral não permite auxílio, de qualquer espécie, às campanhas de candidatos a cargos eletivos. (Globo)

(8) Collor disse que foi a Medjugore para "pedir à Nossa Senhora as suas bençãos para todo o povo brasileiro, sobretudo para os mais humildes, para os pés descalços, para os descamisados".

- Para todos aqueles que, apesar de todas as dificuldades, ainda guardam no fundo de seu coração um restinho de esperança de que finalmente o Brasil vai sair da crise que se abateu sobre ele e vamos entrar numa era de prosperidade e de paz mundial. (Globo)

Esse esquema de encaixes do discurso alheio pode atingir um grau de complexificação, como nos exemplos (7) e (8) em que se reproduzem de duas formas diferentes a fala de [I:] a primeira, entre aspas *"disse que foi..."pedir""*, seguida imediatamente pela segunda, em alínea, uma variante sem aspas da forma clássica.

A hipótese de que esse seria um modo para distinguir 1)a citação escrita do comentário oral ou 2)uma maneira de marcar uma enunciação proferida pelo mesmo locutor num outro tempo e num outro lugar parece pouco provável, uma vez que, no primeiro caso não há indícios de uma outra matriz escrita que permita tal interpretação e, no segundo, o dêitico de pessoa explicitado pela primeira pessoa do singular de "*Fico me perguntando*" no exemplo (7) ou pela primeira pessoa do plural de "*Vamos*" no exemplo (8), indicam que trata-se mesmo de uma enunciação em

discurso direto. Do mesmo modo, "*disse ... irritado*", no exemplo (6) e "*ironizou*", no exemplo (7), que, como dissemos anteriormente, substancializam a forma do dizer alheio, mostram que o enunciador de DR pode também interpretar o dizer de alguém.

O que essa atitude parece evidenciar é que o jornalista-enunciador de DR é, de fato, o "metteur en scène" da nova enunciação, aquele que comanda, encena e apresenta as enunciações alheias, mas sob as pressões da coletividade social, mais precisamente da comunidade de linguagem e de representações, às vezes conflitantes, formada pelo jornal e o leitorado (a comunidade de leitores) que está construindo.

Assim, o papel de mediador que desempenha o jornalista-enunciador de DR (já que ele tem que, não somente mediar essa relação mas também mostrar que está mediando) parece claro no exemplo (8):

"...para os mais humildes, para os pés descalços, para os descamisados":

- *Para todos* aqueles *que...*

Dois indícios parecem significativos:

1) por um lado, a retomada anafórica de *"os mais humildes, os pés descalços e os descamisados"* , na citação entre aspas, pelo determinante *"aqueles"*, na citação sem aspas, perfeitamente encaixada na continuidade lógica do discurso apesar da ruptura (marcada triplamente: aspas, dois pontos e alínea) e das diferentes formas nas quais os elementos se manifestam,

2) por outro, o eco de uma voz representado no ritmo marcado pelo equilíbrio silábico de "*para os mais humildes, para os pés descalços,*

para os descamisados" e pela repetição de uma mesma forma, indicam que a continuidade do sentido se estabelece pela reiteração da voz e que as rupturas não são estratégias para revelar uma intenção puramente plástica.

Já nos jornais franceses, encontramos exemplos de DD em alínea no *Le Monde* e no *Figaro*.

> *(9) Le docteur Morellon, qui fut maire du village et son suppléant à l'Assemblée nationale, hésite: "C'est que j'aurais bien aimé que vous fassiez la sortie de la messe puisque vous avez manqué l'entrée...*
>
> *- Depuis quand est-elle commencée?*
>
> *- Un quart d'heure...*
>
> *- Eh bien, on y va! Allons donc recommander nos âmes! "* (Le Monde)
>
> *(10)* Au cours du déjeuner avec Bush, Gorbatchev évoqua le traité sur la réduction des armes stratégiques.
>
> *"Monsieur le président,* demanda le Soviétique, *viendrez-vous rapidemant en URSS pour signer ce traité?*
> *- Je suis prêt à faire le voyage,* répondit Bush, *"quand vous le souhaiterez.*
> *- La fin du mois vous conviendrait-elle?"* La proposition surprit l'entourage de Bush. (Figaro)

No exemplo do *Le Monde*, com a utilização do *Passé Simple*, modo da narração, a notícia se torna um relato ficcional, criando a imagem de um "autor". Percebe-se uma dramatização do relato. O mesmo

procedimento pode ser observado no exemplo do *Figaro*: o *Passé Simple*, uma encenação dialogada do encontro, representando, mais uma vez, o enunciador no papel de autor.

1.3.2. Quanto ao verbo operador de DD, normalmente um verbo de dizer, são três as posições em que aparece no enunciado :

antes do discurso citado,

(11) No palanque, microfone na mão, Lula começou: "Brizola que me desculpe, mas o Collor é o maior bandido que a história política já conheceu". (Estado)

intercalada,

(12) "Como nunca assinamos o cheque", disse Perot, "conseguimos resgatar apenas os prisioneiros de Hanói, mas não os do Laos."(Estado)

(13) "Isso não é golpe", afirmou, "é um preceito constitucional". (Folha)

No texto francês, o verbo operador pode vir inserido no discurso relatado no modo direto, o caractere tipográfico diferente evidencia sua presença e permite que não seja confundido:

(14) "Les véritables primaires, confie-t-il, *ne peuvent avoir lieu que devant le peuple."* (Le Monde)[13]

(15) "Tout est allé très vite, tout le monde a joué le jeu à fond, explique Pascal Pignon, chargé du dossier chez Hotec, filiale d'Accor. *Pendant l'été, le ministère de l'Equipement nous a contactés. Le 22 septembre, la ville d'Evry nous donnait son feu vert et accordait le permis de construire. Le 24 décembre, l'hôtel était livré à la Sonacotra."* (Libération)

Outros exemplos de verbos operadores intercalados, como *"Moi, rétorque M.Pasqua", "Giscard, relève Pasqua", "Vous verrez, vous verrez, promet M.Barre"*, (os exemplos são do *Le Monde*), parecem mostrar que há um semantismo dos verbos operadores, e que a posição, intercalada, é que condiciona esse semantismo. O verbo no interior do enunciado e no Presente do Indicativo, teria por função "abrir", isto é, assegurar a continuidade do discurso.

Depois do discurso citado,

(16) "Nós o vimos dirigindo rapidamente. E então houve a explosão", relatou. (Folha)

---

13. Nos jornais franceses o enunciado relatado vem geralmente em itálico, só France Soir, entre os jornais escolhidos para este trabalho, não usa essa forma de distinção. Nos jornais brasileiros não se usa itálico para distinguir enunciação citante e citada.

(17) "Nous n'avons de tels grands débats qu'une fois par an ou tous les deux ans", a-t-il souligné. (Le Monde)

Retomando a observação acima, os verbos operadores posicionados depois do discurso citado, "relatou", "a-t-il souligné", no tempo passado, parecem confirmar a hipótese de que colocados no final da citação, sinalizam o seu "fechamento".

No DRJ, observam-se algumas variações do modelo tradicional, como o exemplo abaixo, no qual o discurso citado em DD aparece sem aspas, permitindo que seja interpretado também como um DI dominado pelo DD.

(18) O sinal luminoso sobre a linha do trem de carga funcionava depois do acidente, informou Roger Gerin, diretor geral da SNCF (Serviço Nacional de Estradas de Ferro) em Paris. (Folha)

(19) Outra vez, disse Anita, Thomas lhe disse que havia medido o tamanho do seu pênis.(Folha)

O DD pode aparecer sem verbo operador explícito no interior do discurso e, como ocorre nestes casos, o sentido na cadeia discursiva é assegurado pelo contexto linguístico e enunciativo,

(20) Com atividades planejadas para aproveitar todo o tempo disponível e salários mais altos (há reivindicação de um piso salarial nacional de Cr$ 45 mil), a carga horária pode e deve ser aumentada. "*O professor já trabalha excessivamente hoje, quando*

tem que ter três empregos, correr de um lado para outro, sem tempo para estudar, planejar, ir ao cinema e ao teatro". (Jornal do Brasil, o grifo é nosso)

(21) "Les types qui croient en quelque chose passeront la période sans casse; ceux qui ne croient en rien vont devenir fous." En ce début d'été, Bernard Bosson n'est pas ...(Le Monde)

A nominalização, colocada após o discurso citado, tem duplo papel: retira a polêmica da responsabilidade do verbo operador e permite apagar o sujeito de [I]. Se "afirmou" corresponde a um "espaço vazio", a nominalização cria a evidência do ato.

1.3.3. Quando o texto começa com a citação direta entre aspas, em geral ela é retomada, no enunciado seguinte, por uma anáfora conceitual,

(22)"Agora, posso dizer que sou um educador feliz. Vejo as idéias pelas quais lutei desde 1950 serem concretizadas". A afirmação é do educador e senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ)... (Folha)

(23)"O fracassado golpe contra o presidente soviético Mikhail Gorbatchev, em agosto, provocou uma devastadora retirada de créditos estrangeiros dos bancos soviéticos, agravando a crise da dívida externa e acelerando a vertiginosa queda da economia soviética".
Esta é a versão apresentada pelas autoridades soviéticas ... segundo o jornal "The New York Times" de ontem. (Folha)

A nominalização, por meio da anáfora, não só retira a polêmica da apreciação, como marca a distância do enunciador com o discurso citado, reforçada pela expressão modalizadora "*segundo o jornal*".

(24)"Je tiens à ce que toute la vérité soit faite sur le meurtre de mon fils". C'est à la suite de cette déclaration et d'une plainte déposée par le père de la victime...(France-Soir)

"*Cette déclaration*": a anáfora, neste caso, anuncia uma verificação retroativa da hipótese por inferência.

1.3.4. Assim como a anáfora conceitual retoma o dizer alheio posteriormente, este pode ser também antecipado por uma substituição catafórica conceitual:

(25) O presidente da CCJ, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), saiu-se com essa: "A *essa* altura, é até melhor que não entreguem".(JB)

"Saiu-se com *essa*" e "a *essa* altura" indeterminam por antecipação

(26) Cependant, devant la superbe piscine qui domine la mer, un garde du corps donne une version un peu moins dramatique des évènements: *"Le président s'est baigné moins souvent"*. (Le Monde)

A catáfora modalizada, "*une version un peu moins dramatique*", ao contrário da anáfora, parece, não só manter a polêmica, como também orientar o sentido na acepção de "trata-se de uma mentira."

1.3.5. Alguns dos verbos utilizados para operar um DD têm a propriedade de antecipar, no plano semântico, uma análise da enunciação alheia antes mesmo que seja relatada. Isso quer dizer que o sujeito enunciador do DR não se contenta em reproduzir a enunciação alheia, ele faz também uma apreciação de seu conteúdo.

(27) Em seguida, *caiu em contradição* : "Na hora certa eu explicarei esses cheques." (Estado 26)

(28) Seabra Fagundes *criticou* o discurso de Collor aos taxistas na quinta-feira: "Não se governa com gritos". (Folha 23)

(29)"Gosto de quem sabe driblar e não de quem quer ganhar o jogo na base da canelada", *sintetiza* o deputado, usando expressões do esporte para dar seu recado.(Folha 27)

(30) Quand l'addition arrive, *"elle comporte des plats qu'on ne nous a pas servis"*, disent *en substance* les clients. *(Libération)*

Nos exemplos (27), (28), a apreciação de [L] sobre o conteúdo da enunciação completa de [I] é antecipada. No exemplo (29), ele avalia o dizer alheio depois de relatá-lo, revelando duas operações de percurso

diferentes. Já em (30), [L] faz uma síntese do conteúdo das enunciações de I^1, I^2, I^3... (*les clients*).

Assim, [L] constrói a figura de *"contradição"* (27), de *"crítica"* (28) e de *"síntese"* (29) do dizer de [I]. Mas se compararmos (29) e (30), podemos verificar que, em (30) [L] não só cria uma figura de síntese do conteúdo (*"disent en substance"*) como *executa* uma síntese do dizer de várias enunciações. É o jogo que se estabelece entre discurso citante e discurso citado: ora o primeiro toma por objeto o segundo, ora é o inverso, mostrando que o domínio se exerce nos dois sentidos. A reflexividade é a capacidade dos discursos de se auto-refletir.

A substancialização do conteúdo pode também ser operada por nominalização.

> *(31)* Consigne: *"Porter l'effort sur les femmes, parce que l'Europe, c'est la paix; les jeunes, parce qu'ils ont compris que l'Europe était leur avenir; les entrepreneurs, parce qu'ils ont compris que l'Europe était leur intérêt."* (Le Monde)

> *(32)* M. Balladur, qui tient personnellement à ne pas se réfugier dans un "*oui honteux*", a une autre appréciation: *"Chirac est à un tournant. Pour la première fois, il a l'occasion de s'émanciper. Ce ne peut que lui être profitable pour l'avenir."*(Le Monde)

No exemplo acima, *"avoir une appréciation"*, um ato de fala, não é precedido do verbo *"faire"* mas de *"avoir"*, o que significaria que se opera aí uma passagem de um *estado* para um *processo*: Balladur ne *fait* pas, il *a*

une *appréciation*, o que parece dizer que ele não *fala*, ele *tem palavras*, isto é, parece ter "um estoque de apreciações".

> *(33)* M. Gorbatchev avait échoué. Il lâcha une brève confidence révélant son amertume: *"Nous restons à la marge de l'économie mondiale, alors que nous cherchons à abandonner le système autarcique imposé depuis soixante-dix ans."* (Figaro)

"Il *lâcha* une brève *confidence*": "lâcha" é a imagem de profissionalismo, o jornalista cria o acontecimento, teria ele captado o fato no momento mesmo da sua produção? "Confidence" constrói, por meio de uma relação íntima entre o jornalista e Gorbatchev, uma figura do enunciado.

Se os verbos dos exemplos acima substancializam o conteúdo, é a forma que é substancializada no grupo abaixo, constituído de verbos que imitam ou caricaturam um modo de dizer oral na sua forma : entoação e pronúncia particulares, pausa, ritmo, melodia, pontuação, gestualidade, enfim, fatos de prosódia em geral.

> (34) - Voto de mulher bonita vale mais - cochichou o candidato ao ouvido da eleitora. (Globo)

> *(35) "La mauvaise santé de Mikhaïl Gorbatchev est un mensonge,* martèle-t-il. *Il souffre tout au plus d'un lumbago(...)".* (Le Monde)

(36) Christian Estrosi ne mâche pas ses mots: *"Cette décision est tout à fait scandaleuse et ne revêt qu'un caractère purement politicien de la part du Conseil constitutionnel dirigé par des hiérarques du Parti socialiste!"* (Libération)

Cochichar, marteler, mâcher ses mots, caricaturam uma melodia, um ritmo.

(37) Ao final, comentou com ironia: "O construtor deve ter ficado irritado porque deixou de construir seus *espigões* (grifo do jornal) em Botafogo."(JB)

(38) "Ça durera le temps que dureront les essais, jusqu'en mai prochain donc", commentent avec philosophie les responsables de la Défense française quand il parlent de l'agitation antinucléaire autour de Mururoa." (Libération)

(39) "Se ele recebeu ou alguém depositou algum dinheiro na conta dele, quem tem de responder é ele", observou irritada a ex-ministra. (Estado)

Comentar com ironia, commenter avec philosophie, observar irritada, caricaturam uma entoação.

(40) "Estou até trazendo minha patroa para ficar comigo", gracejou. (JB)

(41)"Como sou vice-líder no Senado, posso jogar no segundo tempo com o Executivo para dar uma ajuda", brinca o senador.(Folha)

(42) "Depuis l'été, j'ai vu les représentants de toutes les entreprises du bâtiment débarquer dans mon bureau, pour m'expliquer qu'ils savent construire vite et bien!", s'amuse un architecte responsable des programmes d'hébergement d'urgence de la Sonacotra. (Libération)

Gracejar, brincar, divertir-se, s'amuser, caricaturam um gesto (rir, sorrir), uma entoação.

(43) "Agora só falta fazer esta versão, final e absolutamente verdadeira, chegar aos ouvidos de Saddam Hussein", exultava um diplomata brasileiro. (JB)

(44) e exortou: "Precisamos superar o hábito de pensar na Alemanha em termos de *aqui* e *lá* (grifo do jornal)."(JB)

Exultar, exortar caricaturam um gesto.

No exemplo abaixo, observa-se uma substancialização do conteúdo e da forma:

(45) "Ele é um polivalente ao contrário - não joga bem em lugar nenhum", sintetiza o técnico, em meio a gargalhadas. (Folha)

A transcrição mimetizada do oral é atribuída ao enunciador-relator que interpretou o dizer e procedeu à escolha de um verbo para traduzí-lo. Esse procedimento remete, mais uma vez, ao estatuto do enunciador de DR (a função de mediador do jornalista) e também à noção de reprodução fiel e objetiva: se há interpretação, há alteridade. Para relatar uma enunciação, (com exceção das reproduções simultâneas, entre a repetição e a tradução, já que são reproduções comprovadas, atestadas), o enunciador deve interpretá-la, produzindo assim, na nova enunciação, um outro sentido.

Alguns verbos operadores não são propriamente verbos de dizer, mas relatam um dizer, e assim podem vir a introduzir um DD, como o verbo *começar*, no exemplo (11) - No palanque, microfone na mão, Lula *começou*: "X".

(46) Mas a menção mais elogiosa foi endereçada ao presidente soviético, Mikhail Gorbatchev: "Ele reconheceu o direito dos povos de seguirem seu próprio caminho, e sem esta decisão não teríamos podido chegar tão rapidamente ao dia da unidade alemã."(JB)

(47) o chanceler prosseguiu: "Para nós o amor à pátria, o amor à liberdade e o espírito de boa vizinhança são inseparáveis. Queremos ser bons amigos. Só há para nós um lugar no mundo: ao lado dos países livres." (JB)

No exemplo acima, *prosseguiu* insere no discurso de [L], uma fala alheia, reconstruindo, ao mesmo tempo, a lógica do discurso de origem.

O que se pode observar a partir dessa descrição da variação no modo autonímico de citação direta, no discurso da imprensa, é, em primeiro lugar, que essas variações não alteram a forma, uma vez que independentemente do tipo de verbo operador ou sua posição no enunciado, as enunciações citante e citada permanecem sintaticamente independentes e guardam autonomia uma com relação à outra, permanecendo inalterados os parâmetros enunciativos, regidos pela enunciação citada; em segundo lugar, é do ponto de vista do sentido que há alteridade (uma enunciação re-produz um outro ato enunciativo) e alteração (re-construção de sentido).

1.4. Discurso indireto jornalístico

O discurso indireto na imprensa é a modalidade que mais apresenta diversificações no modo de inscrição do outro. A característica formal do DI é a integração sintática entre a enunciação citante e a enunciação citada, os dêiticos de pessoa, tempo e espaço estando sujeitos à regência da enunciação citante. No discurso da imprensa, ao lado da forma tradicional, observam-se outros modos de relato indireto.

1.4.1. No DIJ, como no DI clássico, a fala alheia é introduzida por um verbo de dizer, seguido de uma subordinada completiva que opera a integração sintática:

(48) Paulino afirmou que seu ex-subordinado se mostrou abalado com a revelação de que recebia depósitos de fantasmas de PC (Estado)

(49) Sur les collines d'Hollywood, on murmure que Marlon Brando serait prêt à témoigner en faveur de Christian si nécessaire. (France-Soir)

No exemplo em francês, *"on murmure que"*, a forma é substancializada, construindo a figura de "boatos". O sujeito do verbo operador, na figura do *"on"*, polifônico por excelência, reforça a representação.

1.4.2. No DRJ, as modalidades tradicionais se articulam, no nível do discurso, com as chamadas modalidades "híbridas", cuja característica principal é a fusão do DI com DD, ou seja, há um verbo operador, normalmente um verbo declarativo e uma subordinada completiva como no DI, e o discurso alheio, em vez de ser integrado sintaticamente sem ruptura, é citado entre aspas como no DD, os parâmetros enunciativos são da enunciação citante: [X *disse que* "P"].

(50) Ontem, durante comício no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ele disse que "Brizola não pode ficar procurando pretexto para que não se apure os atos de Collor." (Estado)

(51) En revanche, il cite un rapport du parquet général de Versailles suggérant *que* *"la personnalité apparemment perturbée"* du détenu *"pouvait expliquer sa passivité à l'égard de son état de santé"*. (Libération)

Il cite e *suggérant que* indicam um discurso indireto duplamente marcado.

O fragmento citado em DD pode ser uma palavra, uma expressão, parte de uma enunciação ou uma enunciação completa e a transposição dos dêiticos pode ou não se realizar.

Por exemplo, uma palavra,

(52) Bien sûr, il ne s'agira, explique-t-on dans les milieux responsables, que de *"petits"* essais, dont la puissance serait comprise entre plusieurs dizaines et quelques centaines de tonnes de TNT. Rien à voir avec la bombe d'Hiroshima (17.000 tonnes de TNT environ), ni avec les armes nucléaires actuelles. (Libération*)*

A ironia, como vimos na tipologia dos modos de inserção de discursos, elaborada por Authier, é uma forma implícita da presença do outro, pois não há marcas visíveis no enunciado. É do domínio do "sugerido", do "não-explícito". Assim, a comparação pela restrição *(Bien sûr, il ne s'agira que de)*, entre a polêmica causada pelos "tiros" ou *"petits" essais* nucleares, em Muroroa, e a bomba de Hiroshima, comparação reiterada pela negação *"Rien à voir"* (na verdade não se trata de uma comparação explícita, mas de uma alusão) e também pela indeterminação do

sujeito da enunciação relatada, *"on"*, parecem construir uma operação de percurso dos enunciadores para que o sentido seja negociado e a ironia percebida.

Uma expressão,

(53) A prefeita paulistana considera que os partidos de oposição não podem mais esperar "o lenga-lenga" da CPI do PC e precisam mobilizar o povo para pressionar a saída do presidente da República. (Estado)

Parte de uma enunciação

(54) O presidente não forneceu detalhes, mas assegurou que a nova arma será usada "na hora do acerto de contas". (Estado)

(55) O presidente iraquiano afirmou que os israelenses "não tem saída", a não ser a desocupação dos territórios palestinos, e pediu uma "ação árabe" para "libertar Jerusalém". (Folha)

(56) Interrogé, le magistrat visé par l'information "*ne souhaite faire aucun commentaire.*" (Libération)

No último exemplo, ausência do verbo operador apaga a figura do sujeito [I]. Então, a quem deve ser atribuído o fragmento relatado: o próprio magistrado, seu porta-voz, o jornalista?

Uma enunciação completa,

(57) Soulignant que le ministre avait été *"ému par l'annonce de ce decès dès le 11 décembre"*, la Chancellerie explique que *"M. Mabassa N'Zen Guet, qui restituait ses plateaux-repas vides, se nourrissait exclusivement de fruits et de légumes dont il réclamait des suppléments."* Et que *"des écrits retrouvés dans sa cellule ont permis de comprendre qu'il agissait ainsi parce qu'il se croyait ensorcelé et craignaît que sa nourriture ne soit empoisonné"*. (Libération)

1.4.3. A transposição dos dêiticos pessoais para a terceira pessoa, como ocorre no DI clássico, pode não se realizar, assim como os marcadores de espaço e de tempo podem permanecer inalterados. Diferenciar, como faz Culioli, um momento *"d'énonciation-repère origine"* (dit o) e um momento *"de locution Sit 1"*, ressalta claramente que o sujeito enunciador não se identifica obrigatoriamente com o locutor. Como diz Atlani (1981, p.73), isto permite explicar a especificidade do DD: *"ce que rapporte l'énonciateur à son (ses) interlocuteur(s) dans le DD c'est l'acte de locution repéré par rapport à son propre moment d'énonciation* (grifo da autora)". No discurso da imprensa, é quase sempre a enunciação do leitor.

(58) Ao deixar ontem o hospital Cochin, em Paris, Mitterrand disse que "não há razão para me demitir. Acho que não me extirparam um pedaço do cérebro".(Folha)

No exemplo acima, observa-se que, no espaço do DI, portanto da 3a pessoa, *Mitterrand disse que*, ocorre debreagem; no espaço do DD, isto é da 1a pessoa, *me demitir*, *acho*, ocorre embreagem. Em outros termos, no espaço do "ele", alguém diz "eu".

(59) Au point que l'interne de garde refuse de l'examiner, déclarant, rapporte Tameen Taqi, "*qu'il n'était pas habitué à ce genre de scène et que les policiers et moi étions dans un état hystérique empêchant qu'on m'examine*". (Libération)

(60) Com sua ironia característica, Saramago observou também que "*agora* é mais fácil ser comunista, pois *somos* poucos e, assim, não dizem que *somos* perigosos ou tão maus como *nos* achavam". (Estado)

Nos exemplos acima, o jornalista relata as falas de alguém, que no espaço desse relato (DI), diz *eu*. Desse modo, ele constitui o leitor como o interlocutor de Mitterand, de Tameen Taqi, de Saramago. Ocorre nessa operação, uma exclusão brutal do jornalista.

Assim, a não transposição, no exemplo (60), do dêitico de tempo "agora" no DD, pode ser explicada pela não identificação do momento do locutor com o momento do enunciador, e também pelas características intrínsecas do jornal: é diário, o assunto está em pauta, o leitor está supostamente a par das notícias. Normalmente, os artigos de jornal são relatos de acontecimentos que se produziram num passado muito próximo do leitor, e que estariam inscritos "na memória recente" ou no "agora" do enunciador e do co-enunciador.

Esse procedimento também permite que "somos" e "nos achavam" possam ser orientados: a primeira pessoa do plural refere-se à "nós, os comunistas", o locutor da enunciação relatada, no caso Saramago, assumindo e incluindo-se n(a) asserção. Tal procedimento, ao que parece, é possível somente na reprodução direta ou na tradução simultânea.

Já no exemplo abaixo (61) a hibridação do sentido ocasionada pela não transposição verbal estabelece um tipo de jogo temporal dos planos enunciativos: em "disse que "X", o dizer dos outros é tomado como objeto, um objeto socializado em situação, o que justificaria o presente do indicativo de "P".

> (61) A maioria dos organizadores do ato vestia roupas brancas e todos concordaram com o vereador Chico Alencar (PT), quando disse que "a data de nascimento de Gandhi *torna-se* ainda mais relevante *neste momento*, em que *sofremos* muito com a violência". (JB)

> (62) Após o julgamento, Fiúza *disse que* "*este* foi um modesto marco contra o linchamento político que se queria proceder *aqui*". (Folha)

Somente nesses casos (de (58) a (62), quando não ocorre transposição dos dêiticos) é que se pode falar de "forma híbrida", observa Authier. Ela rejeita o termo para os casos de DI cujos parâmetros enunciativos, apesar da fusão, obedecem às regras do discurso citante. De fato, não há em [X *disse que* "P"] uma forma linguística nova,

estruturalmente diferente, capaz de distinguí-lo do DI e do DD clássico. Há utilização de palavras no modo da conotação autonímica, mas elas não significam ruptura sintática, portanto não há autonomia dos enunciados. Se as aspas forem suprimidas e tendo ocorrido transposição sintática, nada distingue o DIJ de um DI convencional.

Se não houver transposição, isto é, se as enunciações citante e citada forem sintaticamente autônomas, apesar da presença de um verbo operador e da subordinação + *que*, então haveria uma nova forma linguística híbrida e também hibridação do sentido, provocada pela transgressão das regras de transposição.

A combinação de modalidades híbridas e de formas clássicas, mediadas por uma pontuação singular no nível do enunciado (em geral uma parataxe) permite modos de relato pouco convencionais.

> (63) ...mas *garantiu que* os alemães "nunca estiveram tão preparados quanto agora para realizar as tarefas econômicas da reunificação", e *exortou* : "Precisamos superar o hábito de pensar na Alemanha em termos de *aqui* e *lá* (grifo do autor)." (JB)

> (64) Bem-humorado, o deputado *considera que* a "tática" de FHC de orientar a derrota dos "executivos" nada mais é do que desculpa: "Se eles mostrarem em campo a falta de entrosamento que têm na política, vai ser moleza", *disse*.(Folha)

As inúmeras combinações entre os modos clássicos e as variantes de inserção da fala do outro na linearidade de um discurso, acrescidas de uma pontuação singular garantem a continuidade do sentido. No exemplo

abaixo (65) os dois pontos permitem que o enunciado alheio seja reproduzido na forma direta, portanto, sem que se efetue a transposição sintática, apesar do verbo introdutor estar no modo indireto, e permite também a manutenção da primeira pessoa *(eu) vou*, numa espécie de jogo sobre o *"eu"*. Por outro lado, sublinhamos que se trata de um tipo particular de inscrição de discurso alheio, visto que *"não dar corda para o (próprio) linchamento"* é um dito popular, um tipo de provérbio cuja especificidade é o de ser um "discurso sem enunciação".

> (65) Ele disse que só ia responder perguntas sobre as acusações de Anita Hill e que não discutiria nenhum outro assunto de sua vida particular: "não vou dar corda para meu próprio linchamento", afirmou. (Folha)

No exemplo abaixo (66), os dois pontos marcam uma curiosa inversão: um verbo que não é de dizer, "reagir", que normalmente opera DD, já que tem a propriedade de substancializar o conteúdo, opera um DI.

> (66) O presidente reagiu com diplomacia: disse que a normalidade democrática do País lhe assegurava condições de estar no exterior nesse momento. (Globo)

No exemplo seguinte (67), a pontuação ajuda a marcar os recortes na reprodução de um enunciado longo e ao mesmo tempo os pontos de inserção dos fragmentos, numa espécie de jogo reflexivo de discursos: [*lembrou que* P/ "P" *disse/ acrescentando*: "P"] :

(67) Kohl lembrou que a divisão da Alemanha separou famílias e levou à prisão e à morte muitos que não aceitaram o regime alemão-oriental: "Devemos assegurar a nossos filhos e netos que tais coisas nunca mais voltem a acontecer", disse, acrescentando: "Os amigos dos alemães em todo o mundo devem saber o que nos comove neste momento: a Alemanha é nossa pátria e a Europa unida, nosso futuro."(JB)

1.5. O discurso indireto livre

O DIL é um modo complexo de relato em razão de seu estatuto particular. Do ponto de vista da forma, não há no DIL indícios da inscrição de uma voz como no DD e no DI. As falas reproduzidas não dependem mais gramaticalmente de um verbo operador, e as marcas de pessoa, tempo e espaço não estão ligadas ao enunciador do discurso citante como no DI, nem ao enunciador do discurso citado como no DD. A ausência de indícios linguísticos da voz do outro, localizáveis no enunciado, confere ao DIL um estatuto particular, cuja marca principal é a ambiguidade devido à dificuldade em determinar com exatidão quem é o locutor da enunciação reproduzida. O caráter "interpretável" do locutor do DIL, faz desse modo uma forma instável, às vezes dominada pelo DI, às vezes pelo DD.

O DIL é uma forma não marcada da heterogeneidade explícita. A localização do outro é incerto e a forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva se torna mais arriscada, como diz J. Authier "*parce qu'elles jouent avec la dilution, la dissolution de l'autre dans l'un, d'où celui-ci peut sortir emphatiquement confirmé, mais aussi où il peut se perdre*." (1984, nota da p.108)

No texto literário, o DIL pode representar uma técnica sofisticada de narração, e a questão é distinguir o "herói do autor", que se exprimem conjuntamente, como diz Bakhtin. No discurso ordinário, particularmente no discurso da imprensa, a dificuldade consiste em determinar quem é o locutor da fala relatada: o jornalista, enunciador da enunciação reproduzida deve assumir a responsabilidade total, uma vez que não há mais marcas evidentes da voz do outro ou do seu *duplo, o sujeito de consciência,* como chamou Ann Banfield (1979)? No exemplo abaixo (68), a pluralidade de vozes é evidente, mas tentar localizar o outro é um risco pois não há marcas:

> (68) Em vez disso, a Procuradoria informa que *já na próxima semana* estará iniciando os processos criminais. *É a melhor maneira de fazer muito escarcéu e, segundo a expressão da moda, acabar tudo em pizza.* Será *o resultado inevitável da falta de prova.*
> *Deste modo, as pessoas* terão sido enxovalhadas - e pronto. *As envolvidas de fato* sairão *como se inocentes.*" (Folha)

Do ponto de vista formal, o DIL se introduz no relato sob a forma de um comentário em DD, do enunciador do DR (um tipo de "monólogo interior" ou "pensamento explicitado", segundo a descrição clássica) sobre o fato que está relatando. Bastaria introduzir um verbo operador (dicendi ou credendi: *digo que, penso que*) e uma subordinada antes do DIL para se obter um DI. Observe-se que no enunciado anterior, o verbo operador de DI *informa que* e o dêitico temporal "*na próxima semana*" já indicam um discurso regido pela enunciação citante, portanto em DI. No entanto , a

ausência de um verbo introdutor e o uso do Futuro do Presente "será", bem como o do Futuro do Presente Composto (passivo) "terão sido enxovalhadas", que são também tempos verbais do presente do relator, remetem a um ato de predição em que o enunciador antecipa o resultado, anuncia o que vai acontecer, o que de certo modo reafirma o enunciado como sendo um DD.

Da mesma forma *"segundo a expressão da moda"*, vem reforçar o caráter plurívoco do DIL, ou seja, não somente o sujeito enunciador se desdobra quando faz um comentário, como há aí uma modalização do discurso em outro discurso (cf. Authier): "segundo a expressão da moda" faz alusão a um dizer que não é atribuido especificamente a um locutor, mas a uma voz coletiva, logo anônima. Portanto, não só há um sujeito duplo manifesto, como há também referência a um terceiro locutor, o que configura a heterogeneização do sujeito no DIL.

Um outro indício de que se trata realmente de DIL é a presença de *"- e pronto"*, expressão de um ato de fala, característica do registro oral, marcada pela pausa /-/, pela entonação e pela posição em final de enunciado para significar encerramento (seja uma solução ou decisão de um assunto ou de uma questão.

Se no exemplo (68), a enunciação citada em DIL pode ser atribuida ao mesmo locutor da enunciação citante, no exemplo (69) a questão se complexifica: há três níveis de enunciações que se encaixam umas nas outras e o locutor não é o mesmo.

> (69) Outra vez, *disse* Anita, Thomas lhe *disse* que havia medido o tamanho do seu pênis. Também lhe *teria descrito* cenas de filmes em que mulheres faziam sexo com animais. (Folha)

Aparentemente, a primeira parte do enunciado - "*Outra vez, disse Anita, Thomas lhe disse que...*" assemelha-se a um DD ao qual faltariam apenas as aspas; o verbo operador intercalado e a inversão do sujeito reforçam essa característica. No entanto, o dêitico pessoal *lhe*, na terceira pessoa (e não na primeira pessoa , como deveria ser em DD), bem como a forma verbal *havia medido*, no Mais-que-perfeito composto, indicam que se trata mesmo de uma enunciação relatada regida pelo discurso citante, o que significa, portanto, que está no modo indireto. Temos aí dois planos enunciativos, com dois locutores diferentes: a enunciação relatada "*Thomas lhe disse que*", que por sua vez, refere-se a uma outra enunciação, em outros um dizer toma por objeto um outro dizer. Assim, dizer que o DIL é um DD sem marcas não esclarece a questão.

Para tentar estabelecer o estatuto do DIL, é necessário considerar os seguintes pontos:

1. o DIL tem várias formas, por isso seu estatuto é instável,

2. é essencialmente polifônico, a mistura de vozes é inevitável, é difícil separá-las pois elas se confundem.

3. há frequentemente na proximidade do enunciado em DIL, um verbo de dizer ou um verbo que assume a função de um verbo de dizer.

O DIL na imprensa não é um modo tão raro quanto se supõe, no entanto, constata-se que aparece com mais frequência em artigos cuja autoria é assumida pelo jornalista, quase sempre relatados na primeira pessoa. Determinar o sujeito enunciador do DIL comporta riscos pois exige uma análise minuciosa, sem que jamais se esteja seguro, uma vez que deve ser interpretado, daí o estatuto instável do DIL.

1.6. A modalização de um discurso num outro discurso

A presença do outro não se restringe às formas clássicas como já demonstramos. Se o DD, o DI e o DIL marcam que o objeto do dizer é um discurso, as outras modalidades evidenciam que toda fala é necessariamente marcada pelo conteúdo de um outro dizer ou pelas palavras de um outro discurso. O modo de inscrição da palavra alheia que J. Authier chama de *"modalisation en discours second"* são operados por por *expressões de modalização* e por *expressões de "empréstimo local"*.

1.6.1. Expressões de modalização do tipo *"segundo X"*, *"para X"*, *"de acordo com X"*, *"selon X"*, *"d'après X"*, *"comme disent X"*, para citar algumas.

Estas formas, segundo Authier, modalizam o discurso do enunciador porque remetem a um outro discurso, e essa referência ao discurso alheio funciona ou como uma garantia do dizer - *"segundo Platão"* - ou como dúvida - *"segundo Saddam Hussein"*.

Segundo X

(70) *Segundo o presidente*, "às vésperas de uma eleição que será tão importante para o destino do País, é fundamental que tenhamos eleitos aqueles que estejam afinados com os propósitos do governo". (Globo)

(71) *Segundo Conde Caldas*, Beto Gama lhe propos um "acerto financeiro" para aprovar projetos do interesse dos construtores. (Globo)

(72) Apesar dessa posição aparentemente confortável, Collor, *segundo contam alguns de seus auxiliares*, não queria essa situação. Isto é, não queria que Bulhões estivesse disputando pelo PST e Renan Calheiros pelo PRN. (Estado)

A fonte pode ser também um organismo, uma instituição um grupo representativo: "*segundo a equipe de resgate*" (Folha), "*segundo fontes militares ocidentais*" (Estado), "*segundo os cálculos dos especialistas*" (Estado).

Para X

(73) *Para o secretário*, "em São Paulo, o congestionamento escolar é tão grande que insistir nisso significará deixar sem escola milhares de crianças" (Folha)

(74) *Para Brizola*, a CPI do caso PC desqualificou e encaminhou "por baixo do tapete, para outra comissão" os cheques que apontariam o possível envolvimento do...(Estado)

(75) Mas, *para ele* (Fleury), as correções de rumo devem ser feitas...(Folha)

De acordo com

(76) A verba não era oficial e, *de acordo com Lazzarini*, "restavam alguns pontos" para que fosse arrecadada junto `iniciativa privada (JB)

(77) *De acordo com o empresário*, a proposta para a realização do negócio partiu do próprio PC (Estado).

1.6.2. Expressões de *"empréstimo local"* são palavras "emprestadas" de um "outro lugar" discursivo, isto é, são pinçadas de outros discursos e inseridas localmente no discurso para produzir um sentido.

A palavra em autonimia marca a distância entre o enunciador e a palavra do locutor, que ele não reconhece como sua.

Pode ser a palavra do especialista:

(78) Comment concilier la signature du traité d'interdiction totale avec la poursuite de ces "*mini-essais*"? (Libération)

Pode indicar valores diferentes, um canto sob um viaduto não é uma casa.

(79) Sa "maison", elle l'a aménagée sous le tablier du pont, au milieu du bruit infernal de l'autoroute. (Le Monde Diplomatique)

Pode ser uma língua estrangeira.

(80) Uma das aplicações mais visíveis de seu trabalho são os mostradores de cristal líquido que equipam calculadoras e micro-computadores "lap-top". (Folha)

Pode ser uma língua estrangeira traduzida.

(81) Jugées globalement acceptables par la presse brésilienne qui redoutait que "*tout finisse en pizza*", les sanctions requises prévoient la "*cassation*" du mandat de dix-huit députés fédéraux (dont deux anciens ministres) et un sénateur. (Libération)

Pode ser um registro de língua, uma gíria

(82) Ao longo do dia, embora os personagens envolvidos tentassem se manter absolutamente calados, percebia-se que o assunto tinha tudo para se transformar numa *batata quente*. (JB. Grifo do jornal)

O enunciador significa que o termo *batata quente* não é apropriado neste contexto, e ele sabe.

(83) La campagne envisagée sera, a promis le chef de l'Etat, "*la der des der*". (Libération)

Observe-se que a expressão da moda "*la der des der*", que significa "*la dernière des dernières*", normalmente utilizada pelos jovens franceses, foi atribuída aqui como sendo a *palavra* do Chefe de Estado.

O dizer alheio modalizado pode ser duplamente marcado.

(84) Chiffre en progression vertigineuse qui ne recense *pas ceux que les institutions caritatives et municipales appellent* pudiquement les "nomades urbains". (Le Monde Diplomatique. Grifo nosso)

As duplas marcas são: a expressão *ceux que X appellent "X"*, e a palavra do outro discurso "nomades urbains" entre aspas.

(85) Pire d'être prostituée, disent certains. (Le Monde Diplomatique)

Como no exemplo precedente, a modalização é duplamente marcada: por *disent certains* e *prostituée* e neste caso, a palavra em autonimia não está entre aspas.

1.7. Os verbos operadores de DR.

Os verbos operadores de discurso relatado mais frequentes em português, além do verbo *dizer*, o único que pode ser considerado neutro, são:

1. verbos que relatam uma maneira de dizer: *afirmar, relatar, contar, comentar, declarar, anunciar, avisar, explicar, justificar, argumentar, observar, considerar, revelar, criticar*

2. verbos de pergunta e resposta; *perguntar, responder, pedir,*

3. verbos de repetição de um dizer: *reiterar, repetir; recordar, lembrar,*

4. verbos que exprimem uma opinião como *acreditar, achar, pensar, julgar, avaliar,*

5. verbos que exprimem um ato de fala como *prometer, garantir, assegurar, lamentar, queixar-se.*

6. verbos que asseguram a continuidade: *continuar, prosseguir, acrescentar.*

PARTE III

PERSPECTIVAS DIDÁTICAS:
O OUTRO NA LÍNGUA DO OUTRO

Este capítulo é dedicado à transferência pedagógica dos estudos teóricos sobre o discurso relatado e para o ensino de línguas. O objetivo é mostrar de que modo essa visão ampliada da inscrição do outro no discurso pode contribuir para a reformulação dos exercícios e das atividades de manuais destinados ao ensino de uma língua, estrangeira ou materna, considerando que apropriar-se da fala do outro e ser capaz de reproduzi-la para negociar o sentido do seu próprio discurso representa uma das atividades mais difíceis de se administrar para um aluno de língua estrangeira. As dificuldades não são da mesma ordem, mas também para o aluno de língua materna, relatar um discurso não é uma operação simples.

1. O objetivo global

O objetivo global dos exercícios sugeridos é melhorar a produção do aluno levando-o a apreender a fala do outro e a apreender os modos de reprodução dessa fala para que perceba que não se trata de reprodução de frases, mas de uma enunciação completa que ele está reproduzindo em sua enunciação.

É importante que o aluno se conscientize que não é possível relatar uma palavra, um discurso alheio sem alterar o sentido, que o simples fato de escolher um verbo operador basta para que o enunciado tenha seu sentido modificado: o *deputado sugeriu que* e o *deputado declarou que* ou *il affirme que* et *il prétend que* não têm o mesmo sentido. O discurso relatado é um exercício de reformulação de formas e sentido, a idéia de *fidelidade*, de *textualidade* é uma ilusão. O ideal, seria que o aluno desenvolvesse, por meio dos exercícios, uma melhor consciência metalinguística do fenômeno discurso relatado.

2. Os objetivos específicos

2.1. Mostrar que há outros modos reprodução de um discurso além das formas clássicas, DD, DI, DIL, e outras formas de inscrição de um discurso que marcam um distanciamento do sujeito enunciador. Por exemplo, o uso das aspas para significar *"não sou eu quem afirmo isso"*, *"essa palavra não é minha, não a assumo"*; certos usos do condicional (Futuro do pretérito), o "*on*" em francês e todas as formas de modalização de um discurso: *para X, segundo X, d'après X, disent certains.*

2.2. Desenvolver no aluno a capacidade de conceptualização, oferecendo uma noção clara do processo de inserção de um discurso. Para Reischler-Béguelin (1992, p.202) "*une bonne connaissance des procédures de citation fait partie du bagage notionnel indispensable à un futur maître de langue*".

2.3. Favorecer um enriquecimento do repertório lexical, numa perspectiva semântica para trabalhar o sentido.

Por exemplo:

a. Propor outros verbos operadores além de *dizer* para mostrar que a escolha determina o sentido que se quer dar ao enunciado:

DD: "Vous pouvez partir."

DI: il nous a demandé/il a suggéré/il a proposé

b. executar operações de designação:

DI: *Pierre* a dit que

Variantes para designar *Pierre*: *le jeune homme, l'étudiant, mon ami, le petit blond, ...*

2.4. Desenvolver um melhor contrôle das operações gramaticais em ação, que pode auxiliar na fixação ou aperfeiçoamento de uma competência ainda hesitante:

a. gramatical propriamente dita: principalmente as transposições verbais e dos dêiticos de pessoa tempo e lugar,

b. oral : estimular a comunicação oral da apropriação e da reprodução da fala do outro, principalmente na prática dos atos de fala.

2.5. Trabalhar a dimensão dialógica do discurso argumentativo para aprender a argumentar: de que maneira se realiza a apropriação do discurso do outro para refutar, discordar, concordar.

3. Propostas de exercícios.

As sugestões de exercícios que propomos aqui destinam-se a alunos de nível médio a avançado, com um domínio razoável da língua, mas os mesmos princípios metodológicos podem ser adaptados na elaboração de exercícios para alunos principiantes. São exercícios que visam a desenvolver ou melhorar a competência escrita, mas podem ser precedidos exercícios orais a título de complementação.

Todos os exercícios foram testados, com resultados bastante satisfatórios. Não apresentamos análise dos resultados, com erros e acertos, e sugestões para correção. Sabemos da importância de tais procedimentos

para a didática das línguas, porém para desenvolver o assunto, o ideal seria inscrevê-lo dentro do quadro dos estudos ligados à didática e à metodologia do ensino de línguas, para dispor de instrumentos teóricos e metodológicos apropriados. Mas como objetivo principal de nossa pesquisa não é este, no presente trabalho, nossas contribuições são mais sugestões para reflexão e futuros desenvolvimentos.

3.1. Tipologia de textos

Os textos escolhidos consistem na sua maioria em artigos extraídos da imprensa, sugerimos também alguns textos literários com o objetivo de trabalhar os indícios de uma enunciação na narração. Embora não apresentemos exemplos, programas radiofônicos, entrevistas e principalmente debates, constituem excelente material para uma abordagem oral do discurso relatado baseado nos atos de fala: tomar, ceder, passar a palavra, apropriar-se da palavra do interlocutor para argumentar parecem constituir uma boa estratégia para a aquisição do oral.

3.2. Para trabalhar os textos, sugerimos o seguinte procedimento didático:

3.2.1. revisão descritiva dos modos clássicos de DR, visando a ampliar o quadro do DR,

3.2.2. revisão dos mecanismos de transposição e das dificuldades encontradas com o objetivo de mostrar o DR como um exercício de interpretação e reformulação de um dizer: por exemplo, (im)possibilidades

de transformação no caso de onomatopéias, reticências, interjeições ou outras formas que exijam interpretação, adaptação.

3.2.3. ampliação do quadro do DR com os outros modos de inserção de um discurso.

No texto, proceder à:

3.2.4. localização de formas de alteridades clássicas e outras formas. Classificá-los.

3.2.5. exercícios de fixação, segundo as dificuldades apresentadas.

3.2.6. de acordo com o nível, proceder a uma avaliação, no sentido de verificar a recepção, e reorientar a abordagem, se necessário.

4. Discurso relatado e textos literários

A nossa proposta aqui é de tentar uma aproximação linguística do texto literário dentro do quadro de ensino de uma língua estrangeira. Nossas reflexões surgiram a partir da seguinte constatação: os exercícios de manuais que visam a trabalhar o DR, a partir de textos literários, na maioria das vezes propõem uma combinação de exercícios gramaticais sobre textos literários.

O problema que se coloca nesses tipos de exercícios é de duas ordens: em primeiro lugar, é o risco de um esvaziamento da literalidade do texto, reduzindo-o a um mero pretexto para praticar exercícios de fixação de um programa gramatical, desprovido de qualquer tipo de introdução ou aproximação literária. Como por exemplo, o exercício da página 248, do *Sans Frontières 2*, que propõe a reconstrução do diálogo entre dois

personagens a partir de uma passagem do *L'Etranger*, de Camus, (o DR é um dos pontos gramaticais trabalhados). Este tipo de exercício pede para o aluno criar em cima do texto de um autor, o que, por si só, é uma prática positiva, uma vez que a criatividade é importante no processo de aquisição de uma língua, mas o problema é que o aluno, não só não consegue distinguir o texto literário do texto de exercício de gramática, como também não é capaz de estabelecer a relação entre a criatividade e a tarefa que tem que executar. É possível propor exercícios de ficção que trabalhem com a noção de intertextualidade, por exemplo, do tipo imitação, paródia, pastiche, etc, mas estes devem ser preparados e precedidos de explicações, senão o risco que se corre é de condicionar o aluno a ver no DR um simples exercício de transposição gramatical.

O sentido em construção, em razão da reformulação do discurso alheio, só recentemente começou a ser trabalhada. Observar as condições de produção, a alteração de sentido, a inscrição dos sujeitos contribuem para que o aluno tenha maior contrôle das operações gramaticais e para que desenvolva uma competência em produção. O texto literário, por sua vez, seria enriquecido com uma leitura de orientação linguística, mas que respeita suas especificidades, centrada na observação dos diversos planos e vozes narrativos e da combinação harmoniosa, sutil, dos modos de relato que constituem finalmente o "estilo" de um autor.

5. Discurso relatado e a gramática

A maioria das críticas que se faz aos exercícios relativos ao discurso relatado, no ensino de uma língua estrangeira, concernem dois pontos essenciais: o primeiro é que só os mecanismos de passagem do

discurso direto para o discurso indireto são levados em consideração, ou seja, os exercícios só prevêem atividades que insistem na prática de transformações dos determinantes (pronomes pessoais, demonstrativos), expressões temporais e espaciais, principalmente a transposição dos tempos verbais. Trata-se, em geral, de enunciados de estruturas simples, isolados de seu contexto, às vezes uma pergunta e uma resposta, em que se treina apenas os mecanismos sintáticos. Não há variedade nem exercícios específicos que levem o aluno a uma prática da apreensão e reprodução da fala do outro. Há uma tendência em privilegiar exercícios escritos, de natureza gramatical, em detrimento de outras práticas escritas e do oral.

O segundo ponto, estreitamente ligado ao primeiro, diz respeito à tipologia de frases normalmente usada nos exercícios: geralmente são frases estereotipadas, em que os elementos que devem ser modificados aparecem de maneira artificial. Na verdade, nem se deve considerá-las enunciados, uma vez que as condições de produção não são explicitadas, portanto não se trata de enunciação. Do ponto de vista semântico, são frases que apresentam pouca dificuldade. Geralmente, os enunciados que implicam manifestação de um sentimento ou de um estado, por meio de interjeições, locuções, onomatopéias que exijam uma interpretação por parte do aluno são eliminadas do exemplário.

Assim, o aluno de uma língua estrangeira, quando confrontado com enunciados desse tipo, encontra dificuldades para resolvê-los. Na maioria dos casos, ele compreende perfeitamente o sentido da frase, mas não é capaz de resolver linguísticamente a questão parafraseando, acrescentando frases explicativas ou comentários antes de aplicar o modelo verbo introdutor + que, pois não foi habituado a considerar as condições de produção do enunciado.

Os exercícios não devem limitar-se à prática exclusiva da habilidade gramatical, no entanto, tratando-se de um assunto complexo, como o discurso relatado, é importante que ele seja trabalhado a partir de fatos observáveis na cadeia verbal , localizáveis, que permitam ao aluno reconhecer o seu funcionamento, a fim de ampliar o campo e fornecer instrumentos operacionais, mas isto não significa reduzir a prática do DR a mero exercício de gramática.

Para ampliar as atividades em DR, é preciso ficar claro para o aluno que o sujeito enunciador de DI não é simples "repetidor" ou "tradutor" de falas alheias, ele é produtor de um outro discurso. Portanto, não se trata de abandonar os exercícios de transformação sintática, mas de não se restringir unicamente a esta atividade como vem sendo praticado nos manuais. É preciso reconhecer também que, ainda que tímidos, houve avanços no sentido de introduzir novas perspectivas para a prática do DR no ensino das línguas.

6. Português língua estrangeira: um exemplo.

O exercício é um exemplo de aplicação didática do discurso relatado no quadro do ensino do português língua estrangeira. O manual, de orientação comunicativa, é destinado a alunos adultos principiantes, sua estrutura segue os modelos teóricos estabelecidos. A lição se situa ao final do curso básico, os alunos já tendo adquirido as estruturas de base do português do Brasil.

A progressão do conteúdo gramatical foi concebida tendo em vista a orientação geral do método, voltado para a atividade comunicativa, na qual o aluno é frequentemente levado a interagir, ativando desse modo seus

conhecimentos e aquisições recentes. Esta lição é aquela destinada ao livro-texto e é normalmente completada com a lição correspondente no livro de exercícios, na qual o conteúdo gramatical é retomado e sistematizado.

O conjunto de exercícios, tem por objetivo trabalhar de modo sistemático o discurso relatado, préviamente introduzido em situação de comunicação, o assunto é retomado de maneira diversificada, sob outros pontos de vista (prática do oral com tomada da palavra, polifonia narrativa, etc), nas outras partes da lição, sem desenvolvê-los necessariamente. O tratamento dado ao DR, procurou ser mais amplo e coerente com o uso da língua e a realidade do aluno. Porém, é possível observar que, entre outros pontos, os autores conservaram o nome consagrado desse fenômeno linguístico: discurso indireto.

Apresentamos abaixo, os objetivos e critérios gerais que foram estabelecidos para desenvolver esta unidade que trata específicamente do discurso relatado.

1. Fazer o aluno perceber que não se trata de uma "tradução", nem de uma "repetição", ou ao menos que não se trata só disso, mas de um outro ato enunciativo e suas implicações. Não existe reprodução "fiel", "textual" de enunciados.

2. Apresentar frases que não sejam estereótipos ou modelos para exercícios de transformação sintática, apesar das limitações impostas pelo próprio contexto. O aluno deve discernir o ato de fala e as marcas da enunciação.

3. Apreender o *momento* em que se realiza, *quem* e *como* realiza a enunciação é fundamental. A transposição temporal não é uma simples questão de transposição de verbos, pronomes e referências temporais e espaciais, esses mecanismos não são nem automáticos, nem infalíveis, ao contrário, a transposição não é rígida, ela depende da situação e condição de produção do enunciado fonte e do enunciado indireto.

4. Mostrar que não há uma única maneira de reproduzir uma fala alheia, de relatar um fato, mas diversas: o sentido é construído pelo sujeito enunciador do discurso indireto.

Este é apenas um exemplo de aplicação didática, dentro de um quadro bem definido que é o do ensino do português língua estrangeira, especialidade ainda pouco explorada, mas é evidente que o campo de aplicação é vasto: compreende o ensino de línguas estrangeiras dentro do quadro institucional e particular, do 1o ao 3o graus e suas especificidades.

TEXTO. AVENIDA BRASIL

B1 Discurso Indireto

Reproduzindo imediatamente após a fala de alguém ou a própria fala.

"Vou sair!"	O que ele diz/está dizendo/ disse?	Ele está dizendo que vai sair.
"Você quer jogar bola?"	O que ele está perguntando/ perguntou?	Ele perguntou se você quer jogar bola.
"Feche a porta e abra a janela!"	O que ele diz/está dizendo/ disse?	Ele disse para fechar a porta e abrir a janela.
"Quando puder, venho te ver"	O que você está dizendo/ disse?	Eu estou dizendo que, quando puder, venho te ver (virei ver você)

Trabalhe com seu colega. Ouçam a fala, façam a pergunta e reproduzam a fala em Discurso Indireto.

a) "Ela não está aqui".
O que ela disse? Ela disse que não está aqui.

b) "Ninguém me deu uma explicação."
_____?_____

c) "Você quer ir ao teatro conosco?"
_____?_____

d) "Quando vocês voltaram de viagem?"
_____? Nós perguntamos quando _____

e) "Fique quieto e escute!"
_____? Ele disse que você _____

f) "Leve o guarda-chuva porque vai chover."
_____? Ele está dizendo _____

g) "É importante ler o jornal todos os dias."
_____? Ele sempre diz que _____

Reproduzindo a fala de alguém ou a própria fala em momento diferente

Ontem ele disse: "- Vou viajar". - O que ele disse ontem? Ele disse que ia viajar.

Verbo no Discurso Direto			Verbo no Discurso Indireto
Indicativo			
Presente:	"Eu vou para casa"	Ele disse que ia para casa.	Imperfeito
Imperfeito:	"Eu ia ao cinema"	Ele disse que ia ao cinema	Imperfeito
Perfeito:	"Eu fui à praia"	Ele disse que tinha ido à praia.	Mais-que-perfeito
Futuro do			
Presente:	"Eu irei à praia"	Ele disse que iria à praia	Futuro do pretérito
Futuro do Pretérito:	"Eu iria à China"	Ele disse que iria à China.	Futuro do pretérito
Subjuntivo			
Presente	"Eu quero que você fique"	Ele disse que queria que ela ficasse.	Imperfeito subjuntivo
Imperfeito	"Eu queria que você ficasse"	Ela disse que queria que ela ficasse.	imperfeito subjuntivo
Futuro	"Eu venho quando puder"	Ele disse que viria quandopudesse.	Imperfeito subjuntivo
Imperativo	"Fique comigo"	Ele pediu que eu ficasse.	Imperfeito subjuntivo

1. Faça sozinho:

a) Ele me perguntou: "- Você quer que eu desligue a televisão?

Ele me perguntou se eu queria que ele desligasse a televisão.

b) Ele me falou: "Não fume nesta sala!"

Ele me falou que _____

c) No aeroporto ela me pediu: "Telefone assim que chegar!"

_____

d) Conversando ela me contou: "Minha avó gostava muito de ouvir rádio."

_____

e) Depois da festa ele me disse: "Eu queria tanto que a Sandrinha ficasse"

_____

f) O presidente afirmou: "Combaterei a inflação com todas as minhas forças"

_____

g) Saindo ela me disse: "Eu ajudaria a preparar o almoço, mas não tenho tempo agora"

_____

B2 Verbos de comunicação

a. Verbos de dizer

- dizer, falar, gritar, falar alto, cochichar, murmurar, falar baixo ...
- comunicar, avisar, anunciar, declarar, contar, explicar, repetir ...
- perguntar, responder, propor, sugerir, observar, acrescentar, comentar ...
- aceitar, recusar, afirmar, (não) concordar, confirmar ...
- pedir, exigir, mandar ...
- resmungar, choramingar, reclamar, queixar-se ...
- cumprimentar, desculpar-se, agradecer, despedir-se ...

"Vou chegar tarde". -- Ele | disse / falou / avisou / afirmou / declarou | que ia chegar tarde

b. Verbos de opinião - achar, pensar, acreditar, crer ...

1. Trabalha com seu colega: um lê a fala e o outro a passa para o Discurso Indireto

1. "- Quero o divórcio."
Minha mulher _____

2. "- A viagem foi cancelada por causa do mau tempo."
O locutor _____

3. "- Já disse mais de uma vez que não estou sabendo de nada."

4. "- Saiam imediatamente do meu quarto!"

5. "- Você quer jantar comigo?"

6. "- Cuidado com a escada! Ela está quebrada!"

7. "- Você não quer mesmo sair comigo?"

2. Passe para o Discurso Indireto. Observe o exemplo.

"- Droga! Eu não vou lá sozinha!"
Irritada, ela disse que não ia lá sozinha.
ou
Ela estava furiosa e avisou que não ia lá sozinha.
ou ...

1. "- Puxa! Que fila enorme!"
2. "- Ah, que alegria! Estou em férias!"
3. "- Parabéns pelo seu aniversário!"
4. "- Que frio!"
5. "- Que pena! O Léo acabou de sair!"
6. "- Chiiiiiu! Ela vai começar a cantar".
7. "- Desculpe, mas não há outro jeito?"

1.TEXTOS

TEXTO 1. LA FRANCE NE S'EN TIENDRA PAS À 8 TIRS

La France ne s'en tiendra pas à 8 tirs

Des essais de faible puissance pourraient continuer après mai 1996.

« *Ça durera le temps que dureront les essais, jusqu'en mai prochain donc* », commentent avec philosophie les responsables de la Défense française quand ils parlent de l'agitation antinucléaire autour de Mururoa. Mais il n'est pas certain du tout que Jacques Chirac ait dit toute la vérité quand, le 13 juin, il a annoncé sa décision de reprendre les essais. La campagne de tirs envisagée sera, a promis le chef de l'Etat, « la dernière ». Une fois terminés les huit essais prévus, la France *« a bien l'intention de signer le traité international portant interdiction de tout essai nucléaire »*, en principe à l'automne 1996. Mururoa serait alors rendu aux poissons, et les iliens du Pacifique Sud pourraient dormir en paix.

ANALYSE

Voire. *« Il sera probablement nécessaire de continuer à faire des essais »*, révèle un responsable de la Défense. Les tirs français ont en réalité toutes les chances de continuer à Mururoa, et bien au-delà de mai 1996.

Bien sûr, il ne s'agira, explique-t-on dans les milieux responsables, que de *« petits »* essais, dont la puissance serait comprise entre plusieurs dizaines et quelques centaines de tonnes de TNT. Rien à voir avec la bombe d'Hiroshima (17 000 tonnes de TNT environ), ni avec les armes nucléaires actuelles. Ils seront si discrets qu'ils ne pourront même pas être décelés par les capteurs sismiques, qui n'enregistrent que les explosions de plus de 1 000 tonnes de TNT. Mais ce seront quand même des tirs nucléaires, et ils devront avoir lieu à Mururoa. L'argument de la sécurité et de la fiabilité est mis en avant: les armes nucléaires ont une fâcheuse tendance à l'instabilité, et on ne connaît pas trop les effets du vieillissement quand elles atteignent l'âge de 20 ans. Un autre argument n'est pas avancé, mais il existe bel et bien: ces « mini-essais » permettront de travailler à la mise au point d'armes nouvelles, particulièrement ces têtes nucléaires « miniaturisées » dont rêvent les militaires.

Comment concilier la signature du traité d'interdiction totale avec la poursuite de ces « mini-essais »? Les responsables français espèrent faire inclure dans ce traité une clause de sauvegarde permettant aux puissances nucléaires patentées (Etats-Unis, Russie, Chine, Grande-Bretagne et France) de mener des essais en deçà d'un certain seuil, qui pourrait être, selon les spécialistes, de 200 tonnes de TNT. *« Bien entendu, ce n'est pas la France seule qui demandera l'introduction d'une telle clause »*, précise-t-on à la Défense, où des discussions ont déjà eu lieu sur le sujet. Des contacts auraient été pris avec les Etats-Unis et la Russie. Dès le mois de janvier, le président Clinton avait explique que le futur traité d'interdiction *« ne devra pas interdire les activités nécessaires pour maintenir la sécurité et la fiabilité »* des armes existantes.

Le 19 juin, le secrétaire américain à la Défense, William Perry, a reconnu que les experts du Pentagone recommandent au Président d'agir pour que le traité d'interdiction autorise des essais nucléaires pouvant aller jusqu'à plusieurs centaines de tonnes de TNT de puissance. La Maison Blanche a confirmé depuis que, certes les Etats-Unis respecteraient leur propre moratoire sur les essais jusqu'à son terme (c'est-à-dire septembre 1996), mais qu'ils se réservaient la possibilité d'effectuer par la suite des *« tirs de faible puissance »* dans le cadre du traité d'interdiction des essais. *« L'équilibre stratégique global repose sur l'existence des cinq puissances nucléaires reconnues*, explique un responsable français. *Tant qu'on n'aura pas décidé un désarmement généralisé, à supposer que ce fût souhaitable et réaliste, nous devrons conserver la crédibilité de notre dissuasion nucléaire. »*

Il convient de se souvenir des propos qu'avait tenus, le 10 mai 1994, devant l'Institut des hautes études de la Défense nationale (IHEDN), le Premier ministre Edouard Balladur, dont la doctrine en la matière n'était pas différente de celle de Jacques Chirac: *« Nous ne souscrirons à aucune interdiction définitive des essais aussi longtemps que nous aurons le sentiment qu'ils sont indispensables à la crédibilité technique de notre dissuasion »*, avait-il mis en garde, précisant que la conclusion d'un éventuel traité d'interdiction ne devrait inclure *« aucune obligation quelconque de délai pour sa conclusion »* et ne devrait *« en aucun cas envisager l'élimination des armes nucléaires ou chercher à porter atteinte au statut des puissances nucléaires »* ●

PATRICK SABATIER

Libération 07/95

DISCOURS RAPPORTÉ ET ARGUMENTATION

1. Relevez dans le texte les formes classiques de discours rapporté, les sources énonciatives et les verbes opérateurs.

2. Relevez les autres modes d'insertion de la parole de l'autre et décrivez-les en les comparant aux formes classiques.

3. Montrez comment le discours d'un autre agit dans la construction de l'argumentation.

4. Un des procédés pour disqualifier les explications du gouvernement est l'ironie qui n'a pas de marques explicites. Relevez dans le texte les moyens utilisés pour obtenir cet effet.

Le Monde Diplomatique 02/92

Vivre sous un pont à Sao-Paulo

Un lût de prospérité, Bebedouro ? Force est de constater que, par dizaines de millions, des Brésiliens croupissent dans la plus effroyable misère au cœur des mégapoles. A Sao-Paulo, par exemple.

SELON une enquête de la mairie de Sao-Paulo, en février 1991, 56 % des mendiants de la ville l'étaient depuis moins d'un an. Un sort aujourd'hui plus de 1 million, soit près de 10 % de la population de la mégapole brésilienne, à vivre dans les *favelas*. Chiffre en progression vertigineuse qui se reconnaît par ceux que les dirigeants européens et municipaux appellent pudiquement les « nomades urbains », c'est-à-dire les occupants de logis insolites. Par exemple, les vitrines et les ponts, dernier recours avant l'option ultime.

Iasara est de ceux-là. Les Paulistanes passant sous le pont Sumaré, qui enjambe la voie express du même nom, ne s'étonnent plus de voir cette femme noire escaladant la paroi de béton qui se dresse sur une trentaine de mètres. Comme des milliers d'autres, Iasara rentre à la maison. Sa « maison », elle l'aménagea sous le tablier du pont, au milieu du bruit infernal de l'autoroute ; à six pieds, 20 mètres plus bas. Décoiffée en permanence le torrent des voitures et des camions d'une des plus grandes villes industrielles de la planète. Ce n'est pas vraiment un logis qu'elle s'en aménagea, mais une sorte de structure sociale qu'elle essaye de « construire. La vie d'Iasara Cassemira « c'est, basale, de la misère. Née il y a quarante et un ans dans le quartier de Bela-Vista de parents inconnus, elle a d'abord été élevée par une vieille dame qui la maltraitait. Un jour, elle décide de s'en aller et devient une gamine de la rue parmi des milliers d'autres. Jusqu'à ce que la Fondation de l'Effa pour le bien-être du mineur (FEBEM), institution chargée de réinsérer les enfants abandonnés et les délinquants, la prenne en charge. Elle y vivra jusqu'à l'âge de dix-huit ans.

Depuis, elle a tout essayé : ferme de ménage à la compagnie du téléphone Telesp, caissière dans un magasin, domestique... Ensuite, elle n'a plus réussi à louer un logement, ses salaires sont devenus de plus en plus maigres, elle a dû se séparer de sa fille pour ne plus jamais vivre avec elle. « *J'ai dû de laisser chez sa marraine et trouver un travail en l'étant logée. Je suis donc devenue employée domestique.* » Pire que d'être prostituée, disent certaines. Au bout d'un neuf ans, elle en a aujourd'hui dix-sept, vit toujours chez sa marraine, travaille comme ménagère. De temps en temps, Iasara lui téléphone. Mais elle a honte de lui donner sa nouvelle adresse. Il y a neuf mois, en effet, Iasara a quitté le couple chez qui elle travaillait. Elle a installé d'abord sous un pension pour, où logeait une trentaine de marginaux. Or lui vole toutes ses affaires. « *Je n'en pouvais plus* » C'est alors qu'un camarade lui propose de venir sous le pont Sumaré. Elle accepte. « *Au départ, j'avais peur de la hauteur* (la seule façon d'accéder en venant de l'avenue Sumaré est de se lancer dans le vide à l'aide de cordes installées en permanence). *Il y a aussi le bruit et les gaz d'échappement. Au début, il y avait deux types sales et saouls(1) saouls. Nous nous en sommes débarrassés. Maintenant, nous arrivons à être tranquilles.* » « *Nous* », c'est Erion, dix-sept ans (il cache son visage et a des tâches partout sur le corps), José, trente-six ans, tous deux homosexuels, et « l'homme de la maison », Gilson, quarante et un ans.

Le « domaine » c'est un espace très sombre d'environ 30 mètres carrés, de 1 mètre de hauteur, créé à l'aide des poubelles volées dans les quartiers chics des environs (Pinheiros, Jardins...). Le sol, en terre battue, est recouvert de tapis en paille et de cartons. Dans l'entrée à gauche, le « coin cuisine », avec un réchaud à gaz, une petite armoire où les ustensiles de cuisine sont impeccablement rangés. Au fond, à l'endroit le plus bas, deux grands lits séparés par une table de chevet où s'entassent des livres. Au centre, la « salle de séjour », avec d'un côté le petit lit d'Iasara et une sorte de mezzanine où elle dort ses nuits. Sur la mezzanine, des vêtements, des sacs, des boîtes de conserves, des brosses, fards et autres « bijoux » et, de l'autre, un vieux canapé, une chaise autour d'une table basse, d'un cendrier et d'une pile de livres. Aux murs, un poster de formule 1, le portrait d'un saint, d'autres images. Un décor presque ordinaire. Des ornements pour s'exorciser, sourirent et tout donne Iasara évoque ses malheurs. Seules les larmes lui viennent en imaginant l'avenir. Récupérer sa fille... Pouvoir à nouveau louer un logement... Avec le peu d'argent qui lui reste sur son compte épargne, acheter de la viande et vendre des brochettes dans la rue... Elle enchaîne sur la vie quotidienne ici.

Ils se lèvent tôt. Les hommes vont chercher l'eau. Elle prépare le café. Ils déjeunent. Gilson est expédié dehors. Objectif : remplir son rôle, pourvoir de quoi nourrir la « famille ». Ce sera un petit boulot, des ambulants, de la nourriture, de l'alcool aussi. Il n'a pas fait de s'acquitter très bien de sa fonction. Pendant de temps, les autres s'occupent du ménage, de la cuisine quand il y a de quoi manger, de la lessive... Pour passer le temps, Iasara fait du tricot, écoute la radio. Il n'est pensé, un temps, à achever une série qu'ils auraient branchée sur une batterie de voiture. Mais ils ont finalement décidé de garder l'argent pour leur projet de vente ambulante de brochettes.

Une activité de leurs occupations est la défense de leur « propriété ». « Souvent, explique Erion, *il vient des gens qui veulent s'installer ici. Nous sommes obligés de les repousser avec force. Nous ne voulons pas de ces gens qui ne se lavent jamais et se souviennent tout le temps. De toute façon, c'est mieux de vivre ici que dans la périphérie ou dans les cortiços.* »

Perdus dans le bruit et le chaos qui les entourent, coincés en quelque sorte sur les bornes de la ville, Iasara, Erion, José et Gilson tentent de se bâtir un monde ainsi, propre et ordonné, dont les règles s'inspirent étrangement de la morale bourgeoise.

MONIQUE BADAROT et ISABELLE MALTOR.

UN « LOGIS » SUSPENDU À VINGT MÈTRES DU TORRENT DES VOITURES

1. Relevez les reproductions en DD (discours direct) et décrivez leur fonctionnement.
2. Relevez uniquement les mots et expressions entre guillemets et expliquez leur emploi.
3. Le passage signalé entre crochets est en DIL (discours indirect libre). Expliquez son

LES MOTS ENTRE GUILLEMETS

1. Relevez uniquement les mots qui sont désignés dans le texte par un signe typographique: les guillemets, l'italique, le gras, etc. Normalement ces formes marquent une distance entre l'énonciateur et le mot en question.

2. Classez-les selon le tableau suivant:

- un mot étranger _____
- un mot qui n'est pas approprié (adéquat)_____
- un mot que je reconnaîs pas comme mien _____
- un mot de spécialiste_____
- de l'ironie_____
- de l'humour_____

TEXTO 3. EMBARRAS DU MINISTÈRE APRÈS LA MORT DE FAIM D'UN DETENU

JUSTICE

Embarras du ministère après la mort de faim d'un détenu

Le syndicat de la magistrature juge «d'une hypocrite prudence» le communiqué de la Chancellerie.

Après que *Libération* ait révélé, dans son édition d'hier, qu'un détenu était mort de faim à la prison de Bois d'Arcy, le ministère de la Justice a publié un long communiqué confirmant le décès d'Ignace Mabassa le 11 décembre, et l'ouverture d'une information judiciaire pénale à Versailles pour *«abstention volontaire de porter secours à une personne en péril»*. L'enquête a été confiée à la juge d'instruction Corinne Moreau.

Soulignant que le ministre avait été *«tenu par l'annonce de ce décès dès le 11 décembre»*, la Chancellerie explique que *«M. Mabassa N'Zen Guet, qui restituait ses plateaux-repas vides, se nourrissait exclusivement de fruits et de légumes dont il reçu lamait des suppléments»*. Et que *«des écrits retrouvés dans sa cellule ont permis de comprendre qu'il agissait ainsi parce qu'il se croyait ensorcelé et craignait que sa nourriture ne soit empoisonnée»*.

Le ministère ne développe pas la lecture des *«négligences mises en évidence par l'enquête préliminaire diligentée par le parquet»*. En revanche, il cite un rapport du parquet général de Versailles suggérant que *«la personnalité apparemment perturbée»* du détenu *«pouvait expliquer sa passivité à l'égard de son état de santé»*. Enfin, il assure que toute lumière sera faite sur ce décès *«afin d'en tirer toutes les conséquences»*.

Un communiqué *«embarrassé et d'une hypocrite prudence»*, jugent le Syndicat des avocats de France et le Gisti dans une réaction commune. *«Un homme pèse 30 kg et il est "trouvé mort dans sa cellule". Lorsqu'on confond démagogie et politique pénale et que l'on n'a plus les moyens d'assurer la sécurité des personnes que l'on a sous sa garde, il ne reste plus qu'à expliquer, comme la chancellerie vient de le faire, la mort de Mabassa par le comportement de celui-ci.»* Les deux organisations soulignent *«la discrimination institutionnelle à l'égard des étrangers. Que cette discrimination entre dans les esprits, voilà le plus inquiétant»*.

Le Syndicat de la magistrature *«dénonce ce qui, d'ores et déjà, est révélateur d'un dysfonctionnement gravissime de l'institution pénitentiaire»*. Faisant référence au surveillant qui, le 11 décembre après-midi, a découvert le corps de Mabassa après être passé trois fois dans la cellule sans se préoccuper de l'homme affalé par terre, le SM souligne que le *«dysfonctionnement ne saurait se réduire à la mise en cause de la responsabilité d'un seul surveillant»* et demande que *«toutes les responsabilités inhérentes à cette tragédie»* soient mises en lumière.

La direction de Bois d'Arcy s'est contentée de déclarer que Ignace Mabassa *«accepta ses repas et ne bénéficiait pas d'un régime alimentaire particulier»* et que son décès avait été *«tout à fait inattendu»*.

CRL

Libération 08/11/94

LE DISCOURS RAPPORTE JOURNALISTIQUE:

1. Relevez les formes classiques de discours rapporté.

2. Relevez les formes qui caractérisent le DR de la presse et décrivez-les.

TEXTO 4. UN RESTAURANT NON-FUMEURS

UN RESTAURANT NON-FUMEURS

TRANSCRIPTION

Th. W. - Brune ou blonde pour ou contre la question ne se pose même plus puisque la loi est maintenant là pour punir les contrevenants plus question d'en griller une dans un lieu public certains s'indignent de cette atteinte à la liberté individuelle d'autres même fumeurs se souviennent qu'Humphrey Bogart disait que chaque cigarette allumée était un clou du cercueil enfoncé - Excuse:-moi les Deux Canards j'écoute bonjour bonjour Monsieur Marc trois couverts vous laisserez vos cigarettes dehors comme d'habitude - Th. W. Un reportage qui part en fumée Dominique Duhui - D. D. - Eh bien ça y est on va bientôt vivre comme les Américains notre bonne dose de nicotine il faut en profiter c'est déjà interdit dans les établissements publics dans le métro dans le bus dans l'avion eh bien maintenant on s'attaque aux restaurants il n'y en a qu'un pour le moment rue du faubourg Poissonnière reconnu par l'OMS l'Organisation mondiale de la santé c'est un franc succès le patron non-fumeur du restaurant non-fumeur - Ce sont les fumeurs qui nous ont encouragés à devenir totalement non-fumeurs on avait de gros fumeurs je cite toujours l'exemple de Michel Crépeau qui à l'issue d'un repas chez nous a finalement reconnu qu'en deux heures de temps il avait accompli un exploit dont il ne se sentait pas capable auparavant - D. D. - Peut-être qu'on va vous copier maintenant hein si euh vous ne serez peut-être plus le seul restaurant non-fumeur de Paris - Tant mieux tant mieux au contraire si on fait école c'est très bien puisque non seulement c'est un confort pour les non-fumeurs mais même les fumeurs y redécouvrent finalement un challenge et c'est un service finalement pour les fumeurs je m'excuse j'accueille des clients - Les fumeuses c'est des calamités surtout les femmes - Je suis un non-fumeur et c'est bien pour ça que je viens ici - Vous avez toujours été non-fumeur - Toujours - Mais quand même avec des amis qui sont fumeurs - Oui - Des collègues qui sont fumeurs - Oui oui oui parce qu'ils apprécient la cuisine - Donc ils vont se retenir - Ah ben ils se retiennent oui bien sûr oui - C'est jamais arrivé qu'il y ait quelqu'un qui craque - Si - Si - Le plus naturellement du monde on sort sa cigarette de sa poche on l'allume machinalement - Et alors vous le virez là - Pas du tout le fumeur surpris s'excuse d'avoir été distrait et éteint sa cigarette c'est terminé - Eh bien d'accord bravo pour la discipline mais c'était trop beau est arrivée enfin l'exception - C'est une campagne en ce moment qui m'agace ça me donnerait envie de fumer moi mais je trouve intolérable qu'on qu'on interdite aux gens alors à ce moment on interdit tout hein on interdit de manger on interdit de boire on interdit de tout faire hein faudra aller dans les waters pour fumer bientôt ■

LEXIQUE

législation
sur le tabac
les restaurants sont tenus
d'offrir désormais à leurs
clients un espace réservé
aux non-fumeurs.

Michel Crépeau
homme politique français,
maire de La Rochelle.

RAPPORTEZ ORALEMENT

1. Ecoutez l'enregistrement et essayez de distinguer les personnes qui interviennent dans le reportage.

2. Quels sont les arguments favorables ou défavorables à l'interdiction de fumer dans les restaurants?

3. Rapportez en résumant ce reportage.

TEXTO 5. BD

LARGO WINCH - OPA
Par Francq et Van Hamme
Largo Winch préside une réunion du groupe W. Un de ses directeurs est passé à la Fenice, un groupe concurrent qui rachète des actions W. Largo se rend à une réception. Il rencontre le patron de la Fenice. Puis flirte avec une blonde...
M. WINCH?
AM STRAM GRAM !
JE VOUS DEMANDE PARDON?
J'AI DIT: AM STRAM GRAM !
AH, ENCHANTÉ ! MOI C'EST...
RUDEMENT EFFICACE, VOTRE TRUC, MELLY. MAIS LA DOSE ÉTAIT PEUT-ÊTRE UN PEU TRO FORTE, VOUS NE PENSEZ PAS
(A suivre)

POUR GÉRER LE SENS

1. Observez attentivement les dessins et les paroles dans les bulles. Ensuite, racontez cet épisode de deux manières différentes:

a) en style "neutre", "objectif":

"Un homme et une femme discutent sur la terrasse d'une villa. Elle essaye de deviner l'identité de son interlocuteur..."

b) en style "personnel", "interprétatif".

"Seuls sur la terrasse, deux personnes parlent tout bas. La jeune femme, une superbe blonde aux formes généreuses..."

Pour désigner: Elle: Melly, la femme, la jeune femme, la blonde, la belle blonde, la blonde aguichante, etc

Verbes pour rapporter: parler, chuchoter, murmurer, souffler/demander, interroger, répondre/interrompre, intervenir, interpeller, etc

TEXTO 6. MADAME BOVARY

tenait derrière elle, s'appuyant de l'épaule contre la cloison; et, de temps à autre, elle se sentait frissonner sous le souffle tiède de ses narines qui lui descendait dans la chevelure.

— Est-ce que cela vous amuse ? dit-il en se penchant sur elle de si près, que la pointe de sa moustache lui effleura la joue.

Elle répondit nonchalamment :

— Oh! mon Dieu, non! pas beaucoup.

Alors il fit la proposition de sortir du théâtre pour aller prendre des glaces quelque part.

— Ah! pas encore! restons! dit Bovary. Elle a les cheveux dénoués : cela promet d'être tragique.

Mais la scène de la folie n'intéressait point Emma, et le jeu de la chanteuse lui parut exagéré.

— Elle crie trop fort, dit-elle en se tournant vers Charles, qui écoutait.

— Oui... peut-être... un peu, répliqua-t-il, indécis entre la franchise de son plaisir et le respect qu'il portait aux opinions de sa femme.

Puis Léon dit en soupirant :

— Il fait une chaleur...

— Insupportable! c'est vrai.

— Es-tu gênée ? demanda Bovary.

— Oui, j'étouffe, partons.

M. Léon posa délicatement sur ses épaules son long châle de dentelle, et ils allèrent tous les trois s'asseoir sur le port, en plein air, devant le vitrage d'un café. Il fut d'abord question de sa maladie, bien qu'Emma interrompît Charles de temps à autre, par crainte, disait-elle, d'ennuyer M. Léon; et celui-ci leur raconta qu'il venait à Rouen passer deux ans dans une forte étude, afin de se rompre aux affaires, qui étaient différentes en Normandie de celles que l'on traitait à Paris. Puis il s'informa de Berthe, de la famille Homais, de la mère Lefrançois; et, comme ils n'avaient, en présence du mari, rien de plus à se dire, bientôt la conversation s'arrêta.

Des gens qui sortaient du spectacle passèrent sur le trottoir, tout en fredonnant ou braillant à plein gosier : *O bel ange, ma Lucie !* Alors Léon, pour faire le dilettante, se mit à parler musique. Il avait vu Tamburini, Rubini, Lablache, Grisi; et à côté d'eux, Lagardy, malgré ses grands éclats, ne valait rien.]

— Pourtant, interrompit Charles qui mordait à petits coups son sorbet au rhum, on prétend qu'au dernier acte il est admirable tout à fait; je regrette d'être parti avant la fin, car ça commençait à m'amuser.

DISCOURS RAPPORTE ET TEXTES LITTERAIRES

Repérez les traces d'une énonciation dans ce passage.

Pressupostos. Partimos do princípio que os alunos dominam alguns conceitos fundamentais como enunciação, narração/discurso, sabem distinguir autor/narrador/enunciador.

Objetivo: o objetivo é de levá-los a ver que é possível observar as marcas de uma enunciação, um tipo de discurso narrativizado, na narração literária. Como exercício prévio, pode-se observar como funcionam o modo direto, indireto e indireto livre, como técnica narrativa e como esses modos se combinam harmoniosamente para compor o texto literário.

TEXTO 7. LE PLANÉTARIUM N. SARRAUTE

« Oh, il faut qu'il vous raconte ça, c'est trop drôle... Elles sont impayables, les histoires de sa tante... La dernière vaut son poids d'or... Si, racontez-leur, c'est la meilleure, celle des poignées de porte, quand elle a fait pleurer son décorateur... vous racontez si bien... Vous m'avez tant fait rire, l'autre jour... Si... racontez... »

Cette façon brutale qu'elle a de vous saisir par la peau du cou et de vous jeter là, au milieu de la piste, en spectacle aux gens... Ce manque de délicatesse chez elle, cette insensibilité... Mais c'est sa faute, à lui aussi, il le sait. C'est toujours ce besoin qu'il a de se faire approuver, cajoler... Que ne leur donnerait-il pas pour qu'ils s'amusent un peu, pour qu'ils soient contents, pour qu'ils lui soient reconnaissants... Ses propres père et mère, il les leur livrerait... Mais lui-même, combien de fois il s'est exhibé, s'est décrit dans des poses ridicules, dans des situations grotesques... accumulant les détails honteux pour les faire rire un peu, pour rire un peu avec eux, tout heureux de se sentir parmi eux, proche d'eux, à l'écart de lui-même et tout collé à eux, adhérant à eux si étroitement, si fondu avec eux qu'il se regardait lui-même avec leurs yeux... C'est lui, cette fois encore, qui est venu, de lui-même, offrir... il ne peut y résister... « Oh, écoutez, il faut que je vous raconte, c'est à mourir de rire... ma tante, quel numéro, ah! quelle famille vous pouvez le dire... On est vraiment tous un peu cinglés... » C'est un peu tard maintenant pour se rebiffer, pour faire les dégoûtés, comme on fait son lit on se couche... ils sont là tous en cercle, ils attendent, on compte sur son numéro. Il voit déjà dans leurs yeux cette petite lueur excitée, il sent qu'ils font d'à peine perceptibles mouvements en eux-mêmes pour faire place nette, pour se disposer plus confortablement.

(p 20-21)

LE DIALOGISME ET LES TEXTES LITTÉRAIRES

Repérez les formes de dialogisme dans ce monologue intérieur

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objeto de estudo, os modos de relato de discursos alheios como atividade de representação metaenunciativa: reproduzir a enunciação do outro é operar uma transformação de forma e de sentido, pois trata-se de uma outra construção enunciativa que produz alterações, tanto na enunciação relatante como na enunciação relatada. Tradicionalmente, considera-se que, devido à autonomia sintática das enunciações, é a enunciação relatada o alvo de modificações porque pode ser fragmentada, amputada, significando que o enunciador procede à seleção daquilo que ele deseja reproduzir, tomando o discurso alheio como seu objeto. Como foi demonstrado, a enunciação relatada também atua sobre o discurso do enunciador, que se torna seu objeto, construindo desse modo, uma relação de reciprocidade entre as enunciações, um tipo de reversibilidade linguística de que falava Bakhtin : *"une énonciation dans et sur l'énonciation"*

Ficou evidente também que essa ação mútua não ocorre sem alteração do sentido, pois afinal, ao mesmo tempo que se reproduz um discurso anterior, é um novo sentido que está sendo produzido, em outro tempo, em outro lugar.

Assim, considerando o discurso relatado um fenômeno linguístico, em que um sujeito se apropria do discurso de outro para representá-lo na sua cadeia enunciativa, e partindo do princípio de que o discurso é constitutivamente heterogêneo, "habitado" pelo "déjà dit" de enunciações anteriores, procuramos percorrer inicialmente o desenvolvimento linguístico de suas representações mais significativas, orientadas numa perspectiva enunciativa.

Esse percurso mostrou que, a reprodução de discursos alheios é uma operação linguística muito mais complexa que se costumou representar, sob a forma de três modos de relato, o direto, o indireto e o indireto livre, e que essa complexidade emerge do fato de que se trata de representar um discurso em outro discurso, em que enunciador e locutor são instâncias separadas, e que essa representação implica uma multiplicação de vozes.

Essa concepção de um sujeito plural, reconhecido por alguns linguístas, coloca em questão o sujeito único, "maître de son dire et de son savoir". É por essa razão, talvez, que mesmo tendo percebido e anunciado a existência de "níveis de enunciação", no caso do discurso relatado especificamente, Benveniste deixa incompleta sua visão sobre a questão. Na concepção de Bally a proposta é de diferenciar *sujet parlant*, *sujet modal* e a figura de um terceiro sujeito enunciante.

O exame das conceptualizações acerca da alteridade do sujeito, da noção de polifonia de Bakhtin e o sujeito ideológico em atividade na palavra social e seu lugar de ação, o discurso relatado, ao desenvolvimento posterior, na análise do discurso e na linguística da enunciação principalmente, permitiu-nos observar que, sob ângulos diferentes, há uma inquietude em comum que permeia as elaborações em torno do sujeito: a problemática do "mesmo e do outro" e da reflexividade da linguagem. O que se pode inferir é que, se por um lado, a pluralização das vozes questiona a univocidade do sujeito falante, por outro, ela corre o risco de atomizar o sujeito, fazendo surgir uma infinidade de vozes.

J. Authier, a partir do conceito de heterogeneidade elaborado por M.Pêcheux e A.Culioli, e do desenvolvimento do conceito de "heterogeneidade" para as "não-coincidências" do dizer mostrou que o

sujeito deixa marcas no enunciado e que estas são percebidas como tipos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do sujeito. É precisamente esse conjunto de fenômenos heterogêneos, no quadro do discurso relatado, que procuramos analisar na segunda parte do trabalho.

A análise das variações dos modos de relato no discurso da imprensa, resultou nas seguintes observações: em primeiro lugar, há várias modalidades de reprodução de discursos além das três formas da trilogia clássica e o DR jornalístico é uma outra modalidade híbrida de relato, não só do ponto de vista do sentido, mas também da forma, caracterizada pela combinação do modo de inserção direto com o modo indireto do tipo *X disse que "P"*, em que as regras de transposição dos dêiticos nem sempre são observadas.

Acrescente-se a esse modo híbrido de inserção de discursos, outras formas explícitas de inscrição do outro como a modalização de um discurso, por meio de expressões como *"para X"*, *"de acordo com"*, *"selon X"*, as formas de autonimia, *leur "maison"* e de conotação autonímica, o *DD* e *DI*, as formas não marcadas, o *DIL*, a *ironia*, que se manifestam *concomitantemente* no discurso relatado, configurando a enunciação heterogênea, polifônica, dialógica. Há gestão do sentido por hibridação. Essas novas formas de manifestação do outro no discurso, vem enriquecer os modos de relato clássicos, o que nos conduziu a pluralização de discurso(s) relatado(s).

Em segundo lugar, a análise contrastiva revelou que, no plano formal, em francês como em português, pode se reproduzir desde uma palavra (uma unidade significante), *"nous"*, até uma enunciação completa. É possível também reproduzir num mesmo enunciado, vários enunciados (a enunciação *"en abyme"*) configurando a capacidade da linguagem de refletir

a si própria. É no plano do sentido que se percebem as diferenças. As regularidades e irregularidades que o contraste das línguas revela, representam uma contribuição muito importante para o funcionamento das línguas em geral.

Assim, comparando-se as duas línguas, as diferenças de forma e sentido entre os verbos operadores de discurso direto ou indireto, por exemplo, *falar* e *parler*, *prétendre* e *afirmar* (a comparação pode ser com outro verbo de dizer), *brincar*, *gracejar* e *s'amuser*, *plaisanter*, podem esclarecer sobre o modo de funcionamento de inserção de um discurso e o sentido operado conforme o verbo selecionado.

A terceira dimensão do trabalho, a apropriação e a reprodução da fala do outro para construir sua fala em língua estrangeira, é considerada uma atividade delicada para o aluno. Relatar discursos não é simples nem em língua materna. É por essa razão que, na nossa opinião, a aplicação didática do DR não poderia ser elaborada, sem antes trabalhar o objeto na sua dimensão teórica. Mostrar que existem outras formas de relato além da tipologia tradicional, é enriquecer o aprendizado do aluno.

O campo do discurso relatado ainda está longe de ter sido explorado, sobretudo no campo da didática. Seria interessante reformular os exercícios dos manuais e das gramáticas, propondo uma descrição mais ampla, centrada nas transformações de sentido. As recentes elaborações em torno da heterogeneidade, principalmente a extensão conceptual para o conceito de *não-coincidência do dizer* de J.Authier, trouxeram bases novas para se trabalhar, na prática, o discurso relatado. As formas não explícitas, segundo Authier, constituem um campo de pesquisa interessante. Uma outra perspectiva que se abre, é de colocar as bases conceptuais e descritivas de uma "linguística do discurso" que permita trabalhar com as

variações do universo literário e do discurso da imprensa. Trata-se de mostrar que a interação língua e literatura é possível, uma vez que são domínios que se completam e não divergem. O discurso relatado/estilo indireto enquanto objeto de crítica literária e de análise linguística, pode ser o lugar privilegiado para mostrar uma leitura plural.

Para concluir, diríamos que se tudo já foi dito em algum tempo e em algum lugar, o presente trabalho de pesquisa seria apenas *mais um* trabalho sobre os discursos relatados. Mas, é um *outro* trabalho, uma leitura *nova* dos modos de reprodução de discursos alheios, com um sentido novo também que lhe pertence. E assim os discursos se repetem mas não são nunca os mesmos. É aqui que inscrevemos nossa contribuição para outras leituras e assim infinitamente.

* * *

BIBLIOGRAFIA

ARRIVÉ, M., GADET, F., GALMICHE, M. 1986. *La grammaire d'aujourd'hui*. Paris, Flammarion.

ARRIVÉ, M. 1987. *Linguistique et psychanalyse*. Paris, Méridiens/ Klincksieck.

ATLANI, F. 1981. *Approche linguistique du fonctionnement discursif: un exemple, la presse écrite*. Paris, Université de Paris VII [Thèse de 3e. cycle - xerox].

ATLANI, F., DANON-BOILEAU et al. 1987. *La langue au ras du texte*. Paris, Ed. du CNRS.

AUTHIER-REVUZ, J. 1978. "Les formes du discours rapporté. Remarques syntaxiques et sémantiques à partir des traitements proposés". *DRLAV, Revue de linguistique* (17): 1-87.

_____. 1979. "Parler avec des signes de ponctuation, ou: de la typographie à l'énonciation". *DRLAV, Revue de linguistique* (21): 76-87.

_____. 1982. "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV, Revue de linguistique* (26). 91-151.

_____. 1984. "Hétérogénéité(s) énonciative(s)". *Langages* (73): 98-111.

_____. 1987. Compte rendu de MORTARA GARAVELLI, B. 1985. *La parola d'altri*. *Journal of pragmatics* - vol.II (3): 427-31.

_____. 1991. "Hétérogénéités et ruptures". In: PARRET, H. (dir.). 1991. *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris, Ed. du CNRS, p. 139-151.

_____. 1992. *Les non-coïncidences du dire et leur représentation méta-énonciative*. Paris, Université de Paris VIII [Thèse de Doctorat d'Etat - xerox]

_____. 1992. "Repères dans le champ du discours rapporté" I. *L'information grammaticale* (55)

_____. 1993. "Repères dans le champs du discours rapporté" (suite). *L'information grammaticale* (56): 10-15.

_____. 1993. "De quelques idées reçues au sujet du discours rapporté". *Perspectives*, Lausanne.

BALLY, Ch. 1951. *Traité de stylistique française*. Paris, Klincksieck.

_____. 1965. *Linguistique générale et linguistique française*. 4e. éd. Paris, Ed. Francke Berne.

BAKHTINE, M. 1970. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire du Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris, Gallimard.

_____. 1970. *La poétique de Dostoïevski*. Paris, Seuil.

_____. 1977. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris, Minuit.

_____. 1978. *Esthétique et théorie du roman*. Paris, Gallimard, Col. Tel.

_____. 1981. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense-Universitária.

_____. 1984. *Esthétique de la création verbale*. Paris, Gallimard,

_____. 1988. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec.

BANFIELD, A. 1979. "Où l'épistémologie, le style et la grammaire rencontrent l'histoire littéraire: le développement de la parole et de la pensée représentées". *Langue Française* (44): 9-26.

_____. 1982. *Unspeakable sentences* - Narration and representation in the language of fiction. Boston, Routledge & Kegan Paul.

BENVENISTE, E. 1966. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris, Gallimard.

_____. 1974. *Problèmes de linguistique générale II*, Paris, Gallimard.

BOYER, H., CHABROL, C. et al. 1988. *La presse - Produit, production, réception*. Paris, Didier Erudition.

CERQUIGLINI, B. 1984. "Le style indirect libre et la modernité". *Langages* (73): 7-16.

COHN, Dorrit. 1981. *La transparence intérieure*. Trad. Alain Bony. Paris, Seuil, Coll. Poétique.

COMBETTES, B. 1989. "Discours rapporté et énonciation". *Pratiques* (64): 111-122.

_____. 1990. "Enoncé, énonciation et discours rapporté". *Pratiques* (65): 97-111.

COMPAGNON, A. 1979. *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris, Seuil.

CORACINI, M. J. "L'hétérogénéité dans le discours scientifique français et brésilien: un effet persuasif". Langages (92): 76-85.

CULIOLI, A. 1990. *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*. Tome I. Paris, Ed. Ophrys.

_____. 1992. *La théorie d'Antoine Culioli - Ouvertures et incidences*. Paris, Ed. Ophrys.

DAHLET, P. 1994. "Discours sur l'écriture et maîtrise de la rédaction". CILT Discourse variety in contemporary french: 255-279.

_____. 1994. "Leitura e construção do sentido: a perspectiva enunciativa". In: A formação do leitor. S.Paulo, Ed. Moderna, Cadernos de Educação Básica, p. 104-129.

_____. 1994. "L'arbitraire et les subjectivités: Bally, Saussure". In: Actes du Congrès international de l'association brésilienne de linguistique. (à paraître).

_____. 1995."Pratique des discours: la reformulation et les silences". Elos: "Lecture et enseignement du FLE" (1)

_____. 1995. "Heterogeneidade enunciativa e homogeneização teórica". In: *Estudos linguísticos. Anais de Seminários do GEL*. S.Paulo, p. 330-336.

_____. "La pensée de l'énonciation et ses paradoxes". Universidade do Porto.

DAMOURETTE, J. et PICHON, E. 1911-1940. *Des mots à la pensée. Essai de grammaire de la langue française*. Paris, Ed. d'Artrey.

DANON-BOILEAU, L. 1982. *Produire le fictif*. Paris, Ed. Klincksieck.

_____. 1987. *Enonciation et référence*. Paris, Ed. Ophrys.

_____. 1995. *Du texte littéraire à l'acte de fiction: lectures linguistiques et réflexions psychanalytiques*. Paris, Ed. Ophrys.

DELCROIX, M., HALLYN, F.(dir.). 1987. *Méthodes du texte - Introduction aux études littéraires*. Paris, Duculot.

DUCROT, O. et al. 1981. *Les mots du discours*. Paris, Minuit.

_____. 1984. *Le dire et le dit*. Paris, Minuit.

_____. 1987. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, Pontes.

FIORIN, J.L. 1989. *Elementos de análise do discurso*. S.Paulo, Contexto - Edusp.

FIORIN, J.L., SAVIOLI, F.P. 1990. *Para entender o texto - Leitura e redação*. S.Paulo, Ed. Ática.

FOUCAULT, M. 1966. *Les mots et les choses*. Paris, Gallimard.

FRANCKEL, J.J., FISHER, S. 1983. "Conditions d'énonciation et pratique langagière". In: *Linguistique, énonciation. Aspects et détermination*. Paris, EHESS.

FRANCKEL, J.J., LEBAUD, D. 1990. *Les figures du sujet*. Paris, Ed. Ophrys.

FUCHS, C. 1982. "La paraphrase. Entre la langue et le discours". *Langue Française* (53): 48-61.

_____. 1982. *La paraphrase*. Paris, PUF.

_____. 1984. "Le sujet dans la théorie énonciative d'Antoine Culioli: quelques repères". *DRLAV, Revue de linguistique* (30): 45-53.

_____. 1994. *Paraphrase et énonciation*. Paris, Ed. Ophrys.

GENETTE, G. 1972. *Figures III*. Paris, Seuil, Coll. Poétique.

_____. 1979. *Introduction à l'architexte*. Paris, Seuil, Coll. Poétique.

_____. 1983. *Nouveau discours du récit*. Paris, Seuil, Coll. Poétique.

GRÉSILLON, A., MAINGUENEAU, D. 1984. "Polyphonie, proverbe et détournement ou Un proverbe peut en cacher un autre". *Langages* (73): 112-125.

GUIRAUD, P. 1979. *La stylistique*. Paris, PUF, Coll. Que sais-je?

HENRY, P. 1975. "Constructions relatives et articulations discursives". *Langages* (37): 81-98.

JACQUES, F. 1979. *Dialogiques, recherches logiques sur le dialogue*. Paris, PUF.

KRISTEVA, J. 1970. *Le texte du roman* (Approche sémiologique d'une structure discursive transformationnelle). Paris, Mouton.

_____. 1970. "Une poétique ruinée". In: BAKHTINE, M. *La poétique de Dostoïevski*. Paris, Seuil, p. 5-27.

LANCIEN, T. (coord.) 1994. *Médias: faits et effets. Le Français dans le monde* (numéro spécial). Paris, Edicef.

LIPS, M. 1926. *Le style indirect libre*. Paris, Payot.

MAINGUENEAUD, D. 1987. *Nouvelles tendances en analyse du discours*. Paris, Hachette.

_____. 1991. *L'énonciation en linguistique française*. Paris, Hachette.

MALDIDIER, D. 1990. "(Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui". In: *L'inquiétude du discours*. Paris, Ed. des Cendres.

MOIRAND, S. 1990. *Une grammaire des textes et des dialogues*. Paris, Hachette.

MORTARA-GARAVELLI, B. 1985. *La parola d'altri*. Palermo, Ed. Sellerio.

NORMAND, C. 1990. *La quadrature du sens*. Paris, PUF.

PARRET, H. (dir.). 1991. *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris, Ed. du CNRS.

PÊCHEUX, M., FUCHS, C. 1975. "Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours". *Langages* (37): 79-80.

PÊCHEUX, M. 1990. *L'inquiétude du discours*. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris, Ed. des Cendres.

PERRET, M. 1994. *L'énonciation en grammaire du texte*. Paris, Nathan.

PEYTARD, J. 1995. *Mikhaïl Bakhtine - Dialogisme et analyse du discours*. Paris, Bertrand-Lacoste.

PLENAT, M. 1979. "Sur la grammaire du style indirect libre". *Cahiers de grammaire* (1): 95-140.

REY-DEBOVE, J. 1986. *Le métalangage*. Paris, Le Robert.

ROBIN, R. 1986. "L'analyse du discours entre la linguistique et les sciences humaines: l'éternel malentendu". *Langages* (81): 121-128.

TODOROV, T. 1981. *Mikhaïl Bakhtine - le principe dialogique*. Paris, Seuil, Coll. Poétique.

VIGNAUX, G. 1988. *Le discours acteur du monde. Enonciation, argumentation et cognition*. Paris, Ophrys.

DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS

ALMEIDA, N. M. 1961. *Gramática metódica da língua portuguesa.* S.Paulo, Saraiva.

ARRIVÉE, M., CHEVALIER, J.C. 1970. *La grammaire.* Paris, Ed. Klincksieck.

BECHARA, E. 1989. Moderna gramática portuguesa. S.Paulo, Companhia Editora Nacional.

BORBA, F. S. 1990. *Dicionário gramatical de verbos.* S.Paulo, Ed. UNESP.

CHARAUDEAU, P. 1992. *Grammaire du sens et de l'expression.* Paris, Hachette.

CHEVALIER, J.C., BLANCHE-BENVENISTE, C. et el. 1988. Grammaire du français contemporain. Paris, Larousse.

CUNHA, C., CINTRA, L. 1985. *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

DOMINIQUE, P. et al. 1984. *Sans frontières 2 - Exercices et textes complémentaires.* Paris, Clé international.

_____. 1984. *Sans frontières 3 - Méthode de français.* Paris, Clé international.

DUBOIS, J., GIACOMO, M. et al. 1973. *Dictionnaire de linguistique.* Paris, Larousse.

DUCROT, O., TODOROV, T. 1972. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage.* Paris, Seuil.

FERNANDES, F. 1989. *Dicionário de verbos e regimes.* Rio de Janeiro, Globo.

FOLHA DE SÃO PAULO. 1987. *Manual geral de redação*. S.Paulo, Folha de São Paulo.

GIRARDET, J. et al. 1988. *Le nouveau Sans frontières 1* - Méthode de français. Paris, Clé international.

_____. 1989. *Le nouveau Sans frontières 2* - Méthode de français. Paris, Clé international.

_____. 1990. *Le nouveau Sans frontières 3* - Méthode de français. Paris, Clé international.

GREIMAS, A. J., COURTÈS, J. 1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris, Hachette.

GREVISSE, M. 1969. *Précis de grammaire française*. Paris, Ed. Duculot.

ISHIHARA, T. et al. 1995. *Avenida Brasil 2 - Curso básico de português para estrangeiros*. S.Paulo, E.P.U.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. S.Paulo, Martins Fontes.(1967. PUF)

MONNERIE, A. 1987. *Le français au présent - Grammaire*. Paris, Didier.

MONNERIE-GOARIN, A., BREANT, M. T. 1988. *Le français au présent - Exercices de grammaire*. Paris, Didier.

O ESTADO DE S.PAULO. 1990. *Manual de redação e estilo*. Org. e edit. Eduardo Martins. S.Paulo, O Estado de S.Paulo.

VERDELHAN, M. et al. 1988. *Le nouveau Sans frontières 1* - Cahier d'exercices. Paris, Clé international.

WEINRICH, H. 1989. *Grammaire textuelle du français*. Paris. Didier.

ANEXO

Brizola critica atuação de petistas na comissão

RICARDO OSMAN

RIO — O palanque que reuniu no segundo turno da campanha presidencial os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, e Leonel Brizola, do PDT, dificilmente será montado este ano na campanha pelo impeachment do presidente Collor, como chegou a desejar Lula. Ontem, o governador do Rio reagiu indignado às declarações do presidente do PT.

Lula informou que pretende procurar Brizola tão logo seja concluída a CPI do caso PC, certo de que o governador "tende a mudar" de posição no apoio manifestado ao governo federal. "Eu não vou esperar o dia 26", disse Brizola. "Quero que Lula mande já aquele pessoal do PT que participa da CPI tirar debaixo do tapete os cheques do sr. PC para o sr. Canhedo", acrescentou, referindo-se à Wagner Canhedo, presidente da Vasp.

(74) Para Brizola, a CPI do caso PC desqualificou e encaminhou "por baixo do tapete, para outra comissão" os cheques que apontariam o possível envolvimento do ex-governador de São Paulo e atual presidente do PMDB, Orestes Quércia, com Paulo César Farias, uma vez que a privatização da Vasp foi promovida durante o governo Quércia. "Afinal, via Canhedo, os cheques do PC Farias chegarão ao governo Quércia", suspeita o pedetista, que cobra dos parlamentares do PT uma providência neste sentido.

Apuração para todos — Lula não gostou da resposta de Brizola. Ontem, durante comício no município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ele disse que "Brizola não pode ficar procurando pretexto para que não se apure os atos de Collor". Segundo Lula, o PT quer apurar agora as denúncias contra Collor e depois as contra Orestes Quércia e Wagner Canhedo. "Queremos apurar tudo sobre todos", afirmou. (50)

O presidente do PT sugeriu ainda a Brizola que cobre pessoalmente do presidente Collor medidas contra o presidente das Organizações Globo, jornalista Roberto Marinho, "de quem tanto se queixa".

O ESTADO DE SÃO PAULO
08/08/92

EUA a favor de envolvimento limitado em intervenção

MICHAEL GORDON
The New York Times

WASHINGTON — Os Estados Unidos parecem determinados a reduzir ao mínimo sua participação em uma possível intervenção militar na guerra dos Bálcãs, por julgar que não é este o momento nem o lugar para usar seu poderio militar no pós-guerra fria. Sua posição quanto ao envio de forças externas para fechar os campos de detenção sérvios na Bósnia é cautelosa, como a de seus aliados europeus.

De acordo com a ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher e o candidato democrata à presidência dos EUA, Bill Clinton, entre outras pessoas, o Ocidente tem várias opções militares para forçar o fim do conflito na ex-Iugoslávia, ou, no mínimo, ajudar os bósnios a se defenderem e evitar o tipo de envolvimento a longo prazo tão temido pelo governo Bush e o Pentágono.

Entre as opções incluem-se ataques aéreos punitivos, ocupação dos campos de detenção e a suspensão do embargo ao fornecimento de armas, o que daria aos mal-equipados bósnios maiores possibilidades de enfrentar os sérvios, que estão bem armados. Praticamente ninguém fala em deslocar um grande Exército para pacificar a região.

O Pentágono demonstrou, no Panamá e no Golfo Pérsico, que sua visão de guerra é a de um conflito breve e violento, com a presença de uma maciça força americana para fazer pressão, seguida de uma retirada rápida, deixando o resto a cargo de forças locais. Um envolvimento mais longo seria considerado um atoleiro, onde cada pequeno passo poderia aprofundar o envolvimento militar e criar a perspectiva de derrota.

O ESTADO DE SÃO PAULO 12/08/92

Perot garante ainda haver americanos presos na Ásia

WASHINGTON — Ross Perot, o bilionário texano que desistiu de se lançar como candidato independente às eleições presidenciais americanas, declarou ontem a um Comitê Especial do Senado estar convencido de que os EUA deixaram de recuperar muitos americanos desaparecidos na Indochina, depois do fim da troca dos prisioneiros da guerra do Vietnã, com o acordo de paz de 1973.

Perot baseou seu testemunho ao comitê, encarregado de investigar o paradeiro de civis e militares desaparecidos durante a guerra, em um memorando de 1973 assinado pelo atual subsecretário de Estado, Lawrence Eagleburger, na época assessor do então secretário da Defesa, Elliot L. Richardson. O memorando, liberado para o público em julho pelo Pentágono, dá conta de que em março de 1973, após a assinatura do cessar-fogo, pelo menos 350 americanos ainda estavam desaparecidos no Laos. A maioria era de tripulantes dos bombardeiros abatidos durante o conflito.

Perot vem acompanhando a questão dos prisioneiros de guerra americanos desde 1969, quando fez a primeira de várias viagens ao sudeste asiático. Depois de sua última viagem a Hanói, em 1987, ele chegou a escrever ao então presidente Ronald Reagan que "eram substanciais as evidências de que o Laos mantinha soldados americanos como prisioneiros".

De acordo com o testemunho de Perot, o governo do Laos e seus aliados vietnamitas retiveram os soldados americanos para poder barganhar com os EUA empréstimos para a reconstrução da região. Segundo eles, o presidente Richard Nixon teria prometido a ajuda quando assinou o acordo de paz em Paris, em janeiro de 1973. "Como nunca assinamos o cheque", disse Perot, "conseguimos resgatar alguns prisioneiros de Hanói, mas não os do Laos." (12) Perot não apresentou qualquer outra evidência para apoiar a sua tese.

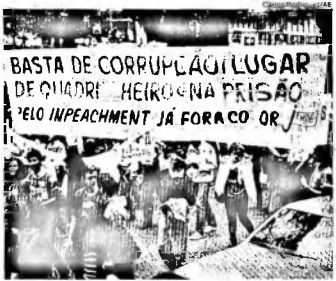
80

Oposição faz atos pelo impeachment

Partidos de oposição ao governo promoveram ontem atos públicos em três capitais e um município da Baixada Fluminense — Porto Alegre, Salvador, Curitiba e Nova Iguaçu — para pedir o impeachment do presidente Fernando Collor e rigor nas investigações promovidas pela Comissão Parlamentar de Inquérito do caso PC. Enquanto isso, o ministro da Ação Social, Ricardo Fiuza, informou que o PFL não pensa mais em articular uma campanha popular para garantir a permanência do presidente: "Não haverá necessidade de campanha, o presidente está garantido, temos os dois terços dos votos contra o impeachment."

Em Salvador, a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina (PT), criticou o presidente e o governador Antônio Carlos Magalhães (PFL) no ato público pela "moralidade e dignidade". A prefeita paulistana considera que os partidos de oposição não podem mais esperar "o lenga-lenga" da CPI do PC e precisam mobilizar o povo para pressionar a saída do presidente da República. "A sociedade está indignada, mas paralisada, e nós precisamos despertar o povo porque, por iniciativa própria, Collor não vai sair nunca do governo", afirmou Erundina.

Em Nova Iguaçu (RJ), na presença de cerca de 600 pessoas, o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, não ficou atrás de Erundina. No palanque, microfone na mão, Lula começou: "Brizola que me desculpe, mas o Collor é o maior bandido que a história política já conheceu".



Carlos Rodrigues/AE

Campanha nas ruas

Passeata contra Collor no centro de Porto Alegre: bom humor e propaganda dos candidatos da oposição

A noite, em Curitiba, ao lado do governador Roberto Requião, do ex-governador Franco Montoro e do presidente do PC do B, João Amazonas, Lula considerou como o mais importante, nesse momento, para as oposições, é conseguir que Collor seja citado no relatório da CPI.

No centro de Porto Alegre, perto de 3 mil pessoas realizaram uma passeata e um ato público no final da tarde em apoio à CPI do PC e a favor do impeachment do presidente Collor. A manifestação, misturada à propaganda eleitoral de candidatos municipais, teve também boa dose de humor. Os animadores do comício — sindicalistas e líderes do PT, PSB, Pcs e PMDB — parodiaram o programa da Rede Globo, Você Decide, pedindo aos populares para votarem, com palmas, se Collor "deve sair do País ou ir para a cadeia".

Ética — O Movimento pela Ética na Política promove hoje um comício na Praça da Sé em São Paulo. Oito anos depois da campanha por eleições diretas para presidente, entidades da sociedade civil tentam levar o povo às ruas para apoiar a CPI do PC e pedir rigor na apuração de denúncias de corrupção no governo.

Apesar das tentativas da direção do movimento de desvincular o evento da oposição ao presidente Collor, o PT, a CUT e outras entidades devem defender o impeachment do presidente. Os panfletos e cartazes que convidam paa a manifestação não tocam no assunto. Pedem apenas "Ética na política", "CPI pra valer" e "basta de corrupção".

Já confirmaram presença a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Marcelo Lavenère, o presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, o coordenador do Pensamento Nacional das Bases Empresariais, Oded Grajew, e o ex-ministro João Sayad, entre outros. Convidado, o governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, não irá, mas prometeu mandar um representante.

(53)

(11)

O ESTADO de SÃO PAULO 08/08/92

3

6 - O ESTADO DE S. PAULO - Política - 8 DE AGOSTO DE 1992 - SÁBADO

Ermírio admite pagamento a PC

Empresário não explica desembolso de US$ 239 mil por serviço que não chegou a ser feito

BRASÍLIA — O empresário Antônio Ermírio de Moraes, líder do grupo Votorantim, não foi capaz de explicar à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do caso PC os motivos que levaram algumas de suas empresas a pagar US$ 239 mil (Cr$ 1 bilhão, em valores atuais) à firma EPC, de Paulo César Farias, por serviços de consultoria que não chegaram a ser prestados. Em quase cinco horas de depoimento — o último da CPI —, ele confirmou o pagamento à EPC mas não esclareceu por que isso foi feito antes da prestação dos serviços e sem contrato. "Houve uma falha da nossa parte, mas se o fato tivesse ocorrido na minha área de atuação da empresa eu teria sido mais duro", afirmou.

Antônio Ermírio praticamente repetiu seu depoimento à Polícia Federal em São Paulo, quando confirmou pela primeira vez o pagamento à PC. Segundo ele, o dinheiro foi um adiantamento informal por um serviço de consultoria que a EPC deveria prestar à holding que dirige. O contrato nunca chegou a ser assinado e o grupo Votorantim desistiu de prosseguir com o negócio depois de verificar que a empresa não tinha condições de cumprir sua parte no trato. Pelo que foi acordado, a EPC deveria apresentar um estudo sobre a viabilidade de a Votorantim comprar matérias-primas em Alagoas.

José Varella/AE

Reta de chegada

Benito e Lando no comando da sessão: depoimento de Ermírio foi o último tomado pela CPI do caso PC

De acordo com o empresário, a proposta para a realização do negócio partiu de próprio PC, que procurou a Votorantim oferecendo serviços de consultoria. "Quando o estudo começou a demorar para chegar, procuramos investigar as atividades comerciais desse senhor (PC) e chegamos à conclusão de que a EPC era uma empresa pequena demais para realizar o que se propunha", afirmou.

O momento mais tenso do depoimento ocorreu quando o deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) perguntou por que o grupo Votorantim não processou a EPC para reaver o dinheiro pago. Embaraçado, Antônio Ermírio não explicou claramente o que aconteceu, limitando-se a reconhecer que sua empresa havia errado.

Também não se mostrou à vontade quando lhe perguntaram se pretendia processar PC por não prestar o serviço. "Se o fato tivesse se dado dentro da minha área de atuação no grupo, certamente eu não daria o recurso para o adiantamento, a menos que conseguisse garantir uma fiança bancária para o negócio, e se desse, processaria se o serviço não fosse prestado", disse. Sobre a dispensa de fiança bancária, Ermírio admitiu que isso aconteceu porque, antes da instalação da CPI, PC era considerado pessoa de máxima confiança, pois era conhecido como amigo pessoal do presidente Fernando Collor.

"Nada foi exigido em respeito à figura do senhor PC, amigo do presidente", explicou Antônio Ermírio, mesmo concordando que a atitude não foi correta. O empresário declarou que embora PC nunca tivesse condicionado a realização do negócio ao fato de ser amigo do presidente, isso sempre esteve evidente. Em outro ponto do depoimento, ele disse conhecer alguns empresários — cujos nomes não citou — que trocaram cruzados por moedas estrangeiras, em troca de uma comissão. Também não informou quem teria recebido essa comissão nem deu detalhes sobre as transações.

Lande — O relatório da CPI estará concluído até o dia 22, garantiu ontem o relator, senador Amir Lando (PMDB-RO). Ele garantiu que eventuais pressões dos diversos setores interessados nos resultados da CPI não irão influenciar seu trabalho. "O relatório vai retratar todos os fatos", assegurou. Lando ainda vai colher dados das áreas bancária e fiscal. Ele requisitou a colaboração de cinco advogados, um economista e um auditor para auxiliá-lo na preparação do relatório.

Fleury elogia Marcílio, mas critica recessão

BELO HORIZONTE — O governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB), afirmou ontem que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, é atualmente "peça fundamental" para o equilíbrio econômico. Ao comentar as críticas do governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), ao ministro, Fleury observou que também critica alguns pontos da política econômica: "Mais que isso, tenho tomado atitudes para evitar o aprofundamento da recessão em São Paulo." Mas, para ele, as correções de rumo devem ser feitas pela própria equipe econômica, conjuntamente com Marcílio. "Ele tem desempenhado um trabalho digno e coerente, do qual podemos até discordar, mas sua presença à frente da economia dá tranquilidade para desvincular a crise política da situação econômica", acrescentou.

PC diz que fez empréstimo a Canhedo

BRASÍLIA — O empresário Paulo César Farias, o PC, revelou à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investiga irregularidades na privatização da Vasp que fez financiamentos em dois bancos para emprestar dinheiro ao empresário Wagner Canhedo, dias antes de ele adquirir, em leilão, 87% das ações da companhia. PC não disse de quanto foi tem qual a finalidade do empréstimo a Canhedo. Segundo membros da CPI seriam US$ 7 milhões. Os financiamentos teriam sido feitos no Banco Mercantil do Comércio (BMC) e no Banco Cidade de São Paulo. O depoimento teve muitas contradições e PC preferiu não responder à maioria das perguntas, irritando os integrantes da CPI.

O ex-tesoureiro de campanha do presidente Fernando Collor chegou ao Congresso acompanhado pelo deputado Augusto Farias (PSC-AL), seu irmão, e pelo advogado Antônio Marta e cercado de seguranças. Em duas horas de depoimento, PC não quis falar sobre os dois cheques emitidos pela PC, sua empresa, em favor da Viplan, de Wagner Canhedo — um de Cr$ 250 milhões e outro de Cr$ 270 milhões, que equivalem hoje a US$ 7 milhões.

Segundo ele, a sua amizade com Canhedo tem mais de 20 anos. "Eu precisei dele várias vezes, e em 1983 ele me ajudou a sair de uma concordata", contou. O empréstimo a Canhedo não teve nenhuma garantia e teria sido pago em prazos de 30 dias. PC afirmou desconhecer os fantasmas José Carlos Bonfim, Francisco Mauricio Ramos e Manuel Das Araújo, que assinaram 27 notas frias em nome da Brasil-Jet, outra empresa sua, beneficiando a Brasília e a Wadel, de Canhedo. Em seguida, caiu em contradição: "Na hora certa eu explicarei esses cheques".

Os integrantes da CPI da Vasp acreditam que a Brasil-Jet emitia notas frias para a Wadel e a Brata para "esquentar" os cheques dos fantasmas. PC alegou que a Brata, empresa de taxi-aéreo, e a Wadel, de transporte de carga, prestavam serviços à Brasil-Jet. Declarou que não tem nenhuma empresa no Exterior, contrariando relatório da empresa americana Kroll, contratada pelo Congresso para investigar suas operações externas. O empresário caiu em outra contradição ao afirmar que não tem intimidade com o presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho, nem com o presidente da Caixa Econômica Federal, Álvaro Mendonça. "Sou amigo deles há muitos anos", disse mais tarde, respondendo a pergunta do deputado Luiz Gushiken (PT-SP).

Sem garantia — O deputado Vivaldo Barbosa (PDT-RJ) perguntou o motivo de PC não ter exigido de Canhedo uma garantia para conceder o empréstimo. "Ele nunca me pediu garantia quando eu precisei dele", justificou. Para Vivaldo, Canhedo não tinha condições de tomar financiamentos nos bancos porque não possuía mais bens para dar como garantia. "É uma dedução sua, deputado", observou PC.

O empresário alegano assegurou nunca ter tratado com o secretário-geral da Presidência, embaixador Marcos Coimbra, sobre o pedido de empréstimo de US$ 40 milhões que Canhedo fez à Petrobrás. Na CPI do PC, Coimbra confirmou ter falado com PC sobre a operação. PC negou ainda ter mantido contato com a ex-ministra Zélia Cardoso de Melo sobre o negócio. Também na CPI do PC, Zélia admitiu ter conversado com ele sobre esse empréstimo.

PC acabou cometendo uma outra contradição. Disse que nunca teve interesse em aviação civil, embora seja proprietário de uma empresa de taxi aéreo, a Brasil-Jet. Em seguida, admitiu ter viajado com Canhedo, no ano passado, para assistir à maior feira de aviação do mundo, a de Le Bourget, em Paris. "Sempre me interessei por aviões", assinalou.

O ESTADO DE SP 12/08/92

Ex-ministra confirma velha amizade

O engenheiro José Max Reis Alves, casado, pai de três filhas, foi nomeado pela ex-ministra Zélia Cardoso de Mello para chefiar a Delegacia do Ministério da Economia em São Paulo. A ex-ministra, à espera do primeiro filho que deve nascer no final de semana, confirmou ontem que Max foi também, nos últimos quatro meses de sua gestão, seu secretário de Administração, substituindo Cid Pimentel, e deixou o ministério acompanhando sua equipe.

"Ele não é nenhum fantasma, eu o conheço profissionalmente há muitos anos, ele é um especialista em administração pública", explicou. Max, segundo ela, foi uma indicação sua, mas jamais esteve encarregado de pagar suas contas pessoais: "Isso é um absurdo".

"Se ele recebeu ou alguém depositou algum dinheiro na conta dele, quem tem de responder é ele", observou irritada a ex-ministra. Já o presidente da Cohab, Paulino Caetano da Silva, disse que chamou Max para a diretoria da empresa municipal porque trabalhou com ele por dez anos, entre 1976 e 1986, na Companhia de Desenvolvimento Habitacional (CDH), do governo de São Paulo. O presidente da Cohab disse que sabia da ligação de Max com a ex-ministra Zélia, mas o nomeou por suas "qualificações técnicas".

A ligação de Max com a ex-ministra é tão estreita que o endereço que consta da lista telefônica, na Rua Barão de Capanema 281, 17º andar — endereço de Zélia até novembro de 1991 —, está em nome de José Max Alves Reis. Procurado pelo Estado na Cohab, Max não foi encontrado e, segundo o presidente da companhia, pediu para não ser localizado antes de deixar o prédio. Paulino afirmou que seu ex-subordinado se mostrou abalado com a revelação de que recebia depósitos de fantasmas de PC.

Iraque ameaça atacar com míssil

GUERRA NO GOLFO

BAGDÁ — Em discurso de 15 minutos lido ontem por um locutor da Rádio Bagdá, em resposta à morte de 21 palestinos em Jerusalém, o presidente Saddam Hussein ameaçou atacar Israel com um novo míssil. "Se houver confronto, lançaremos nossos foguetes sobre a cabeça dos sionistas e dos americanos na Arábia Saudita", anunciou o locutor.

A arma mencionada por Hussein é um míssil de longo alcance desenvolvido pelos iraquianos, que foi batizado de Al Hijara (pedra) para lembrar os palestinos dos territórios ocupados que costumam apedrejar as tropas de ocupação. O presidente não forneceu detalhes, mas assegurou que a nova arma será usada "na hora do acerto de contas".

Segundo fontes militares ocidentais, os principais mísseis terra—terra do arsenal iraquiano incluem os Scud-B, de fabricação soviética, e duas versões modificadas dessa mesma arma, conhecidas como Al-Hussein e Al-Abbas. Esses mísseis têm 400, 650 e 900 quilômetros de alcance, respectivamente. Cerca de 500 quilômetros separam a parte mais ocidental do Iraque do território israelense.

O presidente descreveu o confronto de segunda-feira em Jerusalém como "o crime mais horrível cometido pelos sionistas contra os palestinos". Exortou o mundo árabe a expulsar "as forças israelenses". "Apenas uma ação rápida apaziguará nossas emoções", recomendou Hussein.

VÍNCULO

Em Túnis, fontes da Organização de Libertação da Palestina (OLP) informaram ontem que os 100 integrantes do conselho central da entidade, que se reúnem a partir de hoje na capital tunisiana, insistirão em defender a tese que vincula a crise no Golfo ao conflito palestino-israelense.

As diversas facções da OLP estão convencidas de que a morte dos 21 palestinos na segunda-feira reforçará aquela tese. O conselho central da OLP faz a ligação entre o comitê executivo, de 15 membros, e o parlamento no exílio, conhecido como Conselho Nacional Palestino.

Sadam ameaça Israel com um "supermíssil"

★ Governos árabes condenam massacre
★ OLP pede uma reunião da Liga Árabe
★ Abu Abbas ameaça EUA com terror

Das Agências Internacionais

Sadam Hussein ameaçou atacar Israel com um novo míssil criado por Bagdá, com raio de alcance de centenas de quilômetros. O presidente iraquiano afirmou que os israelenses "não têm saída", a não ser a desocupação dos territórios palestinos, e pediu uma "ação árabe" para "libertar Jerusalém".

(55)

O míssil foi chamado de "Al-Hijara" —pedra, em árabe— em referência à forma como os palestinos atacam as patrulhas israelenses na "Intifada", o levante contra o Exército nos territórios ocupados. No anúncio da nova arma, feito por um porta-voz, pela TV, Sadam citou várias vezes o massacre de 21 palestinos por soldados israelenses, anteontem. "Apenas uma ação rápida e determinada dos países árabes poderá apaziguar nossos corações, angustiados pelo sofrimento de nossos irmãos palestinos", disse Sadam.

As mortes em Jerusalém provocaram uma onda de protestos nos países árabes. A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) pediu a convocação de uma reunião de emergência da Liga Árabe. Abul Abbas, líder da Frente de Libertação da Palestina (FLP), grupo extremista, ameaçou os EUA com terrorismo.

A Síria acusou Israel de premeditar os distúrbios na Esplanada das Mesquitas, na Jerusalém ocupada, para forçar a população palestina a abandonar os territórios ocupados e povoá-los com imigrantes judeus. O jornal oficial sírio, "Al-Thawara", afirmou que o desvio da atenção da comunidade internacional para a crise do Golfo dá a Israel "a oportunidade" de implementar "seu plano de assemar imigrantes judeus nas terras árabes".

Mais de 100 mil imigrantes judeus entraram em Israel este ano, vindos principalmente da URSS. O governo israelense prevê a entrada de 1 milhão nos próximos cinco anos.

O ministro das Relações Exteriores do governo do Kuait no exílio, Sabah Al-Sabah, pediu que o Conselho de Segurança das Nações Unidas condene os acontecimentos em Jerusalém e envie uma comissão para proteger a população dos territórios ocupados (*leia texto à pág. A-13*). "O Iraque invadiu nosso país e provoca todo tipo de sofrimento ao povo do Kuait. Apesar de estarmos passando por essa experiência terrível, nunca abandonaremos o povo palestino. Denunciamos Israel por privá-lo de seus direitos", afirmou.

No Egito, o presidente Hosni Mubarak lembrou que o Estado de Israel é responsável pela proteção dos santuários muçulmanos em Jerusalém e afirmou que a violência contra os palestinos "excedeu todos os limites". Mubarak alertou que o massacre poderá ter "graves consequências" em todo o Oriente Médio. O Egito é o único país árabe que mantém relações diplomáticas com Israel.

Em Riad, o governo da Arábia Saudita qualificou o incidente na Esplanada das Mesquitas de "violação da religião islâmica e um insulto aos sentimentos de milhões de muçulmanos que veneram a mesquita de Al-Aqsa".

Em várias cidades de países islâmicos houve manifestações em protesto pelas mortes, além de condenações oficiais de todos os governos árabes. Em Amã, na Jordânia, a polícia dispersou uma passeata que tentava chegar até a embaixada dos EUA. Bandeiras negras tremularam em campos de refugiados palestinos na Jordânia e no sul do Líbano.

LEIA MAIS
sobre a Crise no Golfo às págs. A-13, B-1 e B-3

FOLHA, 10/10/90

EUA param para assistir sabatina sexual do juiz Clarence Thomas

TV transmite por 10 horas depoimentos do candidato à Suprema Corte e de sua acusadora

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA
De Washington

Não se falou de outra coisa ontem nos EUA. O caso do juiz Thomas fez mais sucesso na TV do que qualquer programa na história do país, com a possível exceção do episódio "Quem atirou em J.R.?" da série Dallas, em novembro de 1980.

As três redes nacionais de TV e diversas emissoras a cabo transmitiram ao vivo, sem interrupções, desde as 10h até pelo menos 20h, os depoimentos de Clarence Thomas e sua bela acusadora, Anita Hill, diante da Comissão de Justiça do Senado.

Ninguém se decepcionou. Os motoristas de táxi com os rádios de seus carros, as donas de casa diante de suas tevês, as pessoas que se aglomeravam diante de TVs nas ruas ou nos bares.

Todos tiveram material equivalente ao de qualquer novela. Mas com a garantia de que tudo era real e envolvia gente poderosa. Sexo, mentiras, poder e transmissão ao vivo são uma receita perfeita para o sucesso.

O espetáculo começou com o juiz Thomas. Ele disse que só ia responder perguntas sobre as acusações de Anita Hill e que não discutiria nenhum outro assunto de sua vida particular: "não vou dar a corda para o meu próprio

(15)

Na noite de quinta-feira, uma segunda mulher, Angela Wrigth, 37, ex-assessora de imprensa de Thomas e hoje repórter do "Charlotte Observer", na Carolina do Norte, acusou Thomas de molestá-la no emprego. Angela declarou à imprensa que o juiz a pressionava para sair com ele, perguntou-lhe o número de seu sutiã e uma noite apareceu em sua casa sem avisar.

Angela Wright, que foi demitida de seu emprego por Thomas, não deve aparecer diante da comissão. Os depoimentos terminam segunda. Mas Anita Hill sozinha fez estragos suficientes à reputação de Thomas em suas oito horas de depoimento.

Confiante, Anita Hill disse, por exemplo, que Thomas um dia lhe perguntou: "quem colocou pêlo pubiano na minha Coca-Cola?". Outra vez, disse Anita, Thomas

(19)

lhe disse que havia medido o tamanho do seu pênis. Também lhe teria descrito cenas de filmes em que mulheres faziam sexo com animais.

É difícil acreditar que esse tipo de conversa tenha ocorrido na sala de audiências do Senado, cenário de momentos históricos, como o drama de Watergate, o inquérito do caso Irã-Contras ou as investidas anticomunistas de Joseph McCarthy nos anos 50.

As 350 pessoas que ocupavam os 346 m² do salão e até as 12 colunas coríntias que enfeitam as paredes devem ter corado com esse tipo de obscenidades. A relevância dessa pornografia para a avaliação de um candidato à Suprema Corte é duvidosa.

Tanto, que a própria Anita reconheceu ontem que há um ano, em entrevista, ela disse que Thomas podia ser um bom juiz da Suprema Corte, do ponto de vista técnico da lei.

Anita Hill, 35, nunca tornou públicas as investidas que ela diz terem sido feitas por Thomas. Poucas mulheres reclamam desse tipo de molestamento. Por motivos óbvios: é difícil provar, submete a mulher a humilhações.

Há 57 milhões de mulheres em locais de trabalho nos EUA. Elas são 45,3% da força de trabalho. Só 5.572 delas fizeram reclamações por molestamento sexual no ano passado. Apenas 50 iniciaram processos contra os molestadores.

Algumas ganharam um bom dinheiro. Como Lindsay Allison, que recebeu US$ 1,4 milhão do Departamento de Polícia de Long Beach, porque seus superiores lhe mostravam revistas pornográficas e urinaram na frente dela.

Thomas, 43, não chegou a tanto. Anita Hill não pretende processá-lo. Mas ele pode perder um emprego vitalício de US$ 10 mil mensais devido ao mau gosto de suas cantadas. Ninguém nunca vai saber com certeza se ele ou Anita é o mentiroso. Mas nos depoimentos de ontem, Anita pareceu mais convincente. Ganhou elogios de todos os senadores, até dos aliados de Thomas. A novela continua hoje. A decisão do Senado será na terça-feira.

Sobre questões sexuais nos EUA à pág. 2-3

FOLHA 18/10/91

∞

Para Darcy Ribeiro, projeto foi uma "revolução

Autor da idéia do Ciep, o sociólogo e senador afirma que o ciclo básico deve capacitar funcionalmente o cidadão

CARLOS FRANCO
Da Sucursal do Rio

(52)

"Agora, posso dizer que sou um educador feliz. Vejo as idéias pelas quais lutei de 1950 sendo concretizadas". A afirmação é do educador e senador Darcy Ribeiro (PDT-RJ), 69, ao referir-se aos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) do Rio e aos Centros Integrados de Atendimento à Criança (Ciacs) do governo federal.

Para Ribeiro, a importância desses centros está no fato de que oferecem cursos primários em regime integral. "O curso primário é terminal para a maioria dos brasileiros. Ele tem de capacitar funcionalmente o cidadão", afirma. Seu depoimento à **Folha**:

CIEPS

Foi uma revolução no ensino. A criança entra na escola às 7h30 e sai às 17h30, depois de tomar café da manhã, almoçar, fazer um lanche e jantar. No Rio, existem hoje quase 300 Cieps em funcionamento (**Nota da Redação**: são 191), até a Eco-92 teremos 500 Cieps funcionando. Este é o desafio que Brizola se impôs e que vamos cumprir.

Recebemos muitas críticas quando idealizamos os Cieps. Muitos diziam que o Ciep é caro, que não vai funcionar. Estamos provando o contrário. O Ciep funciona. Eu posso falar da importância dessa base para o futuro porque também criei uma universidade (a Universidade de Brasília — UnB).

CIACS

Brizola acreditou neste projeto. O presidente Fernando Collor e o ministro Alceni Guerra, também.

Os Ciacs, criados a partir dos Cieps, são extraordinários. São centros que, além dos cursos primários, vão oferecer espaço para a profissionalização e o atendimento a gestantes. Educação para mim é isso. Ele também tem a vantagem de ser uma construção mais simples, que pode ser deslocada com facilidade, as placas são de argamassa armada e não pesam mais que 120 quilos. Nós vamos construir 250 Ciacs no Estado do Rio até o final do governo Collor.

PROFESSORES

O professorado é o principal problema do Brasil. Nós vamos nos concentrar nisso. Não adianta oferecer um espaço fantástico para a criança se os professores não souberem utilizá-lo. Vamos colocar os professores dos Cieps e dos Ciacs em salas de aulas antes de apresentá-los aos alunos.

A minha tarefa é pedagógica. O meu trabalho vai ser preparar o pessoal docente e de apoio dos Cieps e Ciacs, o que significa cerca de 150 mil pessoas. Tenho uma equipe de 60 profissionais para executar essa tarefa comigo. Esses profissionais também estão à disposição do Alceni (o ministro da Saúde e da Criança, Alceni Guerra) para que possamos alcançar nossos objetivos.

Vamos desenvolver material pedagógico. Utilizar a informática e a televisão para treinamento de professores. Não é só. Quero criar também uma Escola Normal Superior para que possamos ter professores mais preparados para atuar nos cursos primário e secundário. Daqui para frente, vamos precisar cada vez mais de professores de melhor nível e com maior compreensão da realidade. E este o sentido do nosso trabalho.

O senador Darcy Ribeiro, idealizador do proje

FOLHA DE SÃO PAULO 09/09/91

FOLHA DE SÃO PAULO

MUL

The New York Times
de Nova York

Reação ao golpe na URSS agravou crise

(23)

"O fracassado golpe contra o presidente soviético Mikhail Gorbatchev, em agosto, provocou uma devastadora retirada de créditos estrangeiros dos bancos soviéticos, agravando a crise da dívida externa e acelerando a vertiginosa queda da economia soviética".

Esta é a versão apresentada pelas autoridades soviéticas na reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) em Bangcoc, capital da Tailândia, segundo o jornal "The New York Times" de ontem.

O chefe da delegação soviética, Grigori Iavlinski, 39, entregou na sexta-feira um relatório confidencial aos representantes ocidentais na reunião. O correspondente do "The New York Times" obteve uma cópia do relatório.

O documento diz que a economia soviética deve encolher 13% este ano. A produção industrial deve ter uma queda de 9% e a pecuária e agrícola, de 11%. "Mas as condições fiscais e monetárias parecem ainda mais graves", diz o jornal. "A inflação no varejo alcançou 96% ao ano e está se acelerando, segundo o relatório".

Os déficits no orçamento e das repúblicas são de mais de 120 bilhões de rublos cada um. O jornal diz que é impossível converter essas cifras para uma moeda ocidental porque as autoridades soviéticas já não têm meios de sustentar um mercado financeiro.

Para se ter uma idéia dos valores dos déficits, deve-se levar em consideração que "poucos soviéticos ganham mais do que 500 rublos por mês", sugere o "The New York Times". Para financiar o déficit crescente, o governo está imprimindo dinheiro.

As importações tiveram uma queda de 45% nos primeiros oito meses deste ano em relação ao mesmo período de 1990. As exportações sofreram uma redução de 27% de janeiro a agosto.

O déficit de moeda forte, estimado pelos soviéticos em US$ 70 bilhões, "não é uma carga excessiva devido ao tamanho e recursos naturais do país. Mas a queda nas exportações e a retirada de linhas de crédito durante o golpe deixaram Moscou sem condições de pagar até US$ 5 bilhões de sua dívida externa com vencimento nos três próximos meses".

Iavlinski disse que não foi a Bangcoc para pedir dinheiro, mas que "algum alívio no pagamento da dívida ou empréstimo a curto prazo será necessário para que o país passe o inverno".

Ele disse que as autoridades soviéticas estão procurando uma "parceria com o Ocidente para estabilizar sua economia, desenvolver planos de reforma plausíveis e persuadir os soviéticos mais recalcitrantes de que não precisam temer os riscos associados com as mudanças".

Francês é 'avô' da tela de cristal líquido

Pesquisa do físico vencedor do Nobel deu frutos em muitas linhas de pesquisa da universidade brasileira

Da Redação

O trabalho do francês Pierre-Gilles de Gennes, apesar de teórico, rendeu tantos frutos na pesquisa básica quanto na atividade industrial. Vários grupos de pesquisa no Brasil usam de uma forma ou outra conceitos propostos por De Gennes.

(80) Uma das aplicações mais visíveis de seu trabalho são os mostradores de cristal líquido que equipam calculadoras e microcomputadores "lap-top". Foi o francês quem primeiro entendeu que fenômenos aconteciam no interior desses materiais [*veja ilustração ao lado*].

A indústria gráfica também usa conceitos criados por De Gennes. A fábrica 3M, que produz chapas de alumínio para máquinas offset, controlou um problema de absorção das tintas através desse método. Controlar esse processo significa gastar menos tinta e obter uma impressão melhor.

Maurício Kleinke, 33, do Laboratório de Interfaces do Instituto de Física da Unicamp, trabalha numa área semelhante, a "molhabilidade" (um neologismo derivado do verbo "molhar"). Kleinke estuda o que acontece quando um sólido e um líquido são postos em contato, por que a água molha mais certas superfícies do que outras.

Suzana Nunes, 32, professora de físico-química do Instituto de Química da Unicamp, estuda polímeros e fez alguns elogios ao físico francês. Suas pesquisas na área ajudaram muito a compreender comportamentos desses materiais, tais como a maneira de ele se ligar a outras moléculas do mesmo tipo e se misturar com outros polímeros.

Esse tipo de pesquisa interessa muito à indústria do setor petroquímico, na produção de materiais que são misturas de polímeros. De uma maneira geral, De Gennes quase sempre trabalhou para "pôr ordem" em sistemas que apresentavam algum tipo de desordem.

FOLHA DE SÃO PAULO

Choque de trens mata 24 pessoas na França

Acidente ocorre a 50 km de Paris; trem de carga que teria desrespeitado sinal atinge comboio de passageiros

FOLHA SP 18/10/91

Das Agências Internacionais

Um choque entre dois trens na estação de Melun, a 50 km de Paris, causou a morte de 24 pessoas e ferimentos em 48. O acidente aconteceu quando o trem-leito que fazia o percurso Nice-Paris bateu de frente com um trem de carga. Jacques Fournier, presidente da SNCF, a empresa ferroviária estatal, disse que o trem de carga atravessou um sinal vermelho, mas evitou dizer de quem foi a culpa.

Cerca de 2 mil passageiros eram transportados pelo trem-leito. O acidente jogou as duas locomotivas e vários vagões para o alto, atingindo fios de alta tensão. Muitas pessoas ficaram presas entre as ferragens.

"Nós temos um carro de passageiros sobre um vagão de mercadorias com muitas vítimas lá dentro", declarou um bombeiro durante os trabalhos.

O choque aconteceu às 18h27. Vários passageiros estavam deitados e, com o impacto, foram jogados para o alto. Segundo a equipe de resgate, pelo menos 15 pessoas estão com fraturas e hemorragias internas. Outras 15 estavam em condições críticas.

Um pronto-socorro de emergência foi instalado dentro da estação. Os médicos amputaram a perna do condutor do expresso e conseguiram libertá-lo apenas seis horas depois do acidente. Christian Roye, 40, foi transportado de helicóptero para um hospital, mas seu estado de saúde é muito grave. Um passageiro também teve a perna amputada. Helicópteros e ambulâncias transportaram os feridos para hospitais das redondezas.

O condutor do trem de carga, de 900 toneladas, morreu. O carro saiu completamente da linha e o primeiro vagão, que carregava cabos metálicos invadiu a locomotiva.

Ferroviários que assistiam e ajudavam os trabalhos de resgate acreditam que o condutor pode ter passado o sinal vermelho —que indica parada— mas só a leitura da "banda gráfica", o equivalente à caixa preta dos aviões, confirmará a causa do acidente. O sinal luminoso sobre o linha do trem de carga funcionava depois do acidente, informou Roger Gerin, diretor-geral da SNCF (Serviço Nacional de Estradas de Ferro) em Paris. (18)

O presidente da França François Mitterand fez um apelo para que as causas do choque sejam esclarecidas rapidamente. A primeira-ministra Edith Cresson e o ministro dos Transportes, Paulo Quiles, estiveram no local do acidente. Quiles anunciou a abertura de investigações.

O presidente da SNCF, Jacques Fournier disse que o expresso, que levava passageiros de Costa mediterrânea, viajava a 7[illegible] km por hora, enquanto o trem de mercadorias fazia uma velocidade de 60 km por hora.

Uma passageira que testemunhou o acidente contou que o trem de carga não parecia estar em seu ritmo normal. "Nós o vimos dirigindo rapidamente. E então houve a explosão", relatou. (14)

Foi o mais grave acidente do gênero na França desde que, há três anos, um choque entre dois trens na estação de Lyon, provocou a morte de 56 pessoas.

Atentados a bomba deixam 40 mortos no norte da Índia

Das Agências Internacionais

Pelo menos 40 pessoas morreram e 80 ficaram feridas com a explosão de duas bombas durante um festival religioso no norte da Índia. Segundo o chefe da polícia, Kamal Narain Rain, a primeira explosão aconteceu na quarta-feira à noite, quando centenas de pessoas assistiam a uma peça religiosa na cidade de Bajbur, no Estado de Uttar Pradesh.

A segundo bomba explodiu pouco depois, a cerca de 500 metros do local em que era realizado o culto, onde as vítimas eram atendidas.

Narain Rain acha que as explosões foram detonadas por controle remoto. A polícia suspeita de militantes sikhs, que lutam pela independência do Punjab (norte da Índia).

O mais importante festival religioso hindu, que está sendo celebrado estes dias, dura três semanas. Durante as comemorações os fiéis representam o Ramayana —que festeja a vitória do deus-rei Rama sobre o diabo Ravana.

Na quarta-feira de manhã a polícia surpreendeu três sikhs negociando com oficiais do governo, por telefone, a libertação do diplomata romeno Liviu Radu. Um dos homens foi morto na hora e outros dois conseguiram fugir. Radu, 53, foi sequestrado no dia 9 de outubro.

Para jurista, 'conexão moral' incrimina presidente

MARCELO MENDONÇA
Da Reportagem Local

O jurista Miguel Seabra Fagundes, 82, ministro da Justiça no governo Café Filho, disse ontem que uma "conexão moral" do presidente da República com um crime se converte em delito de responsabilidade. Ironizando, Seabra Fagundes disse que não falava "deste caso específico", ao dizer que mesmo que uma apuração se inicie sem envolver o presidente, se isso acontece no decorrer da investigação ele deve ser processado.

A afirmação foi feita no debate sobre um eventual processo de impeachment do presidente Fernando Collor, realizado pela Associação dos Advogados de São Paulo. O debate reuniu os juristas Geraldo Ataliba, Miguel Reale Jr., Luiz Roberto Barroso, Michel Temer e Fábio Comparato.

Seabra Fagundes, assim como os demais debatedores, defenderam a tese de que é necessária maioria simples no plenário da Câmara dos Deputados para aceitar uma denúncia contra o presidente da República, dando início ao processo de impeachment. Miguel Reale Jr., que elaborou esta semana um parecer nesse sentido, disse que a exigência de dois terços para essa votação "transformaria o impeachment numa blague, num dinossauro para jamais ser utilizado".

Seabra Fagundes comparou o julgamento de impeachment no Senado a um júri. Segundo ele, um júri pode condenar alguém se estiver convencido de sua responsabilidade, mesmo na ausência de prova material.

O ex-ministro também defendeu o uso do voto secreto nas votações do impeachment no Congresso. "Se não for previsto no regimento, eu tenho que o voto secreto serve melhor a seriedade da apuração". Seabra Fagundes criticou o discurso de Collor aos taxistas na quinta-feira: "Não se governa com gritos". Segundo ele, o país vive hoje um "estado de desespero".

(28)

O jurista Fábio Konder Comparato contestou a tese defendida pelo procurador-geral da República, Aristides Junqueira, de que o presidente pode ser processado por crime comum sem a autorização da Câmara. "Infelizmente, a meu ver, o presidente da República não poderá ser processado por crime comum perante o STF sem autorização da Câmara dos Deputados, em votação com quórum de dois terços de seus membros".

Segundo Ataliba, que coordenou o encontro, o presidente da República "não tem condições morais para exercer a função que lhe foi atribuída". Para o jurista, ele está impedido de resistir às pressões de empresários e de parlamentares, e enfraquecido diante da comunidade internacional: "Quando o Senado examinar um eventual processo de impeachment, deve levar em conta este fato".

Luiz Roberto Barroso, professor de direito constitucional no Rio, disse que a situação do ex-presidente americano Richard Nixon no caso Watergate "era fichinha perto do que estamos vendo no Brasil". Segundo ele, este caso (brasileiro) "só tramita por causa da imprensa, da repercussão que teve na imprensa".

Para Barroso, o impeachment "na verdade é uma proteção ao presidente da República, uma garantia que se dá ao presidente, não uma torpe perseguição que se faz a um pobre homem". Segundo ele, "a figura do presidente é muito visada, e deve ser preservada e respeitada —mas deve também dar-se ao respeito, sob pena de ficar sujeito a procedimentos como o impeachment". "Isso não é golpe", afirmou, "é um preceito constitucional".

FOLHA 15/08/92

Para jurista, 'conexão moral' incrimina presidente

MARCELO MENDONÇA
De Reportagem Local

O jurista Miguel Seabra Fagundes, 82, ministro da Justiça no governo Café Filho, disse ontem que uma "conexão moral" do presidente da República com um crime se converte em delito de responsabilidade. Ironizando, Seabra Fagundes disse que não falava "deste caso específico", ao dizer que mesmo que uma apuração se inicie sem envolver o presidente, se isso acontece no decorrer da investigação ele deve ser processado.

A afirmação foi feita no debate sobre um eventual processo de impeachment do presidente Fernando Collor, realizado pela Associação dos Advogados de São Paulo. O debate reuniu os juristas Geraldo Ataliba, Miguel Reale Jr., Luiz Roberto Barroso, Michel Temer e Fábio Comparato.

Seabra Fagundes, assim como os demais debatedores, defenderam a tese de que é necessária maioria simples no plenário da Câmara dos Deputados para aceitar uma denúncia contra o presidente da República, dando início ao processo de impeachment. Miguel Reale Jr., que elaborou esta semana um parecer nesse sentido, disse que a exigência de dois terços para essa votação "transformaria o impeachment numa blague, num dinossauro para jamais ser utilizado".

Seabra Fagundes comparou o julgamento de impeachment no Senado a um júri. Segundo ele, um júri pode condenar alguém se estiver convencido de sua responsabilidade, mesmo na ausência de prova material.

O ex-ministro também defendeu o uso do voto secreto nas votações do impeachment no Congresso. "Se não for previsto no regimento, eu tenho que o voto secreto serve melhor à seriedade da apuração", Seabra Fagundes criticou o discurso de Collor aos taxistas na quinta-feira: "Não se governa com gritos". Segundo ele, o país vive hoje um "estado de desespero".

O jurista Fábio Konder Comparato contestou a tese defendida pelo procurador-geral da República, Aristides Junqueira, de que o presidente pode ser processado por crime comum sem a autorização da Câmara. "Infelizmente, a meu ver, o presidente da República não poderá ser processado por crime comum perante o STF sem autorização da Câmara dos Deputados, em votação com quórum de dois terços de seus membros".

Segundo Ataliba, que coordenou o encontro, o presidente da República "não tem condições morais para exercer a função que lhe foi atribuída". Para o jurista, ele está impedido de resistir às pressões de empresários e de parlamentares, e enfraquecido diante da comunidade internacional: "Quando o Senado examinar um eventual processo de impeachment, deve levar em conta este fato".

Luiz Roberto Barroso, professor de direito constitucional no Rio, disse que a situação do ex-presidente americano Richard Nixon no caso Watergate "era fichinha perto do que estamos vendo no Brasil". Segundo ele, este caso (brasileiro) "só tramita por causa da imprensa, da repercussão que teve na imprensa".

Para Barroso, o impeachment "na verdade é uma proteção ao presidente da República, uma garantia que se dá ao presidente, não uma torpe perseguição que se faz a um pobre homem". Segundo ele, "a figura do presidente é muito visada, e deve ser preservada e respeitada —mas deve também dar-se ao respeito, sob pena de ficar sujeito a procedimentos como o impeachment". "Isso não é golpe", afirmou, "é um preceito constitucional". (13)

FOLHA 15/08/92

Ross Perot diz que pode voltar a se candidatar à Casa Branca

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA
Da Washington

O empresário Ross Perot, que há nove semanas abortou sua candidatura oficial à Presidência dos EUA, está ameaçando ressuscitá-la. Em entrevista ao "Los Angeles Times", publicada ontem, ele admite que pode se candidatar se George Bush e Bill Clinton não apresentarem "boas propostas" para reduzir o déficit público do país.

"Se eu resolver concorrer em novembro, será para vencer", afirmou Perot, que mais uma vez disse que a decisão não será sua, mas dos americanos que o apóiam. Os voluntários da sua campanha já conseguiram cumprir os requisitos para que o nome de Perot apareça nas cédulas de 46 dos 50 Estados norte-americanos.

As mais recentes pesquisas de intenção de voto mostram que cerca de 10% dos eleitores estão dispostos a votar em Perot, mesmo que ele não esteja em campanha. O empresário continua gastando cerca de US$ 500 mil para manter funcionando em todo o país os escritórios da campanha.

Muitos analistas políticos acham que Perot pode voltar à campanha em outubro, não com o objetivo de se eleger, mas de influir no processo. Ele pode atrapalhar muito o candidato Bill Clinton. A maioria dos eleitores potenciais de Perot passou a apoiar Clinton como única forma de manifestar seu desagrado com Bush.

Ontem foi cancelado o primeiro debate televisado entre Clinton e Bush. A Universidade Estadual de Michigan e a Comissão para Debates Presidenciais, que promoveriam o encontro, anunciaram que a falta de resposta de Bush inviabilizou a realização do debate na próxima terça-feira, como estava programado.

TV russa mostra o que pode ser imagem inédita de Hitler morto

Da "Reuter"

A TV russa exibiu na noite de terça um filme de arquivo em que aparece nos jardins da Chancelaria alemã, em Berlim, o corpo intacto de um homem que a emissora afirma ser Adolf Hitler. Se autêntico, o filme coloca em dúvida os informes aceitos até agora de que o corpo do ditador nazista foi queimado depois de seu suicídio com um tiro ou com veneno.

O filme mostra o corpo vestido de uniforme e deitado sobre um sobretudo de oficial estendido no chão. O bigode característico de Hitler é claramente visível. Mostrado por apenas alguns segundos, o corpo aparece cercado por um grupo de soldados soviéticos e um militar alemão, aparentemente prisioneiro de guerra.

A TV russa não explicou a origem do filme, mas aparentemente ele veio dos arquivos secretos da agora extinta KGB (Comitê de Segurança do Estado) da URSS, que o governo da Rússia está liberando para divulgação. O locutor diz: "Aqui está uma descoberta inesperada. Foi encontrado no jardim da Chancelaria do Reich o corpo de Hitler".

A teoria mais aceita até agora para o fim do ditador é que ele e sua amante, Eva Braun, teriam se matado pouco antes que as tropas soviéticas entrassem em Berlim, em maio de 1945, e que seus corpos teriam sido queimados por oficiais alemães.

Em julho passado, o historiador russo Lev Bezimenski disse a um jornal moscovita que Hitler e Eva Braun se suicidaram em 30 de abril de 1945 e que seus corpos foram achados pela inteligência militar soviética no dia 4 de maio. Os corpos não foram queimados, afirmou o historiador.

FOLHA 17/09/92

16

FOLHA DE S. PAULO

Mitterrand tem câncer na próstata, revela exame

Das agências internacionais

O presidente francês, François Mitterrand, 75, tem um câncer na próstata que pode ser tratado com medicamentos e ele deve retomar suas atividades normais em breve, disse ontem a equipe médica que operou a próstata do presidente na sexta-feira passada.

"O exame histológico do tecido removido durante a cirurgia mostrou a existência , no tecido da próstata, de lesões adenocarcinomatosas (tumor maligno)", diz o comunicado médico.

Ao deixar ontem o hospital Cochin, em Paris, Mitterrand disse que "não há razão para me demitir. Acho que não me extirparam um pedaço do cérebro". Ele afirmou que a descansar no palácio Elíseu até domingo, quando iria votar no plebiscito sobre o Tratado de Maastricht, que regula a união da Comunidade Européia.

(58) (59)

A notícia da doença de Mitterrand aprofundou a queda na Bolsa de Valores de Paris, já abalada pela crise do sistema financeiro e cambial europeu. As cotações subiram quando foi noticiado que o presidente deixaria o hospital.

Mitterrand, do Partido Socialista, foi eleito presidente em 1981 e reeleito em 1988. Seu mandato termina em 1995. Ele havia sido admitido no hospital na última quinta-feira, sofrendo de retenção urinária aguda e foi operado no dia seguinte para a retirada de uma obstrução de sua uretra.

A notícia da doença de Mitterrand causou uma onda de simpatia pelo presidente que, segundo analistas políticos, pode impulsionar o voto favorável a Maastricht no plebiscito de domingo. As pesquisas de opinião apontam que os franceses estão divididos, com uma pequena vantagem a favor do "sim". A grande impopularidade de Mitterrand é apontada como um dos principais estímulos do voto contra Maastricht.

O cientista político Olivier Duhamel disse que Mitterrand ganharia a simpatia dos franceses por ser honesto em relação à sua doença, ao contrário do presidente Georges Pompidou, que morreu no exercício do cargo em 1974 após esconder que tinha um câncer de maior gravidade.

"É difícil dizer se esta simpatia se transformará em votos. Mas ela não pode aumentar os votos pelo 'não'. Ou ela não terá nenhum impacto, o que é possível, ou impulsionará os votos pelo 'sim'", disse Duhamel.

Claude Gulber, médico particular de Mitterrand, disse que a doença não trará maiores complicações ao presidente. "O tratamento não é nem um pouco perigoso. Ele não requer quimioterapia e permitirá ao presidente cumprir todas as suas funções inteiramente", disse Gulber.

"Certamente não é nada muito grave. Milhares de pessoas vivem normalmente com câncer na próstata. É fácil de tratar", concordou Alain Sobel, chefe do departamento de imunologia do hospital Henri Mondor, em Paris.

FOLHA DE S. PAULO 16/04/94

JANIO DE FREITAS

Pizza mal temperada

A criação de uma CPI exige duas preliminares, a segunda condicionada à primeira: são necessários indícios com consistência bastante para justificar um processo de investigações e, se atendida tal exigência, um requerimento assinado por 168 parlamentares. A comissão de cinco deputados que viajou ao Rio, designada pela presidência da Câmara, teve a finalidade de verificar se a primeira daquelas exigências era atendida pelos documentos que, apreendidos ao comando do jogo do bicho, têm servido para acusações a parlamentares, entre outros. Conclusão, nas palavras do corregedor Fernando Lyra, que encabeçou a comissão: "Os documentos são insuficientes para justificar qualquer procedimento da Câmara contra os deputados acusados".

Lyra e os demais deputados não eliminam a possibilidade de uma CPI ou de outro procedimento, mas desde que "as investigações do Ministério Público venham a apresentar provas consistentes".

Os dois tipos de documentos exibidos aos cinco parlamentares, com as contabilidades que envolvem políticos e outros, deixaram impressões diferentes, ainda em palavras de Lyra: "O livro-caixa parece autêntico, é como o livro dos quitandeiros de antigamente, mas também não faz prova consistente. Antes de qualquer conclusão, tinha que haver investigação caso a caso, para cada um dos citados, porque a menção ali não prova que o sujeito recebeu. A outra contabilidade são só folhas datilografadas. Mesmo tendo sido apreendidas no escritório dos bicheiros, não têm nem a aparência de autenticidade".

Não pode haver conclusão mais clara quanto à necessidade de distinguir a documentação em poder da Procuradoria de Justiça do Estado do Rio. E à necessidade, ainda, de submeter as menções nominais à investigação que esclareça o envolvimento ou a inocência dos citados no livro-caixa. Em vez disso, a Procuradoria informa que já na próxima semana estará iniciando os processos criminais. E a melhor maneira de fazer muito escarcéu e, segundo a expressão da moda, acabar tudo em pizza. Será o resultado inevitável da falta de provas.

Deste modo, as pessoas inocentes terão sido enxovalhadas —e pronto. As envolvidas de fato sairão como se inocentes. Os corruptores, como de praxe, não serão responsabilizados pela corrupção de políticos, jornalistas e talvez de magistrados. Seu único problema será a corrupção de policiais, porque esta investigação não é feita pela Procuradoria, mas uma comissão estadual e as polícias civil e militar fluminenses a estão fazendo.

De minha parte, não considero que inexista, nem que exista, nem que seja duvidosa a ligação de bicheiros com o tráfico internacional de drogas. Simplesmente, ainda não há elementos de juízo a respeito. Mas existe a oportunidade inigualável de procurá-los. Com investigações, no entanto. E, à falta delas, a oportunidade está sendo desperdiçada: assim como não admite perícia nos documentos, a Procuradoria de Justiça não aceita investigações policiais, embora não tenha habilitação, meios e pessoal para realizar por si as investigações necessárias.

Quando acontecer o resultado previsível, será criado o novo escândalo: o pessoal da Procuradoria clamando contra a impunidade vigente no Brasil, apesar dos seus corajosos esforços.

(68)

18

FOLHA DE S. PAULO

1-8 Domingo, 9 de abril de 1995 brasil

FUTEBOL DO PODER

Favorito, Congresso ameaça golear governo

Legislativo e Executivo se enfrentam hoje na Granja do Torto, numa tentativa de aproximação entre os Poderes

GABRIELA WOLTHERS
DENISE MADUENO
Da Sucursal de Brasília

Pela primeira vez na história do Brasil, o governo está torcendo para sofrer uma derrota para o Legislativo.

A disputa, no entanto, não vai acontecer na casa do "adversário" (o plenário do Congresso), sim em um campo de futebol.

Está marcada para hoje, às 10h, na Granja do Torto (residência oficial em Brasília utilizada para reuniões ministeriais), uma "pelada" entre o Executivo e Legislativo.

Em tom de brincadeira, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou um recado aos ministros e assessores próximos que estarão em campo: os "executivos" devem perder.

O principal objetivo do jogo é tentar melhorar as relações entre os dois Poderes.

Por isso, segundo a avaliação de FHC, nada melhor do que deixar os "legislativos" dominarem a partida.

Outra orientação do presidente: os "executivos" devem ficar quietos se levarem caneladas, cotoveladas, puxões e pontapés.

Como um bom "cartola", FHC manda no time, mas não vai se arriscar no corpo-a-corpo do jogo —dará apenas o pontapé inicial da partida e entregará flâmulas aos técnicos das equipes com os dizeres "Reforma já".

A torcida contará com a presença de um "ex-cartola" —o ex-presidente Itamar Franco afirma que vai assistir à partida, mas promete não mais influir no jogo.

Se depender de FHC, o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, não atuará como goleiro. O presidente prefere que ele seja deslocado para a "linha de frente", local mais apropriado para o adversário extravasar sua raiva.

Mas a troca de posição não agrada aos "legislativos". O petista Tilden Santiago, 54, afirma que seu desejo é fazer um gol "bem no meio das pernas de Sérgio Motta".

Bem-humorado, o deputado considera que a "tática" de FHC de orientar a derrota dos "executivos" nada mais é do que desculpa: "Se eles mostrarem em campo a falta de entrosamento que têm na política, vai ser moleza", disse.

O time do Legislativo conta ainda com mais um petista, o deputado Paulo Paim (RS). Outros deputados do partido, como Jair Meneguelli (SP), Waldomiro Fioravante (RS) e Paulo Rocha (PA), que estavam escalados, alegaram compromissos nos seus Estados e não vão comparecer.

Segundo Paim, FHC está "adotando a tática correta" ao abandonar uma política "agressiva" com os parlamentares.

"Gosto de quem sabe driblar e não de quem quer ganhar o jogo na base da canelada", sintetiza o deputado, usando expressões do esporte para dar seu recado.

O time do Executivo contará com mais um ministro —Paulo Renato Souza (Educação). Sua posição não está definida. Pode ser gol, na defesa ou no ataque.

"Sou polivalente", diz. Rindo, afirma que joga bem em todas as posições. O técnico do time, Francisco Graziano, chefe de Gabinete de FHC, concorda com o adjetivo, mas não com a avaliação.

"Ele é um polivalente ao contrário —não joga bem em lugar nenhum", sintetiza o técnico, em meio a gargalhadas.

Os congressistas jogam juntos todas as semanas na casa do deputado Wigberto Tartuce (PP-DF), técnico do time. Já os "executivos" se reúnem pela primeira vez hoje. Além dos 11 jogadores escalados, o Legislativo tem mais seis parlamentares na reserva.

O Executivo só conta mesmo com os 11 escalados. Mesmo assim, poderá fazer algumas substituições. Eles jogarão "futebol society" —o campo de grama é menor e só precisa de sete "esportistas" em cada time.

O time do Legislativo só terá um representante do Senado —José Roberto Arruda (PP-DF). Mas ele não descarta a mudança de time, caso o governo dê vexame no primeiro tempo. "Como sou vice-líder no Senado, posso jogar no segundo tempo com o Executivo para dar uma ajuda", brinca o senador.

Colaborou CYNARA MENEZES, da Sucursal de Brasília.

JORNAL DO BRASIL 19/04/95

Secretária defende programa

BRASÍLIA — A secretária-executiva do Programa Comunidade Solidária, Ana Maria Pelliano, disse que não vai polemizar com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, por desconhecer o contexto em que ele fez suas críticas. "Eu não estava lá. Não sei em que contexto ele falou", disse. Mas, "a título de explicação para a opinião pública", Ana Pelliano relacionou uma série de medidas concretas já em execução pelo Comunidade Solidária.

Segundo a secretária-executiva do Comunidade Solidária, na área de alimentação, já foram liberados R$ 54 milhões para distribuição gratuita de leite em 400 municípios do país. Na área de assentamento rural, o programa já conseguiu a desapropriação de um milhão de hectares, que vão beneficiar 30 mil famílias.

Ana Peliano disse que o programa também já destinou R$ 100 milhões para creches, asilos e entidades de assistência à população carente, que estavam sem receber desde setembro do ano passado. Ela ressaltou que, na próxima reunião do Conselho Curador do FGTS, vai apresentar um projeto de abertura de financiamento para moradia destinado à população de baixa renda. Lembrou ainda que estão sendo feitos estudos para a criação do Banco do Povo, para beneficiar as faixas de baixa renda.

"O ministro deve estar sabendo de tudo isso. Este é um governo de equipe", concluiu Ana Pelliano.

O ministro da Educação, Paulo Renato Souza, também não quis comentar as críticas de Sérgio Motta, que incluiu a área educacional entre os setores ineficientes do governo. "Sou amigo e colega de trabalho do ministro Sérgio Motta. Não cabe abrir polêmica através da imprensa", esquivou-se Paulo Renato.

Stephanes nega retirada

BRASÍLIA — O ministro Reinhold Stephanes, que estava no Congresso, garantiu que "não há a menor possibilidade" de o governo retirar a emenda da Previdência. "Quem tem que melhorar a emenda é o Congresso. Tem que haver alguma coisa sobre a mesa para o debate. E isso, eles já têm", disse. Stephanes negou que o pedido de adiamento tenha a ver com o relatório do TCU. "Não se trata disso. O que acontece é que queremos concentrar esforços agora na aprovação do salário mínimo e nas propostas de reforma econômica que serão votadas esta semana", explicou.

Não foi o que disse, porém, o vice-líder Jackson Pereira, que, em conversas e entrevistas, deixou claro que o problema foi mesmo o relatório do TCU. "Precisamos de tempo para que se clareie essa confusão de números e para mostrarmos que esse relatório do TCU não existe. A decisão sobre o parecer não poderia ocorrer com esse clima de distorção", disse Jackson. "Não adiante querer atropelar. Não é sangria desatada", continuou.

Com o adiamento, a votação do relatório de Rodrigues Palma entrará na pauta da CCJ na quinta-feira da próxima semana. Na mesma sessão, será votado o parecer de Régis de Oliveira, que fez relatório pela inadmissibilidade da emenda que trata do fim do sigilo bancário para devedores da Previdência, um dos três desdobramentos da proposta original.

Os relatores das duas emendas restantes ainda não entregaram seus relatórios e o prazo se esgotou há 12 dias. O deputado Ivandro Cunha Lima (PMDB-PB) é relator da emenda que trata da responsabilidade do Estado com saúde e seguridade social. Gerson Peres (PPR-PA) está com a emenda que trata da competência exclusiva do presidente para elaborar projeto de lei sobre custeio da Previdência. Perguntado se não tomaria nenhuma providência para apressar a entrega dos pareceres — há alternativas previstas no Regimento Interno em caso de atraso — o presidente da CCJ, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), saiu-se com essa: "A essa altura, é até melhor que não entreguem".

(25)

Empresário confirma extorsão e vereador tumultua depoimento

Uma manobra do vereador Carlos de Carvalho, com a clara intenção de tumultuar o processo, esteve ontem por mais de nove horas a sessão da Comissão Especial de Inquérito da Câmara Municipal que ouviu do presidente da Concal Engenharia, José Conde Caldas, a confirmação de ter sido vítima de uma tentativa de extorsão por parte do vereador Beto Gama (PS). Carvalho exigiu a leitura em plenário da íntegra do depoimento de Caldas (79 páginas datilografadas), o que só terminou no início da noite.

Diante de cinco membros da comissão — Jorge Pereira (Pasart), Elionar Coelho (PT), Edson Santos (PCdoB) e Mário Dias (PDT), além de Carvalho — Conde Caldas falou durante quase três horas. No final, recebeu um resumo do depoimento, considerado truncado e ininteligível por seu advogado, Felipe Azevedo. Ao invés de assinar o texto, o empresário propôs, com aval do presidência da comissão, assinar apenas a transcrição taquigráfica de seu depoimento, o que foi recusado por Carvalho, prolongando a sessão. O vereador do PTB, mesmo tento seu desejo atendido, assinou "sob protesto" a ata da reunião.

Segundo Conde Caldas, Beto Gama lhe propôs um "acordo financeiro" para [illegible] interesse dos construtores "sem nova da proposta. O vereador disse que os empresários deveriam negociar com a câmara, caso desejassem ter seus projetos aprovados com mais facilidade", disse o presidente da Concal. Ele também confirmou que foi apresentado a Beto Gama pelo vereador Carlos Alberto Torres (PRN), a quem havia procurado para tentar explicar o projeto imobiliário — dois prédios de oito andares na Rua Marechal Ramón Castilla, em Botafogo —, já licenciado pela Prefeitura quando o vereador Mauricio Azedo (PDT) elaborou projeto tornando *non aedificandi* a área.

"Os vereadores não quiseram ouvir minhas explicações técnicas", afirmou. O empresário contou que Beto Gama foi ainda mais longe em sua proposta, explicando que durante a votação da Lei Orgânica foram cometidos vários absurdos contra os construtores e que as mesmas injustiças poderiam se repetir no Plano Diretor, caso o setor não negociasse. "Ele disse que para a derrubada do projeto de Mauricio Azedo, seriam necessários pelo menos 20 votos. E que os vereadores não saíam de casa de graça, principalmente em época de campanha", afirmou Conde Caldas.

O empresário acrescentou que o vereador do PS, durante a conversa, admitiu também a existência na Câmara de uma *caixinha*, sustentada por proprietários de empresas de ônibus. Beto Gama assistiu ao depoimento e saiu após ca da declaração do empresário. Ao final, comentou com irônia: "O construtor deve ter ficado irritado porque deixou de construir seus *espigões* em Botafogo.

Aumento de ano letivo atende aos professores

O aumento do número de dias letivos no calendário escolar, que o Ministério da Educação planeja colocar em vigor a partir do ano que vem, é bem visto pelos professores e já está sendo adotado nas escolas municipais do Rio. Os professores concordam, ainda, em ter menos 30 dias de férias, em vez dos cerca de dois meses sem trabalhar — graças aos períodos de recesso em julho e no final de dezembro —, se houver planejamento de atividades como reciclagem, aperfeiçoamento e trabalhos extras com os alunos.

"Por lei, só temos direito a 30 dias de férias, em janeiro", admite a presidente do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe), Florinda Lombardi. "Ficamos sem atividades durante o recesso, porque não há investimento em pessoal, material e programas para se aproveitar esse tempo. Apelamos ao governo um planejamento adequado para os nossos dias de recesso", anuncia.

Para Florinda não é o aumento de carga horária que vai fazer o professor trabalhar mais. Com atividades planejadas para aproveitar todo o tempo disponível e salários mais altos (há reivindicação de um piso salarial nacional de Cz$ 45 mil), a carga horária pode e deve ser aumentada. "O professor hoje não pode exercer bem seu trabalho, quando tem que ter três empregos, correr de um lado para o outro, sem tempo para estudar, planejar, ir ao cinema e ao teatro".

A Secretaria Municipal de Educação do Rio já está colocando em prática, este ano, a ampliação do ano letivo de 180 para 196 dias. Cada escola pode redistribuir seu programa pelo novo espaço ampliado, de acordo com suas necessidades. O objetivo é chegar aos 200 dias no ano que vem. O município planeja também aumentar em uma hora (de quatro para cinco horas) a carga horária diária nas escolas que funcionam em dois turnos. Isso será feito, no entanto, sem aumentar a carga horária dos professores, mas redistribuídos de modo a haver sempre algum na escola nessa hora a mais. "A melhoria da qualidade do ensino passa pela mudança do conteúdo mas também pelo tempo de aula", afirma a diretora do Departamento Geral de Ensino da secretaria, Maria de Lourdes Henriques.

Culto ao líder do pacifismo

Cerca de 50 manifestantes homenagearam ontem, no início da tarde, o Mahatma Gandhi, na praça que tem seu nome, na Cinelândia, pela passagem do 121º aniversário de nascimento do líder pacifista indiano. Reunindo representantes de diversas entidades e partidos políticos, além de mentiras de rua assistidos pela Casa Beneficente São Martinho, a manifestação foi prejudicada pela chuva. Escritas em cartazes, algumas frases de Gandhi foram lidas e colocadas em frente à estátua de bronze, que recebeu flores brancas das crianças abandonadas.

A maioria dos organizadores do ato [illegible] ligados a [illegible] como o vereador Chico Alencar (PT), [illegible] "a data de nascimento de Gandhi torna-se ainda mais relevante neste momento em que sofremos muito com a violência". Para o vereador, "até a estátua dele (Gandhi) é a mais bonita do Rio; ele não está armado, nem montado num cavalo pronto para dar um coice".

Roberto Santos, coordenador do programa Ao Encontro do Menino de Rua, da Casa São Martinho, explicou que faz questão de mostrar aos menores abandonados personalidades como as de Gandhi, Zumbi e Jesus Cristo. "Foram homens que lutaram por uma causa nobre, em defesa dos mais frágeis e desafortunados, tendo uma empatia imediata com o menor carente", disse ele. André Luiz, de 8 anos, contou que tem apanhado muito da polícia, porque fugiu do Juizado de Menores.

"Coloquei uma flor para ele (Gandhi), porque ele não batia nas crianças pobres", disse o menino. "Não-violência", anunciava o cartaz com as palavras do Mahatma (grande alma em hindi), "não quer dizer renúncia a toda forma de luta contra o mal. Pelo contrário. A não-violência, pelo menos como eu a concebo, é uma luta ainda mais ativa e real que a própria lei de talião, mas num plano moral.

Incidente causa mal-estar

(continuação da primeira página)

Desde ontem cedo, a transcrição integral da entrevista de Aronson sobre o encontro entre Collor e Bush, concedida a jornalistas americanos em Nova Iorque, circulava pela representação diplomática brasileira nesta capital, causando profundo mal-estar. Afinal, Collor não dera nenhuma entrevista chamando Saddam Hussein de maluco e, como lembrava um diplomata que serve aqui, o protocolo manda que qualquer revelação sobre uma conversa entre presidentes só seja feita mediante acordo entre as partes.

"Ele não poderia relatar nada do encontro sem um acordo prévio com a delegação brasileira", disse o diplomata, lembrando que, em caso de encontros entre presidentes, há a necessidade de um sinal verde das duas partes para que seu conteúdo seja revelado.

Do lado americano, estavam no encontro do presidente, além de Aronson, o secretário de imprensa do Bush, Marlin Fitzwater, o secretário de Estado, James Baker, e o chefe do Conselho de Segurança Nacional, Brent Scowcroft. Do lado brasileiro assistiram à conversa o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, o secretário de Ciência e Tecnologia, José Goldemberg, e o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcílio Marques Moreira.

Entre os jornalistas que ouviram Aronson relatar detalhes da reunião no domingo estava o correspondente da Voz da América (cuja sigla em inglês é VOA) — órgão radiofônico do governo americano. Ele passou seu conteúdo à agência noticiosa interna da VOA, de onde seus serviços de programação, em 73 línguas, retiram as informações transmitidas em ondas curtas para os quatro cantos do mundo, inclusive o Iraque.

Até esse dia, como vinha fazendo desde a data da invasão do Kuwait — 2 de agosto —, o governo iraquiano estava interferindo nos sinais da VOA para o Iraque. "Mas inexplicavelmente, desde o domingo as interferências foram paralisadas", informa o porta-voz da VOA, Joe O'Connell. Para azar dos brasileiros ainda retidos no país — e também de Aronson. A notícia sobre Collor chamando Saddam de insano penetrou no ar iraquiano embulto e bom som.

Ao longo do dia, embora os personagens envolvidos tentassem se manter absolutamente calados, percebia-se que o assunto tinha tudo para se transformar numa batata quente. Marcílio, acamado com uma forte gripe, colocou seus diplomatas em alerta, conversou com Brasília e buscou contato com Aronson, recomendando de uma bateria de encontros com líderes e chanceleres americanos em Nova Iorque. No Departamento de Estado, apesar da delicadeza com que tratavam quem perguntasse sobre a questão, diplomatas diziam desconhecer o assunto — mas prometiam investigá-la.

A embaixada americana em Brasília dava indicações de que tinha ouvido reclamações do Itamaraty. Tanto assim que pediu, em caráter de urgência à VOA, uma transcrição da notícia sobre o encontro — que aliás também foi transmitida pelo seu serviço em português para o Brasil.

No começo da noite, todos respiravam aliviados na capital americana; Aronson, porque, como explicou ao JORNAL DO BRASIL, pôde esclarecer o ocorrido; e Marcílio, um homem de gestos comedidos e pausados, porque pôde evitar a escalada do problema para uma disputa diplomática formal — algo que não interessava a nenhum dos lados.

"Agora só falta fazer esta versão final e absolutamente verdadeira, chegar aos ouvidos de Saddam Hussein", ironizou um diplomata brasileiro. (M.F.B.)

14 página: "Brasileiros com visto deixam hoje o Iraque."
JORNAL DO BRASIL 03/10/90

Brasileiros com visto deixam hoje o Iraque

22

O embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, chefe da missão brasileira enviada ao Iraque para tentar a liberação dos brasileiros, retidos naquele país, marcou para hoje às 14h (8h no Rio) a partida do avião fretado da Iraqi Airways com destino a Brasília. Ele disse ainda ter esperança de que, na última hora, sejam concedidos os 82 vistos de saída que faltam, para que todos os brasileiros estejam no vôo. Se isso não acontecer, o avião sairá com os 173 que já têm vistos.

Ontem à noite, Paulo Tarso esteve pela segunda vez no acampamento da Expressway, para explicar pessoalmente sua decisão de separar os brasileiros em dois grupos, caso seja necessário. Foi aplaudido pelos 120 operários da Mendes Júnior ligados ao projeto Sifão, que já estão com seus passaportes carimbados. Aos que correm o risco de ficar para trás, ele prometeu que ficará no Iraque até que eles também sejam liberados. "Estou até trazendo minha patroa para ficar comigo", gracejou. (Pág. 15) 190

Notícia irritou Saddam

O jornal oficial do governo iraquiano publicou ontem a notícia de que o presidente Fernando Collor, em seu encontro em Washington com o presidente americano, George Bush, teria ofendido Saddam Hussein, chamando-o de "insano". As declarações irritaram o governo de Bagdá — e teriam sido a causa da não concessão de vistos para os últimos 82 brasileiros que se encontram no país.

Collor também teria admitido que no passado o Brasil fornecera tecnologia nuclear para aquele país, mas que isto não se repetiria. As informações do jornal tomaram como base uma entrevista do subsecretário de Estado americano, Bernard Aronson, divulgada pela Voz da América. O chanceler Francisco Rezek negou as declarações e disse que Aronson divulgou informações erradas.

Um porta-voz da chancelaria iraquiana anunciou ontem que seu país está disposto a destruir seu arsenal de armas químicas, e outras armas de extermínio em massa, se Israel concordar em fazer o mesmo. O porta-aviões americano *Independence* chegou ao Golfo Pérsico e uma fragata francesa fez disparos de advertência para forçar um cargueiro norte-coreano a parar para inspeção. (Página 15)

EUA lamentam incidente

Manoel Francisco Brito
Correspondente

WASHINGTON — *O subsecretário de Estado para a América Latina, Bernard Aronson, fonte da notícia transmitida ao longo de toda a segunda-feira pelo serviço em árabe da Voz da América, dando conta de que o presidente Fernando Collor havia qualificado Saddam Hussein, durante seu encontro no último domingo com o presidente George Bush, de "insano", lamentou ontem suas declarações e disse que elas foram descaracterizadas pela imprensa.*

"Eu lamento o que aconteceu", disse Aronson pelo telefone ao JORNAL DO BRASIL. *Afirmando que estava ciente do impacto negativo de suas palavras sobre a tentativa de resgatar os brasileiros retidos no Iraque, o subsecretário de Estado insistiu em que elas tinham sido retiradas do contexto. "Os jornalistas não entenderam o que eu disse", reiterou. "Collor não utilizou o termo insano para caracterizar pessoalmente Saddam Hussein, mas a situação do Golfo em geral".*

Aronson, meia hora antes de falar com o JORNAL DO BRASIL, *havia transmitido o mesmo recado ao embaixador do Brasil na capital americana, Marcílio Marques Moreira, despachado às pressas pelo governo brasileiro ao Departamento de Estado para cobrar explicações. Marcílio, segundo um diplomata presente ao encontro, deu-se por satisfeito com as correções de Aronson às suas palavras — evitando deste modo o início de um grave desentendimento diplomático entre Brasília e Washington.* (Continua na pág. 15)

JORNAL DO BRASIL
03/10/90

Kohl realiza sonho no 'dia mais feliz' de sua vida

JORNAL DO BRASIL

BERLIM — O chanceler Helmut Kohl fez um balanço emocionado da caminhada até a reunificação da Alemanha, agradecendo em mensagem pela TV a todos os povos e governantes que contribuíram para a realização deste "sonho" e assegurando que os alemães "aprenderam com a História"a prezar a paz e a liberdade.

"Dentro de algumas horas nosso sonho se tornará realidade. Depois de 40 anos de amarga divisão da Alemanha, a casa pátria está novamente unida. Este é o momento mais feliz de minha vida", disse Kohl, que também ontem encerrou, em Hamburgo, o congresso em que seu partido, a União Democrata Cristã, o reagreu novamente presidente e candidato à reeleição para a chefia do governo federal em dezembro, oito anos depois da conquista de seu primeiro mandato na Alemanha Ocidental.

Afirmando que os alemães não um povo afeito à paz e à liberdade, e "nunca mais enveredarão sua democracia aos inimigos da paz", o chanceler renovou (1,2) para nós, o amor a pátria, o amor a liberdade, o espírito de boa vizinhança são inseparáveis. Queremos ser bons amigos. Só há para nós um lugar no mundo: ao lado dos países livres".

Kohl lembrou que a divisão da Alemanha separou famílias, levou à prisão e à morte milhões que não aceitaram o regime alemão-oriental: "Devemos assegurar a nossos filhos e netos que tais coisas nunca mais voltam a acontecer", disse, acrescentando: "Os amigos dos alemães em todo o mundo devem saber o que nos comove neste momento: a Alemanha é nossa pátria e a Europa unida, nosso futuro."

Reconhecendo que os alemães "não poderiam conseguir sozinhos" esta "unidade na liberdade", Kohl passou a agradecer aos que contribuíram para a reunificação: a França, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos — e especialmente o presidente George Bush. Mas a menção mais elogiosa foi endereçada ao presidente soviético, Mikhail Gorbachev: "Ele reconheceu o direito dos povos de seguirem seu próprio caminho, e sem esta decisão não teríamos podido chegar tão rapidamente ao dia da unidade alemã."

Kohl elogiou também a "ânsia de liberdade" dos alemães-orientais, cuja sublevação contra o regime de partido único foi um dos elementos que apressaram a reunificação; assim como a decisão da Hungria, em maio do ano passado, de abrir suas fronteiras com a Áustria, permitindo a fuga em massa de alemães-orientais para a Alemanha Ocidental.

Sobre o futuro, Kohl disse que não poderão ser resolvidos da noite para o dia os problemas econômicos provocados por 40 anos de regime comunista no leste oriental, mas garantiu que "a Alemãe não enfrentará tão preparadas quanto agora para realizar as tarefas econômicas da reunificação", e exortou: "Precisamos superar o hábito de pensar na Alemanha em termos de aqui e lá."

(46)

(44)

(23)

Berlim, capital 'simbólica'

BONN — Capital da Grande Alemanha a partir de hoje, Berlim não definirá imediatamente, na prática, de todas as prerrogativas deste status readquirido. Muitos políticos estão deixando de lado 41 anos de profissões de fé sobre Berlim como futura capital da Alemanha reunificada, para insistir agora nos problemas que isto acarreta e pregar a continuação do governo e do Parlamento em Bonn — o que pelo menos provisoriamente já está acertado.

A questão da capital provocou um acirrado debate entre os alemães, especialmente na parte ocidental, onde o tema deixou divididos o governo democrata-cristão, os demais partidos, os diferentes estados e a população.

Os partidários de Bonn como capital consideram-na o símbolo de uma democracia representativa e de um Estado federal descentralizado e ligado ao Ocidente; seus detratores vêem-no, pelo contrário, como um símbolo do provincianismo, com seus 300 mil habitantes, e de uma Alemanha que ainda não está preparada para a total "liberdade".

No caso de Berlim, os defensores consideram que a grande cidade, de 4 milhões de habitantes, simboliza a restauração da plena soberania alemã e o ressurgimento do papel histórico da Alemanha como ponte entre o Leste e o Ocidente, lembrando o papel que a cidade representará na reinserção do antigo Estado alemão-oriental. Os adversários da transferência dizem que Berlim sombra militarismo prussiano, um governo central ferrenamente controlado e três guerras desencadeadas pela Alemanha em pouco mais de 100 anos (1870, 1914 e 1939).

Quase todos os chefes de governo dos estados alemães-ocidentais querem a capital em Bonn, mas a opinião pública e as próprias lideranças políticas parecem divididas em duas metades, segundo pesquisas recentes. E o caso dos prefeitos das quatro maiores cidades da Alemanha Ocidental: os de Dresden e Halle favorecem Bonn, os de Leipzig e Chemnitz (antiga Karl-Marx-Stadt), Berlim.

O presidente alemão-ocidental, Richard von Weizsaecker manifestou-se publicamente por Berlim, mas o chanceler Helmut Kohl estimou-se de recomendar esta ou aquela cidade. A divisão é tamanha que parece provável que ambas as cidades preservem funções oficiais pelos próximos anos — embora até dezembro, quando se realizarão as eleições gerais, o Parlamento deva optar, e, com ele, Kohl, que inicialmente se manteria numa espécie de *ponte aérea*, com ênfase nas permanências em Bonn.

Os fatores determinantes do qualquer decisão poderão ser grosseiros. Kohl já avisou que não transferirá os ministérios mais maciços para Berlim antes da retirada das tropas soviéticas, que não deverá ocorrer antes de 1994. Outro fator é o custo da mudança, estimado entre US$ 3 bilhões e US$ 60 bilhões. O contribuinte, alogado em informações sobre o colapso da economia alemã-oriental e o preço a ser pago pelo lado ocidental, também poderá ser ouvido.

Até lá, escreveu recentemente Theo Sommer, editor de *Die Zeit*, "Bonn deve continuar merecendo o respeito que teve como capital federal nas quatro décadas durante as quais a Alemanha aprendeu a democracia, criou a estabilidade interna e conquistou a confiança do mundo. Não podemos dizer o mesmo de nenhuma outra cidade na milenar história de nosso povo."

INTERDIÇÃO NA PACAEMBU

Trecho será fechado a partir de amanhã para obra contra enchentes

Os motoristas que trafegam pela avenida Pacaembu podem se preparar para deixar seu caminho. A partir das 9 horas de amanhã, o trecho da avenida entre o viaduto Pacaembu e a rua Dr. Cândido Espinheira, sentido Marginal Tietê-estádio, ficará totalmente interditado por dois meses.

O outro lado da avenida, sentido estádio-Marginal Tietê, não aliviará muito a vida do motorista: apenas uma pista será liberada (as outras duas vão ser interditadas). O motivo é a construção de uma galeria pluvial de reforço para diminuir o problema das enchentes na região.

"A galeria terá 30 metros de extensão e vai acabar com o estrangulamento das outras duas galerias já existentes na avenida, que são paralelas mas formam um xis próximo ao viaduto General Olimpio da Silveira", explica Paulo Tanouye, superintendente de Obras da Secretaria de Vias Públicas de São Paulo. No horário de pico, segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), passam pela região cerca de 2.500 veículos por hora, sentido Centro/bairros, e 2.800 dos bairros para o Centro.

"Estamos esperando intenso congestionamento no início, mas os motoristas vão acabar se acostumando", acredita José Tadeu Brás, coordenador do projeto. A CET afirma que já entrou em contato com a Federação Paulista de Futebol, para que evite jogos no estádio do Pacaembu até outubro. Jaime Pereira da Silva, analista de transportes da CET, diz que estão sendo distribuídos cinco mil folhetos explicativos aos motoristas na esquina da rua Margarida e que foram instalados faixas para alertar os motoristas. O JT esteve ontem no local e não viu a sinalização.

Na esquina da rua Dr. Cândido Espinheira, funcionários da equipe de semáforos da CET estavam instalando um semáforo ontem, mas nada sabiam sobre a interdição. "Só cuidamos da instalação dos semáforos", justificou Mauro Amâncio, técnico de semáforos. Este é o terceiro e último trecho com problemas nas galerias a ser reformado pela secretaria neste ano. O projeto de melhoria das galerias pluviais começou em fevereiro. Em maio e junho foi a vez do trecho próximo à rua Brigadeiro Galvão. A obra completa está orçada em US$ 580 mil.

As pessoas que trabalham na avenida ainda não sabiam da interdição e mostraram-se preocupadas. "Acho que vai ser o caos, mas temos que pensar numa solução", falou a secretária Georgiana Guimarães, da seguradora Notre Dame. Na escola Pacaembu, perto do trecho interditado, a diretora Odila Oliveira espantou-se com a notícia. "Não sei como fazer", disse. Uma das mães que foi buscar os filhos no colégio apoiou a reforma. "Vamos ter dificuldades, mas é por uma causa justa. Ninguém agüenta mais enchentes", afirmou Carmen de Paula.

Cristina Romeiro

CETESB

VERSÃO: FALTOU DINHEIRO.

Por isso é que teria sido cancelada a Operação Inverno

Apesar do anúncio oficial na quarta-feira, a Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb) havia decidido desde julho cancelar o projeto de reduzir em 20% o fluxo de veículos no Centro expandido de São Paulo. O esquema, que vigoraria entre os dias 17 e 21, era parte da Operação Inverno e visava ao controle da poluição do ar. A estratégia contava ainda com a livre adesão dos motoristas. Mas caducou.

"Seria demais pedir à população que não utilizasse carros em meio a um clima de tensão como o atual", alegou o presidente da Cetesb, Walter Lazzarini, em referência às "incertezas" geradas com a CPI do caso PC, e suas ligações com o presidente Fernando Collor. Havia, porém, outros problemas.

O orçamento do projeto, que a partir do último algarismo da placa veículos limitaria a circulação no Centro, fora calculado em US$ 800 mil. A verba não era oficial e, de acordo com Lazzarini, "restavam alguns pontos" para que fosse arrematada junto à iniciativa privada. Para complicar, desde o último dia 28 os funcionários da Cetesb estavam em greve.

O movimento terminou anteontem, com a previsão de um acordo a ser concluído com o governo estadual e do julgamento do dissídio por parte do Tribunal Regional do Trabalho (TRT). Segundo a direção do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente, as duas frentes foram favoráveis aos funcionários da Cetesb, garantindo a reposição integral da inflação.

Mesmo sem admitir que esses entraves tenham contribuído para que o cancelamento do esquema, Lazzarini acrescentou que era significativa a margem de risco do projeto. "Poderíamos colocar em xeque uma estratégia que, se hoje seria implementada como parte de uma experiência, pode vir a ser uma necessidade real no futuro."

JORNAL DA TARDE 01/09/92

Quarta-feira, 3 de outubro de 1990 O GLOBO O GLOBO

Tragédia de Vargas foi um exemplo para Darcy

Darcy Ribeiro reconhece que fala pelos cotovelos, considera-se genial e, mais do que isso, o maior romancista do Brasil, "apesar de não ter sido reconhecido ainda". Sobre ele, Carlos Drummond de Andrade escreveu: "Sete Quedas acabou, mas Darcy é a cara mais bela Quedas que eu conheço". Exilou-se por três vezes durante a ditadura militar no Brasil, venceu um câncer no pulmão, considera-se mesmo um homem apaixonado, "um sonhador que realiza". Teria se decidido também pela política quando o Presidente Getúlio Vargas, "um velhinho de mais de 70 anos", estourou o coração com uma bala, o que afetaria profundamente Darcy. Hoje, o ex-Vice Governador do Rio e candidato ao Senado pelo PDT acredita que se preparou a vida toda como um homem de combate "que faz política por uma motivação ética, olhando para os interesses da população".

Mineiro de Montes Claros, Darcy Ribeiro nasceu a 26 de outubro de 1922, mudou-se quando jovem para Belo Horizonte e depois para São Paulo. Queria entrar para a universidade. Formou-se em 1946 como licenciado em Ciências Sociais, com especialização em Antropologia. Naquele ano, iniciou uma experiência que o marcaria: o convívio por dez anos com aldeias indígenas do Pantanal, do Brasil Central e da Amazônia. Nesse período, escreveu vários ensaios de etnologia indígena e de defesa das populações silvícolas.

"No interesse da população, eu faço política levado por motivação ética"

Darcy Ribeiro

Nos primeiros anos da década de 50, fundou o Museu do Índio do Rio de Janeiro, do qual foi o primeiro diretor. Elaborou então os documentos legais de instituição do Parque Indígena do Xingu. Lecionou Etnologia e Antropologia na Universidade do Brasil e tornou-se discípulo do educador Anísio Teixeira.

Por encargo do Presidente Juscelino Kubitschek, confirmado depois por Jânio Quadros e por João Goulart, Darcy criou a Universidade de Brasília, da qual seria o primeiro reitor. No Governo de Jango, foi Ministro da Educação e Cultura e depois Ministro Chefe da Casa Civil.

Deposto o Governo de João Goulart por um golpe militar, Darcy deixou o País em 1964, vivendo principalmente em países da América Latina. Voltou quatro anos depois, e acabou preso pelas tropas militares. Oito meses depois, foi julgado e libertado por uma junta de oficiais da Marinha, mas buscou o exílio novamente. Foi para a Venezuela, depois colaborou com o Presidente Salvador Allende no Chile, mais tarde assessorou o Governo de Velasco Alvarado no Peru.

No exílio, escreveu "A universidade necessária" e "Estudos de Antropologia da civilização" (cinco volumes), entre outras obras. Por seus trabalhos no exílio, Darcy recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Sorbonne e da Universidade do Uruguai. Em 1974, quando se encontrava na Europa, descobriu que tinha um câncer pulmonar. Voltou ao Brasil para se tratar junto da família e dos amigos. Curado, teve de exilar-se novamente, porém com passaporte que lhe permitia voltar periodicamente ao Brasil.

Nos últimos anos, Darcy escreveu quatro romances — "Maíra", "O Mulo", "Utopia Selvagem" e "Migo" —, traduzidos em várias línguas. De volta ao Brasil, aliou-se a Leonel Brizola e, em 1982, foi eleito Vice-Governador do Rio de Janeiro. Construiu o Sambódromo e formulou o Plano Especial de Educação, cuja meta era acabar com o terceiro turno. Criou a Fábrica de Escolas, as Casas da Criança e os Centros Integrados de Educação Pública (Ciep), que passaram a ser a marca do Governo Brizola no Rio.

Em 1986, candidatou-se e perdeu as eleições para Governador do Rio. Foi para Minas, a convite do Governador Newton Cardoso, para ocupar o cargo de Secretário do Desenvolvimento Social. Seis meses depois, sem apoio para o projeto de espalhar Ciep pelo Estado, voltou ao Rio.

O GLOBO 03/10/90

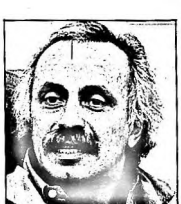
Temer, da Marinha ao PT, um longo caminho

O candidato do PT ao Senado foi, durante anos, um crítico do partido, que considerava, pelo menos até 1987, sectário e defensor do corporativismo sindical. Ex-integrante do PCB, do PMDB e do PSB, o Deputado estadual e jornalista Milton Temer, que fará 52 anos em dezembro, afirma que "não seria do PT em 1979", quando ele começou a ser articulado. Para Temer, o partido de Lula "era uma correia de transmissão dos movimentos sociais e não incorporava o conceito de democracia".

Jorge Milton Temer nasceu em Vila Isabel, em 12 de dezembro de 1938, filho do comerciante sírio Gabriel Temer e de Júlia Temer, uma brasileira que vivera no Oriente Médio. O pai, descobriu anos depois, fora colaborador do PCB no o Estado Novo.

A infância foi na Av. 28 de Setembro, onde morava, nos fundos da Casa Simpatia, armarinho de Gabriel Temer. Os estudos foram na Escola República Argentina, no Colégio Militar (saiu antes de ser expulso por bagunça), no Colégio Naval e na Escola Naval. Casado, tem um filho de dois anos: Leonardo.

Para sua aproximação com a esquerda, contribuiu a leitura, aos 17 anos, de "Os subterrâneos da liberdade", de Jorge Amado. Temer leu também clássicos do marxismo-leninismo, mas a aproximação da esquerda só viria em 1962, na Praça Saenz Pena, na Tijuca, onde conheceu dirigentes da União Nacional dos Estudantes vinculados ao PCB.



"Luto contra a miséria social por que sou infeliz com ela me rodeando"

Milton Temer

Primeiro-tenente da Marinha em 1960, Milton Temer servia, em março de 1964, no Gabinete do Ministro da Marinha no Rio, tendo sido preso em 2 de abril — foi confinado nos navios "Soares Dutra" e "Princesa Leopoldina". Saiu já cassado, em 6 de maio, só retornando à patente com a anistia de 1979. Com a revisão determinada pela Constituição de 1988, tornou-se capitão-de-mar-e-guerra na reserva e hoje sua turma tem 13 almirantes. Recorda, rindo, que, ao voltar do exílio, em 1979, foi convidado para um jantar na Escola Naval com os colegas de classe.

— O chefe da turma, que era capitão-de-fragata e hoje é almirante, ibgeou e, brincando, disse: "Se não vier, mando buscar". Eu respondi: "Pode deixar, já tenho experiência disso. Vou sozinho".

Após a cassação, Milton Temer foi trabalhar com o pai na Casa Simpatia, mas, por indicação de um amigo dos tempos de Colégio Naval — o jornalista Arthur José Poerner, do "Correio da Manhã" — conseguiu um estágio como repórter no "Diário Carioca". Foi o início de uma carreira em que passaria pela sucursal carioca da Editora Abril, "Jornal do Brasil", O GLOBO (antes e depois do exílio), TV Globo, "Diário do Nordeste" e TV Educativa do Rio.

Em 1986, ao ingressar no clandestino "Partidão", Milton Temer ganhou seu primeiro codinome — "Antônio", mais tarde mudado para "Ricardo" — com que colaboraria com a "Voz Operária", porta-voz oficial do partido. Em 1969, esse nome, encontrado ao lado de um telefone da Editora Abril, em uma agenda, causaria a detenção de Temer por algumas horas. Em 1973, exilou-se, editando no exterior a "Voz Operária", de 1977 a maio de 1978, usando o nome de código de "Marcelo Silva".

Foi no exterior, a partir da discussão da questão da democracia no socialismo com o grupo que editava a "Voz Operária", próximo das posições eurocomunistas do Partido Comunista Italiano, que Milton Temer rachou com o "Partidão", em maio de 1978. De volta ao Brasil, filiou-se ao PMDB, que trocaria pelo PSB, em 1985, quando Jorge Leite foi indicado para disputar a Prefeitura do Rio. Eleito em 1986, foi um dos Vice-Relatores da Constituinte Estadual, na qual ajudou a articular um bloco que unia parlamentares do PT, PSB, PDT e PC do B. Em 1988, já em conflito com o PSB, fez campanha para Jorge Bittar, candidato a prefeito. Em 1989, filiou-se à legenda petista.

(4)

O GLOBO 02/10/90

PT pede mas TRE não proíbe pesquisa

O Tribunal Regional Eleitoral (TRE) indeferiu, ontem, requerimento do Partido dos Trabalhadores (PT) que pedia a proibição da divulgação de pesquisas eleitorais pelo Ibope. O partido acionou a Justiça Eleitoral em reação ao acordo firmado entre o Instituto e o PDT para a totalização paralela dos votos.

O candidato a Governador pela Frente Popular (PT-PSB), Jorge Bittar, disse que o acordo torna suspeitos os números do Ibope e que as pesquisas da empresa, divulgadas imediatamente antes e depois das eleições, poderiam ser manipuladas para criar "um clima de desmobilização" do esquema de boca-de-urna e de fiscalização das apurações.

No pedido, o partido sugeriu a permissão da divulgação de pesquisas eleitorais, e que a Justiça Eleitoral determinasse que fosse acompanhada da informação de que o instituto tem um acordo com o Democrata Trabalhista (PDT). O candidato afirmou: "É um verdadeiro escândalo que, no fim da campanha, o Ibope revele estar prestando serviços ao candidato do PDT, ainda mais gratuitamente".

— Fico me perguntando se o Ibope ficou encantado com os belos olhos de Brizola — ironizou o petista, que recordou que a lei eleitoral não permite auxílio de qualquer espécie às campanhas de candidatos a cargos eletivos.

Jorge Bittar lembrou que os números divulgados pelo Ibope são bastante diferentes dos de outros institutos de pesquisa, como, por exemplo, o DataFolha. Enquanto o instituto do jornal "Folha de São Paulo", em sua última sondagem, atribuía 14% de intenções de voto para Jorge Bittar, o Ibope previa 11%. O candidato da coligação PT-PSB lembrou que também houve divergências entre Ibope e DataFolha em campanhas como as de São Paulo e Pernambuco.

A advogada do PT na ação é a própria mulher de Bittar, Maria Auxiliadora, que fez o pedido no fim da tarde.

O candidato insistiu que o Ibope "não é nenhum monstro sagrado — o trabalho de graça significa adesão".

O Senador Nelson Carneiro, candidato ao Governo pela Aliança Progressista (PMDB-PFL-PTB-PRN-PDC), também foi irônico ao comentar a associação entre o PDT e o Ibope. Ele usou as expressões estranha, inesperada e curiosa para se referir ao trabalho conjunto, principalmente porque não envolve pagamento por qualquer das partes. O candidato espera que seu desempenho no debate de domingo ajude a levá-lo ao segundo turno das eleições.

— Ao contrário do que tem anunciado o Ibope, que me coloca em terceiro lugar, espero chegar ao segundo turno, apesar de não dispor de instituto de pesquisa para contar os meus votos. Não estou suspeitando de coisa alguma, mas acho no mínimo curiosa a união do PDT e do Ibope, principalmente porque é de graça. Isso é que é amor — provocou o Senador.

O GLOBO 03/10/90

Na Iugoslávia, Presidente pede voto para os aliados do Governo

MEDJUGORE, Iugoslávia (Da enviada especial) — O Presidente Fernando Collor guardou para a véspera da eleição a sua mais enfática declaração sobre o pleito, pedindo claramente à população que vote nos candidatos governistas:

— É fundamental que sejam eleitos aqueles que estiverem, de alguma maneira, afinados com os propósitos do Governo federal, aqueles que estão nos animando, nos dando força para ir adiante — disse Collor em entrevista à Agência Brasil, ao chegar para uma rápida visita à Iugoslávia, onde visitou o santuário de Medjugore, a 600 km de Belgrado, na região sul do país.

Collor disse que o Brasil passa por um momento de grandes dificuldades mas também "por um tempo de tantas esperanças de construir um Brasil novo, socialmente mais justo e mais fraterno".

Segundo o Presidente, "às vésperas de uma eleição que será tão importante para o destino do País, é fundamental que tenhamos eleitos aqueles que estejam afinados com os propósitos do governo".

Collor disse que foi a Medjugore para "pedir a Nossa Senhora as suas bênçãos para todo o povo brasileiro, sobretudo para os mais humildes, para os pés descalços, para os desamparados".

Para aqueles que, apesar de todas as dificuldades, ainda guardam no fundo de seu coração um restinho de esperança de que finalmente o Brasil vai sair da crise que se abateu sobre ele e vamos entrar numa era de prosperidade e de paz mundial.

Durante os meses de campanha, no Brasil, o Presidente Collor evitou palanques, mas acabou oferecendo um substituto para seus correligionários: a rampa do Palácio do Planalto. Não deu declarações favoráveis a candidatos, mas permitiu que seus Ministros o fizessem. Não abriu os cofres da União para campanhas, mas socorreu Estados nos quais seus amigos não poderiam ficar mal.

Em Brasília, por exemplo, o Governo não esperou mais do que 48 horas para liberar Cr$ 60 milhões que seriam destinados à recuperação de casas danificadas com as chuvas que caíram em meados de setembro. Essas casas ficavam na mais nova cidade-satélite, Samambaia, que surgiu do programa de distribuição de lotes a famílias carentes, executado pelo ex-Governador Joaquim Roriz, apontado pelas pesquisas como favorito para voltar ao cargo nestas eleições. Ele é o preferido do Presidente para o Governo do Distrito Federal. Isso sem contar a verba de Cr$ 300 milhões liberada também através do Ministério da Ação Social, para assistência aos atingidos pelas enchentes e seca no Nordeste.

Uma das primeiras sinalizações do Governo foi na direção do Rio de Janeiro, no final de junho, quando o Presidente reuniu, no Palácio do Planalto, parlamentares do PFL, PMDB, PRN, PTB e PL fluminenses, para anunciar que o Estado estava recebendo US$ 66,2 milhões.

Collor não viajou aos Estados para fazer campanha, mas não impediu que fossem usadas as cobiçadas imagens suas junto aos candidatos, especialmente quando essas imagens foram conseguidas no gabinete presidencial ou na solenidade de subida e descida da rampa.

Um dos eleitos de Collor para participar da cerimônia foi, por exemplo, o candidato do PRN ao Governo do Paraná, José Carlos Martinez, que acabou balançando o candidato do PSDB, José Richa, no confortável segundo lugar nas pesquisas lideradas por Roberto Requião (PMDB).

Martinez não desfrutou sozinho, no dia 19 de setembro, do privilégio de subir a rampa com Collor. Com ele, estavam Ferreira Neto, candidato ao Senado por São Paulo, e o sindicalista Jaime José da Cunha, que disputa uma vaga na Câmara. Todos concorrendo pelo PRN.

A cerimônia de subida e descida da rampa ganhou tal proporção que, no dia 21 de setembro, antes de embarcar para os Estados Unidos, Collor ampliou o número de seus convidados. Hélio Costa, candidato do PRN ao Governo de Minas, teve lugar privilegiado junto ao Presidente e ao Vice-Presidente Itamar Franco. O primo de Collor, Euclides Melo, que disputa uma vaga de deputado federal por São Paulo, desceu a rampa e levou cerca de 700 taxistas para ouvir o Presidente prometer que ajudaria, através do Ministério da Ação Social, na construção de casas para a categoria, em São Paulo. Paulo Octávio, o empresário brasiliense amigo pessoal do Presidente e já conhecido como recordista de rampa, não perdeu a despedida.

Em Alagoas, se o candidato do Presidente não ganhar as eleições, ganhará o outro candidato de Collor. Se não der Renan Calheiros, dará Geraldo Bulhões. Apesar dessa posição aparentemente confortável, Collor, segundo confam alguns de seus auxiliares, não queria essa situação. Isto é, não queria que Bulhões estivesse disputando pelo PST e Renan Calheiros pelo PRN.

Renan ou Bulhões? O mistério persiste

MACEIÓ — O voto do Presidente Collor, possivelmente o mais disputado desta eleição, permanece um mistério. Ontem, os dois candidatos favoritos aos Governo de Alagoas, Renan Calheiros e Geraldo Bulhões, ambos amigos de Collor, continuavam reivindicando o título de candidato do Presidente.

— Não tenho dúvida de que o voto do Presidente Collor levará em conta o que é melhor para Alagoas. E, se for assim, será em Geraldo Bulhões — disse então o próprio Bulhões.

— O voto é secreto, mas é claro que eu espero que ele vote em Renan Calheiros — afirmava, por sua vez, o Líder do Governo, Renan Calheiros.

Durante a visita de dois dias à Tcheco e Eslovaca, muitos estranharam a ausência de Collor do Brasil às vésperas de uma eleição. O Presidente reagiu com diplomacia, disse que a normalidade democrática do País lhe assegurava condições de estar no exterior nesse momento. Nos 11 dias que ficou no exterior, Collor e seus principais assessores evitaram falar nas eleições. Mas ontem, para agradar a deputada Márcia Kubitschek, o Presidente tratou publicamente do assunto. Chegou, inclusive, a manifestar sua preferência na sucessão do Distrito Federal.

— Garanto que Márcia chegará a tempo de votar em sua chapa, que esperamos sair vitoriosa — disse.

O Presidente desembarca no Rio às seis horas e às 7h20 embarca para a capital alagoana. Às 13h30, após votar, retorna à Brasília.

(70)

(8)

(2)

(66)

060080

03/10/90

Nelson Carneiro faz corpo a corpo em Copacabana

Sem carro de som e acompanhado por apenas dois cabos eleitorais, o Senador Nelson Carneiro, candidato ao Governo pela Aliança Progressista (PMDB-PFL-PTB-PRN-PDC), realizou um corpo-a-corpo diferente ontem em Copacabana. Em razão da chuva que caía na cidade, o candidato ficou parado durante uma hora e meia sob a marquise da Galeria Menescal, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana — um dos pontos mais movimentados do bairro — distribuindo abraços e apertos de mão a dezenas de eleitores, na maioria mulheres.

"Até a vitória", "estou com o senhor" ou "Deus te ajude" foram as frases mais ouvidas pelo Senador um dia antes da eleição. Confiando em sua influência junto ao eleitorado feminino, Nelson tentou conquistar o voto da dona de casa Vera Ribeiro Cordeiro, que o cumprimentou para dizer que seu marido votaria nele, mas que ela estava indecisa.

— Voto de mulher tonta vale mais — cochichou o candidato ao ouvido da eleitora.

Nelson, que chegou a dar uma esmola de Cr$ 20,00 a um cego, recebeu ainda vários pedidos de indicação de candidatos a deputado federal e estadual. Ele entregava aos eleitores um "santinho" em que aparece ao lado da filha, a Vereadora Laura Carneiro, candidata à Câmara dos Deputados, mas evitava indicar um candidato à Assembléia Legislativa. Só abriu uma exceção para a eleitora Alice Nagib, escrevendo no panfleto o nome de José Maria de Carvalho (PMDB).

O Senador aproveitou o comentário de um eleitor contra a proposta do candidato Leonel Brizola, da Coligação Povo Unido (PDT-PCB-PC do B), de construir piscinas nos Cieps, para criticar o adversário.

— Não há dinheiro para quase nada e a preocupação do Brizola é construir piscinas. Eu preferiria usar o dinheiro para reajustar os vencimentos dos professores. Todos nós, inclusive o Brizola, estudamos em escolas públicas sem piscinas e nem por isso deixamos de aprender — argumentou o candidato.

O Senaor também participou ontem da inauguração de um posto da Polícia Militar no bairro Jabour, em Bangu.

Amanhã, após votar, Nelson pretende percorrer diversos bairros da cidade. O candidato ao Senado pela Aliança Progressista, Francisco Amaral, passou a véspera da eleição na Baixada Fluminense, onde reside.

Nelson Carneiro mantém o otimismo

Senador contesta pedetista sobre Pólo

O Senador Nelson Carneiro, candidato ao Governo do Rio pelo PMDB, distribuiu ontem nota oficial, na qual contesta afirmações do também candidato Leonel Brizola (PDT), feitas no debate de domingo passado, na televisão, de que coubera ao Deputado Bocayuva Cunha (PDT-RJ) a apresentação do projeto instituindo os royalties do petróleo.

Eis a íntegra da nota oficial de Nelson Carneiro:

"Em 1978, os Deputados Antônio Florêncio, do Rio Grande do Norte, Geraldo Bulhões, de Alagoas; e Passos Porto, de Sergipe, ofereceram o primeiro projeto instituindo os royalties do petróleo. Aprovado na Câmara dos Deputados, foi igualmente acolhido por todas as comissões técnicas do Senado.

"Foi o Senador Nelson Carneiro, em sucessivos discursos (28 de março, 11 de julho e 3 de agosto de 1984), quem conseguiu que a proposição fosse igualmente apreciada pelo plenário do Senado e afinal aprovada, unanimemente. Ocorreu, então, o veto do Presidente Figueiredo, pondo fim à iniciativa daqueles três parlamentares.

"Contra a decisão governamental, Nelson Carneiro ocupou a tribuna do Senado por três vezes para impugnar as razões do veto, inclusive incorporando aos anais editoriais da imprensa e parecer da Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Rio de Janeiro. Mantido o veto, Nelson Carneiro não se deu por derrotado. E, transposta a proibição constitucional de oferecer novo projeto na sessão legislativa de 1984, apresentou no primeiro dia da sessão de 1985 (1º de março), no Senado Federal, o projeto nº 004, também subscrito por Passos Porto, então Senador.

"Aprovada a proposição nas duas Casas, coube a Nelson Carneiro obter a concordância do Presidente José Sarney, que assinou a Lei nº 7.453, na Praça São Salvador, em Campos, em 27 de dezembro de 1985. Todos os representantes do Rio de Janeiro votaram a favor dos dois projetos."

060080 03/10/90

Sans les chars...

MOSCOU

de notre envoyé spécial

L'échec du putsch a, dans le même temps, vidé et rempli Moscou. Le vide, surprenant, dans le centre de la capitale, a été créé, dans l'après-midi du mercredi 21 août, par la disparition des blindés en position près des ponts et aux abords des édifices officiels. Car les Moscovites commençaient à s'habituer à ces chars, plus ou moins camouflés, autour desquels ils venaient discuter du pourquoi et du comment du coup d'Etat. Le lâchage des putschistes par la hiérarchie militaire a renvoyé les tankistes dans leurs casernes.

L'affluence, c'est toujours à la « Maison Blanche », siège du Soviet suprême de la République de Russie, qu'on la trouve. D'heure en heure plus nombreux, les militants de la liberté, les familles et les badauds sont attirés par ce camp retranché, qui devient le haut lieu à visiter au fur et à mesure que l'on se persuade de la fin proche des « usurpateurs ».

On y vient entendre, retransmise par haut-parleurs, la session extraordinaire du Soviet de Russie.

ALAIN FAUJAS

Lire la suite page 3

LE MONDE 23/08/91

Sans les chars...

Suite de la première page

Session au cours de laquelle Boris Eltsine, président de la République russe, se montre impérial et tire de son fait. *« La mauvaise santé de Mikhaïl Gorbatchev est un mensonge*, martèle-t-il. *Il souffre tout au plus d'un tassement. Son remplacement est donc anticonstitutionnel. J'ai donc, aux premières heures de lundi, appelé les citoyens de la Russie à la résistance et édicté l'ukase numéro 59 contre ce comité d'Etat illégal, puis un autre pour garantir le fonctionnement des entreprises de notre République. Des troupes se sont ralliées à notre cause et j'ai destitué et remplacé les commandants des bases de Moscou et de Leningrad qui avaient décrété le couvre-feu. Nous avons mis au point un plan pour empêcher la prise de pouvoir immédiate. Mais c'est le peuple de Moscou qui, par sa détermination, l'a empêchée. Nous avons obtenu l'appui du patriarche de Moscou et de MM. Bush, Mitterrand, Major et de Mme Thatcher. »*

M. Eltsine cabotin

Visiblement, Boris Eltsine n'est mécontent ni de son action ni de la tournure des événements. Il se paye le luxe de regretter de ne pouvoir libérer son vieil ennemi, devenu allié, Mikhaïl Gorbatchev, prisonnier en Crimée d'un triple cordon du KGB, de l'armée et de la marine. Cabotin, il se dit même prêt à accompagner l'homme fort des putschistes, le patron du KGB, Vladimir Kriouchkov, à Phoros pour y visiter le président destitué. *« Mais seulement si vous m'en donnez l'autorisation »* déclare-t-il aux cent quatorze députés présents qui réunissent le « noyau que Boris Eltsine attendait...

« Il s'agit d'un piège, commente dans les couloirs du Soviet de Russie, M. Oleg Kalouguine, l'un des députés partisans de M. Eltsine, *Kriouchkov est le principal acteur de cette junte dont Guennadi Iana*ev *le responsable officiel, n'en est qu'un pion. Il tente de respecter un minimum de forme légale mais c'est lui qui devait négocier, avec le KGB, M. Gorbatchev alors qu'il l'a d'abord intoxiqué puis déposé. Le KGB demeure tout puissant car il contrôle les communications, les gardes du corps et l'armée. »*

M. Kalouguine est pourtant optimiste : *« Les putschistes ont raté une belle occasion en exécutant bêtement leur tentative. Ils auraient dû arrêter la veille de leur coup d'Etat tous les responsables de l'opposition. Désormais les députés, par nature très souples, vont suivre la direction du vent. Quant au KGB, dont la décomposition ne date pas d'hier, je constate que des centaines de ses officiers nous rejoignent. »*

La fin de l'état d'urgence

Sur chacun de ces points M. Kalouguine peut être écouté. Il avait le grade de général du KGB. Nombre de témoins comme Vadim Bakatine, membre du conseil de sécurité de l'URSS, ou Anatoli Sobtchak, maire de Leningrad, s'expriment dans le même sens, sont à la tribune soit depuis le balcon qui domine une foule forte de dizaines de milliers de personnes. Celle-ci scande *« honte aux putschistes »*, *« La dictature ne passera pas »*, *« Russie »* et surtout *« Eltsine »* et elle applaudit à tout rompre les orateurs.

Les Moscovites présents commencent à se sentir forts. Les petits tas de pavés à lancer sur d'éventuels assaillants sont devenus plus imposants. Les barricades de planches et de ferrailles que partout été renforcées depuis l'escarmouche de la nuit précédente qui aurait fait cinq morts. Les défenseurs de la « Maison Blanche » ont mis en travers jusqu'à dix semi-remorques pour être sûrs de bloquer le plus puissant des chars. Ils ont des grues, des bulldozers et des pelleteuses.

Ce qui n'empêche pas des dames d'âge mur de continuer d'apporter sous leurs bras des planches et des tringles, sympathiques fétus de paille, en guise de contribution à la défense de leur chère Russie. Deux remorqueurs et leurs barges ont donné aux résistants un embryon de marine qui n'attire pas moins les visiteurs que les chars amis couverts de gaieuls et de drapeaux russes. Les cuisines, les hôpitaux de campagne, les tentes-potemes et les feux se sont multipliés dans le camp retranché par les soins d'une garnison devenue d'autant plus nombreuse que les radios libres diffusent des rumeurs puis des nouvelles confirmant que la rue a tourné très vite contre les auteurs du coup d'Etat.

Ceux-ci sont, dit-on, arrêtés à l'aéroport de Vnoukovo ou en fuite avant qu'on apprenne que certains d'entre eux sont partis pour la Crimée. Même les démentis n'arrêtent pas les grondements de satisfaction de la foule, qui applaudit tour à tour l'annonce de la fin du contrôle de l'information, le retrait des troupes de Moscou, la suppression du couvre-feu, la suspension de l'état d'urgence, la confirmation par le Parlement soviétique de la place de Gorbatchev à la tête du pays. La fin du cauchemar. La dernière édition vespérale des très officielles *Izvestia* ne se trompe pas qui titre sans vergogne : *« La réaction n'est pas passée. »*

Pas question pourtant de baisser la garde pendant la nuit et les défenses du Soviet de Russie restent intactes jusqu'à cette heure, au petit matin, où Ivan Silaev, premier ministre russe, rend compte à la foule en delire de la bonne fin de la mission envoyée au Crimée pour libérer le président de l'Union soviétique.

Ils étaient deux cents braves

Les chars de protection partent les premiers et sont remplacés par des files de bus, pour le cas où. Les bulldozers commencent à évacuer les blocs de béton des barricades. Un groupe de militants hilares posent pour la photo-souvenir, debout le trolley qui leur a servi de poste de garde depuis deux jours et dont on ne va pas tarder à regonfler les pneus.

Ils étaient deux cents braves le lundi 19 août pour stopper à mains nues les chars sur les quais de la Moskova ou sur la perspective Kalinine. On a dénombré, mardi, plus de cent mille partisans pour applaudir Eltsine et défendre les barricades de la « Maison Blanche ». Combien seront-ils pour rendre un dernier hommage aux héros tombés le 21 août pour l'honneur de la démocratie ?

ALAIN FAUJAS

31

M. Gorbatchev a exprimé son « respect au peuple soviétique et à Boris Eltsine »

A son retour à Moscou, dans la nuit du mercredi 21 au jeudi 22 août, M. Mikhail Gorbatchev a exprimé sa reconnaissance au peuple soviétique et au président russe Boris Eltsine. Mais, en même temps, il a fait valoir que depuis sa résidence de Crimée, où il était coupé du monde et encerclé par des forces hostiles, il avait *« tenu front »*.

Peu après 2 heures du matin, à sa descente de l'avion qui l'avait ramené à Moscou avec sa femme Raissa, sa fille Irina et une de ses petites-filles, M. Gorbatchev, col ouvert, a décrit en ces termes la tentative des putschistes : *« Ils ont voulu conduire le peuple dans une voie qui aurait mené toute la société à la catastrophe. Cela ne s'est pas produit et il s'agit d'une importante victoire de la perestroïka (...). Ils voulaient moralement briser la volonté du président et de sa famille mais ils ont échoué, cela n'a pas eu lieu. Et je sais pourquoi : grâce au peuple ».*

« Que voulaient-ils faire au président et à sa famille ? », a poursuivi M. Gorbatchev en parlant de lui-même à la troisième personne : *« Pendant soixante-douze heures ils l'ont encerclé avec des soldats et ils voulaient briser sa volonté. Mais ils ont échoué. Pour cela j'exprime mon respect au peuple soviétique et à Boris Eltsine, le président de Russie, et à toutes les associations de travail, et à tous les gens qui se sont élevés contre la réaction ».*

Avant de quitter sa luxueuse résidence de vacances de Crimée, où il venait de s'entretenir pendant plus d'une heure avec les responsables russes venus le ramener à Moscou – le premier ministre russe Ivan Silaev et le vice-président russe le général Alexandre Routskoï, auxquels s'était notamment joint un diplomate français de rang élevé, M. Gorbatchev avait décrit les conditions de son séjour en Crimée pendant la durée du coup de force, durant lequel il était *« coupé du monde »* et *« en état d'arrestation »* – mais toujours protégé par ses propres gardes du corps.

« J'ai tenu bon »

« En fait, nous avons fait front à partir d'ici », a ainsi affirmé M. Gorbatchev, selon un journaliste de l'AFP qui se trouvait dans l'avion. *« Pendant presque quatre jours, la garde est restée de mon côté jusqu'au bout, et est restée loyale en prenant la datcha sous son contrôle. On a formé une famille et on a fait front. » « La garde*, a-t-il ajouté, *avait ordre d'ouvrir le feu sur quiconque tenterait de pénétrer »* [dans la résidence]. *« La mer était pleine de navires de guerre et les environs pleins de soldats ».*

Cependant, devant la superbe piscine qui domine la mer, un garde du corps donne une version un peu moins dramatique des événements : *« Le président s'est baigné moins souvent »*. Toujours selon des indications données à l'AFP par des gardes du corps de M. Gorbatchev, les auteurs de la tentative de coup d'Etat n'ont exercé aucune pression physique sur le président soviétique, mais ont coupé toutes ses communications à partir de dimanche 18 août, après que quatre responsables de la junte, dont le vice-président Guennadi Ianaev, furent venus tenter de lui faire cautionner le coup de force. *« Je peux dire une chose*, a indiqué M. Gorbatchev, *je n'ai fait aucun marchandage et j'ai tenu bon sur ma position de fermeté »*. Il a aussi déclaré que les raisons de santé invoquées pour justifier son remplacement étaient *« une absurdité totale »*.

M. Gorbatchev a d'autre part annoncé qu'il demanderait *« la convocation immédiate du Congrès des députés ou du Soviet suprême »*, pour régler la situation créée par la tentative de coup d'Etat. Selon la télévision soviétique, il aurait aussi déclaré que *« les aventuriers porteraient l'entière responsabilité »* de leurs actes. – *(AP, AFP, UPI.)*

(26)

LE MONDE 23/08/91

L'opposition désaccordée

L'approche des échéances rend la droite fébrile et inquiète

32

(21)

« Les types qui croient en quelque chose passeront la période sans trop rien dire, ceux qui ne croient en rien vont devoir [illegible] » Ce de Gaulle, dixit. Bernard Besson n'est pas le seul à se demander de quoi l'autonome de la droite sera fait. Bien entendu, le secrétaire général du CDS croit en l'Europe. Il en est même l'un des missionnaires les plus ardents. Ministre des affaires européennes dans le gouvernement Chirac de la cohabitation, il pensait avoir tout vu. Il n'en est aujourd'hui plus du tout certain.

Voici en effet l'opposition de nouveau fébrile, incertaine, inquiète. Divisée sur Maastricht, aperçendant le référendum qui s'annonce, se prenant même à douter de ses chances de victoire aux élections législatives qui suivront, ne voulant plus entendre parler de recomposition avant l'heure, la droite se prend la tête.

Pour le référendum, il y a les optimistes. Les optimistes du « oui », tel Raymond Barre pronostiquant un « 60/40 ». Les optimistes du « non », comme Charles Pasqua : *« Je vois bien*, dit-il, *pourquoi le « non » se renforcera, je vois moins bien pourquoi le « oui » l'emporterait.* » Et les raisonnables. Les raisonnables du « oui », comme Valéry Giscard d'Estaing qui pensent que, malgré le risque d'une rentrée sociale perturbée, les Français seront assez lucides pour distinguer l'essentiel de l'accessoire. Les raisonnables du « non », enfin, comme Edouard Balladur, qui n'excluent pas un camouflet sur Maastricht, mais supplient par avance qu'on n'en fasse pas un drame. Valéry Giscard d'Estaing est prêt à tirer à lui toute la couverture de Maastricht. Décoré depuis longtemps sur le front européen, il a l'Histoire avec lui. Et son histoire. L'Europe lui a toujours profité. Depuis deux mois, comme le dit un de ses proches, il semble *« en plein dans son emploi. »*

Même des centristes dont le gaullisme est plutôt évolutif reconnaissent aujourd'hui que, *« s'il ne s'était pas comporté en véritable chef, les difficultés avec les parlementaires de l'UDF auraient été aussi grandes qu'au RPR ».* L'UDF est mobilisée pour une grande campagne *« d'information et de conviction »* dès le début septembre. Objectif : décrocher un « oui » net et sans ambiguïté. Comment : *« Porter l'effort sur les femmes, parce que l'Europe, c'est la paix; les jeunes, parce qu'ils ont compris que l'Europe était leur avenir; les entrepreneurs, parce qu'ils ont compris que l'Europe était leur intérêt. »* Précaution à l'adresse de M. Mitterrand : *« Qu'il s'en mêle le moins possible. »* Sous-entendu : je m'occupe de tout !

« Moi, rétorque M. Pasqua, *je n'ai jamais sous-estimé M. Mitterrand. Ses préoccupations de politique intérieure ne sont jamais étrangères à sa démarche de politique internationale* » Avec Philippe Séguin, il a l'intention de conduire sa campagne pour le « non » comme n'importe quelle campagne, les manches retroussées. *« Pendant les années, nous avons subi le terrorisme intellectuel de la gauche*, dit-il, *ce n'est pas pour subir maintenant celui des européanistes. »* M. Pasqua a des moyens. Une grande tête anti-Maastricht à Bercy avec Philippe de Villiers devrait être le moment fort de sa campagne.

Les ambitions de M. Giscard d'Estaing

Les dirigeants de l'UDF ont proposé mercredi 1er juillet à leurs partenaires du RPR la création d'un comité de coordination pour cette campagne, au cas où le mouvement de M. Chirac dirait enfin officiellement « non » à Maastricht. Ultime provocation ! A ces codres, M. Chirac a laissé la liberté de vote, en ne s'engageant pour le « oui » qu'à titre personnel. Pendant que MM. Pasqua et Séguin occupaient les tribunes, que M. Giscard d'Estaing se dépensera avec entrain, restera-t-il à la maison ? *« Ce sera très difficile d'expliquer aux Français ce que pense vraiment Chirac*, observe M. Pasqua. *S'il avait pris le parti du « non », il aurait pu jouer d'un seul coup le ménage. Il ne l'a pas voulu. Tant pis !»* M. Balladur, qui tient personnellement à ne pas se mouiller sans un « non » honteux », a une autre appréciation : *« Chirac est en train tourner. Pour la première fois, il a l'occasion de s'emancyper. Ce ne peut que lui être profitable pour l'avenir. »*

(32)

Car malgré tous ces engagements officiels, il ne s'agit plus seulement de l'Europe. Si M. Pasqua peut récupérer dans cette campagne le fonds de commerce du RPR pour conjuguer à nouveau gaullisme et ambition, il ne s'en privera pas. Si M. Giscard d'Estaing peut faire la démonstration que l'UDF est devenue *« le mouvement majeur »* de l'opposition face à un RPR perturbé, il ne laissera pas non plus passer l'occasion.

En cas de cohabitation, pense-t-il, le chef de l'Etat appellera à la tête d'un gouvernement le chef du premier parti de la nouvelle majorité. M. Giscard d'Estaing a déjà tout en tête : il occupera Matignon, confiera les grands ministères à l'UDF, distinguera du RPR, parmi ceux qui auront dit « non » à Maastricht, ceux qui auront eu néanmoins un comportement acceptable à l'égard de l'UDF, fera procéder à la réduction du mandat présidentiel à cinq ans et... retournera à l'Elysée.

(14)

« Giscard, relève M. Pasqua, *a compris ce que Chirac n'a pas vu : Mitterrand devant s'en aller, un premier ministre de la cohabitation qui réussira à toutes les chances pour lui. Mais il y a une chose que Giscard n'a pas comprise : dans ce pays, il est très rare qu'on rappelle les monarques après leur abdication. »*

Sur la toile de fond de toutes ces arrière-pensées, la guerre des nerfs entre UDF et RPR n'est pas finie, menaçant non seulement de perturber la campagne du référendum, mais d'hypothéquer les chances de succès aux élections législatives. Pour l'heure, RPR et UDF préparent leurs investitures en se regardant du coin de l'œil. Le RPR brandit la menace de primaires généralisées. L'UDF lui dit « chiche. »

Les revoici près de quinze ans en arrière quand, aux élections législatives de 1978, l'UDF nouvellement bâtie, emmenée par M. Barre qui prônait *« le pluralisme exigeant »*, défiait M. Chirac, qui dénonçait une *« conjuration anti-RPR »*. Les primaires eurent lieu. UDF et RPR s'en sortirent au coude à coude. Ce fut l'éclosion d'une nouvelle génération qui allait prendre successivement de Charles Millon à Philippe Séguin. L'UDF en a gardé une certaine nostalgie.

Moins que jamais, M. Giscard d'Estaing croit au système des primaires pour la prochaine élection présidentielle. *« Les véritables primaires*, confie-t-il, *ne peuvent avoir lieu qu'avant le pouvoir.* » M. Pasqua convient aussi qu'il est plus sage d'enterrer le projet d'un parti unique RPR-UDF, du moins jusqu'à la prochaine élection présidentielle : *« Cette phase-là est dépassée, nous sommes condamnés à revenir à une simple stratégie d'alliance plutôt que d'union »*, dit-il. *« Vous verrez, vous verrez*, promet M. Barre, *une fois le référendum passé, ils vont tous se rabiocher. Je n'ai aucun doute qu'ils vont tous se précipiter sur tous les postes. La décomposition va encore durer quelque temps. »* Ce n'est pas pour lui déplaire. Tranquillement, M. Barre attend son heure.

M. Balladur attend la sienne. *« Dans l'opposition*, affirme-t-il, *ce qui nous rassemble reste plus important que ce qui nous divise. Après cette émulsion politique les choses vont se remettre. L'UDF devra bien reparaître. Aucun d'entre nous ne représente à soi seul 40 % du corps électoral. »* M. Bosson connaît ces contingences mais il souhaite que l'opposition ne se contente pas d'organiser des primaires face aux candidats de gauche. *« Les primaires*, affirme-t-il, *nous devons les faire face aux candidats de chez nous qui ont trois mandats ou plus de soixante-dix ans. »* Le débat est loin d'être clos. Tant il est vrai que beaucoup ont conscience que la victoire aux législatives il y a en 1993, elle signera avant tout le rejet des socialistes. L'essentiel aujourd'hui sur l'Europe, que ferait la droite demain, sur ce terrain, dans un gouvernement d'union ?

DANIEL CARTON

(Samedi 4 juillet.)

LE MONDE, Sélection hebdomadaire du 4 au 10/07/92

de l'Monde Diplomatique 04/96

Vivre sous un pont à Sao-Paulo

Un îlot de prospérité, Bebedouro ? Force est de constater que, par dizaines de millions, des Brésiliens croupissent dans la plus effroyable misère au cœur des mégapoles. A Sao-Paulo, par exemple.

SELON une enquête de la mairie de Sao-Paulo, en février 1991, 36 % des mendiants de la ville étaient depuis moins d'un an. Ils sont aujourd'hui plus de 1 million, soit près de 10 % de la population de la métropole brésilienne. Il vivent dans les favelas (bidonvilles) en progression vertigineuse, ou, de plus en plus, aux côtés des sans-abri, dans les rues et municipales, sous les ponts, dans les parcs, occupant de vieux bâtiments. Par exemple, les viaducs et les ponts demeurent rares, avant l'opération trottoir.

Iraura est locataire. Les voitures qui passent sous le pont Sumaré, qui enjambe la voie express du même nom, ne l'étonnent plus de voir cette femme noire escaladant la paroi de béton qui se dresse sur une trentaine de mètres. Comme des milliers d'autres, Iraura rejoint à la maison. Sa « maison », elle l'aménagée sous le tablier du pont, au milieu du bruit infernal de l'autoroute urbaine. Au mètre plus haut, « occupé en permanence le torrent des voitures et des camions d'une des plus grandes villes industrielles de la planète. Ce n'est pas seulement un logis qu'elle s'est aménagé, mais une sorte de structure sociale qu'elle essaye de reconstituer. La vie d'Iraura Cavarino est otée, banale, de la misère. Née il y a quarante et un ans dans le quartier de Bela-Vista, de parents inconnus, elle a d'abord été élevée par une vieille dame qui la maltraitait. Un jour, elle décide de s'en aller et devient une gamine de la rue parmi des milliers d'autres. Jusqu'à ce que la Fondation de l'Etat pour le bien-être du mineur (FEBEM), institution chargée de réunir les enfants abandonnés et les délinquants, la prenne en charge. Elle y vivra jusqu'à l'âge de dix-huit ans.

Depuis, elle a tout essayé : femme de ménage à la compagnie du téléphone Telesp, caissière dans un magasin, domestique. Ensuite, elle n'a plus réussi à louer un logement, ses salaires sont devenus de plus en plus maigres, elle a dû se séparer de sa fille pour ne plus jamais vivre avec elle. « *J'ai dû la laisser chez sa marraine et trouver un travail où j'étais logée. Je puis donc devenir complètement clochardisée* » Pour que d'autres personnes, diverses, en tout cas, de plus en plus nombreuses, aient un « travail » et un « logement », elle vivra dans la marginalité, invisible comme représentée. De temps en temps, Iraura fait réapparaître, mais rue à nouveau de son domicile, un nouvelle adresse. Il y a neuf mois, en effet, Iraura a quitté le couple chez qui elle travaillait. Elle s'installe d'abord sous un premier pont, où logent une trentaine de marginaux. On lui vole toutes ses affaires ; « *Je n'en pouvais plus* ». C'est alors qu'un camarade lui propose de venir sous le pont Sumaré. Elle accepte « *du départ, j'avais peur de la noirceur* (la seule façon d'accéder en voiture de l'avenue Sumaré est de se laisser dans le vide à l'aide de cordes installées en permanence) *Il y a aussi le bruit et le gaz à échappement. Au début, il y avait deux types sales et toujours saouls. Nous nous en sommes débarrassés. Maintenant, nous arrivons à être tranquilles* » « *Nous* », c'est Erion, dix-sept ans (il cache son visage et a des tâches partout sur le corps), Jose, trois ans, tous deux homosexuels, et « l'homme de la maison », Gilson, quarante et un ans.

Le « domaine », c'est un espace très sombre d'environ 30 mètres carrés, de 1 mètre de hauteur, gêné à l'aide de poubelles volées dans les quartiers chics des environs (Pinheiros, Jardines...). Le sol, en terre battue, est recouvert de tapis en paille et de cartons. Dans l'entrée à gauche, le « coin cuisine », avec un réchaud à gaz, une petite armoire où les ustensiles de cuisine sont impeccablement rangés. Au fond, à l'endroit le plus bas, deux grands lits séparés par une table de chevet où s'entassent des livres. Au centre, la « salle de séjour », avec d'un côté le petit lit d'Iraura et une sorte de coiffeuse où elle étale ses objets de toilette (parfums, vernis à ongles, savons, brosses, fards et autres « bijoux ») et, de l'autre, un vieux canapé, une chaise autour d'une table basse, d'un crédibler et d'une pile de livres. Aux murs, un poster de footballeur, le portrait d'un saint, d'autres images. Un décor presque ordinaire. Des oiseaux pour l'ambiance. Pourtant et sans drame, Iraura évoque ses malheurs. Seules les larmes lui viennent en imaginant l'avenir. Récupérer sa fille... Pouvoir à nouveau louer un logement... Avec le peu d'argent qui lui reste sur son compte épargne, acheter de la viande et vendre des brochettes dans la rue. Elle enchaîne sur la vie quotidienne ici.

En se levant tôt. Les hommes vont chercher l'eau. Elle prépare le café. Ils déjeunent. Gilson est expédié ailleurs. Objectif : remplir son rôle, procurer de quoi nourrir la « famille ». Ce sera un petit boulot, des aumônes, de la nourriture, de l'alcool aussi. Il n'a pas l'air de s'acquitter très bien de sa fonction. Pendant ce temps, les autres s'occupent du ménage, de la cuisine quand il y a de quoi manger, de la lessive... Pour passer le temps, Iraura fait du tricot, écoute la radio. Il est pesant, un temps, à acheter une télé qui parvient branchée sur une batterie de voiture. Mais ils ont finalement décidé de garder l'argent pour leur projet de vente ambulante de brochettes.

Une autre de leurs occupations est la défense « de leur « propriété » ». Souvent, explique Erion, *Il vient des gens qui veulent s'installer ici. Nous sommes obligés de les repousser avec force. Nous ne voulons pas de ces gens qui ne se lavent jamais et qui assassinent le monde. De même façon c'est mieux de vivre ici que dans la périphérie ou dans les cortiços.*

Perdus dans le bruit et le chaos, ils se enlourent. Portant en quelque sorte sur les horreurs de la ville, Iraura, Erion, José et Gilson tentent de se bâtir un monde sûr, propre et ordonné, dont les règles s'inspirent désagrément de la société bourgeoise.

UN « LOGIS » SUSPENDU À VINGT MÈTRES DU TORRENT DES VOITURES

MONIQUE BADAROT et ISABELLE MALTOR.

1. Relevez les reproductions en DD (discours direct) et décrivez leur fonctionnement.
2. Relevez uniquement les mots et expressions entre guillemets et expliquez leur emploi.
3. Le passage signalé entre crochets est en DIL (discours indirect libre). Expliquez son fonctionnement. Que signifient les points de suspensions?

Giscard par les monts d'Auvergne

Suite de la première page

Et puis les cloches se sont mises à sonner, un vieux prêtre en son église attendait ses fidèles. En moins de cinq minutes, la messe de 11 h 15 avait aspiré la moitié du marché. C'est alors qu'au volant de sa voiture, Giscard, souriant, a débarqué.

Trois enjambées immenses pour rejoindre ses amis, des poignées de main chaleureuses, un coup d'œil circulaire pour juger de l'endroit – l'avantage d'être grand, – l'aveu d'un arrêt imprévu au village d'avant, quelques signes amicaux aux passants, l'expression d'un intérêt passionné pour la vente de pantoufles (*« Quelle fabrication? Quelle origine? Et au point de vue prix? ... »*) – ah! Giscard en charentaises! – un bonjour abrégé à deux adolescentes trop loin de l'âge de vote (de toute façon, *« notre genre, ce serait plutôt Kouchner! »*), la bise à une maman dont il appréciait les parents, un autographe à une grand-mère dont il connaît les enfants, un mot aimable à la journaliste de la télévision hongroise et puis, tonique, en se frottant les mains : *« Un p'tit verre au café? »*

(9) Le docteur Morellon, qui fut maire du village et son suppléant à l'Assemblée nationale, hésite : *« C'est que j'aurais bien aimé que vous fassiez la sortie de la messe puisque vous avez manqué l'entrée...*

– Depuis quand est-elle commencée?

– Un quart d'heure...

– Eh bien, on y va! Allons donc recommander nos âmes! »

Et, sans attendre la réponse, M. le président du conseil régional d'Auvergne se dirige d'un pas allègre vers l'église romane, se pliant quasiment en deux pour en franchir le porche avant de surplomber là encore l'assistance – presque exclusivement féminine – de son mètre quatre-vingt-douze peu banal. Dehors, photographes et cameramen étaient restés cloués sur place. C'est ainsi qu'a démarré, dans une atmosphère recueillie et sacrée, le dimanche extravagant d'un ancien président de la République, originaire d'Auvergne et candidat au Parlement...

Ecouter, rassurer, sourire...

De l'inédit en somme. Un cas d'école. Et l'homme n'est sûrement pas mécontent de continuer de jouer les pionniers : d'étonner, encore; de défricher. Bref, de se distinguer, en forçant le respect de ses troupes, voire la considération de quelques vieux adversaires; lui qui n'a renoncé à rien, et connu presque tout; lui qu'une défaite faillit un jour détruire mais qui n'a eu de cesse de rebondir, reconstruire un cursus, redevenir premier, la vie lui ayant, sur ce point, donné de très mauvaises habitudes.

« Cette campagne annonce-t-elle enfin votre grand retour? », lui demande la télévision hongroise au sortir de la messe. *« Elle prépare plutôt le grand départ des socialistes »*, répond Valéry Giscard d'Estaing. *« Vous sentez-vous prêt à accepter le poste de premier ministre? – Ce n'est pas vous qui pouvez me poser la question. Ce n'est donc pas à vous que je pourrais répondre. »* Nous voilà avancés! Ne sait-on pas que, peu disert à Paris, Giscard, dans ce paysage de montagnes où des restes de neige s'agrippent à l'herbe jaune, est d'un mutisme total sur ses ambitions nationales? *« Tant d'autres choses passionnent les Auvergnats! »*

Quoi? Du concret bien sûr! Par exemple l'autoroute, nécessaire pour désenclaver la région et attirer les investisseurs. Regardez-le évoquer son tracé avec cet homme en casquette qui s'inquiète auprès de lui qu'aucune entreprise, à Messeix, l'extrême Ouest de sa circonscription, n'ait pris le relais de la mine fermée en 1988. Et puis voyez ce couple d'éleveurs qui plaide pour un déblocage des fameux quotas laitiers – inutile : Giscard en a déjà fait la proposition – ce commerçant, le mètre autour du cou, le crayon sur l'oreille, qui se plaint des charges et de la taxe professionnelle; ce postier, anxieux que l'on supprime l'activité de tri. Jusqu'au curé de Messeix, le béret à la main, qui annonce que sa petite église, classée monument historique, pourrait bien avoir besoin d'une aide du conseil régional...

Giscard écoute, rassure, sourit, demande des nouvelles de la famille – incroyable mémoire, étudierait-il chez lui les arbres généalogiques de la région? – achète 35 francs un invraisemblable coussin (avec un paon faisant la roue) au Dynamique Club des enfants. Et puis file au Café de la Mairie saluer quelques pépés, et payer une tournée. *« Partout ailleurs on me voit comme l'ancien président. Par ici où j'ai toutes mes racines. Ici, il n'y a pas d'écran entre les gens et moi. »* Disons une petite distance, irrésistible, irrémédiable, dont la plus exquise des courtoisies ne peut venir à bout. A moins qu'elle ne l'entretienne subtilement. Ah, l'Auvergne...

« Allons un peu de sérénité! »

Coup franc! Mais si, c'est évident! Il y a faute pour La Combelle. Qu'en pensez-vous, président? *« Hen, certainement, certainement! »* Debout au bord du stade, le président Giscard d'Estaing tente de se passionner pour la rencontre de l'année : Saint-Amant/Saint-Saturnin-La Combelle, dont il doit remettre la coupe et pour laquelle il a dû bousculer son déjeuner en famille au château de Varvasse. Cela l'amuse, c'est sûr, la prunelle est rieuse, et il participe autant que possible, prompt à remettre la balle en jeu lorsqu'elle tombe dans sa direction; réussissant même lorsqu'un gros mot vient qualifier soudain un joueur de l'équipe adverse – *« Comme vous y allez! Allons, un peu de sérénité! »* – et toujours attentif à l'identité des joueurs : *« C'est donc le fils cadet du menuisier? »* Mais de là à se passionner... Allons, avouez-le, président, quel fichu métier! Peine perdue! Il n'avouera jamais, il dira qu'il aime cela, que la déférence qui marque d'ordinaire les rapports entre gouvernants et gouvernés lui semble insupportable, qu'ici il est vraiment chez lui. Et son sourire radieux au milieu des vainqueurs qui chahutent donnera presque, sur la photo, l'impression d'une complicité amicale. Si ce n'était ce maintien... si royal.

Mais le marathon continue. Après la foire et le foot, voici les réunions, avec une halte en route pour une petite photo devant la chaîne des volcans. La photographe est priée de faire court. Deux minutes, a dit le président. L'endroit est bien choisi, le paysage plein de douceurs, et le mannequin du jour, qui a endossé une veste kaki, déambule comme un pro. Attention, prévient la photographe, le vent emmêle vos cheveux. La remarque agace le président. Que peut-il bien y faire à ces cheveux qui font son désespoir depuis près de trente ans? Des cheveux fins et raréfiés qu'il porte un peu longs, laissant de légères rouflaquettes avancer sur ses joues pour mieux encadrer le visage. Des cheveux qu'il porte un ton nettement plus gris que sur sa photo officielle, une reprise des affiches de 1986, qui tenterait à faire croire que le candidat rajeunit avec l'âge...

Ultime coquetterie d'un homme que les méfaits du temps révoltent et qui cherche à en éviter tous les signes. *« L'âge, c'est vrai, est important,* reconnaît-il franchement. *Défauts et qualités ne sont pas les mêmes selon l'âge. Et leur dosage est au cœur du problème. Entre expérience et créativité, mouvement et harmonie, je me suis toujours situé du côté de l'harmonie et de la créativité. Cela reste vrai pour l'harmonie, mais mon âge me situe résolument plus près aujourd'hui de l'expérience que de la créativité. »*

« Ne soyez ni naïfs ni trop fair-play! »

C'est au premier étage de la minuscule mairie de Saint-Julien-Puy-Lavèze où se sont entassées une vingtaine de personnes que Giscard, sous le sourire énigmatique de Mitterrand et le buste généreux de Marianne, parlera longuement d'agriculture. La lumière tombe si doucement que personne dans l'assistance attentive ne songe à allumer une lumière. *« Je pose la question,* dit Giscard. *Qu'est-ce que les socialistes ont fait en douze ans pour l'agriculture? » « On se le demande »*, répond une éleveuse entre ses dents. Et l'ancien président, plus pédagogue que jamais, explique la nécessaire adaptation de la PAC, la renégociation des accords du GATT, son combat pour que la vie rurale ne s'éteigne pas. *« Pourquoi n'en ferait-on pas le ministre de l'agriculture? »*, suggère tout bas une vieille femme à sa voisine.

La nuit est bien tombée, les routes sont sinueuses, et la vieille bâtisse qui abrite la mairie du village de Murat-le-Quaire a des allures de manoir. Vingt p[...] attendent Giscard qui [...] avec Claude Wolff, son su[...] derrière une longue ta[...] monastère. Le ton est offen[...] discours plus politique.

Giscard y égrène son [...]gramme. Et le public [...] Ardemment. Les questions [...] Les conseils aussi, les mi[...] garde : *« Comment améliorer [...] mation des enseignants po[...] l'école représente encore une [...] d'espoir? »* ; *« Qu'allez-vous [...] pouvoir faire avec le nouveau [...] prépare Mitterrand? »* ; *« [...] fermes! Ne vous laissez pas [...] pouvoir en 93 comme ce fut [...] en 88 après avoir fait le bo[...] « Ils sont tellement vicieux [...] soyez ni naïfs ni trop fair p[...]* Giscard écoute, sourit, surpr[...]

Il parle de tolérance et sou[...] prendre congé. Eux continue[...] volontiers. *« Cela s'appel[...] charme »*, dit une dame q[...] pâme. Son mari la comprend. *[...] télé vous attend,* dit Giscard. *[...] ce soir, pas de « Bébête Show [...] petit singe se repose. »* Extase.

Le théâtre de La Bourboule [...] comble. Les discours seront [...] officiels. Mais les questions [...] sont : éducation, retraite, [...] tourisme, tarifs thermaux... [...]card décortique, analyse, et ap[...] à voter en masse. Pour qu[...] résultat soit clair. *« Ecrasant »*.

Il est bien plus de 22 heure[...] buffet auvergnat est dres[...] l'étage. Giscard est affamé et [...] que joyeusement avant de re[...] pour Chanonat lire quelques [...] d'un livre *« vraiment admi[...]* de l'écrivain japonais Inoue [...] vie de Confucius. On ne se [...] pas.

ANNICK CO[...]

FRANCE - SOIR 21/07/90

CHRISTIAN AVAIT TUÉ SON BEAU-FRÈRE QU'IL ACCUSAIT DE MARTYRISER CHEYENN

Le plus mauvais film de Marlon Brando

Son fils sous les verrous, sa fille inculpée et tous deux risquent la chaise électrique aux Etats-Unis

Le clan Brando est décimé. Marlon avait déjà un fils sous les verrous. Depuis jeudi dernier, sa fille est inculpée de complicité d'assassinat. Le juge d'instruction français à Tahiti, Max Gatti vient de rendre Cheyenne, la fille de l'acteur, en partie responsable du meurtre de son ex-amant Dag Drollet...

Le père est accablé, la mère en dépression, le fils derrière les barreaux à Los Angeles et Cheyenne surveillée à l'hôpital de Vaimi, dans le centre de Papeete (Tahiti). La tribu Brando est aujourd'hui truquée...

« Je tiens à ce que toute la vérité soit faite sur ce malheureux de mon fils » C'est à la suite de cette déclaration et d'une plainte déposée par le père de la victime, Jean-Denis Drollet, que le juge d'instruction français de Papeete a décidé d'inculper Cheyenne Brando qui a tout juste 20 ans. Elle reste en liberté sous contrôle judiciaire avec interdiction de quitter l'archipel.

Durant son audition jeudi, elle aurait donné plusieurs versions contradictoires du drame...

Le 16 mai dernier, Dag Drollet, 26 ans, est tué d'une balle de 45 mm dans la tête alors qu'il regarde la télévision dans la somptueuse forteresse de Marlon Brando, située sur Mulholland Drive, à Los Angeles. Celui qui vient de tirer n'est autre que le fils aîné du célèbre acteur, Christian, 32 ans. Marlon Brando traverse les douze pièces de sa villa, découvre la scène et téléphone au 911, le numéro d'urgence de la police.

ACCIDENT. Les explications viendront plus tard. « Dag battait Cheyenne. Elle était souvent couverte de bleus. Nous nous sommes disputés. Le coup est parti accidentellement » (1).

Une version reprise par l'avocat des Brando, William Kunstler, qui est aussi un ami proche de l'acteur : « Il s'agit d'un cas de légitime défense », explique-t-il. Christian est néanmoins immédiatement déféré devant la justice américaine et incarcéré sous l'inculpation d'homicide volontaire. Même l'offre de caution faite par Marlon Brando (1,2 million de dollars, soit 6,60 millions de francs) ne le fera pas sortir de sitôt. Il restera donc en prison jusqu'à son procès.

(1) Sur les collines d'Hollywood, on murmure que Marlon Brando serait prêt à témoigner en faveur de Christian si nécessaire. Lundi, Christian comparaîtra en instance préliminaire devant la cour de justice de Los Angeles.

Reste alors Cheyenne. Depuis deux mois, elle refuse de témoigner contre son demi-frère. Cheyenne est issue de la troisième liaison de son père avec l'actrice tahitienne Tarita Teriipaia, alors que Christian est le premier enfant de Marlon et de Anna Kashfi. Elle voue à son demi-frère une affection particulière.

ANGE-GARDIEN. En contrepartie, Christian veille sur elle comme un ange-gardien. Il la protège contre tous les playboys de la terre qui assaillent trop souvent sa demi-sœur [illegible] tisée. Mais il ne supp[illegible] pas Dag, le père du garçon que p[illegible] Cheyenne depuis plusieurs mois et qu'elle a d'ailleurs mis au monde début ju[illegible] à Papeete.

Aujourd'hui, Chri[illegible] plaide non-coupable o[illegible] qu'il a tué dans un [illegible] de rage. Et Cheyenne, soignée pour dépression nerveuse à Papeete où [illegible] s'est rendue aussitôt [illegible] le drame. Si elle est d[illegible] rée coupable de compl[illegible] d'assassinat avec préméditation et extradée vers [illegible] Etats-Unis, elle risque la chambre à gaz. Comme [illegible] demi-frère Christian.

LE FIGARO 09/07/92 (1)

Eltsine, Gorbatchev et le sommet du G 7

C'est avec le souvenir du camouflet infligé à son prédécesseur soviétique, il y a un an à Londres, que le président russe est venu dans la capitale bavaroise solliciter l'aide des pays riches.

Boris Eltsine s'est rendu au sommet du G 7 à Munich avec une hantise : éviter à tout prix l'échec, dont il a en mémoire chaque détail, que connut un an plus tôt son rival, Mikhaïl Gorbatchev, lorsqu'il se présenta devant les chefs d'Etat et de gouvernement qui représentaient les deux-tiers du potentiel industriel et les trois-quarts de la puissance financière du monde.

A l'époque, Gorbatchev était pris d'un étrange vertige face au gouffre dans lequel

PAR ÉRIC LAURENT

s'enfonçait l'économie de son pays. Il était persuadé que les membres du G 7 qu'il allait rencontrer ne le laisseraient pas repartir les mains vides. « *Au fond*, confiera un de ses collaborateurs, *il vivait de chimères. Il était convaincu que l'équation « moi ou le chaos » suffirait à vaincre les réticences de ses interlocuteurs. Mais il ne savait toujours pas ce qu'était le capitalisme, et il ne s'attendait pas à recevoir une aussi rude leçon de réalisme capitaliste.* »

Le sommet de Londres, qui se tint du 15 au 17 juillet 1991, fut probablement un des moments les plus déroutants de la politique mondiale. Dès la première séance, la conversation porta sur l'attitude à adopter envers l'URSS. Les Européens furent surpris de découvrir une délégation américaine peu encline au compromis. Face aux suggestions de François Mitterrand et de Helmut Kohl, Bush répondit, sceptique : « *Nous avons tous une immense estime pour le président Gorbatchev, mais il est un nécessité en économie et ses attentes dans ce domaine sont irréalistes.* » Un responsable américain résuma le défi qui attendait le numéro un soviétique : « *Il ne peut compter que sur lui-même... Et sur un miracle. Il peut s'attendre à recevoir des avis et une assistance technique, mais il ne repartira pas avec un pot en or.* »

monsieur le Président ? Etes-vous optimiste ? » Une immense lassitude traversa le visage de Gorbatchev qui répondit : « *Dans ma situation, je me dois d'être optimiste. Je ne peux qu'être optimiste. Autrement, je serais incapable d'endurer tout ça.* »

Au cours du déjeuner avec Bush, Gorbatchev avoqua le traité sur la réduction des armes stratégiques.

« *Monsieur le président*, demanda le Soviétique, vient-il

délégation présents, s'adressant à l'unique collaborateur placé derrière lui : « *Il a déjà oublié la première leçon du capitalisme : le temps, c'est de l'argent.* »

Cette réaction reflétait la déception des participants. Le Soviétique, dans sa présentation, n'apportait aucune proposition nouvelle. Il n'énonçait pas un programme précis, comme les chefs d'Etat et de gouvernement l'espéraient, mais seulement un « concept ». Il expliqua pourquoi l'intégration de l'URSS dans l'économie mondiale était une nécessité absolue. Un passage de son texte se résumait toute l'ambiguïté et la confusion. « *Nous avons fait notre choix*, affirmait Gorbatchev. *Nous soulevons une économie mixte où la propriété d'Etat, la propriété privée, et toutes les autres formes de propriété seraient à égalité.* » *Vital à une société soviétique qui souffre.* »

Quand il eût fini de parler, il y eut pendant quelques secondes un silence désappointé, puis de nombreuses questions fusèrent. Les explications tour-

à l'ambassade d'URSS, il paraissait, selon des témoins, « *tendu et désarçonné* ».

Le sommet de Londres se termina pourtant dans une étrange euphorie, proche de l'aveuglement. Les sept chefs d'Etat et de gouvernement ne semblaient pas se rendre compte qu'ils avaient fragilisé et déstabilisé encore un peu plus Mikhaïl Gorbatchev. Le mercredi 17 juillet au soir, John Major donna un dîner d'adieu au 10 Downing Street. A l'issue du repas, où fut servi notamment du turbot au beurre et au gingembre, ainsi que du poulet au citron, chaque président et chef de gouvernement fit dédicacer son menu par ses collègues « en souvenir ».

La soirée fut chaleureuse, émaillée de plaisanteries et, au dessert, les convives décidèrent d'entonner chacun un chant typique de son pays. On fredonna *Frère Jacques*, *Sukiyaki*, *Terre d'espoir et de gloire*, plus quelques morceaux entendus au cours du gala de la veille, au palais de Buckingham. Devant un Mikhaïl Gorbatchev légèrement abasourdi, on chanta *Danny*

37

LE FIGARO 09/07/92 (2)
(continuação)

Mettre le pied dans la porte

Les débats entre les dirigeants du G 7 se terminèrent le mardi 16 juillet en fin d'après-midi et furent suivis d'un dîner donné par Elisabeth II à Buckingham Palace. Au moment où les premiers invités se préparaient à gagner le palais royal, Mikhaïl Gorbatchev embarquait à bord du Tupolev 144 qui devait le conduire à Londres. Dans la Zil blindée l'emmenant à l'aéroport, il reçut un appel de son conseiller spécial, Evgueni Primakov, présent dans la capitale britannique. Le compte rendu qu'il fit au chef du Kremlin était sombre : les leaders du G 7 ne s'étaient pas mobilisés en faveur de l'URSS. Quand Gorbatchev se posa sur l'aéroport d'Heathrow, les hôtes de la reine étaient en train d'assister au concert qui suivait le dîner. Des serveurs en livrée circulaient entre les tables pendant que le flûtiste James Galway interprétait un thème de circonstance : « *Argent, argent... Si j'étais un homme riche...* »

Gorbatchev s'engouffra une fois encore dans la Zil spécialement amenée de Moscou qui stationnait au pied de l'avion et gagna directement l'ambassade soviétique. A peine arrivé, il s'enferma avec ses collaborateurs, présents depuis plusieurs jours à Londres, pour écouter leurs rapports. « *Durant ce sommet*, dit l'un d'eux, *il y a eu beaucoup de bonnes paroles et peu de véritable bonne volonté.* » « *J'ai l'impression*, ajouta un autre, *qu'ils sont en train d'essayer de refermer la porte au moment où nous voulons entrer.* » Gorbatchev, les traits tirés, hocha la tête et répondit : « *Bien, je vais essayer de mettre un pied dans cette porte avant qu'elle ne soit fermée à clé.* »

Le lendemain matin, mercredi 17 juillet, il se rendit au Ritz pour un petit déjeuner avec François Mitterrand. Le président français l'accueillit dans la suite baptisée Trafalgar. Mitterrand semblait plus préoccupé par l'histoire pas-

(10) cont.

drez-vous rapidement en URSS pour signer ce traité ?

— *Je suis prêt à faire le voyage*, répondit Bush, *quand vous le souhaiterez.*

— *La fin du mois vous conviendrait-elle ?* »

La proposition surprit l'entourage de Bush. Selon un membre de la délégation américaine, la « *volonté de trouver une date si rapprochée confirmait que Gorbatchev était en difficulté et qu'il cherchait à tout prix un soutien international pour apaiser les pressions et les échéances qui l'attendaient à l'intérieur de son pays* ».

Concept contre pragmatisme

(33)

En début d'après-midi, le président soviétique fit son entrée à Lancaster House, une luxueuse demeure construite au début du dix-neuvième siècle, où la reine Victoria aimait venir écouter les concerts que Chopin donnait pour elle. Il pénétra dans la salle de musique, où siégeaient les délégations du G 7, et s'assit juste à côté de George Bush à un coin de table. Les sept responsables politiques l'entourant attendaient avec impatience ses propos. Gorbatchev, après avoir salué chaque participant, se lança dans un long exposé. Il avait chaussé ses lunettes et se penchait fréquemment sur le texte écrit devant lui. Il parla pendant vingt-cinq minutes, ce qui fit dire à l'un des chefs de

nies par Gorbatchev restaient générales et imprécises. Les hommes qui l'interrogeaient voulaient obtenir des réponses concrètes et le président soviétique leur rétorquait : « *Mon but est de fournir l'oxygène*

Un des participants résuma l'impasse et l'échec de cette réunion en disant : « *Gorbatchev répéta ce qu'il avait toujours déclaré avant, et nos réponses furent identiques à ce que nous avions dit jusqu'ici.* »

Turbot au gingembre

M. Gorbatchev avait échoué. Il lâcha une brève confidence révélant son amertume : « *Nous restons à la marge de l'économie mondiale, alors que nous cherchons à abandonner le système autarcique imposé depuis soixante-dix ans.* » Pour plusieurs responsables occidentaux, le numéro un soviétique avait probablement édulcoré et affadi son exposé afin d'échapper aux critiques des conservateurs du parti communiste, qui l'accusaient de brader son pays aux capitalistes.

Le président soviétique était profondément déçu par la minceur des résultats. Rentré

Boy, et surtout *L'argent fait tourner le monde*.

Selon un collaborateur du 10 Downing Street, « *Il s'agissait peut-être d'une réunion historique, mais en aucun cas de la nuit la plus mélodieuse de l'année* ».

Boris Eltsine est convaincu que le camouflet essuyé à Londres a accéléré le déclin politique de Gorbatchev. Il l'a confié à de proches collaborateurs. Lors de la toute récente rencontre au sommet avec George Bush, les responsables américains ont été surpris à la fois par la bonne volonté affichée par Eltsine sur tous les grands dossiers épineux, et par son insistance à obtenir du président américain l'assurance qu'il ne sera pas mis en difficulté lors du sommet de Munich : « *Eltsine*, selon un membre de la délégation américaine, *est devenu le plus pro-occidental de tous les leaders que la Russie ait jamais connus. Mais cela découle d'un véritable « syndrome Gorbatchev ». Il a compris que son prédécesseur et rival a perdu parce qu'il est resté enlisé au milieu du gué, incapable de choisir clairement et d'avancer. Il a moins été trahi par l'Occident que par lui-même.* »

E. L.

Lire également nos informations dans le FIG-ECO page II

PARIS

Un tabassage porte un coup à un procureur

Tameen Taqi, tabassé par la police, est arrivé dans un triste état au Palais. Où un substitut du procureur l'a mis en garde à vue. Contre ce dernier, Taqi a obtenu l'ouverture d'une information.

Quatre policiers mis en examen, dont un brigadier condamné à verser 20 000 francs de dommages et intérêts par provision après quinze jours en prison pour coups et blessures. Et beaucoup plus rare, une information ouverte par un juge d'instruction parisien pour vérifier si un de ses collègues, premier substitut du procureur, n'a pas commis de faits d'arrestation illégale, attentats à la liberté et violences illégitimes. C'est le bilan judiciaire provisoire du tabassage d'un jeune homme, Tameen Taqi, dans la nuit du 29 juin dernier, quinze jours plus tard, il en bénéficiait d'une incapacité totale de travail.

Tout avait pourtant commencé par une fête entre une dizaine d'amis des beaux quartiers, venus célébrer ensemble le vernissage de l'un d'entre eux au restaurant le Président à Belleville. Quand l'addition arrive, *«elle compotte des plats qu'on ne nous a pas servis»*, disent en substance les clients. Le ton monte jusqu'à l'arrivée de deux policiers appelés par le patron. Affaire terminée, croit-on. Le restaurateur ayant reconnu son erreur, l'addition est payée. En réalité, ça vie fait que commencer.

Il est un peu plus de 2 heures du matin quand la petite bande descend l'escalier du restaurant. En bas des marches, un car de police est stationné. *«C'est tout de suite à moi qu'ils ont demandé de présenter mes papiers*, raconte Tameen Taqi. *Sans doute ont-ils jugé que j'étais plus typé que les autres. Je ne les avais pas sur moi en tout cas...»* Marchand d'art contemporain, Tameen Taqi est le seul à avoir le type oriental et la double nationalité bahreino-française, héritée de son père, ambassadeur plénipotentiaire, délégué permanent des Emirats arabes unis à l'Unesco jusqu'à se mort en 1984. *«Ils s'en sont tout de suite pris à Tameen»*, affirment également ses amis. Toujours est-il que les policiers sont manifestement énervés: *«Ils m'ont attrapé, menotté et plaqué au sol dans le car, et là ça a commencé...»* Groupés autour du car, les amis de Tameen, effarés, observent la scène par les vitres. *«Ils le piétinaient, s'en donnaient à cœur joie, tapaient comme des brutes»*, se souvient l'un d'eux. *«C'était horrible de voir l'homme qu'on aime se faire tabasser comme ça»*, reprend Bénédicte, sa fiancée. Finalement, le car démarre avec, à son bord, Tameen et Hito Jaulmes, un autre ami qui avait tenté de s'interposer. Un arrêt à l'hôpital Saint-Antoine où *«ils continuaient à me taper copieusement»*. Au point que l'interne de garde refuse de l'examiner, déclarant, rapporte Tameen Taqi, *«qu'il n'était pas habituel à ce genre de scène et que les policiers et moi étions dans un état hystérique empêchant qu'on m'examine»*. Au commissariat du XIe où ils se retrouvent finalement, un inspecteur *«m'a dit que j'avais cassé la gueule à quatre policiers qui étaient tous à l'hôpital et que j'allais partir pour un bon moment à Fleury-Mérogis»*.

Pendant ce temps, à l'extérieur, ses amis s'agitent, alertent SOS Racisme, appellent un avocat: *«Nous avons immédiatement prévenu le parquet qu'une bavure était en train de se commettre au commissariat du XIe»*, explique Me Francis Terquem, saisi du dossier. Le substitut de permanence en informe l'Inspection générale des services (IGS). C'est dans ces conditions que Tameen Taqi est amené le 30 juin au Palais de justice pour être présenté au procureur: *«Il m'a dit que j'avais brutalisé des policiers, que c'était très grave et que j'allais en prendre pour un moment au trou et que j'allais passer devant un juge d'instruction.»* C'est sur cette décision du procureur que porte la plainte de Tameen Taqi: *«Mon client est arrivé devant ce magistrat dans un état lamentable, couvert d'ecchymoses des pieds à la tête. Il était prévenu des faits et il a choisi de prolonger la garde à vue d'une nuit supplémentaire»*, raconte son avocat.

Mis en examen pour coups et blessures et outrages à agents, Tameen Taqi est libéré sous contrôle judiciaire le lendemain vers midi par le juge d'instruction: *«C'est là que j'ai senti un retournement de situation, elle a regardé mon dossier, elle a vu mon état et elle a dit: "Je vous libère"»*. C'est ce même juge d'instruction, Marie-Christine Devidal, qui, à la suite de deux plaintes avec constitution de partie civile, a ouvert deux informations successives. La première, ouverte le 9 juillet à l'encontre des policiers, a abouti à l'incarcération du brigadier. La seconde, ouverte au début de cette semaine, vise le premier substitut du procureur de la 8e section du parquet. Un fait rarissime, d'autant que le juge n'a pas attendu le 10 janvier, date à laquelle la chambre d'accusation doit rendre son arrêt sur la légalité de l'arrestation de Tameen Taqi. Et que le substitut en question est soutenu par sa hiérarchie, qui avait rendu des réquisitions de «non-informer», considérant qu'il avait fait son travail en prévenant l'IGS. Interrogé, le magistrat visé par l'information *«ne souhaite faire aucun commentaire»*. Et poursuivant sur sa ligne, le parquet vient de faire appel de l'ordonnance du juge d'instruction. Il doit régner une drôle d'ambiance au palais de justice de Paris.

Dominique SIMONNOT

AVOCAT. Six étudiants à qui on avait refusé une inscription ont obtenu gain de cause hier devant le tribunal des référés de Versailles (lire *Libération* du 16 décembre). Le Centre régional de formation professionnelle des avocats de cette ville avait refusé de les inscrire alors qu'ils avaient été reçus à l'examen. Ils avaient alors assigné le centre pour voie de fait. Selon Me Didier Liger, avocat du Syndicat des avocats, les responsables du centre et son équivalent parisien se sont engagés à l'audience à inscrire les étudiants. Le Centre de Versailles en accepterait donc 23 de plus que prévu, et celui de Paris inscrira tous les autres écorduits. Le juge des référés n'a donc pas eu à rendre d'ordonnance.

(30)

(56)

LIBERATION 19/12/93

A Nice, le FN pourrait profiter de l'invalidation d'Estrosi

Le député RPR a vivement réagi, hier, à l'annulation de son élection. Son rival de mars, le lepéniste Jacques Peyrat se trouve aujourd'hui en bonne position.

Marseille, de notre correspondant

Christian Estrosi ne mâche pas ses mots: *«Cette décision est tout à fait scandaleuse et [illegible] caractère partisan du rapport du Conseil constitutionnel arrive par des hiérarques du Parti socialiste»* l'ex-député RPR de la deuxième circonscription des Alpes-Maritimes, invalidé jeudi soir par ledit Conseil constitutionnel, et déclaré derechef inéligible pour un an, est rouge d'indignation. Et de peur de se laisser emporter par des propos excessifs, il a préféré coucher sur le papier la déclaration qu'il lit ce vendredi midi à la presse, dans sa permanence de la rue Massena. Cela ne l'empêche pas d'*«affirmer (son) plus profond dégoût face à ces pratiques du pouvoir socialiste qui ne peuvent venir manifestement que de l'Elysée»*.

La preuve du complot? La commission de contrôle des comptes de campagne, *«composée de magistrats indépendants»*, avait approuvé ses comptes, et André Vallat, le rapporteur-adjoint chargé de l'instruction complémentaire du dossier Estrosi fut membre des cabinets de François Mitterrand et d'Henri Emmanuelli. Circonstance aggravante aux yeux de Christian Estrosi, c'est lui qui fut aussi rapporteur du dossier Tapie. Lequel Tapie a échappé à l'invalidation.

En fait, Christian Estrosi a de bonnes raisons d'en vouloir au monde politique tout entier, bien au-delà de ses vieux ennemis socialistes. L'année 1993 restera pour lui celle de la déringolade. Lorsqu'en mars dernier, il fait campagne dans cette deuxième circonscription qui fut celle de Jacques Médecin, il claironne encore à tous les électeurs qu'il vise surtout la mairie. Le premier tour le fait tomber de son nuage: il est devancé de plus de mille voix par son adversaire du Front national, Jacques Peyrat. Il rétablit l'équilibre une semaine plus tard, mais ne l'emporte que de 1 234 voix, un score que tout le monde considère comme modeste pour un prétendant à la mairie.

Surtout face au plus dangereux de ses concurrents. Jacques Peyrat se trouve conforté dans ses ambitions municipales. Il le sera encore plus deux mois plus tard, à la fin juin, lorsqu'il remporte l'élection cantonale partielle dans le quatorzième canton. Pour Christian Estrosi, les vrais ennuis commencent. Ils viennent de ses amis du RPR qui le démissionnent sans ménagement de la présidence du comité départemental à la fin juillet. L'ambitieux avait brûlé les étapes, il doit renoncer publiquement à briguer la mairie, et se métamorphose en hérant de Jacques Toubon, le candidat-malgré-lui, lors de la démission d'Honoré Baillet à la fin octobre.

Il ne lui reste plus aujourd'hui que son mandat au conseil régional, où il siège à la droite de Jean-Claude Gaudin en qualité de premier vice-président. Mais son invalidation laisse surtout une circonscription à prendre à Nice dans les trois mois. Jacques Peyrat, bien sûr, la couve déjà d'un œil paternel, même s'il court le risque de s'épuiser en élections répétées. Il prend ce scrutin supplémentaire comme une étape de plus vers la mairie, et s'y présentera comme il compte le faire aux municipales: sous ses propres couleurs... sans renier le Front national.

Face à lui, l'importance de l'enjeu incite à la prudence. Le RPR, qui a pris ouvertement les rênes siégeoles lors de la démission d'Honoré Baillet, se refuse à tout commentaire. Et à tout pronostic. En coulisse, on avance le nom de Jean Paul Barety, le nouveau maire. Une candidature à double tranchant qui ferait de cette législative un premier tour des municipales.

Daniel GROUSSARD

(36)

Blocage au conseil régional du Nord-Pas-de-Calais

Le budget présenté par l'alliance Verts-PS a été repoussé. La droite en appelle à «l'alternance».

La région Nord-Pas-de-Calais n'a pas encore de budget pour 1994. Une majorité des 113 élus du conseil régional a rejeté, hier (58 voix contre, 21 abstentions, et 34 voix –les socialistes et les Verts– pour), le projet présenté par Marie-Christine Blandin, la présidente verte, soutenue par les socialistes. Seul Jean Le Garrec, le président du groupe socialiste, s'est félicité du budget d'un montant de 3 milliards de francs de *«raison et d'équilibre»* construit sous l'autorité de Michel Delebarre, premier vice-président chargé des questions financières et budgétaires, maire de Dunkerque et ancien ministre.

«Ce vote est une motion de défiance. Ni maintenant ni plus tard nous vous donnerons les moyens de gouverner cette région. Nous ne voterons pas ce budget médiocre pour des raisons techniques et politiques», a précisé Jacques Legendre (RPR), le président du groupe UPF, tandis que Philippe Vasseur (UDF) n'avait de cesse d'alerter ses amis contre *«ce premier budget véritablement écologiste»*. Avec l'aval des membres du groupe Borloo (1), désormais présidé par Jean-François Sininarga, qui en appellent au soutien des élus non-inscrits, des cinq membres de Génération Ecologie qui se sont abstenus et des deux élus de Chasse, Pêche, Nature et Traditions (CPNT) qui ont voté contre, Jacques Legendre a demandé qu'une *«majorité d'alternance»* se compose.

Les communistes ont argué d'une augmentation de la fiscalité directe de 5% pour s'abstenir. Les conseillers régionaux du Front national ont voté contre le projet de budget.

Marie-Christine Blandin, prisonnière depuis son élection surprise à la tête de l'exécutif régional, en mars 1992, d'une majorité extrêmement étroite, semble avoir de plus en plus de difficulté à imposer ses vues au sein du conseil régional. Contestant un mode de gestion *«trop à gauche»*, nombreux sont ceux qui, à droite, prônent la dissolution du conseil et un retour devant les électeurs.

Confrontée aux *«putschistes»*, ainsi qu'elle nomme ceux qui souhaitent la voir abandonner la présidence de la région, Marie-Christine Blandin a précisé au cours du débat budgétaire qu'elle ne *«craignait»* pas l'hypothèse d'un retour devant les urnes. Mais, a-t-elle souligné, elle considère que l'institution *«fonctionne bien»*. *«Je ne vous souhaite pas d'avoir un président comme Valéry Giscard d'Estaing ou Olivier Guichard»*, a-t-elle lancé à l'adresse de l'opposition. Déplorant les *«persiflages et les sous-entendus»*, elle a appelé tous les élus à *«s'accepter mutuellement»*. Jean Le Garrec a dénoncé la *«majorité d'empêchement»* que tentait de constituer l'UPF associée aux membres du groupe Borloo.

S. Ré

(1) Député-maire de Valenciennes, Jean Louis Borloo, frappé par la loi sur le cumul des mandats, a démissionné du conseil régional. Mais le groupe qu'il avait constitué pour participer aux élections régionales a conservé le nom de son fondateur.

LIBERATION 19/12/93

34

(42)

Le logement d'urgence, terrain de bataille du BTP

Les mesures annoncées en septembre en faveur de l'hébergement des démunis ont fait naître des vocations chez les professionnels du bâtiment. Construire vite et au moindre prix est devenu un enjeu de taille pour le secteur.

«Depuis l'été, j'ai vu les représentants de toutes les entreprises du bâtiment débarquer dans mon bureau. pour m'expliquer qu'ils savent construire vite et bien!», s'amuse un architecte responsable des programmes d'hébergement d'urgence de la Sonacotra (1). C'est le plan de Charette, annoncé en septembre, qui a d'une certaine manière «lancé» le marché. En annonçant la création de 10 000 nouvelles «places» en Ile-de-France d'ici 1995, soit le doublement de la capacité d'accueil actuelle, le ministre du Logement a laissé entrevoir aux entreprises du secteur du bâtiment, sinon de grands travaux, en tout cas une niche non négligeable. A raison de 130 000 ou 150 000 francs le prix de revient d'une chambre, on atteindrait – pour la seule Ile-de-France – un marché potentiel d'un milliard et demi de francs en deux ans.

Par ailleurs, une ligne de crédit de 100 millions par an a été débloquée pour financer des logements d'urgence. Compte tenu du marasme qui frappe le secteur de la construction, la mesure n'a rien de négligeable, même si une bonne part de cet argent ira à des chantiers de réhabilitation.

D'où l'idée, pour les entreprises, de développer le logement d'urgence «qui dure». Quitte à venir sur des marches traditionnellement occupés par les spécialistes du provisoire et de la location, comme les baraques Algeco, qu'on loue quand la vague de froid débute ou lorsque les expulsions mettent des familles entières à la rue. *«La concurrence est plus forte qu'avant»*, constate le directeur commercial d'Algeco pour l'Ile-de-France, Claude Blanchon, qui observe une baisse de ses contrats de location.

Les constructeurs de logements ont donc pris leur bâton de pèlerin pour proposer leur savoir-faire en matière d'hébergement de personnes sans toit. C'est ce qu'a fait, par exemple, Jean-Claude Starck, qui dirige l'entreprise vosgienne de construction Socopa. *«Quand le plan du gouvernement est sorti, j'ai proposé à la direction de l'équipement de Seine-et-Marne et à la Sonacotra les formules d'hébergement qu'on a déjà développées en Allemagne pour loger des travailleurs immigrés»*, explique-t-il. Des cabinets d'architectes ont proposé des modules urbains pouvant héberger des sans-domicile fixe. L'urbaniste Paul Virilio a même lancé un concours pour des SDF «haut de gamme», mettant à leur disposition des balises urbaines où ils pourraient se laver, mettre leurs affaires à la consigne, ou encore envoyer un CV par fax... Coût de chaque balise: 1,5 million de francs.

C'est aussi à l'automne que s'est monté le projet du foyer d'Evry. Le groupe hôtelier Accor, qui a développé sa chaîne de 280 hôtels «premier prix» Formule 1, les construit aujourd'hui à un rythme moins soutenu qu'auparavant. Il a donc décidé de recycler son savoir-faire sur ce nouveau créneau, ce qui représente aussi un détour pour les ateliers de son constructeur Dumez. *«Tout est allé très vite, tout le monde a joué le jeu à fond»*, explique Pascal Pinson, chargé du dossier chez Hotec, filiale d'Accor. *«Pendant l'été, le ministère de l'Equipement nous a contactés. Le 22 septembre, la ville d'Evry nous donnait son feu vert et accordait le permis de construire. Le 24 décembre, l'hôtel était livré à la Sonacotra.»*

Accor a ainsi transformé son modèle d'hôtel Formule 1 en foyer pour SDF, pour un coût de 120 000 francs par lit. Le projet s'élève à 5,7 millions de francs pour Accor. *«Le marché du logement d'urgence est devenu un peu plus solvable, et sa nature a également évolué dernièrement»*, explique Yves Michon, chez Dumez. *D'abord, il y a les SDF "par philosophie", qui ne cherchent pas un logement permanent. Ensuite, il y a les SDF qui ont été jetés dehors par la dureté de la vie, en perdant leur emploi et leurs ressources. Eux ont besoin d'un logement, même bas de gamme, mais permanent. Enfin, il y a des personnes qui disposent d'un logement HLM mais qui risquent de le perdre, avec la décision récente de relever le plafond des ressources des locataires des HLM. Ainsi, on va équilibrer les comptes des offices, mais en évinçant ceux qui ne pourront plus payer. Avec ce jeu de vases communicants, on va créer une nouvelle population de SDF, pour qui il va falloir construire des hôtels sociaux.»*

Ce qui change clairement, c'est la perception de ces populations sans logement par les entreprises de construction. *«L'approche qui s'impose depuis peu, c'est de considérer que ce sont des gens exclus pour longtemps, qui risquent de rester sans revenus et sans logement dans la longue durée. Il faut donc répondre à ces nouveaux besoins»*, souligne encore Yves Michon.

Cependant, il subsiste un blocage de poids: l'attitude des élus locaux. Aujourd'hui, il y a de l'argent public et des entreprises privées qui viennent avec des projets. Mais sur les 100 millions débloqués en 1993 pour l'hébergement d'urgence, moins de la moitié a effectivement été affectée à ces projets. Car pour un hôtel social ouvert à Evry, des dizaines sont rejetés. Comme à Marne-la-Vallée, où les élus locaux ont refusé le permis de construire.

Sylvaine VILLENEUVE

(1) Société d'économie mixte spécialisée dans le logement des plus démunis et des personnes isolées.

LIBERATION 04/01/94

Parfum de scandale autour de la mort d'un député tory

Le corps de Stephen Milligan, vêtu de sous-vêtements féminins, a été retrouvé lundi soir à Londres.

Londres, de notre correspondant

Il est des séries qui n'en finissent pas. Tout juste sorti de scandales sexuels et financiers qui ont contraint trois membres de son gouvernement à la démission, le Premier ministre britannique John Major était confronté hier à une nouvelle affaire qui pourrait s'avérer fort dommageable pour sa campagne de «retour aux valeurs traditionnelles».

Dans la soirée de lundi, la police a en effet annoncé avoir découvert le corps sans vie du député conservateur Stephen Milligan, 46 ans, sur le sol de sa maison de l'ouest de Londres. Les autorités refusaient de donner de plus amples détails, précisant seulement que l'élu d'Eastleigh était «*à demi-nu*» et que la mort était considérée «*comme suspecte*». Hier matin cependant, toute la presse britannique, citant des «*sources au sein de Scotland Yard*», révélait que le politicien portait sur lui des sous-vêtements de femme, et avait la tête dans un sac en plastique lors de l'arrivée des forces de l'ordre. Suggérant que ce dernier «*était impliqué dans un acte sexuel qui aurait dégénéré*». Dans la journée, une première autopsie ne permettra pas de donner plus de détails sur les circonstances du décès.

Autant de spéculations en tout cas qui ne font que renforcer le «parfum de scandale» qui semble accompagner actuellement l'équipe en place, entretenu de surcroît par une presse de plus en plus inquisitrice. Malgré les interventions du président du parti conservateur, Norman Fowler, qui a répété que «*ce genre de tragédie pouvait arriver à n'importe quelle formation politique, dans n'importe quelle circonstance*», plusieurs députés torys ont en outre publiquement reconnu que «*tout cela était des plus regrettables, car cela donnait l'impression que le gouvernement passait son temps à essayer de justifier les affaires privées des uns et des autres et ne dirigeait plus le pays*».

La mort de Stephen Mulligan prive de plus le parti tory de l'un de ses plus brillants députés, actuellement secrétaire parlementaire de l'un des secrétaires d'Etat à la Défense, et que certains voyaient bientôt membre du cabinet. Surtout, elle contraint John Major à envisager prochainement une élection partielle qui sera des plus délicates, alors que les conservateurs ont perdu les deux dernières et que le Premier ministre est toujours au plus bas dans les sondages.

F.Ro.

ÉRATION

LIBERATION 09/02/94

BRESIL

La corruption fait tomber des têtes à Brasilia

Le rapport de la commission d'enquête divulgué, il appartient au Congrès de confirmer les sentences.

Rio, de notre correspondant

Nous avons eu le courage de tailler dans notre propre chair», estimait le sénateur Jarbas Passarinho, président de la commission d'enquête parlementaire chargée, pendant trois mois, du plus lourd dossier de corruption ayant jamais éclaboussé le Congrès brésilien, au lendemain de la divulgation, vendredi à Brasilia, d'un rapport qui fera date dans l'histoire des institutions locales.

Jugées globalement acceptables par la presse brésilienne qui redoutait que «*tout finisse en pizza*», les sanctions requises prévoient la «*cassation*» du mandat de dix-huit députés fédéraux (dont deux anciens ministres) et d'un sénateur. Ces derniers ont été reconnus coupables de «*manquement à l'éthique parlementaire*» pour leur participation à un vaste réseau de détournement de fonds publics contrôlé par une mafia qui monopolisait les leviers de commande de la commission du budget de l'Union.

La confirmation de la sentence dépend désormais d'un vote du Congrès. Ironique retour de manivelle, le député fédéral, Ibsen Pinheiro, se retrouve aujourd'hui en instance de déchéance alors que, il y a tout juste dix-huit mois, il présidait encore la Chambre lors du processus institutionnel qui devait aboutir à la destitution – pour corruption! – de l'ex-président Collor.

Signe que l'opération «*mains propres à la brésilienne*» ne va pas en rester là, les conclusions de la commission d'enquête recommandent la poursuite des investigations concernant treize autres personnes soupçonnées de malversations. Parmi elles, quatre anciens ministres et trois gouverneurs, dont celui du district fédéral de Brasilia, Joaquim Roriz.

Mais le coup de balai préconisé par la commission d'enquête n'a pas pour autant dissipé les désillusions de la *vox populi* à l'égard de ses dirigeants. Dans leur grande majorité, les Brésiliens clamaient leur dépit face aux résultats de «*l'épuration*» promise.

D'autant que le seul inculpé mêlé à l'affaire n'appartient pas à la «*charrette*» des élus corrompus. Depuis sa cellule, il attend son procès pour meurtre: il aurait assassiné sa femme avec la complicité de deux nieurs à gages. José Carlos dos Santos, l'ex-directeur «*repenti*» de la commission du budget, a, fait connaître son point de vue: «*Dieu m'a choisi pour en finir avec toute cette corruption, mais je trouve qu'il manque encore beaucoup de noms sur la liste.*»

Jean-Jacques SEVILLA

LIBERAT

LIBERATION 24/01/94

44

42

LIBERATION 05/01/94

JUSTICE

Embarras du ministère après la mort de faim d'un détenu

Le syndicat de la magistrature juge «d'une hypocrite prudence» le communiqué de la Chancellerie.

Après que *Libération* ait révélé, dans son édition d'hier, qu'un détenu était mort de faim à la prison de Bois d'Arcy, le ministère de la Justice a publié un long communiqué confirmant le décès d'Ignace Mabassa le 11 décembre, et l'ouverture d'une information judiciaire pénale à Versailles pour «abstention volontaire de porter secours à une personne en péril». L'enquête a été confiée à la juge d'instruction Corinne Moreau.

Soulignant que le ministre avait été «ému par l'annonce de ce décès dès le 11 décembre», la Chancellerie explique que «M. Mabassa N'Zau Guel, qui restituait ses plateaux-repas vidés, se sait isolé exclusivement de faits et de l'ensemble dans il résumer des aménagements. «Enfin «dès cela retranché dans sa cellule ont permis de comprendre qu'il agissait ainsi parce qu'il se croyait ensorcelé et craignait que sa nourriture ne soit empoisonnée».

Le ministère ne développe pas la teneur des «négligences mises en évidence par l'enquête préliminaire et diligentée par le parquet». En revanche, il cite un rapport du parquet général de Versailles sur lequel «la personnalité apparemment perverse» du détenu «pouvait expliquer sa passivité à l'égard de son état de santé». Enfin, il assure que toute lumière sera faite sur ces décès «afin d'en tirer toutes les conséquences».

Un communiqué «embarrassé et d'une hypocrite prudence», jugent le Syndicat des avocats de France et le Gisti dans une réaction commune. «Un homme pèse 30 kg et il est trouvé mort dans sa cellule". Lorsqu'on confond démagogie et politique pénale et que l'on n'a plus les moyens d'assurer la sécurité des personnes que l'on a sous sa garde, il ne reste plus qu'à expliquer, comme la chancellerie vient de le faire, la mort de Mabassa par le comportement de celui-ci.» Les deux organisations soulignent «la discrimination institutionnelle à l'égard des étrangers. Que cette discrimination entre dans les esprits, voilà le plus inquiétant».

Le Syndicat de la magistrature «dénonce ce qui, d'ores et déjà, est révélateur d'un dysfonctionnement gravissime de l'institution pénitentiaire». Faisant référence au surveillant qui, le 11 décembre après-midi, a découvert le corps de Mabassa après être passé trois fois dans la cellule sans se préoccuper de l'homme affalé par terre, le SM souligne que le «dysfonctionnement ne saurait se résumer à la mise en cause de la responsabilité d'un seul surveillant» et demande que «toutes les responsabilités inhérentes à cette tragédie» soient mises en lumière.

La direction de Bois d'Arcy s'est contentée de déclarer que Ignace Mabassa «acceptait ses repas et ne bénéficiait pas d'un régime alimentaire particulier» et que son décès avait été «tout à fait inattendu».

CRL

(57)

(58)

LIBERATION 05/01/94

TROUS. Le déraillement du TGV Valenciennes-Paris serait dû à des cavités et des tranchées souterraines datant de la guerre de 14-18. D'après l'enquête de la SNCF, ces anomalies «n'avaient pas pu être identifiées, ni sur les documents historiques disponibles lors des études techniques de la ligne, ni au cours des sondages réalisés avant la construction». La SNCF va continuer ses investigations et les trains enregistreront des retards d'un quart d'heure à une demi-heure jusqu'au 20 janvier, ensuite limités à 10 minutes pendant deux mois environ. En compensation, la SNCF va réduire certains de ses tarifs sur les destinations touchées.

Comparution de la jeune allemande handicapée prétendue victime des néo-nazis

La jeune handicapée de 17 ans qui a inventé et simulé une agression par des néo-nazis comparaîtra demain devant le parquet de Halle, a annoncé samedi le procureur de cette ville. La jeune paraplégique avait affirmé lundi dernier que des néo-nazis l'avaient attaquée et lui avait entaillé la joue gauche en forme de croix gammée. Pour le moment, aucune plainte ne pourrait être déposée faute d'aveu de la jeune fille. Interrogé sur d'éventuelles poursuites, il a dit: «On doit d'abord savoir ce qui s'est vraiment passé.»

Vendredi, le procureur général du parquet de Saxe-Anhalt annonçait que la jeune handicapée avait inventé son histoire de toutes pièces. Il avait souligné que les déclarations de l'adolescente avaient laissé apparaître des incertitudes et incohérences. Enfin, des expertises ont montré avec «une forte probabilité» que la jeune handicapée s'était infligée elle-même sa blessure.

L'annonce de l'agression avait soulevé un vent d'indignation en Allemagne. 15 000 personnes étaient descendues dans la rue.

S.Etr

LIBERATION 17/01/94

La France ne s'en tiendra pas à 8 tirs

Des essais de faible puissance pourraient continuer après mai 1996.

(38) «*Ça durera le temps que dureront les essais, jusqu'en mai prochain donc*», commentent avec philosophie les responsables de la Défense française quand ils parlent de l'agitation antinucléaire autour de Mururoa. Mais il n'est pas certain du tout que Jacques Chirac ait dit toute la vérité quand, le 13 juin, il a annoncé sa décision de reprendre les essais. La campagne de tirs envisagée sera, a promis le chef de l'Etat, «la dernière». Une fois terminés les huit essais prévus, la France «*a bien l'intention de signer le traité international portant interdiction de tout essai nucléaire*», en principe à l'automne 1996. Mururoa serait alors rendu aux poissons, et les îliens du Pacifique Sud pourraient dormir en paix.

(83)

(52)

Voire. «*Il sera probablement nécessaire de continuer à faire des essais*», révèle un responsable de la Défense. Les tirs français ont en réalité toutes les chances de continuer à Mururoa, et bien au-delà de mai 1996.

Bien sûr, il ne s'agira, explique-t-on dans les milieux responsables, que de «*petits*» essais, dont la puissance serait comprise entre plusieurs dizaines et quelques centaines de tonnes de TNT. Rien à voir avec la bombe d'Hiroshima (17.000 tonnes de TNT environ), ni avec les armes nucléaires actuelles. Ils seront si discrets qu'ils ne pourront même pas être décelés par les capteurs sismiques, qui n'enregistrent que les explosions de plus de 1.000 tonnes de TNT. Mais ce seront quand même des tirs nucléaires, et ils devront avoir lieu à Mururoa. L'argument de la sécurité et de la fiabilité est mis en avant: les armes nucléaires ont une fâcheuse tendance à l'instabilité, et on ne connaît pas trop les effets du vieillissement quand elles atteignent l'âge de 20 ans. Un autre argument n'est pas avancé, mais il existe bel et bien: ces «mini-essais» permettront de travailler à la mise au point d'armes nouvelles, particulièrement ces têtes nucléaires «miniaturisées» dont rêvent les militaires.

(78) Comment concilier la signature du traité d'interdiction totale avec la poursuite de ces «mini-essais»? Les responsables français espèrent faire inclure dans ce traité une clause de sauvegarde permettant aux puissances nucléaires patentées (Etats-Unis, Russie, Chine, Grande-Bretagne et France) de mener des essais en deçà d'un certain seuil, qui pourrait être, selon les spécialistes, de 200 tonnes de TNT. «*Bien entendu, ce n'est pas la France seule qui demandera l'introduction d'une telle clause*», précise-t-on à la Défense, où des discussions ont déjà eu lieu sur le sujet. Des contacts auraient été pris avec les Etats-Unis et la Russie. Dès le mois de janvier, le président Clinton avait expliqué que le futur traité d'interdiction «*ne devra pas interdire les activités nécessaires pour maintenir la sécurité et la fiabilité*» des armes existantes.

Le 19 juin, le secrétaire américain à la Défense, William Perry, a reconnu que les experts du Pentagone recommandent au Président d'agir pour que le traité d'interdiction autorise des essais nucléaires pouvant aller jusqu'à plusieurs centaines de tonnes de TNT de puissance. La Maison Blanche a confirmé depuis que, certes les Etats-Unis respecteraient leur propre moratoire sur les essais jusqu'à son terme (c'est-à-dire septembre 1996), mais qu'ils se réservaient la possibilité d'effectuer par la suite des «*tirs de faible puissance*» dans le cadre du traité d'interdiction des essais. «*L'équilibre stratégique global repose sur l'existence des cinq puissances nucléaires reconnues*», explique un responsable français. «*Tant qu'on n'aura pas décidé un désarmement généralisé, à supposer que ce fût souhaitable et réaliste, nous devrons conserver la crédibilité de notre dissuasion nucléaire.*»

Il convient de se souvenir des propos qu'avait tenus, le 10 mai 1994, devant l'Institut des hautes études de la Défense nationale (IHEDN), le Premier ministre Edouard Balladur, dont la doctrine en la matière n'était pas différente de celle de Jacques Chirac: «*Nous ne souscrirons à aucune interdiction définitive des essais aussi longtemps que nous aurons le sentiment qu'ils sont indispensables à la crédibilité technique de notre dissuasion*», avait-il mis en garde, précisant que la conclusion d'un éventuel traité d'interdiction ne devrait inclure «*aucune obligation quelconque de délai pour sa conclusion*» et ne devrait «*en aucun cas envisager l'élimination des armes nucléaires ou chercher à porter atteinte au statut des puissances nucléaires*» ●

ANALYSE

PATRICK SABATIER

Libération 07/95

Discours rapporté et argumentation.

1. Etudiez les modes d'insertion de la parole de l'autre dans la construction de l'argumentation.

E. TEXTES

SANS FRONTIÈRES 2

L'ÉTRANGER

248

Le soir, Marie est venue me chercher et m'a demandé si je voulais me marier avec elle. J'ai dit que cela m'était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait. Elle a voulu savoir alors si je l'aimais. J'ai répondu comme je l'avais déjà fait une fois, que cela ne signifiait rien mais que sans doute je ne l'aimais pas. « Pourquoi m'épouser alors ? » a-t-elle dit. Je lui ai expliqué que cela n'avait aucune importance et que si elle le désirait, nous pouvions nous marier. D'ailleurs, c'était elle qui le demandait et moi je me contentais de dire oui. Elle a observé alors que le mariage était une chose grave. J'ai répondu : « Non. » Elle s'est tue un moment et elle m'a regardé en silence. Puis elle a parlé. Elle voulait simplement savoir si j'aurais accepté la même proposition venant d'une autre femme, à qui je serais attaché de la même façon. J'ai dit : « Naturellement. » Elle s'est demandé alors si elle m'aimait et moi, je ne pouvais rien savoir sur ce point. Après un autre moment de silence, elle a murmuré que j'étais bizarre, qu'elle m'aimait sans doute à cause de cela mais que peut-être un jour je le dégoûterais pour les mêmes raisons. Comme je me taisais, n'ayant rien à ajouter, elle m'a pris le bras en souriant et elle a déclaré qu'elle voulait se marier avec moi. J'ai répondu que nous le ferions dès qu'elle le voudrait.

A. CAMUS,
L'Étranger

À EXPLIQUER

1) Essayez de reconstituer le dialogue entre les deux personnages.

Le soir, Marie est venue me chercher et m'a demandé :
— Est-ce que tu veux te marier avec moi ?
— Cela m'est égal.

2) En quoi la manière dont la scène est rapportée, les réactions du personnage justifient-elles le titre du roman « L'Étranger » ?

La Ronde autour du Monde

249

« Si toutes les filles du monde voulaient s'donner la main,
Tout autour de la terre, elles pourraient faire un'ronde.

Si tous les gars du monde voulaient bien êtr' marins,
Ils f'raient avec leur barque un joli pont sur l'onde.

Alors on pourrait faire une ronde autour du monde,
Si tous les gens du monde voulaient s'donner la main. »

Paul FORT (1872-1960)
Le livre d'or de la poésie française, Pierre Seghers,
Collection Marabout Université
© FLAMMARION.

À RÉCITER

La question est posée au moyen d'un adverbe

QUESTION DIRECTE		QUESTION INDIRECTE		
Où Quand Comment Combien	(est-ce que)	Où Quand Comment Combien	(inversion du subst. sujet possible)	inversion du pronom sujet impossible
Pourquoi		Pourquoi	(inversion du subst. sujet impossible)	

— D'où les coureurs partiront-ils ? Par où est-ce qu'ils vont passer ?
— il ignorait d'où partiraient les coureurs et par où ils allaient passer.
— Comment vos parents ont-ils appris la nouvelle ?
— Je me demande pourquoi ils n'ont pas été avertis.

2. DISCOURS RAPPORTÉ

Le discours direct reproduit les paroles telles qu'elles ont été formulées.
Le discours indirect rapporte le contenu des propos introduits par un verbe principal.
L'interrogation indirecte n'est qu'une des formes possibles du discours rapporté.
Ainsi on peut distinguer dans le discours rapporté (ou style indirect) :

1. L'interrogation indirecte, avec les verbes qui introduisent une question.

2. Le simple rapport des propos tenus, avec les verbes de déclaration et d'opinion : DIRE, DÉCLARER, ANNONCER, PENSER, CROIRE, etc.

3. Le « dire de faire », avec les verbes employés pour demander quélque chose à quelqu'un.
   Verbes de demande : DEMANDER, ORDONNER, EXIGER, CONSEILLER, PRIER, etc.
   Verbes de réponse : ACCEPTER, REFUSER, PERMETTRE, DÉFENDRE, S'EXCUSER, etc.

* Dans le discours rapporté, il faut tenir compte de la *concordance de temps*, par rapport au temps du verbe introducteur, des pronoms et des indicateurs temporels (hier, aujourd'hui... voir plus loin « l'expression du temps », page 136).
— Il lui demande si elle aura fini ce soir, si elle viendra, si elle est chez elle ..
— Il lui a demandé si elle aurait fini, si elle viendrait, si elle était...

Tableau de transposition

Quand le verbe introducteur est au passé, le temps du discours direct devient au discours rapporté :

Présent →	Imparfait
Imparfait →	Imparfait ou Plus-que-parfait
Passé composé →	Plus-que-parfait
Passé simple →	Passé simple ou Plus-que-parfait
Futur →	Conditionnel présent
Futur antérieur →	Conditionnel passé
Conditionnel →	Conditionnel
impératif →	Infinitif ou Verbe d'obligation + infinitif/subjonctif

(*voir exercices pages 204, 205*)